

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

CLÁUDIA CATARINA DOMINGUEZ QUINTO

**ENTRE MEMÓRIA E HUMOR: PORTO ALEGRE
NAS CRÔNICAS DE RENATO MACIEL DE SÁ JR.**

PORTO ALEGRE

2011

CLÁUDIA CATARINA DOMINGUEZ QUINTO

**ENTRE MEMÓRIA E HUMOR: PORTO ALEGRE
NAS CRÔNICAS DE RENATO MACIEL DE SÁ JR.**

Tese apresentada como requisito para a
obtenção de grau de Doutor pelo
Programa de Pós-Graduação em
História da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul

ORIENTADOR: DR. CHARLES MONTEIRO

PORTO ALEGRE

2011

Dedico essa tese à memória de Renato Maciel de Sá Jr., que faleceu tão jovem e não vivenciou a Porto Alegre dos anos 2000. Também dedico aos seus filhos Isabella, Fabiana e Renato Neto.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Dr. Charles Monteiro, que acreditou na minha pesquisa e me recebeu como aluna, pelo seu incentivo, competência e sugestões pertinentes ao trabalho.

À professora Dra. Maria Cristina dos Santos, integrante do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, a minha admiração e gratidão pelos seus sábios ensinamentos em relação ao campo da História.

À professora Dra. Alice Therezinha Campos Moreira, do Programa de Pós-Graduação em Letras, orientadora de meu Mestrado em Teoria da Literatura, que segue me inspirando ao longo de minha trajetória acadêmica.

Aos funcionários da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, do Programa de Pós-Graduação, da Biblioteca Central Irmão José Otão da PUCRS, que me receberam e me auxiliaram ao longo da pesquisa.

À memória da professora Dra. Sandra Jatahy Pesavento, pelo seu amor à cidade de Porto Alegre, pelas orientações valiosas que deu a esta tese. Sua ausência deixa uma lacuna em nosso meio.

Ao meu marido Luiz Carlos, que nunca deixou de me apoiar, pelo seu carinho durante os estudos do Mestrado e durante o Doutorado, por ter sido compreensivo pelas ausências e pela infinita paciência durante os últimos anos. Haja amor !

À minha filha Maria Cláudia, que admiro muito por sua competência, que iniciou, agora, seus estudos de doutoramento, pelo auxílio na edição das fotos e revisão da tese, pela sua sabedoria e pelos bons conselhos dados a este estudo.

À minha mãe Maria, pelo exemplo de força na minha vida e pela perseverança, à memória de meu pai, Severiano, pela sua sabedoria em transmitir conhecimentos, me proporcionando uma excelente educação.

Aos professores que estiveram comigo nos últimos anos, aos meus colegas pelo carinho e pelas trocas de preciosas de informações que auxiliaram nesta pesquisa.

Aos meus familiares, irmãos, sobrinhos, enteados e amigos que torceram por mim. Muito obrigada!

RESUMO

Esta tese tem por finalidade refletir sobre a memória coletiva e o humor nas crônicas de Renato Maciel, inseridas nas obras *Anedotário da Rua da Praia 1*, *Anedotário da Rua da Praia 2* e *Anedotário da Rua da Praia 3*, e escritas no período de 1981 a 1983. Suas crônicas fornecem um testemunho único sobre a sociedade da época e a memória de uma *outra* Porto Alegre, a dos anos 1940 e 1950. As principais fontes de pesquisa foram os três livros e os jornais que compõem o acervo do cronista. Para analisar os textos do cronista, a pesquisa baseou-se nas obras de Maurice Halbwachs sobre a memória coletiva e de Vladímir Propp sobre os tipos de humor. A obra de Renato Maciel diferenciou-se por satirizar as principais instituições da época como a Polícia, o Exército, o Governo e a Igreja. Um dos objetivos da pesquisa foi comprovar a importância da crônica como uma fonte histórica privilegiada para compreender o passado da cidade.

Palavras- chave: Crônica. Humor. Renato Maciel de Sá Jr.

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à réfléchir sur la mémoire collective et de l'humeur dans les chroniques de Renato Maciel, insérée dans les œuvres *Anedotário da Rua da Praia 1*, *Anedotário da Rua da Praia 2* e *Anedotário da Rua da Praia 3*, et écrites entre 1981 à 1983. Ces chroniques offrent un témoignage unique sur la société de l'époque et la mémoire d'une autre Porto Alegre des années 1940 et 1950. Les principales sources de recherche ont été les trois livres de chroniques et des articles de journaux sur la réception des œuvres qui composent la collection du chroniqueur. Afin d'analyser les textes du chroniqueur, ont été utilisés comme références théoriques les œuvres de Maurice Halbwachs sur la mémoire collective et de Vladimir Propp sur les types d'humeur. L'œuvre de Renato Maciel s'est distingué pour avoir satirisé les principales institutions de l'époque comme la police, l'armée, le gouvernement et l'Église. Un des objectifs de la recherche a été de prouver l'importance de chronique comme source historique privilégiée pour comprendre le passé de la ville.

Mots-clés: Chronique. Humeur. Renato Maciel de Sá Jr.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - RUA DA PRAIA – ANOS 50.....	56
QUADRO 1 - TEMAS NAS TRÊS OBRAS DE RENATO MACIEL DE SÁ JR....	57
FIGURA 2- ANEDOTÁRIO DA RUA DA PRAIA 1.....	70
FIGURA 3- ANEDOTÁRIO DA RUA DA PRAIA 2.....	71
FIGURA 4 - ANEDOTÁRIO DA RUA DA PRAIA 3.....	72
FIGURA 5 -AUTOMÓVEL DE JANUÁRIO GRECO, PAI DE ODDONE.....	75
FIGURA 6 - AV. BORGES DE MEDEIROS ENTRE A RUA DOS ANDRADAS E RUA DUQUE DE CAXIAS.....	133
FIGURA 7 - VISTA NOTURNA DO CENTRO DE PORTO ALEGRE - DÉCADA DE 1950.....	152
FIGURA 8 - PLACA COM O NOME OFICIAL DE PORTO ALEGRE	153
FIGURA 9 - RUA URUGUAI – 1935	156
QUADRO 2 - ESPAÇOS INSERIDOS NAS TRÊS OBRAS DE RENATO MACIEL DE SÁ JR.	157
FIGURA 10- PRAÇA XV DE NOVEMBRO- DÉCADA DE 1930.....	161
FIGURA 11 - LARGO DOS MEDEIROS- 1949/50.....	163
FIGURA 12 - CONFEITARIA ROCCO	165
FIGURA 13 - BAILE DE DEBUTANTES DO CLUBE DO COMÉRCIO	170
FIGURA 14 - LIVRARIA DO GLOBO	172
FIGURA 15- VISTA AÉREA DE PORTO ALEGRE- DÉCADA DE 1950	172
QUADRO 3 - SUJEITOS INSERIDOS NAS TRÊS OBRAS DE RENATO MACIEL DE SÁ JR.	176

FIGURA 16 - GARÇOM ANTONINHO, DA CONFEITARIA CENTRAL	181
FIGURA 17- BATACLAN, FIGURA CONHECIDA NA RUA DA PRAIA.....	182
FIGURA 18- O PASSEIO NA RUA DA PRAIA.....	186
FIGURA 19 - SOLAR DOS CÂMARA.....	195
FIGURA 20 - O MÉDICO EDUARDO SARMENTO LEITE	197
FIGURA 21 - APRESENTADORAS MARLY CHASSOT E MARGARIDA SPESSATTO	205
QUADRO 4 - TEMPOS QUE INTEGRAM AS CRÔNICAS NAS TRÊS OBRAS DE RENATO MACIEL DE SÁ JR.....	207

LISTA DE ABREVIATURAS

ARP1 – *Anedotário da Rua da Praia 1*

ARP2 – *Anedotário da Rua da Praia 2*

ARP3 – *Anedotário da Rua da Praia 3*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CRÔNICAS COM MUITO HUMOR	23
2.1	HISTÓRIA E LITERATURA: DISCURSOS DIFERENTES?	23
2.2	CRÔNICAS: TESTEMUNHOS DO TEMPO.....	28
2.3	OS CRONISTAS DE PORTO ALEGRE.....	37
2.4	HUMOR: DE ARISTÓTELES A PROPP.....	45
3	A ESCRITA DE RENATO MACIEL: PORTO ALEGRE REVISITADA	59
3.1	PESQUISA: A ORIGEM DOS ANEDOTÁRIOS	65
3.2	OS ANEDOTÁRIOS DA RUA DA PRAIA	73
3.3	A REPERCUSSÃO DAS OBRAS.....	80
4	AS VÁRIAS FACES DO HUMOR	95
4.1	O RISO DE ZOMBARIA	100
4.2	OUTROS TIPOS DE RISO: DO BOM AO IMODERADO	129
4.3	GRECO: O RISO COMO DESCONSTRUÇÃO DO PODER	138
5	A CIDADE DE PORTO ALEGRE	150
5.1	OS ESPAÇOS DA MEMÓRIA	158
5.2	OS SUJEITOS DA MEMÓRIA	177
5.2.1	Os populares.....	180
5.2.2	As mulheres.....	185
5.2.3	Os imigrantes.....	190

5.2.4 Os políticos	191
5.2.5 Os intelectuais	192
5.2.6 Os comunicadores	199
5.3 O TEMPO DA MEMÓRIA	208
6 CONCLUSÃO	215
REFERÊNCIAS.....	224
ANEXO A - REPORTAGENS E FOTOS.....	235

Vista aérea de Porto Alegre: anos 1980

Porto Alegre_A cidade vista do Lago Guaíba 1980



Fonte: www.prati.com.br

*Nesta cidade vive outra cidade
que antes vivera em mim
como único horizonte
E ainda posso me ver
na sua grande melancolia
minha paciência infantil*

Luiz de Miranda (Porto Alegre - Roteiro da paixão)

Introdução

1 INTRODUÇÃO

Aquilo que não sei é a minha melhor parte
Clarice Lispector

Esta pesquisa é uma reflexão sobre a memória coletiva e a cultura urbana de Porto Alegre, a partir das crônicas de Renato Maciel de Sá Júnior, escritas nos anos 1980. Considera-se apropriada a frase da escritora Clarice Lispector, acima, porque talvez possa explicar a curiosidade de um pesquisador ao se deparar com conceitos pertinentes a outras ciências. Acredita-se que, assim, poderá surgir o desejo de começar uma investigação, dialogando com outras disciplinas. A curiosidade, o querer saber mais e mais, motiva o ser humano e o impulsionará às novas descobertas.

Nesses tempos modernos, é válida a perspectiva interdisciplinar, proporcionando pesquisas que trazem acréscimos a todas as áreas. Esse estudo de História problematiza o passado por meio das crônicas de Renato Maciel de Sá Júnior que, por sua vez, se nutre de outras vozes, apresenta outros sujeitos e espaços da cidade de Porto Alegre nos anos 1940 a 1950 em diálogo com o momento da escrita nos anos 1980. A pesquisa reflete sobre as modificações na percepção da cidade. Através da Literatura, por meio das crônicas do autor-narrador, discute-se a elaboração da memória das camadas médias e elites porto-alegrense.¹

A pesquisa reflete sobre a memória coletiva de uma *outra* Porto Alegre, a dos anos 1940 e 1950, nas crônicas de Renato Maciel, escritas no período de 1981 a 1983. As vozes que vivenciaram o tempo passado mostram uma sociedade porto-alegrense diferente da vivida pelo cronista e torna-se importante interpretar essas falas para entender aquele presente de Renato Maciel. O cronista apresentou o contexto de um grupo social privilegiado que viveu até a metade do século XX, e teve o auxílio de seus pares para compor as crônicas, já que integrou o mesmo círculo social que serviu de base para narrar suas

¹ Considera-se como elite porto-alegrense, os sujeitos mencionados pelo autor que se destacavam pela atividade profissional, pela riqueza e pelo poder, no caso, os políticos e militares citados pelo cronista.

histórias. Nos anos 1980, o cronista circulou entre a elite intelectualizada e, dessa forma, foi possível o resgate de antigas lembranças da sociedade de antigamente para escrever os *Anedotários*.

Nessa *Introdução* (considerada como Capítulo 1) apresenta-se o tema da pesquisa, os objetivos e as questões norteadoras. Mostra-se o *corpus* a ser trabalhado, as fontes que serão utilizadas, a metodologia de trabalho e o referencial teórico escolhido. Também comenta-se sobre a década de 1980, época da escrita do autor.

As crônicas de Renato Maciel elaboram a memória de um grupo social da sociedade porto-alegrense do passado e representam uma escrita da História, servindo de ligação entre o passado e o presente. Trata-se de uma releitura sobre a cidade de Porto Alegre. Dessa maneira, esse estudo situa-se entre duas disciplinas: a História, quando trata da memória coletiva e do espaço urbano, estudo que integra a Nova História Cultural; a Literatura, porque a crônica representa uma escrita da memória e torna-se assim um texto que documenta uma época.

Renato Maciel apresenta a cidade de Porto Alegre, em dois momentos: de um lado, os anos 1940/ 1950 e, de outro lado, estão os anos 1980, onde circulavam sujeitos em diferentes espaços. As histórias contadas por Renato Maciel revelam a nostalgia de uma Porto Alegre da primeira metade do século passado, mas também refletem os anos de 1980, utilizando no texto a crítica a determinados padrões de comportamento. Renato Maciel trabalha sobre a memória coletiva e recupera o passado da cidade por meio de depoimentos de amigos e conhecidos do cronista que acabaram por gerar suas crônicas.

Os textos de Renato Maciel apontam para dois enfoques distintos, que se interligam na medida em que as crônicas passam a ser interpretadas. De um lado, tem-se a História, com o estudo voltando-se à memória coletiva, relacionando o tempo presente 1980 com a memória de uma *outra* cidade. De outro lado, o humor nas crônicas, recurso estilístico que se torna um diferencial do cronista Renato Maciel em relação aos chamados cronistas de cidade. Isto porque a sátira é um recurso que serve como denúncia de desmandos do poder,

e Renato Maciel ao usar a ironia manifesta sua crítica em relação aos militares, aos policiais, aos políticos e à Igreja, como alvos frequentes de suas crônicas.

Inicialmente, serão apresentadas as questões norteadoras dessa pesquisa, que estão centradas nos seguintes itens: 1. Qual foi o motivo de Renato Maciel na década de 1980 visitar a Porto Alegre do passado? 2. Quais foram os meios empregados pelo autor para construir a memória coletiva? 3. Como Renato Maciel percebeu as transformações ocorridas no espaço urbano na década de 1980? 4. Como foi a recepção de suas crônicas na década de 1980 e quem foram seus leitores? 5. Qual foi o papel do humor de Renato Maciel no período crítico da história nacional, anos 1980, contexto de censura entre o fim dos governos militares e o início da abertura política?

As crônicas de Renato Maciel que integram o *corpus* da pesquisa estão reunidas em três obras: *Anedotário da Rua da Praia 1* (1981). A primeira obra do autor foi a mais vendida na XXVII Feira de Livro de Porto Alegre, no gênero não-ficção, e a segunda mais comercializada em todos os gêneros. A obra alcançou oito edições e foi escrita entre 18 de junho e 9 de agosto de 1981, conforme consta na 7ª edição da obra. O prefácio é assinado por seu amigo Luís Fernando Verissimo. Depois surgiu o *Anedotário da Rua da Praia 2* (1982) e o *Anedotário da Rua da Praia 3* (1983),² lembranças de um cronista a respeito de uma *outra* Porto Alegre, a que abrange as décadas iniciais do século XX. Os *Anedotários* são pequenas histórias sobre as experiências de sujeitos que circulavam em diferentes espaços como praças, bares, cafés, clubes e, principalmente, na Rua da Praia, o ponto de encontro daquela época.

Utilizam-se como fontes principais destas pesquisas três obras de Renato Maciel. Como fontes secundárias, foram utilizados os jornais da década de 1980, que integram o arquivo pessoal, os depoimentos gravados, as entrevistas que o autor concedeu aos programas de televisão na TV Educativa, na TV Guaíba, na TV Gaúcha, entre outros. Também foram utilizadas as reportagens de jornais que comentaram sobre as obras do autor, importantes para compreender sua escrita.

² As características das três obras estão inseridas em *A escrita de Renato Maciel*, quando se fornece maiores dados sobre os três *Anedotários*.

Neste estudo, adotam-se as seguintes abreviaturas para denominar as obras do autor: ARP1, ARP2 e ARP3.

A metodologia de trabalho incluiu diversas etapas: primeiro, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre as obras que tratam tanto do humor quanto da memória, dois enfoques importantes para o estudo. Após a leitura das obras, iniciou-se a análise dos *Anedotários da Rua da Praia*. Em uma segunda etapa, decidiu-se que os pressupostos teóricos seriam baseados no pensamento de Maurice Halbwachs, em relação ao humor, na teoria do riso de Vladímir Propp. A terceira etapa foi produzir quadros, a partir da leitura das crônicas, estabelecendo as seguintes categorias para análise: sujeitos, espaços e tempos em relação à memória. Assim, foi feito um levantamento das recorrências de cada categoria nas três obras. Também foi observada a incidência de temas nas crônicas de Renato Maciel. A quarta etapa foi a análise do *corpus* da pesquisa, com base no suporte teórico, dando prioridade aos textos que respondiam aos questionamentos iniciais.

Quanto ao referencial teórico sobre a memória, foi utilizada a obra de Maurice Halbwachs, *A memória coletiva*, que consiste num extenso estudo sobre a memória, abrangendo os indivíduos e a sociedade que os cerca. Segundo Halbwachs (2006, p. 155),

como uma sociedade, qualquer que seja ela, poderia existir, subsistir, tomar consciência de si mesma, se não abrangesse com um olhar um conjunto de acontecimentos presentes e passados, se não tivesse a faculdade de retroceder no fluxo do tempo e repassar ininterruptamente os vestígios que deixou de si mesma?

Dessa forma, refletir sobre o passado é essencial para a compreensão do presente. São importantes as pesquisas que usam crônicas, pois elas são consideradas como *lugares de memória*, segundo Pierre Nora, para se problematizar os espaços, os lugares e os sujeitos que compõem a memória da cidade.

Os quadros sociais da memória de Halbwachs, publicado em 1925, pesquisa a memória coletiva em relação aos sujeitos, aos espaços e tempo, além de referir-se à memória individual. Durante a análise das crônicas, a teoria de

Halbwachs vai sendo exposta, para que se observe como o teórico relaciona a memória à sociedade. Para ele, a memória coletiva reconstrói o passado, através das lembranças dos sujeitos. Segundo Halbwachs (2006), através das referências do indivíduo é possível localizar as lembranças no passado, desde a recordação infantil até as evocadas por outras vozes.

Para entender o tom humorístico dessas crônicas, busca-se apoio na teoria sobre o riso de Vladímir Propp, e acrescentam-se alguns conceitos relevantes de Henri Bergson, Elias Saliba e Henk Driessen sobre o tema, que serão vistos mais adiante. Segundo Propp (1992), o riso está dividido em duas grandes categorias: o riso da zombaria — que envolve a comicidade da semelhança, das diferenças, o homem parecido com um animal, o homem-coisa — e outros tipos de riso que ele cita como o bom, o maldoso, o cínico, o alegre, o de ritual e o imoderado. Exemplificou o riso, principalmente, em relação à literatura russa. Segundo o teórico, o riso é decorrente de um defeito que, à primeira vista, a outra pessoa não percebe, mas quando ele surge é possível ver. De acordo com Propp (1992), trata-se de uma punição e o defeito revela-se, de repente, provocando o riso no outro.

Assim, para compreender a escrita de Renato Maciel, composta de textos que recordam vários tempos da cidade de Porto Alegre, é importante apresentar alguns dados relevantes sobre a cidade. O cronista narrou histórias de sujeitos que tinham representação profissional ou intelectual nos anos 1930, em Porto Alegre, mas o maior número de histórias sobre a cidade e seus sujeitos sociais reporta aos anos 1940 e 1950.³ As crônicas abordam os seguintes temas: No *Anedotário da Rua da Praia 1*, a temática das crônicas gira em torno de mulheres, médicos, advogados, policiais, Oddone Greco, Rua da Praia, confeitarias, farmácias, igrejas, anos 1930 e 1940. O *Anedotário da Rua da Praia 2* tem como assuntos os advogados, médicos, militares, políticos, jornalistas, Oddone Greco, radialistas, Rua da Praia, Praça da Alfândega, emissoras de televisão, festas, anos 1930 e 1940. E no *Anedotário da Rua da Praia 3*, a

³ No final da *Introdução*, apresenta-se o quadro geral de ocorrências das crônicas que integram os três livros *Anedotários da Rua da Praia 1, 2, 3*.

temática é a seguinte: mulheres, militares, políticos, radialistas, Oddone Greco, Rua da Praia, bares, igrejas e os anos 1920, 1930, 1940, 1950, 1960 e 1970.

É interessante destacar dados importantes sobre Porto Alegre⁴ para o desenvolvimento da pesquisa, pois Renato Maciel construiu um painel da sociedade, apresentando várias personalidades que influenciaram o meio que viveram. Renato Maciel descreveu a Porto Alegre das primeiras décadas como “austera, provinciana, cheia de preconceito, mas pacata” (ARP3, 1983, p. 15). Afirmou que a Rua da Praia, “onde tudo acontecia e todos passavam, era diferente: sem grandes edifícios, nela predominavam os prédios baixos, onde o comércio de bens e serviços se fazia sob os olhos participantes dos donos”. Esse instante de quietude aconteceu nos primeiros anos, nas décadas de 1910 e 1920, porque a partir de 1930, a cidade começou a se modernizar.

Na década de 1980, Porto Alegre ganhou novas obras novas como um *shopping center*, festejado pelos comerciantes. A Rua da Praia, ponto de encontro nas décadas de 1940 e 1950, tornou-se um centro financeiro, com prédios altos que abrigavam as instituições financeiras. As casas baixas e antigas da rua desaparecem e foram demolidas em razão do desenvolvimento que tomou conta da cidade. Esta década trouxe transformações à cidade com a abertura de avenidas e ruas. Foram criadas mais linhas de ônibus e surgiram os táxis-lotação, o que proporcionou à população um maior conforto. A cidade estava progredindo. Surgiram parques como o Marinha do Brasil e o Moinhos de Vento. Na área cultural, Porto Alegre também se modificava, pois foram aparecendo novas salas de teatro como o Renascença e o Álvaro Moreira. Nessa época, foi criado o *Brique* da Redenção, que reuniu vários segmentos da sociedade. A sociedade porto-alegrense tinha mais opções de lazer em comparação às décadas anteriores. Essas mudanças não foram bem vistas pela sociedade local, que assistia a transformação de Porto Alegre, como comprovam as manchetes publicadas nos jornais da época, que estão expostas no Capítulo 2, na repercussão das notícias nos jornais dos anos 1980.

⁴ As informações sobre Porto Alegre são apresentadas mais adiante e têm referências bibliográficas.

Esta pesquisa pretendeu contribuir com os estudos que são realizados em relação à memória coletiva, refletindo sobre as lembranças do passado, para que permaneçam através dos tempos, e em relação ao humor, que pode revelar ou ocultar os defeitos do indivíduo. Renato Maciel criticou valores e comportamentos impregnados nos anos 1980, que foi um tempo propício para satirizar os detentores do poder. O cronista tinha um instrumento poderoso nas mãos: a escrita.

Assim, a *Introdução* (considerada o Capítulo 1) apresenta a pesquisa. Já no capítulo 2 expõe as diferenças entre os discursos da História e da Literatura. Aborda-se o gênero crônica, os cronistas de Porto Alegre e reflete-se sobre o humor, desde os tempos de Aristóteles, passando por Cícero até chegar a pesquisas de Mestrado e Doutorado atuais, que versam sobre o assunto. Acredita-se que os pensamentos de antropólogos como Jan Bremmer, Herman Roodenburg e Henk Driessen e de filósofos como Vladímir Propp — foram úteis nessa pesquisa — juntamente com Henri Bergson, que apresentam teorias sobre o riso e falam de sua importância. Coloca-se ainda a opinião de Elias Saliba que trata o tema em *Raízes do Riso*. Reflete-se sobre o humor e o deboche nos anos 1980, quando os humoristas brasileiros criticavam as autoridades, que eram o assunto favorito da imprensa.

O capítulo 3, *A escrita de Renato Maciel: Porto Alegre revisitada* comenta-se sobre a origem dos *Anedotários*, a vivência do autor Renato Maciel, mostrando ainda as diversas funções profissionais que exerceu como advogado, radialista e músico. O cronista integrou a elite intelectual dos anos 1980 e compartilhou de amizades que incluíam seus colegas advogados, jornalistas, na imprensa escrita e na emissora de rádio que trabalhou, com um programa sobre Porto Alegre. Explica-se como foi reconstruída a memória de Renato Maciel, e como o autor elaborou seus registros, conforme declarações que concedeu à imprensa. Mencionam-se as pessoas que o ajudaram a construir a memória de Porto Alegre, já que o autor não vivenciou o que foi narrado em suas crônicas. Depois, foram descritos cada *Anedotário*, quantas crônicas têm em cada obra e a recorrência de temas e sujeitos, conforme tabelas, em anexo.

No capítulo 4, *As várias faces do humor*, serão analisadas as crônicas pela tipologia de Propp, sendo que a seleção foi feita com base na recorrência de sujeitos, conforme o Quando 1, inserido na tese. Registra-se o diferencial do autor, o humor, por se tratar de crônica humorística, usual nos 1980, já que esse recurso era uma válvula de escape para amenizar os tempos sombrios. Sobre o humor político, a Antropologia apresenta uma tese interessante, afirmando que ele surge mais quando há repressão política, o que pode ser constatado com a incidência de histórias sobre militares e policiais, personagens recorrentes nas crônicas de Renato Maciel, que provocam o riso, conforme a tipologia criada por Propp. Reflete-se sobre a linguagem utilizada por Renato Maciel para contar as histórias sobre os sujeitos da *outra* Rua da Praia, pois muitos foram expostos de uma forma irreverente, desconstruindo o possível poder que obtinham por meio de seus cargos, e revelando-os como simples mortais. Essa foi a função de seu humor, a de criticar os desmandos dos que estavam no poder.

Já no capítulo 5, *A cidade de Porto Alegre*, serão analisadas as crônicas que falam de uma *outra* Porto Alegre, a que ficou no passado, lembrada nas crônicas sobre a Rua da Praia através de seus sujeitos, desde os populares até os considerados da elite porto-alegrense, circulando por bares, cafés e confeitarias. As crônicas de Renato Maciel privilegiaram os profissionais liberais como advogados, médicos, professores, os detentores do poder como os governantes, militares, policiais, a área de comunicação por meio de locutores, radialistas e apresentadoras de televisão. Os funcionários de bares, os cabeleireiros, as prostitutas e as personalidades populares que trabalhavam na Rua da Praia também foram lembrados nas três obras do cronista.

FLORES DA CUNHA NO GOVERNO

Jamais o tipo clássico do gaúcho superior esteve tão bem representado na chefia do executivo do Rio Grande do Sul como no período de 1930 a 1937, quando José Antônio Flores da Cunha foi sucessivamente interventor federal e governador. Filho da terra boa e hospitaleira de Sant'Ana do Livramento, na fronteira com o Uruguai, Flores conciliava no temperamento as características mais nobres e marcantes de sua ascendência portuguesa e espanhola. Da primeira herdara o senso crítico, o exacerbado conceito de dignidade, a lealdade e a aversão à lisonja fácil. Do sangue castelhano, mais presente, ficaram-lhe a valentia, a eloquência, o gosto por emoções fortes, a generosidade, a rebeldia, o espírito alegre, apaixonado e sedutor. Se considerarmos ainda outros atributos pessoais, como a razoável cultura, a inteligência aguda e a notável capacidade de liderança, teremos os ingredientes para compreender o fascínio que exerceu sobre todos com quem conviveu.

A margem dos acontecimentos históricos a ele relacionados, há fatos engraçados e pitorescos, bastante ilustrativos e caracterizadores da época.

Logo após a Revolução de 30, Flores preparava-se para assumir a interventoria no Rio Grande. Getúlio aconselhou-o: — Faça sempre o contrário do que seus adversários esperam que faça...

28 —



Revolução de 30: a multidão sobe a Ladeira, na direção do Palácio do Governo.

Iniciava o período de interventoria. Estava no Clube do Comércio jogando cartas e da roda participava um moço que vencía todas as paradas. Terminado o jogo, Flores perguntou ao vizinho quem era aquele menino, afinal o único a ganhar durante toda a noite.

— Mas, general, esse rapaz é o Doutor Júlio Correia. O senhor acaba de nomeá-lo para alto cargo no Tesouro do Estado.

Flores meditou e depois comentou:

— Então deve ser mais um dos desmandos do meu governo.

Todo início de noite, após a janta, Flores, de chapéu elegantemente desabado para o lado, costumava percorrer a pé a Ladeira, desde o palácio do governo até a Rua da Praia, indo conversar no Largo com amigos e correligionários.

— 29

Fonte: ARP2 (1982, p. 49)

*A crônica mudou, tudo muda.
Como a própria sociedade que ela
observa com olhos atentos.*

Ivan Ângelo

CRÔNICAS COM MUITO HUMOR

2 CRÔNICAS COM MUITO HUMOR

2.1 HISTÓRIA E LITERATURA: DISCURSOS DIFERENTES?

Pesquisar a *urbe* em crônicas do passado, investigar os sujeitos de uma outra época e relembrar, deixando tudo registrado e documentado, é transitar entre a História e a Literatura, aqui, nesse estudo, por meio de crônicas, na medida em que se une o real da História à subjetividade de um cronista que narrou sobre seus antepassados. A relação entre a História e a Literatura (crônica), ou seja, é a possibilidade de interpretar a cidade no relato literário de uma nova maneira, construindo-se lugares de memória. É estreita a fronteira que delimita os dois campos, pois as ciências se interligam e se aproximam. As investigações em torno da memória coletiva e da cultura urbana, pelos escritos dos cronistas do passado, têm sido objeto de estudo de disciplinas como a Sociologia, a Antropologia e a própria História, marcando a interdisciplinaridade, em destaque nos dias atuais. As crônicas são documentos e prestam serviços aos historiadores que nelas procuram indícios para escreverem uma nova História.

Nos últimos anos, a História voltou-se à interpretação de fatos de culturas passadas, buscando novos modelos para explicar os comportamentos de grupos e comunidades. É a chamada Nova História Cultural que pretende investigar as práticas culturais, questionando assim os antigos métodos de pesquisa da história. Segundo Lynn Hunt (1992, p. 14),

em lugar da sociologia, as disciplinas influentes hoje em dia são a antropologia e a teoria da literatura, campos nos quais a explicação não é tratada como ponto pacífico; não obstante, a história cultural deve confrontar-se com novas tensões não só dentro dos modelos que oferece, mas também entre eles.

Conceitua a História Cultural “como uma ciência interpretativa”, que tem como finalidade ler e decifrar os significados e [...] “mais do que a inferência de leis causais da explicação é assumida como tarefa fundamental da história cultural” (1992, p. 16). O autor apresenta a posição de Roger Chartier. Segundo o

pensamento dele, os historiadores não podem esquecer que os textos trabalhados podem afetar o leitor de muitas formas, afirmando que os autores que discutem a Nova História devem se preocupar com as fontes e os métodos empregados em suas investigações. A opinião de Chartier é transcrita na obra de Hunt (1992, p. 18):

os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lê-los.

Chartier defende a posição de que os historiadores da cultura devem adotar um novo tipo de leitura. O que significa dar importância à linguagem, pois a obra é uma criação do autor, independente de ele estar narrando fatos históricos. Depois, essa obra chega ao leitor para ser interpretada, conforme o entendimento deste. Assim, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, pois ela pode servir para que se entenda a História Cultural.

Para Peter Burke (1992, p. 347), os historiadores começam a fazer outros tipos de perguntas sobre o passado e escolhem novos objetos de pesquisa. Conforme Burke, esses profissionais, precisava de outros tipos de fontes. Sobre as semelhanças ou diferenças entre a História e a Literatura, afirma que muitos estudiosos, atualmente, consideram que

a escrita da história também tem sido empobrecida pelo abandono da narrativa, estando em andamento uma busca de novas formas de narrativa que serão adequadas às novas histórias, que os historiadores gostariam de contar. Essas novas formas incluem a micronarrativa, a narrativa de frente para trás e as histórias que se movimentam para frente e para trás.

Essa nova história, conforme o pensamento de Sandra Pesavento (2008, p. 12), “possui um embasamento teórico-metodológico específico”, que já está consolidado desde a década de 1990. Antigamente, segundo a historiadora, as respostas às pesquisas eram previstas,

o que comprometia a verdadeira aventura do conhecimento, [...] o explicado de antemão. Por isso ela acredita que a História Cultural veio

valorizar o papel do historiador, na medida em que lhe proporciona outros caminhos e desafios, outros recortes.

Para Pesavento (2008, p. 15), “a história é uma narrativa que presentifica uma ausência”. A memória recupera pela evocação, imagens do vivido. É a propriedade evocativa da memória que permite a recriação mental de um objeto, pessoa ou acontecimento ausente. A autora menciona a importância de um método que preste atenção aos detalhes, para depois o pesquisador voltar ao texto original. Em outro texto, *Ecos do Sul*, Pesavento (1999, p 391) afirma que a Literatura é um campo para ser explorado, pois “o historiador dela se aproxima, para colocar as suas questões, sobre seu tema que é o da cidade”. A autora ressalta que estudar autores e revisitá-los, na verdade é “chegar à história pela porta de entrada da literatura”, acrescentando que “o discurso urbano, o texto literário, a narrativa do historiador, os artigos de jornal, e outros tantos registros de linguagem são todos representações do real e, no caso, recriam a cidade”.

O passado está lá e poderá ser recriado pelo artista, e sua obra poderá ser revisitada pelo autor, podendo louvá-lo ou negá-lo. No entanto, existirá sempre o problema entre a História dita como oficial e o trabalho de ficção. Por isso, é importante atentar para as palavras de José Saramago no artigo *O diálogo com a história*, inserido na obra *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*, de Carlos Reis (2003, p. 501). Segundo Saramago, as inquietações dos historiadores são em virtude de existir uma “zona de obscuridade”, onde entra o trabalho da ficção. São coerentes suas palavras, porque no momento que a história oficial torna-se uma obra literária e seus personagens integram o texto, esta história assume o estatuto da ficção. É o que Saramago tenta dizer. Existindo “uma incapacidade final para reconstituir o passado, somos tentados – sou-o eu, pelo menos – a corrigi-lo”. No entanto, o escritor português apressa-se a explicar melhor suas palavras, no artigo de Carlos Reis:

Quando digo corrigir, corrigir a História, não é no sentido de corrigir os *factos* da história, pois essa nunca poderia ser tarefa de romancista, mas sim de introduzir nela pequenos cartuchos que façam explodir o que até então parecia indiscutível: por outras palavras, substituir o que foi pelo que poderia ter sido.

Assim, História e Literatura podem estar entrelaçadas, mas seus conceitos variam segundo as épocas e os lugares. A opinião é de Walter Mignolo (1993), que leva em consideração as culturas dos povos. Tem outro enfoque, sai do âmbito do discurso e busca uma lógica das diferenças e semelhanças. Mignolo parte de duas convenções em relação às definições de Literatura e História: a convenção de veracidade — a História — quando o falante se compromete com o que foi dito – a verdade. Já a convenção de ficcionalidade – a Literatura – o falante não se compromete com a verdade do *dito*.

Por sua vez, Luiz Costa Lima (1989) afirma que a História e a Literatura são narrativas que têm o mesmo veículo: a prosa. No entanto, há confusão quanto às suas formas discursivas, que não são iguais. São duas formas diferentes de narrar. Cada uma provoca um relacionamento diverso com o mundo. A intenção do historiador é designar o mundo que estuda e organizar os restos do passado. O ficcionista tem como objetivo criar uma representação desestabilizadora do mundo. Segundo Lima, as duas narrativas são diferentes na maneira como se relacionam com o mundo e pela atuação do narrador. O narrador na História não pode abandonar sua posição de terceira pessoa. Já o narrador ficcional pode estar na primeira pessoa, na terceira pessoa ou ser um narrador-refletor.

De acordo com o autor, no século XIX, o texto aparece como a forma mais íntima do real. Mas ele diz que um fato é histórico ou ficcional, quando ele é selecionado por um historiador ou por um ficcionista. Então, o discurso da História está sujeito ao protocolo da verdade — fundado no passado, e existe a evidência—, o que não acontece com o texto ficcional. As diferenças continuam: na História, o verossímil, visa a construir uma verdade e, na Literatura, significa *quase verdade*, isto é, *como se*. Lima discorda de outros teóricos e reafirma que a História não é um caso de ficção.

Já para Maria Teresa de Freitas (1986), História e Literatura são narrativas com conteúdos diferentes, explicando a autora que enquanto o discurso histórico é retrospectivo, o literário lida com o tempo de várias maneiras. Na narrativa histórica, não há amplitude de recursos como na ficcional, porque são mais amplos os recursos usados pelo narrador. O escritor invade o universo da

História a serviço de suas próprias ideias, apropriando-se de fatos históricos para construir seu universo ficcional. O acontecimento central será acrescido de detalhes e informações que interessem o leitor. Então, este acontecimento histórico vira uma aventura. A História, quando passa para o âmbito da ficção, assume o estatuto do literário, isto quando ela se dilui na ficção, mas a Literatura também pode chegar ao âmbito da História, já que os textos literários fornecem informações ao historiador.

Por sua vez, Marilene Weinhardt (2002) expõe as opiniões de outros teóricos sobre as semelhanças e diferenças entre História e Literatura. Para a autora, os discursos histórico e ficcional são próximos, mas não se confundem. Os narradores atuam de forma diferente, o da ficção tem mais liberdade, trabalha com mais recursos que o narrador histórico. A verossimilhança também não é a mesma. Para a História, o verossímil é o que se constrói como verdade e para a literatura, basta que pareça verdadeiro e coerente.

Assim, a Literatura recria a História e transfigura o real. Vale-se da História para criar uma realidade artística autônoma. A História torna-se uma simples imagem de uma realidade ausente. O exterior (o fato) adquire o mesmo estatuto fictício do real imaginário. No prefácio de *Mistérios de Porto Alegre*, Moacyr Scliar (2004, p. 9) tem uma posição sobre o tema:

História é o passado documentado, comprovado, estudado; é o objetivo de trabalho dos historiadores. Histórias são narrativas que pessoas contam e na qual verdade e ficção misturam-se em proporções muito variáveis, dependendo do conhecimento (e da imaginação do narrador) e também da credulidade do ouvinte.

Nas áreas da História e da Literatura, as narrativas se cruzam e se completam, pois alguns relatos são formais, outros nem tanto como os de Renato Maciel. A História está presente nas crônicas, quando narra os casos de políticos reconhecidos em âmbito estadual e nacional, como Flores da Cunha, Borges de Medeiros e Getúlio Vargas, entre outros, e de personalidades como o médico Sarmiento Leite. Na Literatura, os textos de Renato Maciel são literários, na medida em que existe um narrador, a voz que está por trás do texto, lembrando a cidade de Porto Alegre e seus sujeitos. Enquanto narra os acontecimentos, o

cronista situa-se como um narrador observador e, muitas vezes, onisciente e intruso.

Concluindo, os autores afirmam que a nova História Cultural procura por outras fontes para interpretar o passado. Há possibilidades de que a Literatura possa servir à História por meio de documentos e textos literários. Os autores concordam que as formas de discurso são diferentes. Na História, há a convenção da veracidade e não existem tantos recursos com a ficção. Na Literatura, ocorre o não comprometimento. Já na História, então, há uma verdade e no texto literário, uma quase verdade. Enfim, mesmo com essas diferenças, uma poderá auxiliar a outra. A História lida com os fatos, com documentos, de forma objetiva, tem fontes científicas para dar veracidade aos fatos. A crônica (lugar de memória) trata do cotidiano de maneira subjetiva, de fatos corriqueiros. O objetivo do cronista é fazer seu leitor refletir sobre os acontecimentos mencionados.

2.2 CRÔNICAS: TESTEMUNHOS DO TEMPO

As crônicas fornecem informações sobre o passado e auxiliam o entendimento do presente, podendo ser consideradas fontes de pesquisa histórica. Nessa parte da tese, mostra-se a definição do termo crônica, abordando-se o gênero narrativo. Depois, alguns dados históricos são mencionados, apresentando os primeiros cronistas até chegar ao Modernismo, quando surgem os escritores nacionais, alcançando, então, os cronistas do Sul. Para definir o termo crônica, parte-se da definição de Margarida de Souza Neves (1992, p.82):

a crônica, pela própria etimologia – *chronus*/ crônica – é um gênero colado ao tempo. Se em sua acepção original, aquela da linhagem dos cronistas coloniais, ela pretende-se registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica [...] a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo.

A crônica é uma escrita do tempo. Na Antiguidade, os cronistas já registravam os fatos e os locais por onde passavam, conforme mostra a história

oficial. Nos primórdios da História do Brasil, as primeiras informações de estrangeiros, viajantes e missionários, que pisaram em terras brasileiras e depois foram contar o que viram para o mundo, são consideradas como crônicas históricas, sem valor literário por alguns críticos brasileiros. Afrânio Coutinho afirma que os primeiros textos escritos por portugueses e brasileiros no Brasil Colônia eram considerados literatura, mas Alfredo Bosi ressalta que são meros documentos históricos. Para Bosi (1994, p. 13), estes documentos são “como testemunhos do tempo”, acrescentando que “a inteligência brasileira, reagindo contra certos processos agudos de europeização, procurou nas raízes da terra e do nativo, imagens para se afirmar em face do estrangeiro”.

Há, ainda, os escritos de origem portuguesa, como a *Carta*, de Pero Vaz de Caminha, considerada por alguns autores como a certidão de nascimento do Brasil e como o primeiro documento literário sobre o país. Caminha relatou a beleza natural da terra e a pureza dos índios, que nada tinham a esconder. O escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral escreveu a carta ao rei de Portugal, D. Manuel I, comunicando-lhe que achara uma terra muito *formosa*.

No Rio Grande do Sul não foi diferente. Em arquivos históricos, que contém documentos, exaustivamente, analisados, encontram-se as impressões que os viajantes tiveram de nosso Estado. Eles legaram a gerações futuras, depoimentos, cartas e diários, conhecida como escrita informativa, que esclarecia sobre a terra e o contato com os indígenas, conforme descreve Guilhermino César, em *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul* (1998). Exemplo disso é que, em 1605, no século XVII, a Companhia de Jesus aportou no Rio Grande do Sul, e os missionários viajaram pelo País a partir da Bahia, do Rio de Janeiro e de São Paulo, com o objetivo de catequizar os índios. Os relatos registraram os tempos iniciais de locais desconhecidos, espaços explorados pelo europeu. Era o olhar curioso do estrangeiro em direção a terras brasileiras.

No artigo *A vida ao rés-do-chão*, Candido (1992, p. 15) também descreve como surgiu a crônica que “não nasceu propriamente no jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível”. Pode até ser considerada um gênero brasileiro, nas palavras de Candido, mas antes de transformar-se em crônica, nas primeiras décadas do século XIX, era *folhetim*

(nasceu na França, em 1799), seção especial de um jornal ou revista, um texto leve que veiculava notas e artigos curtos, muitas vezes, saía em capítulos, como recurso para prender a atenção dos leitores.

No Brasil, na época do Romantismo, os autores românticos como Manuel Antônio de Almeida (1831- 1861) em *Memórias de um sargento de Milícias* (1852) e José de Alencar usaram essa técnica, para depois publicar a narrativa em livro. Também as crônicas de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) foram veiculadas em jornais e revistas do Rio de Janeiro, no século XIX, no *Diário do Rio de Janeiro* (1861-1867), na *Semana Ilustrada* (1872-1873) e na *Gazeta de Notícias* (1884-1888). Menciona-se o cronista pela sua importância no cenário brasileiro. Ele descreveu sua atividade na crônica *O folhetinista* (1957, v. 1, p. 32)⁵

O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno; falo do jornal. [...] o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. [...] é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo.

Machado de Assis comparou o folhetinista a um colibri, que “salta, brinca” sobre todos, acrescentando que o mesmo “tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo [...] todos os amam, todos os admiram”.⁶ Explicou o que faz quando não há assunto, dilema de todo o cronista: “Ora quando há matéria e o espírito está disposto, a coisa passa-se bem. Mas quando, à falta de assunto se une aquela morbidez moral, que se pode definir por um amor ao *far niente*, então é um suplício...”⁷

O cronista apresentou sua época e se tornou conhecido até os dias atuais. A era machadiana expôs ao leitor um Rio de Janeiro *fin-de-siècle*, de avenidas com bondes puxados a burros, de lampiões, do pregão, da rua do Ouvidor, passarela da política, dos homens de negócios e da moda, que mostrava a última

⁵ Fragmento de crônica publicada em *O Espelho*, datada de 30 de outubro de 1859, p. 32-33.

⁶ Fragmento de crônica publicada em *O Espelho*, datada de 30 de outubro de 1859, p. 32.

⁷ Fragmento de crônica publicada em *O Espelho*, datada de 30 de outubro de 1859, p. 32.

novidade dos salões de Paris. Época em que a música e a literatura também eram importadas da França. De acordo com Sonia Brayner, (1992, p. 407) Machado de Assis “tentou copiar do historiador os procedimentos de controle de conteúdo da informação, embora trabalhe em cima do próprio acontecimento; mas essa é uma cláusula importante do contrato de leitura que estabelece com o leitor”.

As crônicas machadianas têm um tom crítico, irônico e um certo ceticismo. Conforme Margarida de Souza Neves (1992, p. 90), Machado de Assis foi irônico ao comentar sobre seu ofício de cronista: “Não é novo nada disto, nem eu estou aqui para dizer coisas novas, mas velhas, coisas que pareçam ao leitor descuidado que é ele mesmo que as está inventando⁸”. O escritor desnudou-se frente aos seus leitores. Seus depoimentos, ao descrever situações pitorescas que envolviam o meio urbano, revelam suas idéias. Como afirma Sidney Chalhoub (2003, p. 93), em sua arte literária, Machado de Assis “inventou personagens, diálogos [...] narradores que apreciam viver e expressar apenas aquilo que era rigorosamente compatível com as expectativas dos leitores/senhores”.

Para o historiador o que importa, conforme Ângela de Castro Gomes, (2004, p.15) “é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou”. É o caso das crônicas machadianas, publicadas em jornais, todas datadas, uma forma de dominar o tempo no ato da escrita. É possível relacionar as afirmações de Castro Gomes à obra de Machado de Assis, porque a autora ressalta a existência de textos que registram “fatos referentes a uma temporalidade basicamente profissional, assumindo características de linguagem mais distante de uma escrita íntima, sem deixar de ser uma escrita pessoal”.

Como situar a crônica literária, gênero considerado, erroneamente, *menor*, com um texto intermediário entre o romance e o conto, mais curto e que trata do cotidiano? Sabe-se que a crônica pode ser considerada uma narrativa que conta,

⁸ Fragmento de crônica publicada no *A Semana*, em 16 de abril de 1893.

comenta, descreve e analisa. De qualquer forma, as características definitivas da crônica são: um texto curto e leve, que geralmente aborda temas do cotidiano”. Destaca-se o que Antônio Candido (1992, p. 1) diz sobre o gênero:

realmente ela pode ser considerada um gênero ‘menor’, pois nenhum cronista ainda ganhou o Prêmio Nobel, mas o autor disse que ‘graças a Deus’ seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós [...] na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma.

Com passar dos tempos, a crônica ou o folhetim foi tomando outra forma, o espaço não estava mais no rodapé da página de um jornal. Segundo Antonio Candido (1992, p. 17), o cronista “ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir”. O que o crítico afirma é que as crônicas ficaram mais leves, restritas a assuntos que envolvem mais o dia a dia das pessoas.

Outro autor que deve ser incluído como cronista é Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918), apesar de ser conhecido mais como poeta, ele também foi cronista de cidade. Segundo Antonio Dimas (2003, p. 280), estudioso de Bilac,

falar de cidades, era a paixão de Bilac, o cronista. Em sua atividade nos jornais, que se estende por quase vinte anos assíduos, encontra-se uma variedade enorme de assuntos, que se aglomeram, de preferência, em torno do tema ‘progresso’, dentro do que a cidade e seus ‘mores’ ocupam lugar mais que privilegiado. O progresso urbano, seu grande tema e o grande personagem de suas crônicas.

Mais adiante, Dimas afirma que Bilac morou, em Ouro Preto, em 1893, e em suas crônicas “reivindica a exploração do passado com instrumento de compreensão do presente e verbera a negligência brasileira diante de sua própria história (2003, p. 284)”. Acrescenta sobre Bilac que

do centro privilegiado de Ouro Preto e protegido pela sombra de Itacolomi, o cronista olha para trás e contempla a Vila Rica luxuosa que, um dia, ele transportou para um livro, em cujo título, *Crônicas e novelas*

misturam-se, como que de propósito, o gosto pela factualidade e o pendor para a fantasia.

Já Afonso Henriques de Lima Barreto (1881- 1922) também foi um cronista representativo da geração pré-modernista, que usou a palavra para criticar a sociedade carioca do começo do século XX. Clara Ornellas (2006) no artigo *Lima Barreto, cronista do protesto eterno*⁹ afirma que um

outro aspecto recorrente em sua produção é o desvelado amor pela sua cidade. À semelhança de um *flâneur*, Lima elaborou crônicas que revelam um amante do espaço urbano. Com um olhar atento ele registrou em seus textos as ruas, os casarões, os transportes e até a moda de seu tempo. Encontramos elementos de uma cartografia urbana detalhista adicionada a um ponto de vista criterioso dos costumes de sua época, tanto do centro quanto dos subúrbios, que, ao mesmo tempo, apontava as contradições sociais da época. Um registro incomparável do imaginário brasileiro do final do século XIX e início do século XX.

De acordo com Ornellas, Lima Barreto em *Vida e Morte de Gonzaga de Sá* (1919) descreve a cidade do Rio de Janeiro,

obra em que a cidade configura-se como um verdadeiro personagem se autoconsumindo em eterno embate existencial entre o velho e o novo. Nesse romance, minuciosas descrições da ambiência geográfica e histórica do Rio de Janeiro compõem uma orquestração semelhante a uma ode às belezas da capital carioca e, ao mesmo tempo, denuncia o abandono de seu patrimônio.

Depois tem-se a crônica de João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, (1881-1921), que modifica o conceito sobre o gênero. O cronista tinha um espaço no jornal *O País* e comentava sobre a vida mundana da elite carioca em plena *belle-époque*, falando sobre óperas, encontros de intelectuais e festas de diplomatas. Surgiram expressões novas nos textos de João do Rio e, de uma certa forma, ele inovou no gênero ao tecer comentários sobre moda, filmes e fotografia. O próprio cronista afirmou: “Ora, com os jornais, as crônicas, as novelas, os romances, os

⁹ Revista da Universidade de São Paulo, n. 69. São Paulo, maio 2006.

desenhos, faz-se a história. E há diversas maneiras de se fazer a história de uma geração” (BASTOS, 1992, p. 225).

Após a Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922, a crônica brasileira ganhou nomes como Mário de Andrade e os jornais estampavam textos de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Rubem Braga, que escreveu com simplicidade e de maneira coloquial. Com Rubem Braga, a crônica adquire um tom reflexivo sobre a própria escrita. Com Carlos Drummond de Andrade, há ironia, pois o autor não admite as mudanças na cidade do Rio de Janeiro. Com Manuel Bandeira, percebe-se a lembrança de sua doença, dos tempos de infância e da terra natal. Nelson Rodrigues consegue redigir com maestria crônicas sobre futebol. Já os textos de Cecília Meireles tocam a alma do leitor. Assim, a crônica é um gênero ímpar e poucos têm o dom de manejá-la de forma correta.

Drummond, o cronista mineiro, amava tanto o Rio de Janeiro, que a cidade foi palco de inúmeras crônicas. Textos que descreviam casas, ruas e avenidas antigas, enfim, tudo que fazia parte de um passado que para os cronistas saudosistas estava sempre presente. O ensaio de Gilda Salem Szklo em *Cronistas do Rio*, de Beatriz Resende (1995, p. 92), intitulado *Drummond e Bandeira, os cronistas-poetas*,¹⁰ retrata muito bem o estilo de escrever de cada um. Drummond afirma:

[...] já me chamaram mesmo, de carpideira de casas e coisas velhas. O título me desvanece. Em meio à mocidade geral que pensa estar inaugurando o mundo quando apenas o repete numa edição nem sempre isenta de erros tipográficos e mentais, é preciso que haja alguém para alongar os olhos até as formas caducas e evocá-las, para que não se dissolvam de todo como se jamais houvessem existido.

Torna-se importante quando sai de Minas Gerais e chega ao Rio de Janeiro, descrevendo a cidade que adotou. Suas crônicas são alimentadas de temas do cotidiano da vida. No entanto, seu tom memorialista é outro, segundo o depoimento de Szklo, pois observa que Drummond e Bandeira se assemelham

¹⁰ O texto está inserido na obra *Cronistas do Rio*, organizado por Beatriz Resende e publicado em 1995.

em relação à sensibilidade e ao jeito poético de escrever, mas Drummond “traz a marca da ironia, quase constante, na sua maneira particular de lidar com a realidade desconcertante do mundo”.

Entre as obras de Szklo, tem-se *Caminhos de João Brandão* (1970), *O poder ultra jovem* (1972), *De notícias e não-notícias faz-se a crônica* (1974), entre outras. No entanto, o mais importante no texto dessa autora é quando ela se refere a Drummond, dizendo que ele é um “caminhante sonhador, perdido na cidade como alguém que se perde na floresta, [...] ele vai em busca de si mesmo, resgatando significados que ficaram para trás no tempo” (1995, p. 96).

Já “a vertente memorialista” está presente na obra de Bandeira, ao lembrar “recantos da paisagem carioca das décadas de 1950 e 1960” com os livros de crônica *Flauta de papel* (1957) e *Andorinha, andorinha* (1966), organizado por Drummond, segundo Szklo (1995, p. 80). A autora do ensaio ressalta que é uma literatura de memórias, dos companheiros, dos espaços como as ruas, os bairros, o centro da cidade, porque “eles viajam no tempo e no espaço, dão vida ao seu passado; perdem-se nos restos de coisas e alma ao longo das ruas e das avenidas, em meio à multidão”. Observa que somente Manuel Bandeira, conhecedor profundo da cidade do Rio de Janeiro, “seria capaz de escrever páginas como aquelas do *Eco de Carnaval* (1956) e o *Bar* (1958)”.

Já o cronista Rubem Braga (1913-1990) é um dos legítimos representantes da moderna crônica brasileira. Natural de Cachoeiro de Itapemirim (ES), Braga entrou cedo para o mundo da crônica, porque seus irmãos Jerônimo e Armando fundaram o jornal *Correio do Sul*. No Rio de Janeiro, formou-se em Direito, mas não exerceu a Advocacia, pois gostava de trabalhar em jornais. Aos 19 anos, atuou no *Diário da Tarde*, em Belo Horizonte, depois foi para os *Diários Associados*, onde não permaneceu muito tempo. Como cronista trabalhou também no *Diário de São Paulo*. Passou por vários jornais brasileiros, entre eles o *Correio do Povo* e a *Folha da Tarde*, da Companhia Jornalística Caldas Júnior, de Porto Alegre (RS).

Em 1960, publicou a obra *Ai de ti, Copacabana* e fundou a Editora do Autor com o amigo Fernando Sabino, no entanto, não pode continuar, pois foi para a

África como embaixador do Brasil no Marrocos. Na volta, novamente fundou outra editora também como o amigo Sabino. Entre suas obras, pode-se citar *Recado da Primavera* (1984), *Crônicas do Espírito Santo* (1984) e *Uma fada no front* (1994), obra que foi organizada por Reverbel, entre outras. Apesar de ter vivido em um momento que propiciava a exploração de temas relativos à vida brasileira, Braga elaborava textos leves, de sonhos e sentimentos, sem se deixar levar pela vida política.

Na opinião de Elaine Azambuja de Lima, que analisou em sua tese de Doutorado *O lugar do leitor na crônica contemporânea brasileira*, em Letras na PUCRS, as crônicas de Reynaldo Moura, Nelson Rodrigues e Rubem Braga, os temas de Braga não ficam restritos à infância ou ao cotidiano, porque ele gostava de escrever sobre o próprio ato da escrita. Lima afirma que “Rubem Braga desenvolveu uma metalinguagem do próprio mundo jornalístico” (2001, p. 188-189) e que a maioria dos profissionais, primeiro se envolve com a literatura, depois vai para a publicidade e assim chegam ao jornal.

A crônica é uma narrativa que tem em sua estrutura os seguintes elementos: os fatos, pois sem eles não há história, depois surgem os personagens, em um determinado tempo e local. Há o narrador, no caso Renato Maciel. Acredita-se que as histórias publicadas em seus livros podem ser enquadradas como crônicas, pois existem registros de cronistas que, no passado, publicaram os fatos do dia-a-dia também em livros. Ao narrar os acontecimentos do cotidiano, muitas vezes, o cronista assume a posição de um historiador de uma época, porque ele está registrando acontecimentos que estarão impressos nas páginas de um jornal ou de um livro.

Poderá haver uma mescla de ficção na narração dos fatos, o que poderá dificultar a classificação de um texto, ser literário ou não. Outras vezes, um cronista poderá fazer afirmações, usando de recursos como a ironia e metáforas, jogando com palavra, para dizer as suas verdades, e até para denunciar algum fato. O leitor desavisado, talvez, não entenda essa sutileza. Bastará atentar para os títulos dos textos, porque eles dizem muito.

As crônicas podem ter a intenção de divertir, mas, muitas vezes, expressam verdades que não podem ser ignoradas, o que se aplica ao texto de Renato Maciel. Diferente do costume, ele publicou as suas crônicas diretamente em livros, com uma linguagem humorística, o que tornou fácil a leitura sobre Porto Alegre. O objetivo do autor foi registrar a memória da cidade. Como observa Candido (1992, p. 19); “Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.”

Sobre a publicação de crônicas em livro, que é o caso de Renato Maciel, Jorge de Sá, em *A crônica* (1999, p. 86), tece considerações sobre o momento em que a crônica passa do jornal para o livro. Para ele, o texto é mágico e reporta-se a um passado “perdido” como afirma José Saramago: “As possibilidades de leitura criativa se tornam mais amplas, a riqueza do texto, [...] atua com maior liberdade sobre o leitor – que passa a ver novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura”.

Resgatar com humor a memória de Porto Alegre foi a intenção de Renato Maciel e o objetivo dessa tese é refletir sobre as histórias narradas pelo cronista. Mesmo ele afirmando, em todas as entrevistas que concedeu à imprensa, que sua intenção era apenas divertir o leitor, tem-se a impressão de que sua finalidade era a de criticar algumas figuras que foram temas de sua escrita. Sabe-se que o narrador de uma crônica pode ser observador, ou seja, estar fora dos fatos que narra, mas será onisciente, quando sabe tudo sobre o que narra, que é o caso de Renato Maciel em muitas das crônicas.

2.3 OS CRONISTAS DE PORTO ALEGRE

Nomes como Antônio Pereira Coruja, Apolinário Porto Alegre, Aquiles Porto Alegre, Álvaro Moreyra e Augusto Meyer constituem-se uma referência quando se fala em cronistas do passado, principalmente, porque eles colocam como tema principal de seus textos, a cidade de Porto Alegre e a Rua da Praia, que foi o ponto de encontro dos habitantes da capital, nas primeiras décadas do

século XX. Há trabalhos acadêmicos sobre estes cronistas e também depoimentos de estudiosos sobre o assunto.

Exemplificando, o cenário da Literatura do Sul foi descrito por Dileta Martins no estudo *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul* (1984), em sua tese de Doutorado em Letras, defendida na PUCRS. Entre os cronistas pesquisados, a autora menciona Antônio Álvares Pereira Coruja (1806-1889), autor de *Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre*, considerado o primeiro cronista que descreveu a cidade de Porto Alegre no período anterior. Nesse estudo, Coruja comentou sobre o medo do homem do campo quando vem para cidade e não consegue se adaptar à modernidade, resistindo ao progresso. As crônicas de Coruja também foram analisadas pelas historiadoras Ana Inez Klein em *A Porto Alegre moderna nas memórias de Coruja*,¹¹ e por Sandra Pesavento em *Memórias de Porto Alegre: espaços e vivências*, quando esta refletiu sobre as mudanças ocorridas em Porto Alegre no século XIX.¹²

Outro cronista importante foi Apolinário Porto Alegre (1844-1904), citado por Martins (1984), líder da Sociedade *Partenon Literário*, instituição criada em 1868, por um grupo de jornalistas, professores, escritores, incluindo as mulheres. Segundo Luís Augusto Fischer (2004, p.14), Apolinário “não queria apenas fazer literatura: queria, conscientemente, fazer vida literária e, mais que isso, queria levar a literatura até mais gente. Como afirma Fischer, para existir literatura, é preciso “autores, obra e público leitor” (p. 14) e a partir de o *Partenon Literário* é que esses escritores começaram a se reunir, para discutirem suas obras, formando, como em qualquer geração, a elite intelectual do momento. Em março de 1869, Porto Alegre lançou a revista mensal do *Partenon*, onde escreveu crônicas, relatando o cotidiano sobre a Província.

Em sua pesquisa, Martins (1984) ressalta que Aquiles Porto Alegre (1848-1926) narrou a história do Estado e escreveu sobre os sujeitos da época em suas crônicas na revista *A Escola*, usando uma linguagem coloquial. Sobre o cronista, afirma que ele assumiu uma posição própria, manipulando a crônica com

¹¹ O artigo foi publicado na Revista *Ciências e Letras*, Porto Alegre, nº 41, p. 172, jan./ jun. 2007.

¹² O título do artigo é o seguinte: *As leituras da memória, a cidade imaginária de um cronista do Sul* (2000), publicado na Revista Anos 90 do PPG de História da UFRGS.

acentuada preferência pelos quadros burgueses, pela vida urbana e pela descrição de vultos e fatos do Rio Grande. “Foi o cronista da cidade de Porto Alegre” (1984, p. 337), destacou a pesquisadora.

Já as crônicas de Álvaro Moreyra têm um tom triste, segundo Martins. O autor integrou o movimento simbolista rio-grandense e em seu texto, conforme Martins, percebia-se um pouco de humor e de ironia, o que contrariava a tendência simbolista. Sua escrita assemelhava-se à linguagem de Renato Maciel, que estava impregnada de ironia e humor. Outra pesquisa existente sobre Moreyra é de autoria de Rita Netto de Moraes, da Universidade Federal de Santa Catarina, com o título de *As amargas não...uma vida contada pela experiência e pela literatura* (2000). A autora faz uma leitura da obra de Moreyra e recorta as três cidades que marcaram sua vida: Rio de Janeiro, Paris e Porto Alegre, refletindo sobre o espaço referente à memória.

Martins apresenta os cronistas modernos e comenta sobre o humor de Renato Maciel, afirmando que suas “crônicas-anedotas recontam fatos verídicos do passado da cidade com gosto picaresco”¹³ (1984, p. 340). Ao classificar em sua pesquisa os diversos tipos de crônica existentes, ressaltou que o cronista ironizou, satirizou as situações e fez o leitor sorrir, dizendo “verdades graves, sempre risonho e simples com a delicada desconfiança de quem julga estar dizendo mentiras” (1984, p. 23).

Outros cronistas registraram o cotidiano de Porto Alegre como Augusto Meyer (1902-1970), poeta e crítico literário, que participou do movimento modernista no Sul, a partir de 1926, quando publicou *Coração verde*. Para Meyer, o passado é um mundo de lembranças, o que é possível comprovar em suas duas obras memorialistas. Reuniu, em seus textos, épocas distintas de Porto Alegre, contribuindo assim para resgatar a memória da cidade que estão nas obras *Segredos da infância* (1949) e *No tempo da flor*, que tem o texto *Rua da Praia*, quando Meyer afirmou que “ela será sempre o caminho obrigatório das recordações [...] o lugar em que todos se misturavam e marcavam encontro”

¹³ Picaresco, conforme o Dicionário Aurélio, significa burlesco, ridículo. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário de língua portuguesa*. Coordenação Mariana Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. Curitiba: Positivo, 2008, p. 382.

(1966, p. 174). O cronista experimentou, na década de 1940, os mesmos sentimentos que futuramente outros iriam sentir em relação à Rua da Praia, uma certa nostalgia em virtude de transformações ocorridas no espaço. Da mesma forma que outros cronistas que transitaram entre os jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, Meyer (1966, p. 176) afirmou que:

Como quem tenta repisar umas pegadas fantásticas, vamos andando no tempo, mais que no espaço, em busca de uma rua que não mudou de nome na boca do povo, mas já não parece a mesma rua, cortada agora por uma larga avenida, e sem a incisão pitoresca de alguns becos.

As obras são autobiográficas e reconstituem uma época da vida de Porto Alegre e foram escritas em duas etapas, com 17 anos de diferença. Meyer recebeu influências da geração simbolista que o antecedeu, por isso seus livros de memórias têm um tom lírico e nostálgico e o cronista resgatou uma época do cotidiano de Porto Alegre, contribuindo assim para a bibliografia sul-riograndense.

Mais tarde, em 1999, com outro enfoque, a historiadora Sandra Pesavento traçou um perfil de Porto Alegre desde a sua fundação na obra *O imaginário da cidade* (1999), abordando a vida literária e os cronistas que integraram as décadas de 1920, 1940 e 1950, como Aquiles Porto Alegre, Athos Damasceno Ferreira e Archymedes Fortini. É importante destacar a afirmação de Pesavento quanto ao discurso literário. Conforme a autora, falar sobre uma abertura de rua ou “da inauguração de um bonde elétrico são, ao contrário, pequenas aberturas que nos permitem ver coisas que não são visíveis em outro nível de análise” (1999, p. 287). A posição de Pesavento reforça a intenção da autora dessa pesquisa de interpretar a memória dos espaços mencionados e sujeitos sociais citados, porque é uma maneira de ver a cidade por outro prisma, por outro olhar. É como Pesavento afirma: “[...] chegar por um outro caminho, àquilo que não se encontra explícito no discurso oficial da *urbe*” (1999, p. 287).

Por sua vez, Charles Monteiro pesquisou em sua tese de Doutorado (2001), *Porto Alegre e suas escritas: histórias e memórias*, as crônicas de Aquiles Porto Alegre, jornalista que publicou 17 livros sobre Porto Alegre, entre 1914 e 1925. Aquiles destacou-se também como escritor e começou sua carreira na

Revista mensal do Partenon Literário. Suas crônicas sobre a cidade foram transcritas no livro *História Popular de Porto Alegre*, com seleção de textos de Deusino Varela, que organizou e publicou os textos, em 1940, sob o patrocínio da Prefeitura Municipal, homenageando o bicentenário do município. Monteiro mencionou a administração de Loureiro da Silva (1937-19443) e concluiu que historiadores e escritores podem ter a mesma formação, no entanto, eles respondem de maneiras diferentes à memória. Em sua investigação, Monteiro percebeu que os historiadores privilegiavam as ações dos dirigentes administrativos, enquanto os cronistas analisados produziam uma *outra* cidade.

Monteiro investigou tanto a produção dos historiadores como as crônicas de Aquiles Porto Alegre (1940) e de Nilo Ruschel (1970-72) para verificar como eles constituíram a história da cidade, e como foi determinada a escolha de espaços e sujeitos na reconstituição da memória de Porto Alegre. Ruschel iniciou a escrita de suas crônicas no *Caderno de Sábado* do jornal *Correio do Povo*, com o título *Rua da Praia*, sendo as mesmas publicadas, semanalmente, segundo Monteiro. O cronista descreveu sujeitos e espaços, reinventando uma *outra* Porto Alegre, a do passado, em suas crônicas, escritas durante o período de 1970-1972. Na época, a Prefeitura Municipal propôs a publicação das crônicas em livro, integrando as comemorações da *XII Semana de Porto Alegre*. Segundo Monteiro (2006, p. 423),

As crônicas nutriam-se do manancial de lembranças da memória coletiva, porém filtrado pelo lugar social do autor. [...] para isso, contava com a memória de leitores e amigos, companheiros de juventude, de jornalismo e de boêmia, para coletar ou corrigir seus relatos.

Os sujeitos lembrados por Nilo Ruschel eram diferentes daqueles evocados por outros cronistas, nas crônicas do final do século XIX e início do século XX. Mudam-se os tempos, mudam-se os atores. Isso acontece em relação às crônicas de Porto Alegre e às de Ruschel. Conforme Monteiro (2006), as de Ruschel “criavam um lugar de memória para uma época de ouro da vida pública porto-alegrense nos espaços centrais da cidade; Rua da Praia, Ladeira, Largo dos Medeiros, Praça da Alfândega”, entre outros. Mas o cronista não recordou apenas os espaços importantes, lembrou seu início de carreira, a época em que estudava e trabalhava como radialista, ressaltando que foram os tempos de

“ouro” das emissoras de rádio. Renato Maciel também cita esses momentos, a única diferença é que Renato Maciel só trabalhou em emissoras de rádio depois de publicar suas obras.

Outro cronista conhecido que deve ser mencionado é o jornalista Carlos Reverbel. Ficou famoso com suas crônicas que abordavam o gaúcho e sua história. Em 1935, começou a trabalhar na *Companhia Jornalística Caldas Júnior* – jornais *Correio do Povo* e *Folha da Tarde* – depois ingressou no jornal *A Razão*, de Santa Maria, em 1937, e ainda passou pelo *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 1938. Foi secretário da Província de São Pedro até 1947, e redator-chefe da Revista do Globo até 1949. Ao longo de sua carreira, passou por diversas fases no Jornalismo, tendo exercido várias funções de noticiário e correspondente na França e na Inglaterra. Integrou a geração de intelectuais da década de 1940, juntamente com Moysés Vellinho, Augusto Meyer, Darcy Azambuja e Erico Verissimo, entre outros. O grupo tinha como preocupação principal resgatar a memória do passado e criticar o presente.

Na década de 1970, Reverbel preocupava-se com a violência, a miséria e a “desumanização” de Porto Alegre, tema de diversas crônicas. Foi, nessa fase de sua carreira, que Reverbel escreveu textos que abordavam o cotidiano da cidade, sendo que um deles ficou muito conhecido, a *Bordinite*, referindo-se à rua Coronel Bordini, no bairro Moinhos de Vento, local onde morou com a família por muitos anos. Reclamava, em sua crônica, do barulho dos veículos que trafegavam pelas ruas do bairro, pois a agitação o incomodava. Seus textos foram reunidos no livro *Barco de papel* (1979), que tem crônicas como *Mal-amada* e *A buzina*, reflexões sobre Porto Alegre. Em *Mal-Amada*, Reverbel refletiu sobre a cidade, em tom impregnado de melancolia e saudosismo. Sua obra foi editada, na época, pela empresa Sul Brasileiro Seguros Gerais, cujo diretor era Renato Maciel. Uma nota do autor no livro, datada de abril de 1978, afirmava aos leitores que suas crônicas eram meramente jornalísticas, acrescentando que naquele momento, dedicava-se a produzir a memória de Rubem Braga, cronista que também é mencionado nesses estudos.

Na relação de cronistas do Sul, destaca-se também a obra de Moacyr Scliar, citada por Regina Zilberman (1992, p. 118), ao afirmar que o autor refletiu

sobre a situação da sociedade brasileira, pois seu texto é um pensar sobre o cotidiano, já que Scliar denuncia “os sintomas da vida presente [...] acompanha a instalação de certos segmentos na estratificação social da cidade e sua ascensão, até a solidificação de uma burguesia endinheirada pelo comércio” (1992, p. 118). Segundo Zilberman, o tema da comunidade judaica serviu como exemplo para Scliar ter abordado a prosperidade da sociedade burguesa.

Em suas crônicas, Scliar produziu histórias sobre Porto Alegre, privilegiando, principalmente o bairro Bom Fim, em Porto Alegre, onde nasceu e se criou, reduto da comunidade judaica. No prefácio de *Mistérios de Porto Alegre* (2004, p. 9) disse que “cidades têm História, com H maiúsculo, cidades têm histórias, com h minúsculo, cidades têm o folclore urbano, cidades têm — para usar o neologismo de Guimarães Rosa — estórias”. Acrescentou que “como todo o porto-alegrense, habito a cidade real, e também a cidade imaginária, que cada um traz dentro de si, com personagens fantásticos e histórias insólitas”. Ao analisar as crônicas urbanas de Scliar, inseridas em *Os mistérios de Porto Alegre*, Charles Monteiro (2004, p. 91) observa que

são narrativas da cidade ecoando no presente. Falas que manifestam uma pluralidade de vozes, evidenciando os ‘traumas’ causados pela aceleração do tempo e a ruptura com o passado, que aquele presente procurava superar através da reelaboração da memória.

De acordo com Monteiro, a primeira edição da obra é datada de 1976, reunindo 22 crônicas que, originalmente, foram publicadas no jornal *Zero Hora*, onde Scliar trabalhava. Monteiro (2004, p. 97- 98) afirma que o cronista tem um diferencial em relação a outros cronistas, porque “Scliar situa-se na corrente do realismo fantástico que se desenvolve na literatura latino-americana a partir de 1960”. Observa que “o cronista trata de temas contemporâneos como as mudanças na paisagem urbana, a especulação imobiliária, a aceleração do tempo, os problemas de trânsito, entre outros. Acrescenta que os temas apresentam uma linguagem com “humor e ironia numa linguagem coloquial” (2004, p. 98), estabelecendo o autor um processo de cumplicidade com o leitor.

Também tornaram-se conhecidas as crônicas, publicadas em jornais de Porto Alegre, de Sérgio Jockymann, Kenny Braga (mais na área esportiva), Luís

Fernando Verissimo (um dos mais vendidos, na década de 1980, com a obra *O analista de Bagé*), Sérgio da Costa Franco e Ivette Brandalise, que assinava uma crônica diária no jornal *Folha da Tarde*. O prefácio escrito por Antônio Hohlfedt na obra *Posso falar com você* (1979, p. 7), de Ivette Brandalise, coletânea de suas crônicas, publicadas nos jornais da Empresa Jornalística Caldas Jr., apresenta os cronistas da época. Segundo Hohlfedt, nas décadas de 1950 e 1960, “a crônica tinha seu eixo geográfico no centro do país, mais especialmente no Rio de Janeiro” (1979, p. 8). No entanto, conforme o jornalista, é no Rio Grande do Sul, onde estão os cronistas mais significativos, citando entre outros, Luís Fernando Verissimo, Sérgio da Costa Franco.

As crônicas de Ivette Brandalise têm temas diversos, que envolvem a cidade de Porto Alegre, os personagens, a vida e a mulher. Hohlfedt afirma que Ivette tem “posicionamentos quanto aos desafios da vida urbana no dia a dia da grande cidade”. (1979, p. 9). Ele comenta seu estilo irônico e sua maneira franca nas posições adotadas e ressalta que permanece presente sua capacidade de diálogo com o leitor. Os textos de Brandalise sobre a cidade abordam os problemas enfrentados pela população com os serviços que não funcionam.

A crônica *Guardas na Rua da Praia* (1979, p. 20) de Brandalise relembra de forma nostálgica o tempo em que guardas transitavam pela rua e protegiam o público. Como a jornalista mesmo diz: “Eu sou do tempo em que se andava na Rua da Praia tranquilamente, sem precisar apertar a bolsa debaixo do braço, porque os guardas estavam ali”. Outra crônica *Equívoco* (1979, p. 21) critica a atuação do DOPS e o fato de o Departamento ter incluído em seus fichários, o nome de três universitários que tentaram impedir a derrubada de árvores na avenida João Pessoa, em Porto Alegre.

Outro cronista que merece uma menção é Sérgio Jockymann que, por muitos anos assinou crônicas no jornal *Folha da Tarde*, com uma linguagem direta, popular, quase ferina, segundo os comentários de colegas da época. Atuou como romancista, poeta e teatrólogo e ainda escreveu para vários jornais gaúchos como *Zero Hora* e *Vale dos Sinos*.

Já em tempos atuais, renova-se a pesquisa a respeito de cronistas e a crônica continua sendo uma fonte importante, tornando-se um recurso para os pesquisadores, porque os mesmos conseguem esboçar um panorama de época, por meio de interpretação dos textos. Luiz Antônio Maroneze, autor da tese de Doutorado *Porto Alegre em dois cenários: a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas* (2007) enfoca cronistas modernos, unindo o passado e o presente. O autor apresenta em seu trabalho dois momentos históricos distintos, com o objetivo de contextualizar os atores e as obras investigadas. No primeiro, relê duas obras de Theodomiro Tostes, *Nosso Bairro: Memórias e Bazar*, fontes literárias que descrevem o imaginário do moderno em Porto Alegre. No segundo, investiga a crise do moderno nos cronistas contemporâneos, analisando as crônicas de Martha Medeiros, David Coimbra, Liberato Vieira da Cunha e Paulo Sant'Ana, entre outros. Todos os trabalhos mencionados enriquecem a memória de Porto Alegre, tornando-se fontes para pesquisas posteriores.

2.4 HUMOR: DE ARISTÓTELES A PROPP

Ridendo dicere verum
(Rindo, dizer a verdade)- Horácio

O humor pode mudar na essência, conforme os tempos e as pessoas envolvidas, provocando o riso puro e simples que diverte, mas em sentido geral poderá também ter conotação de zombar do outro e ser irônico. A ironia, um tipo de humor, poderá surgir na fala ou na escrita ferina, muitas vezes, não entendida pelo interlocutor e, por último, há a sátira, paralela à zombaria, pois a intenção do emissor é criticar os defeitos de seu receptor. São formas de comunicação existentes desde a era clássica, quando os oradores já traçavam extensos tratados sobre o riso e todos chegando a mesma conclusão: o humor é difícil de ser conceituado.¹⁴

Nessa pesquisa, toma-se o cuidado para não deixar que o riso despreendido das páginas de Renato Maciel seja mal interpretado, não merecendo o devido

¹⁴ Os conceitos sobre o humor estão melhor definidos no capítulo 3, quando se analisa a linguagem humorística de Renato Maciel nas crônicas.

mérito que a História presta aos fatos narrados. Porque a História está presente nas crônicas de Renato Maciel, através de suas crônicas, e não se desfaz nem com o humor. Os sujeitos que foram personagens de suas histórias passearam pelas ruas de Porto Alegre e na escrita do cronista da cidade ficou o registro de costumes de um tempo passado. Segundo Elizabeth Rochadel Torresini (1999, p. 50), “os intelectuais pensam a cidade e a refletem de uma forma diferente do resto da população, porque acabam transformando-a em memória. Através deles a cidade ganha história e torna-se livro, quadro, cinema, teatro, música”.

As crônicas de Renato Maciel foram escritas com humor. Esse conceito já estudado por Aristóteles, na Antiguidade, relacionou-se à comédia, quando o filósofo refletiu sobre o tema no capítulo V de sua *Poética* (1997, p. 25). Segundo Aristóteles, a comédia é “a imitação de pessoas inferiores, não, porém, com relação a todo o vício, mas sim por ser o cômico uma espécie do feio”. Esses homens “inferiores” eram as pessoas comuns da *pólis*. Aristóteles acrescentou que a comicidade é “um defeito e uma feiúra sem dor nem destruição.” Cícero, outro autor romano, em *De oratore (Do orador)*, adotou de forma indireta as mesmas ideias de Aristóteles.

A discussão continuou depois com Quintiliano, professor de Oratória que nasceu na Espanha, mas viveu sempre em Roma. Os dois, Cícero e Quintiliano escreveram sobre o riso, tema da pesquisa da dissertação de Mestrado de Ivan Neves Marques Júnior, defendida na Universidade de São Paulo, em 2008. *O riso segundo Cícero e Quintiliano* (2008, p. 19), de Marques Júnior, é uma tradução de dois fragmentos de tratados retóricos, que tratam do riso na oratória. O primeiro discurso chama-se *De ridiculis* e foi escrito por Cícero. Para o autor da dissertação, “Cícero e Quintiliano dizem que saber provocar o riso é algo relacionado à natureza, um talento natural.”

Em sua pesquisa, Marques Júnior reafirma a posição apresentada, anteriormente, sobre Aristóteles, de que o riso encontra-se nas imperfeições do homem, “naquilo que é quase feio ou deformado, enfim, naquilo que torpe e imperfeito” (2008, p. 148-149). Interessante é atentar para as vantagens do riso, citadas por Quintiliano e traduzidas por Marques Jr. De acordo com Quintiliano, entre os benefícios do riso está o de “abrandar a tristeza e a severidade das

coisas desagradáveis [...] os sentimentos tristes, a seriedade e a atenção aos fatos causam nos ouvintes a saturação e a fadiga.” Conclui Marques Júnior que o riso surge assim como para aliviar o homem. Pensar sobre o humor, em todas as suas nuances, tem-se a possibilidade de o riso servir de instrumento para aliviar tensões.

Partindo dos questionamentos dos clássicos, passando pela definição de São Tomás de Aquino de que *ludus est necessarius ad conversationem humanae vitae* (O humor é necessário para a vida humana), chega-se à atualidade e aos comentários expostos por Jan Bremmer (2000, p. 29). Esse autor ressalta que “era típico da civilização grega que as ocasiões de riso e zombaria não fossem as do cotidiano, mas as do convívio social e das festividades [...] os grandes festivais religiosos permitiam aos gregos relaxar os padrões habituais de comportamento e entregar-se ao riso autêntico e ao humor irreverente.”

Outro teórico que aborda o riso é Mikhail Bakhtin, em relação à cultura popular na Idade Média e no Renascimento, tendo pesquisado a obra do escritor francês François Rabelais. O teórico russo reflete sobre as festividades do carnaval e a importância do riso popular na Idade Média e no Renascimento. Segundo Bakhtin (1993, p. 10):

o riso carnavalesco é em primeiro lugar patrimônio do povo [...] todos riem, o riso é geral; em segundo lugar, é universal, atinge a todas as coisas e pessoas [...] o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso.

Bakhtin reconhece que “o riso tem uma significação positiva, regeneradora, criadora”, discordando de teorias como a de Bergson, que “acentuam de preferência suas funções denegridoras” (1993, p. 61). Bakhtin critica “o fim negativo de ridicularizar, através do ponto de vista distorcido da sátira e da condenação moral” (p. 55), observando que esse tipo de sátira é feito a partir de uma visão burguesa. Ressalta Bakhtin que o riso refere-se a aspectos de caráter negativo, pois o que é importante e essencial não pode ser motivo de riso. É o pensamento de Vladímir Propp. Ao concluir, afirma que “o riso permaneceu sempre uma arma de liberação nas mãos do povo” (1993, p. 81).

Nesse estudo, que tem como *corpus*, crônicas humorísticas sobre o riso que é a consequência de um humor inerente a algumas pessoas, já que nem todas têm esse dom, utiliza-se a teoria de Vladímir Propp (1895-1970), pois sua tipologia é a mais adequada às crônicas de Renato Maciel. Na obra *Comicidade e Riso*, Boris Schnaidermann que assina o prefácio do livro do teórico, ao mencionar Propp (1992, p. 6), afirma que ele foi

um pensador marxista [...] ele ficou muito marcado por um duplo estigma: pertencia ao grupo de estudiosos que constituíram o assim chamado Formalismo russo. [...] Depois da interdição pura e simples do Formalismo Russo, os seus integrantes continuaram participando da vida intelectual, embora impedidos de aplicar testes teóricos. Propp continuou então exercendo o seu cargo de professor da Universidade de Leningrado.

De acordo com as notas dos editores soviéticos (1992, p. 13), Propp, que nasceu em 1895 e faleceu em 1970, era um “famoso filólogo soviético que lecionou na Universidade de Leningrado de 1938 até o final de sua vida”. Entre suas obras, cita-se *Morfologia do conto maravilhoso* (1928) e as *Raízes históricas dos contos maravilhosos* (1946). Propp também realizou pesquisas sobre o folclore como *O epos heróico russo* (1955) e *Festas agrárias russas* (1963). Os editores ressaltam que, em muitos aspectos, a nova obra de Propp tem partes inacabadas sobre a comicidade, mas ele organizou uma tipologia do que é cômico e provoca o riso, com base, principalmente, na literatura e no folclore russo, utilizando ainda fontes alemãs.

Segundo Propp, todo o homem ri, existindo vários tipos de riso que, posteriormente, serão mencionados. No entanto, ele observa que “cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas.” (1992, p. 33). Por exemplo, nos anos 1980, os editores afirmavam que os livros de humor vendiam bem, porque era época de crise econômica e os leitores precisavam se divertir um pouco, para aliviar a tensão. Nesse tempo, o humor satírico estava estampado nos jornais, revistas e livros.

Em seu tratado sobre a comicidade, Propp afirma que o homem tem um dom natural, mas logo adiante ressalva que nem tudo é objeto de riso, como

aquilo que mostra dor ou sofrimento. Também acrescenta que há pessoas que são incapazes de rir, talvez porque estejam presas a seus pensamentos. Aceita-se a opinião de Propp, quando o teórico destaca que o homem ri de uma situação ridícula e em sua teoria, as significações de cômico e ridículo são as mesmas.

Acrescentando que “humoristas natos” aparecem em todas as classes sociais, Propp divide o riso em duas grandes categorias: o riso da zombaria — que engloba a comicidade da semelhança, das diferenças, o homem com aparência de animal, o homem-coisa — e outros tipos de riso como o bom, o maldoso, o cínico, o alegre, o de ritual e o imoderado. Propp classifica-os de maneira minuciosa e com seriedade.

Segundo o autor, o riso surge de um defeito oculto que a primeira vista não se percebe, mas quando ele surge é possível ver. De acordo com Propp (1992, p. 44), “o riso é a punição que nos dá a natureza por um defeito qualquer oculto ao homem, defeito que se nos revela repentinamente.” Exemplo disso é a natureza física do homem, se o homem é gordo ou magro demais, se tem nariz pequeno ou grande, demais, se suas orelhas são de abano ou não, ou isto é, a aparência física de uma pessoa faz com que ela, muitas vezes, seja alvo de piadas.

O riso de zombaria — que envolve a comicidade por semelhança ou pelas diferenças, a ridicularização em relação às profissões, algumas crônicas de Renato Maciel inserem-se aqui, a paródia, que é a imitação, o exagero cômico, os alogismos que são os absurdos — torna-se importante para esse estudo, na medida em que desconstrói sujeitos conhecidos que detinham certa autoridade durante a época narrada por Renato Maciel. Comentando sobre os instrumentos linguísticos da comicidade, Propp (1992, p. 119) afirma que “a língua constitui um arsenal muito rico de instrumentos de comicidade e de zombaria” e observa que todos esses instrumentos merecem um estudo detalhado e cuidadoso.

Outros tipos de riso como a ironia, citada pelo teórico, possibilita a desconstrução do sujeito, alvo do ridículo. Eis as palavras do Propp (1992, p. 125):

na ironia expressa-se com as palavras um conceito mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário. Em palavras diz-se algo positivo, pretendendo ao contrário, expressar algo negativo, oposto

ao que foi dito. A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade.

A narrativa de Renato Maciel contém o riso considerado bom, alegre, saudável, até o de zombaria, provocados pelos personagens citados por Renato Maciel. Os que não seguiram as normas prescritas pela coletividade, provocaram o riso no leitor, em razão do ridículo exposto. Segundo Propp, (1992, p. 60).

há normas de conduta social que se definem em oposição àquilo que se reconhece como inadmissível e inaceitável. Essas normas são diferentes para diferentes épocas, diferentes povos e ambientes sociais diversos. Toda a coletividade, não só as grandes como o povo no todo, mas também coletividades menores ou pequenas — os habitantes de uma cidade, de um lugarejo, de uma aldeia, até mesmo os alunos de uma classe — possuem algum código não escrito que abarca tanto os ideais morais como os exteriores e aos quais todos seguem espontaneamente. A transgressão desse código não escrito é ao mesmo tempo a transgressão de certos ideais coletivos ou normas de vida, ou seja, é percebida como defeito, e a descoberta dele, como também nos outros casos, suscita o riso.

Em princípio, sobre o riso provocado pelas crônicas de Renato Maciel, é possível afirmar que predomina o riso de zombaria, conforme a classificação de Propp. O tom de zombaria, seja no título ou em alguma frase, escrita com sutileza e elegância ocorre com determinados sujeitos, que serão analisados, posteriormente. São indivíduos que transgrediram as regras impostas pela sociedade e acabam se tornando, muitas vezes, alvos do ridículo, provocando o riso em quem assiste a cena ou em quem lê a sua história. Diz Propp (1992, p. 29) que “tanto a vida física quanto a vida moral e intelectual do homem podem tornar-se objeto de riso [...] nas obras humorísticas de qualquer gênero o homem nos é mostrado naqueles aspectos que são objeto de zombaria também na vida”.

Há outro autor que pesquisou sobre a comicidade, Henri Bergson, que encara o riso de uma outra forma. Seus conceitos são registrados, porque se considera importante suas definições sobre o riso. No entanto, pretende-se adotar as categorias sobre o riso criadas por Vladímir Propp, porque são mais apropriadas às crônicas de Renato Maciel. Já Bergson estudou o cômico em seus aspectos filosóficos, psicológicos e sociais. Em 1900, publicou o livro *O riso*:

ensaio sobre a significação do cômico, que é resultado de três artigos sobre o riso, publicados na *Revue de Paris*, de fevereiro a março de 1899. Professor de Filosofia no *Collège de France*, ele procurou conhecer o que produz o cômico, afirmando que antes os debates sobre o tema eram sobre os efeitos do cômico.

Segundo Bergson, (1982, p. 19) “o riso é um gesto social”. Pelo temor que o riso inspira, ele reprime as excentricidades, acrescentando que “atitudes, gestos e movimentos do corpo humano são risíveis.” (1982, p. 23). Afirma também que desenhos podem ser cômicos, exemplificando com o trabalho de um cartunista, da mesma forma que os imitadores são cômicos, e dá ênfase à repetição de gestos que tornam a ação divertida, como o brinquedo de mola, que sobe e desce. Um dos itens importantes na conceituação de Bergson é o que ele chama de ridículo profissional, que pode acontecer na aparência física.

Diz ainda que o riso está ligado à vida, aos gestos, atitudes e movimentos do ser humano. Em *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*, o autor ressalta que tanto a ironia como o humor são “formas de sátira, mas a ironia é de natureza retórica, ao passo que o humor tem algo de mais científico”. Para ele, “o humor gosta de termos concretos, de pormenores técnicos, dos fatos rigorosos e ressalta que “o humorista é um caso disfarçado em cientista (1982, p. 68). Para o filósofo, “é cômico todo o arranjo de atos e acontecimentos que nos dê, inseridas uma na outra, a ilusão da vida e a sensação nítida de uma montagem mecânica” (1982, p. 42). Esta montagem está relacionada ao que Bergson denomina de movimentos repetitivos, que acabam por se tornarem engraçados.

Bergson (1982, p. 46) no subcapítulo intitulado *O fantoche e os cordões* afirma que “tudo o que há de sério na vida advém de nossa liberdade. O sentimento por nós nutridos, as paixões incubadas, as ações deliberadas, contidas, executadas, enfim, o que vem de nós e que é bem nosso”. Todos sabem que a liberdade é algo sério e por isso a vida, às vezes, se torna um drama. Se a vida é dramática, como transformar tudo o que está ao nosso redor em comédia, indaga Bergson.

O próprio Renato Maciel transformou sua vida, quando resolveu escrever as memórias de Porto Alegre, utilizando-se de depoimentos de pessoas que

viveram os anos 1940 e 1950. Mesmo atrelado ao drama de sua doença e sabedor de que vivia em um mundo onde sua liberdade estava restrita e que o momento era de driblar, conseguiu transformar o dramático em comédia. Por isso, menciona-se Bergson que diz ser preciso ter pelo menos uma liberdade aparente como os marionetes, brinquedos de corda. Então, é necessário rir. Esse foi o propósito de Renato Maciel. Driblar os momentos difíceis de 1980 e os percalços de sua vida com a escrita humorística, não deixando de usar a palavra para criticar e atingir seus alvos.

Ao analisarem a comicidade das situações, tanto Bergson como Propp afirmam que o riso sempre estará ligado à vida do ser humano. O que os diferencia é que Bergson quis averiguar qual a intenção da sociedade quando ri, pois para ele o riso deve exercer uma função social e para compreendê-lo, é preciso analisá-lo em seu ambiente que é a sociedade. Ao buscar a explicação na comédia, na farsa, nas brincadeiras do palhaço e na caricatura, Bergson concluiu que o riso é fruto de uma “desarmonia”, procurando conhecer a causa disso. Já Propp é menos filosófico e admite que o riso advém de um defeito oculto que, à primeira vista, não se percebe e só quando uma outra pessoa nos mostra, conseguimos enxergar. Propp classificou os risos de diversas maneiras, incluindo o bom e o alegre, que para Bergson não existe. Ele é categórico ao afirmar que não há riso bom, pois o riso humilha.

Em termos de Brasil, outro autor que aborda o assunto é Elias Saliba (1998), tratando o humor como uma crítica social, pois ele afirma que é uma arma de protesto. Saliba em suas duas obras: *Raízes do Riso* (2003) e no volume 3 de *História da vida privada no Brasil* (1998) no capítulo *A dimensão cômica na vida privada na República* analisa a representação humorística no período de transição do Império para a República. Nesse caso, o humor serviu para criticar os desvios da República. Nas primeiras décadas do século XX, o humor vai buscar novas linguagens, por meio das charges, sátiras, anedotas. De acordo Saliba, os humoristas da virada do século XIX para o XX, abriram o caminho para as manifestações do cômico no rádio e cinema do Brasil. Sobre os meios de comunicação, ele menciona que a década de 1950 foi a era do rádio, temática presente nas crônicas de Renato Maciel.

Assim, as teorias existentes sobre o riso são diversas, sendo que cada autor aborda um aspecto da questão. Nos anos 1950, a chanchada foi um grande sucesso, apresentando a troca de posições sociais, tipos e personagens. Na verdade, o humor brasileiro representava as fraquezas e ambiguidades da vida brasileira. Outro meio de comunicação relevante na época foi a publicidade no jornal e revistas, incluindo a televisão, todos expressando o descompasso entre o público e o privado. “A solução era rir”, como finaliza Saliba.

O humor é divertido e sério ao mesmo, assim Henk Driessen (2000, p. 251)¹⁵ define o humor e acrescenta que se torna “fascinante” para historiadores e antropólogos, porque fornece pistas sobre o que realmente é importante na sociedade. Esse tema está mais ligado a obras de literaturas em geral, ou estudos sobre o humor, pois são poucos trabalhos que se dedicam a pesquisar o humor em determinado grupo ou cultura, como o riso dos políticos, outro exemplo dado pelos autores. É importante existirem esses estudos, porque possibilitam novos rumos para a História Cultural. O riso não pode ser associado às classes sociais mais baixas ou à cultura popular. “Realmente, nos últimos anos, os estudiosos perceberam cada vez mais que foi a elite que mais desfrutou do material humorístico”, segundo Jan Bremmer e Herman Roodenburg (2000, p. 16).

“Devemos encontrar o sentido do riso” afirma Henk Driessen (2000, p. 251). Driessen menciona definições sérias sobre o humor e mostra o quanto a palavra pode ajudar a decifrar culturas e sentidos de vida. Segundo Driessen (2000, p. 251),

O humor é divertido e sério ao mesmo tempo; é uma qualidade vital da condição humana. O que o torna fascinante é relevante para antropólogos e historiadores é o fato de fornecer pistas para o que é realmente importante na sociedade e na cultura, incluindo a subcultura acadêmica. O humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas e nos oferece um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura.

¹⁵ Inserido no artigo *Humor, riso e o campo: reflexões da Antropologia*, publicado em *Uma história cultural do humor*.

No entanto, Driessen (2000, p. 251) ressalta que há um fator difícil tanto para o antropólogo como para o historiador, que se refere à linguagem. Há um problema de “discurso, de duplo ou mesmo triplo sentido”. No artigo, o autor menciona vários exemplos. Concorda-se que um texto escrito em tom humorístico pode ser passível de ter mais de uma interpretação, inclusive, porque nem todos compreendem um texto irônico, o não-dito. Sobre a ironia, refletiu-se posteriormente durante a análise de algumas crônicas. Driessen relembra diversas passagens de sua vida profissional e o quanto teve dificuldades em contatar com culturas diferentes. Em dado momento, esclarece algumas situações e convicto diz que “é sabido que o humor político floresce quando há repressão política e dificuldades econômicas”. Os jornais, principalmente, são prova disso, porque, em tempos, de crise, as charges e caricaturas florescem nas páginas, o que também ocorreu quando os imperadores estavam no poder.

A leitura das crônicas de Renato Maciel fará o leitor refletir sobre o comportamento de uma elite intelectual e política, que convivia em tempos mais calmos do que os da época da escrita de Renato. Momentos que favoreciam os encontros. O cronista usou o exagero, a ironia, a sátira para desmistificar certas profissões. Isso aconteceu ao relatar os casos ocorridos com os sujeitos mencionados nas histórias.

Primeiramente, questionava-se a possibilidade de existir em Renato Maciel uma narrativa humorística com um tom moralizador. No entanto, durante a releitura de todas as crônicas, observa-se que não havia uma lição de moral propriamente dita nos textos. O que transparece é que o narrador deixa para o leitor a tarefa de interpretar seu texto. As crônicas têm nomes fictícios de autoridades, amigos e desconhecidos. O poder estava em xeque, os desmandos, de uma certa forma, denunciados, e tudo isso em uma linguagem leve e solta, à beira de uma ironia, de um deboche não sarcástico. A História vai sendo contada de outra forma, em tom humorístico. A memória foi sendo resgatada de maneira leve, sem a pretensão de ditar parâmetros.

Textos escritos para fazer graça são passíveis de sérias interpretações como as encontradas em artigos escritos por historiadores e antropólogos. É possível exemplificar com o ensaio intitulado *Aristóteles na Rua da Praia*, escrito

pelo antropólogo Jorge Pozzobon em *Porto Alegre caricata: a imagem conta a história*. O autor observa que “o historiador é uma espécie de antropólogo na máquina do tempo [...] a história se diz de muitos modos, inclusive através dos vários modos de achar graça” (1993, p.7- 8). Por isso, é importante refletir sobre o humor, recurso muito utilizado nos jornais, após o advento da República no Brasil, pois a obra satírica do criador tem como referência a realidade que o cerca. Ao voltar os olhos ao passado, o artista busca recuperar a sua própria época. Na mesma obra, há a posição de Sandra Jatahy Pesavento (1993, p. 27):

Caricaturas, charges, piadas e sátiras revelam um olhar crítico e mordaz sobre o real, cabendo ao historiador realizar as mediações necessárias, possíveis e múltiplas com o contexto econômico social e político onde medrarem aquelas expressões da arte do cômico. Mais do que isto, resgatar as imagens do cômico implica surpreender novas facetas da vida da cidade, descobrindo uma alegre — ou trágica — Porto Alegre [...]. Encarada desta forma, a arte do cômico pode ser um assunto muito sério...

Nas crônicas de Renato Maciel, as verdades foram ditas em forma de anedotas, brincadeiras e palavras leves. Os personagens das histórias de Maciel tiveram seus nomes modificados de forma engraçada, para preservar a família dos citados nas crônicas. Sobre as crônicas de Renato Maciel, seu amigo, Luís Fernando Verissimo, ressaltou que as crônicas tratavam de “um tipo de humor que talvez só fosse possível na grande cidade pequena que era Porto Alegre da época” (ARP1, 1981, p. 7). A pequena grande cidade citada por Verissimo, a dos anos 1940/50 já estava também desenvolvida em relação às décadas passadas. Só que em 1980, ela foi considerada provinciana. As cidades se modificam, pois em 2011 percebe-se uma *outra* Porto Alegre diferente daquela de 1980, com menos habitantes e menos desenvolvida. Apresentar o passado com humor foi a fórmula que Renato Maciel encontrou para aliviar as pressões de seu tempo.

Os sábios gregos e romanos já estavam convictos de que o humor aliviava as tensões, conforme Marques (2008, p. 38), e os antropólogos atuais afirmam que o riso pode libertar o homem. Acredita-se nessa versão, porque os momentos de humor ajudam a aliviar épocas tensas, como os tempos vividos no início nos anos 1980, quando Renato Maciel escreveu suas crônicas.

Figura 1- Rua da Praia – Anos 1950



Fonte: Studio OS. Acervo do Museu Felizardo/
Fototeca Sioma Breitman

Quadro 1 - Temas nas três obras de Renato Maciel de Sá Jr.

	Anedotário da Rua da Praia 1	Anedotário da Rua da Praia 2	Anedotário da Rua da Praia 3
TEMAS	Mulheres, médicos, advogados, policiais, Odonne Greco, Rua da Praia, confeitarias, farmácias, igrejas, anos 1930 e 1940	Advogados, médicos, militares, políticos, jornalistas, Odonne Greco, radialistas, Rua da Praia, Praça da Alfândega, emissoras de TV, festas, anos 1930 e 1940	Mulheres, militares, políticos, radialistas, Odonne Greco, Rua da Praia, bares, igrejas, anos 1920, 1930, 1940, 1950, 1960 e 1970.

Fontes: MACIEL DE SÁ JR., Renato. *Anedotário da Rua da Praia 1*. Rio de Janeiro: Globo, 1981.

_____. *Anedotário da Rua da Praia 2*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

_____. *Anedotário da Rua da Praia 3*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.



Mistura de tipos, de função e atividades, a ordenação da rua idealizada, asséptica, bela e tranquila, contrasta com o bulício da inevitável desordem trazida pelas mudanças urbanas.

Sandra Jatahy Pesavento

A ESCRITA DE RENATO MACIEL: PORTO ALEGRE REVISITADA

3 A ESCRITA DE RENATO MACIEL: PORTO ALEGRE REVISITADA

*Quem não pode lembrar o passado,
não pode sonhar o futuro e, portanto,
não pode julgar o presente.*
Walter Benjamin

Para entender o universo registrado nas crônicas de Renato Maciel, reflète-se sobre a cidade de Porto Alegre da década de 1980, época da narrativa das crônicas. Ao retornar ao passado, são nítidas as mudanças que ocorreram na cidade da memória de Renato Maciel, lembranças que remetem aos anos de 1930/40.

O dom de relembrar as histórias de Porto Alegre com muito humor foi aplaudido pela mídia na década de 1980, porque reavivou a memória de tempos de *ouro* de uma cidade, ainda pouco habitada, a *belle époque* da Rua da Praia, comentou o jornalista Carlos Reverbel.¹⁶ Renato Maciel narrou sobre acontecimentos engraçados vividos por pessoas daquele tempo como Oddone Greco e Fanha, após pesquisa feita em jornais, museus e depoimentos de amigos e jornalistas, conforme consta nos agradecimentos de cada obra de Renato Maciel.¹⁷ Esse tipo de crônica é a tônica em suas obras. Para organizar as histórias que lhe foram relatadas, teve o auxílio de profissionais que mencionaram vários tempos, entre 1920 e 1950, privilegiando na escrita, principalmente, políticos, policiais, militares, professores e médicos.

São várias épocas que surgem nas crônicas de Renato Maciel, mas predominam os anos 1940 e 1950. O cronista reuniu essas narrativas em torno da Rua da Praia, sem obedecer uma metodologia, pois os personagens que aparecem na primeira obra, também surgem no segundo e terceiro livro. A Porto Alegre descrita por Renato Maciel tinha momentos de quietude, o que não acontecia nos anos 1980, o da escrita. Em 1930, a cidade começou um processo de modernização e a paisagem mudou. Mesmo assim, anos 1950, Porto Alegre ainda tinha ares de cidade pequena, diferente da metrópole dos anos 1980.

¹⁶ A declaração foi feita na introdução da obra *Anedotário da Rua da Praia 2* (1982, p. 19).

¹⁷ Mais adiante serão citadas as pessoas referidas por Renato Maciel.

Do início do século XX até os dias atuais, os sujeitos e os espaços da de Porto Alegre mudaram. O contexto nacional na década de 1980¹⁸ era outro, a cidade não estava tranquila e os trotes e as brincadeiras que os personagens de Renato Maciel pregavam, no passado, em seus amigos no universo da Galeria Chaves, não mais ocorriam. Refletir sobre os anos 1980 e sobre o humor nas crônicas de Renato Maciel torna-se importante, na medida em que se procura estabelecer uma relação entre o momento da escrita e o tempo narrado, porque o autor não vivenciou as histórias que contou, mas sentiu necessidade, como mesmo confessou, de não deixar escapar esses instantes. O cronista partiu da memória de outras pessoas para narrar sobre uma Porto Alegre do passado.

Mas o que para Renato Maciel era importante lembrar? Com ainda um pouco de reserva, afinal era o início da abertura política, em época de governo militar¹⁹ na década de 1980, suas histórias narram fatos, antes proibidos. Começava aos poucos um período de maior liberdade, não total, mas já era permitida uma certa ousadia. A palavra é exatamente essa: ousadia. Foi desta maneira que Renato Maciel resolveu mencionar os militares, policiais e colocá-los em suas crônicas. Todos com algum apelido bem sugestivo, gerando títulos engraçados.

É importante registrar que a maioria dos cronistas que escreveu sobre Porto Alegre ou que foi tema de pesquisas acadêmicas era jornalista, o que não foi o caso Renato Maciel que exerceu diversos cargos em sua vida profissional. Em entrevista²⁰ concedida à autora dessa pesquisa, a viúva Maria Cristina Maciel de Sá relatou que Renato Maciel nasceu no dia 27 de abril de 1941, no Rio de Janeiro. Filho de Esther Lya Lay Maciel de Sá e de Renato Maciel de Sá. A família da mãe era de Rivera (avó brasileira e avô uruguaio). A do pai era do Rio de Janeiro e de Pelotas. O pai de Renato Maciel foi funcionário do Banco do

¹⁸ A década de 1980 é mencionada na *Introdução* dessa pesquisa e também analisada por diversos autores no Capítulo 4, quando se reflete sobre a memória.

¹⁹ O jornalista Ivan Pinheiro Machado, editor da L&PM Editora, www.lpm.com.br, fundada em 1974, divulga em seu site oficial que a editora foi um “veículo de resistência ao regime militar”. Edgar Vasques, Moacyr Scliar, Luís Fernando Verissimo e Josué Guimarães estão entre os nomes publicados pela L&PM.

²⁰ A entrevista foi concedida à autora da tese em 22 de julho de 2010, em Porto Alegre.

Brasil e ao ser transferido para Santana do Livramento, o filho tinha três anos de idade. Na ocasião, foram morar na casa dos avós maternos. Por isso, o autor sempre destacou a importância de sua vivência na fronteira com o Uruguai.²¹ Renato Maciel viveu a infância em cidade pequena, na casa dos avós, que aprimoraram sua educação, proporcionando-lhe aulas de inglês e de piano.

Quando Renato Maciel tinha 10 anos, seu pai foi transferido para Porto Alegre e sua família foi morar na Rua da Praia, no edifício do Clube do Comércio,²² localizado na Praça da Alfândega, local de suas lembranças posteriores. Segundo Maria Cristina Maciel de Sá, o cronista não gostou da mudança, pois sentia falta da casa dos avós e da liberdade que tinha em Rivera/Santana. Nesse tempo, estudou no Colégio Rosário. Como não trouxeram o piano da casa dos avós, a família resolveu que ele teria aulas de gaita, o que detestou. No entanto, já havia uma tendência musical, que se manifestaria anos depois.

Nova mudança em 1956/57 e Renato (pai) foi convidado por João Goulart para a chefia da carteira agrícola do Banco do Brasil, no Rio de Janeiro. Lá, Renato Maciel estudou no colégio Melo e Souza, em Ipanema, muito liberal. Gostou tanto da temporada no Rio de Janeiro como da escola.

A volta para Porto Alegre se deu um ano depois, terminando os estudos novamente no colégio Rosário. Depois, Renato Maciel fez vestibular para Direito e entrou na faculdade com 17 anos, colocando-se entre os primeiros lugares na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele foi excelente aluno de Latim e Português. Começou a trabalhar como estagiário em empresas da família de seu cunhado. Naquele momento, a família morava em um espaçoso apartamento na rua 24 de outubro e Renato Maciel tocava bateria, tendo convidado amigos de

²¹ Em entrevista para a revista *Quem*, de Porto Alegre, (abr. 1983, p. 18), Maciel afirmou que falava o *portunhol* e tinha herdado “alguns valores do gaúcho fronteirista: um espírito alegre e brincalhão, mas muito bravo nas horas de irritação”.

²² Renato Maciel, 30 anos depois, sabedor que estava doente, retornou com suas histórias ao passado de Porto Alegre, através de outras vozes, e começou a escrever sobre os acontecimentos dessa época, todos tendo como cenário, a Praça da Alfândega e a Rua da Praia.

outros cursos da Universidade para formarem um conjunto.²³ Os ensaios eram na rua Ramiro Barcelos na casa de um estudante de engenharia, o *Maneca*, que tocava piano. No início, o conjunto chamava-se *Renato e seu sexteto* e depois ficou *Renato e seu conjunto*, que obteve muito sucesso nos bailes da Reitoria, do Clube do Comércio, e nos aniversários de 15 anos. Integravam ainda o conjunto, Benatti, Holmes Aquino que fazia a sonorização e uniu-se ao grupo em 1962, e ainda Sabino Loqrecio, que era o cantor. O mais famoso baile que o conjunto tocou foi o da *Universíade*²⁴, quando se revezou com o conjunto Norberto Baldauf,²⁵ conjunto musical conhecido na época.

Renato casou-se aos 22 anos e deixou o conjunto musical, em 1964, que continuou atuando e usando o seu nome. Mudou de área e fez concurso para delegado de Polícia e colocou-se em primeiro lugar. Em Porto Alegre, foi delegado do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Segundo declarações²⁶ de Renato Maciel aos jornalistas Airton Ortiz e Lúcia Mendes, do jornal *Tché*, na matéria *Entrevistamos o anedotarista da Rua da Praia*, entrou para o DOPS em 1965, “época de bastante repressão. Me formei delegado na Escola de Polícia, tirei o primeiro lugar e pude ficar em Porto Alegre”. Sobre sua função no DOPS, afirmou que “entrei trabalhando no serviço de arquivo, fazendo o fichário”. Ao ser indagado como era o fichário, falou: “Olha, por uma questão de ética eu não deveria... mas tu podes imaginar um arquivo. Se tu queres procurar por um nome, por uma situação, por uma data, por um movimento, tu vais no fichário, tu vais no *dossiê*. Pode ser individual, coletivo...” (nov. 1981, p. 9).

Continuou a advogar e largou a Polícia, em 1967, quando proibiram que um delegado praticasse outra atividade profissional. O cronista também

²³ O conjunto de Renato Maciel iniciou a tocar, em 1959. Quando Luís Fernando Verissimo entrou para o grupo, o mesmo passou a ter sete integrantes. Verissimo tocava e ainda toca saxofone. Quando terminaram com o conjunto, em 1974, eram 12 músicos, conforme informação dada pelo cronista ao jornal *Tché* (nov. 1983. p. 9).

²⁴ “Universíade é um evento multidesportivo internacional, organizado para atletas universitários pela Federação Internacional do Desporto Universitário (FISU)”. O nome é uma combinação das palavras Universidade e Olimpíada, aludindo aos Jogos Olímpicos”. Informação do site: pt.wikipedia.org. Acesso em 24/07/2011.

²⁵ Norberto Baldauf concedeu entrevista à emissora de rádio da Famedos/PUCRS, em 6 de novembro de 2007, contando como nasceu o conjunto. Disse que iniciou em rádio tocando em orquestra, o que era comum na época. Contou sobre a época da Rádio Farroupilha, quando seu conjunto era acompanhado por Edgar Pozzer e, outras vezes, por Elis Regina.

²⁶ As declarações de Renato Maciel estão inseridas no jornal *Tché* (nov. 1981, p. 9).

trabalhou no departamento jurídico de várias empresas do grupo Montepio da Família Militar e advogava, tendo seus clientes particulares. Depois que deixou a Polícia, foi convidado para participar do Conselho Superior da Polícia, órgão que julgava o comportamento disciplinar de policiais.

Em 1975, entrou nas negociações para a nacionalização da empresa norueguesa de celulose Borregaard, em Guaíba, pelo Banco Sul Brasileiro, do Montepio da Família Militar e teve contatos internacionais em Londres, Noruega e New York. Depois da compra da empresa, já como Riocell, ele foi diretor por dois anos e meio (1976,1977 e parte de 1978). Nesse momento, ele voltou a tocar bateria e chamou seus amigos músicos.

Saiu da Riocell, em 1978, e novamente organizou seu escritório de advocacia e foi diretor administrativo da Sul Brasileiro Seguros Gerais, cujo diretor-presidente era Mario Antunes da Cunha (que auxiliou o cronista ao narrar as histórias que iriam gerar os futuros *Anedotários*). Nos intervalos do cafezinho, Antunes da Cunha contava histórias de figuras da Rua da Praia — centro político e social de Porto Alegre. Enquanto isso, Renato Maciel jogava futebol nos fins de semana com amigos e praticava kempô,²⁷ sendo faixa preta nesse tipo de arte marcial.

Em 1980, ficou doente, pois apareceu um câncer em seu aparelho digestivo. Foi operado em Porto Alegre e em Nova York, onde foi submetido a uma cirurgia e radioterapia. Depois da cirurgia, ficou impossibilitado de fazer esporte e para se distrair começou a colocar no papel as histórias contadas pelo amigo Antunes da Cunha, principalmente as referentes a Oddone Greco. Segundo depoimento de Maria Cristina Maciel de Sá à autora dessa pesquisa, o cronista escrevia nas sextas-feiras à noite, sábados e domingos. Sua secretária, Terezinha de Souza Almeida, datilografava os escritos.

Em relação à primeira obra, o cronista colheu depoimentos e pesquisou em jornais. No *Anedotário da Rua da Praia 2*, as pessoas já ligavam para Renato

²⁷ Segundo o site www.cdof.com.br (acesso em 23 jul. 2011), “kempo significa ‘lei do soco’. É uma arte marcial originária da China, onde os participantes não usam qualquer arma. O kempo foi desenvolvido a partir da arte de outras lutas e transformado em algo superior, elevado, iluminado”. O objetivo é o equilíbrio da mente, do corpo e do espírito.

Maciel, contando histórias de familiares para o cronista colocar no livro. O cronista comprou um gravador pequeno e andava sempre com ele, para não esquecer os fatos narrados. Depois lançou o *Anedotário da Rua da Praia 3*, em 1983, também na Feira do Livro. Em dezembro, voltou para Nova York para operar um novo tumor.

Em 1983, Renato Maciel foi comentarista e tinha um programa na Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, com o nome de *Histórias de Porto Alegre*, quando narrava episódios transcritos em seus livros sobre personagens conhecidos como Oddone Greco, Aporelly, o Barão de Itararé, casos da Polícia e histórias antigas das emissoras de rádio. Percebe-se essa veia artística de Maciel ao ler as crônicas que ele dedicou aos profissionais das emissoras de rádio.

Em 1984, internou-se durante dois meses e meio no Hospital Moinhos de Vento para tratar as consequências do tratamento realizado para o câncer. Em 1987, lançou o *Livro de Histórias*. Profissionalmente, o cronista saiu da instituição Sul Brasileiro Seguros Gerais e passou para o departamento jurídico do Banco Meridional. Resolveu levar o material do escritório para ler em casa, evitando deslocamentos. Em 1986, Editora Globo, de Porto Alegre, pertencente à família Bertaso, foi vendida para a Rede Globo,²⁸ que reeditou os *Anedotários* com outras capas. O cronista ficou com os direitos autorais do *Anedotário 1* e comprou os direitos dos *Anedotários 2* e *3*. Organizou o *Melhor dos Anedotários* por convite de Ivan Pinheiro Machado, editor e proprietário da Editora L&PM. Renato Maciel faleceu em 31 de julho de 1992, aos 51 anos. A obra *Melhor dos Anedotários* foi lançada, em novembro, na Feira do Livro. A Prefeitura de Porto Alegre na administração de José Fogaça e seu secretário da Cultura, professor Sergius Gonzaga, reeditaram os três *Anedotários da Rua da Praia*, com o objetivo de valorizar a história de Porto Alegre.

²⁸ Depoimento prestado à autora dessa pesquisa pela viúva de Renato Maciel. Segundo Elisabeth Torresini (1999, p. 111), “em 1986, o respeitável acervo de 2.830 títulos passou a ser administrado por compra pelas Organizações Globo”.

3.1 PESQUISA: A ORIGEM DOS ANEDOTÁRIOS

Renato Maciel integrou um círculo social representativo da intelectualidade gaúcha, na década de 1980. Circulava por várias áreas, o que tornou mais fácil a escrita de suas crônicas. Também contou com o apoio de colegas de profissão, ou seja, as vozes de velhos frequentadores da Rua da Praia. O cronista, para escrever seus textos, buscou auxílio para a pesquisa sobre Porto Alegre em jornais, revistas, junto a museus, empresas jornalísticas e colaboradores, que vivenciaram os tempos de uma *outra* Porto Alegre. Renato Maciel afirmou que seu objetivo foi o de escrever os fatos narrados que aconteceram no centro da cidade, na Rua da Praia, para que eles não fossem esquecidos pelas futuras gerações.

O amigo Antunes da Cunha contava histórias sobre as figuras importantes que circulavam no centro da cidade. Fatos sobre políticos, policiais, médicos, narrados pela elite porto-alegrense sobre outro grupo, o que tinha ficado no passado. O grupo social era o mesmo, tanto do presente como do passado. O que separava os dois era o tempo, como será visto mais adiante, as afinidades eram muitas e as pessoas se completavam. As histórias referentes a Odone Greco foram as mais recorrentes.

Como os textos de Renato Maciel continham palavrões e o cronista sabia que não poderia escrevê-los em artigos de jornal, começou a pensar em lançar um livro. Antes, já tinha oferecido as histórias aos amigos, o escritor Luís Fernando Verissimo e José Guaraci Fraga²⁹, para eles publicarem nos jornais onde atuavam. Mas o projeto não se concretizou. Ressalta-se, aqui, que tanto Verissimo como Fraga eram, na época reconhecidos como jornalistas que trabalhavam com o humor. Fraga escreveu *Punidos venceremos*, obra lançada em três edições na década de 1980. Também organizou o 'Quadrão', um suplemento de humor que circulou no jornal *Folha da Manhã* (da Companhia

²⁹ José Guaraci Fraga é gaúcho, jornalista, publicitário e humorista. Na década de 1980, fez muito sucesso e recebeu vários prêmios de jornalismo.

Jornalística Caldas Júnior). Segundo as informações fornecidas no artigo *Entre o humor e a crítica*, que aborda a vida de Fraga.³⁰

a ideia estimulou o humor gaúcho e o período ficou conhecido como o 'boom do humor', movimento cultural relevante no Rio Grande do Sul, em plena Ditadura brasileira. Depois disso, os humoristas se reuniram e passaram a editar livros de humor, o primeiro deles chamado QI 14. Em seguida, um grupo de jornalistas da *Folha da Manhã* criou o *Coojornal* (Cooperativa de Jornalistas de Porto Alegre), e Fraga aderiu no primeiro instante.

Verissimo e Fraga incentivaram Renato Maciel a escrever um livro. Assim, nasceram os *Anedotários*, por meio de entrevistas com conhecidos e pesquisas em jornais. Maiores detalhes, o próprio Renato Maciel forneceu nos inúmeros depoimentos que concedeu a jornais e emissoras de rádio e televisão, que serão mencionadas nessa pesquisa, mais adiante, na repercussão de suas obras. Na entrevista, concedida ao jornal alternativo (de humor) *Tchê*, em matéria de duas páginas, Renato Maciel relatou como surgiram suas três obras. Contou que Antunes da Cunha, colega de diretoria no Banco Sul Brasileiro³¹, tinha convivido com as pessoas que serviram de fonte para suas crônicas. Acrescentou que as conversas giravam em torno de Oddone Greco³², e que depois surgiram outros personagens como o Tucha, o Nestor Barbosa. Segundo Renato Maciel (1981, p. 8):

E ninguém registrava esses fatos. Falei com os humoristas, o Fraga, o Luis Fernando Verissimo, alguns jornalistas amigos meus também, mas nada [...] Aliás, o seu Érico sempre dizia pro Luís Fernando para ele fazer uma novela sobre os costumes dos anos 50 e o Luís só não fez ainda pela falta absoluta de tempo.

Ao ouvir as histórias sobre Oddone Greco, o cronista resolveu procurar amigos e parentes dele, e assim começaram as confirmações dos fatos narrados pelos conhecidos de Greco. O cronista deu-se conta que tinha em mãos um bom material e compilou os dados, iniciando seu acervo. Contou aos jornalistas que

³⁰ Disponível em: <www.coletiva.net>. Acesso em: 21 jul. 2011.

³¹ O Banco Sul Brasileiro mais tarde tornou-se Banco Meridional e depois foi adquirido pelo Grupo Santander.

³² Oddone Greco é um dos personagens das crônicas de Renato Maciel, considerado um *playboy* na década de 1940/50, mas tinha carisma e era estimado pelos amigos.

não se considerava um humorista e sim “um bom selecionador de casos engraçados”. Segundo Renato Maciel (1981, p. 8):

Eu escrevo fatos engraçados. O Fraga faz sarcasmo, humor em cima de fatos aparentemente tristes, escreve engraçado. Outro, o Luís Fernando, faz humor irônico, escrevendo engraçado. O humorista cria, enquanto eu simplesmente relatei fatos.

Mais adiante, Renato Maciel disse ao jornalista que acreditava que seu livro tinha vendido bem na Feira do Livro, “porque ele pegou uma faixa de poder aquisitivo. É o pessoal da velha guarda. A gente não imaginava que o pessoal daqui de Porto Alegre, nessa faixa etária, está com fome de assunto”. Sobre a tiragem do primeiro livro, Renato Maciel relatou que foi “na primeira edição três mil. Vendidos em dez dias. O pessoal disse que a segunda foi de mais três mil livros, mas não. Na verdade, a segunda edição foi de mais dois mil livros. E na feira vendeu três mil e oitocentos livros” (1981, p. 9).

Em outra reportagem divulgada na imprensa, mais uma informação sobre a venda dos livros de Renato Maciel. O primeiro volume lançado em outubro de 1981 atingiu a quinta edição com 25 mil exemplares vendidos. O segundo volume, lançado em 1982, vendeu 15 mil exemplares em três meses, relatou ao jornalista Edilberto Coutinho, ao ser entrevistado. Em outra entrevista para *O Estado de São Paulo* (1982) Renato Maciel contou que para o primeiro livro falou com

mais de 30 pessoas, com idade média de 60 anos, que relataram casos ocorridos desde o início do século até os anos 50. No segundo livro, houve maior preocupação com a elaboração. Maciel entrevistou, aproximadamente, cem pessoas, algumas com mais de 85 anos.

Renato Maciel, nesses depoimentos, explicou como foi o processo criativo de suas crônicas. Por se relacionar bem com os profissionais dos meios de comunicação e ter amigos jornalistas, o cronista advogado aparecia muito na mídia. Tanto que antes mesmo de ser publicada sua primeira obra, ele já concedia entrevistas abordando o conteúdo, e era notícia em página central de jornais como o *Correio do Povo*. Em outra reportagem para o jornalista Higino Barros, da revista *Quem* (1983, p. 18), Renato Maciel contou que não teve a

intenção de fazer descrições da época, por isso “utilizou fotos de arquivos e de coleções particulares”.

A intenção de Renato Maciel não foi descrever monumentos e prédios históricos como os cronistas costumavam fazer. Para ele, o que importava era o homem, tema de todas as suas crônicas, sendo que os espaços descritos foram a Rua da Praia e, principalmente, o centro de Porto Alegre, onde os personagens circulavam entre o Clube do Comércio, a Galeria Chaves e a Praça da Alfândega. Os encontros de lazer eram diferentes dos anos 1980, quando surgiu o primeiro *shopping* e a Rua da Praia tornou-se sinônimo de um aglomerado de financeiras e escritórios. A jornalista Patrícia Rocha (2009, p. 11), na ampla reportagem *A rua de meu andar*, explica quais eram os prazeres da Rua da Praia nos anos 1950: “Em uma Porto Alegre com cerca de ¼ da população atual e menos carros circulando, não havia congestionamentos e sobravam vagas”. Quanto à segurança, a jornalista afirma que

os frequentadores da Rua da Praia desconheciam a sensação de temer a noite. A rua ficava movimentada até as 23h.[...] O centro da cidade era calmo, não havia pressa: o flerte, os papos na calçada e o zig-zague entre as vitrinas eram intensos – mas sem a pressão dos ponteiros do relógio. [...] O *footting* era ladeado por sobrados do chamado estilo historicista, com colunas grega, estatutária e frisos, em um conjunto harmônico. Depois, vieram ao chão. [...] A passarela da paquera se estendia principalmente da Dr. Flores até a Praça da Alfândega, percorrendo as vitrinas das principais lojas. Na quadra nobre, entre a Marechal Floriano e a Borges de Medeiros, onde fotógrafos registravam a elegância dos passantes, era hora de diminuir o passo.

Nas crônicas de Renato Maciel percebe-se que o autor conseguiu mostrar o contraste do momento da escrita, nos 1980, ao momento narrado, procurando preservar os sujeitos e os espaços da memória. Sua finalidade era de resgatar a história cultural, recordando a *velha* Rua da Praia das décadas de 1940/50. Mas é preciso salientar, que o cronista faz poucas intromissões no texto, ou seja, comentários, ficando mais como um narrador observador. Ele restringe-se a relatar o que lhe contaram, focando mais os sujeitos do que os espaços.

Renato Maciel situa-se entre os autores que trataram de assuntos sérios, com um tom divertido, permitindo-se, muitas vezes, até zombar, mas o fez com

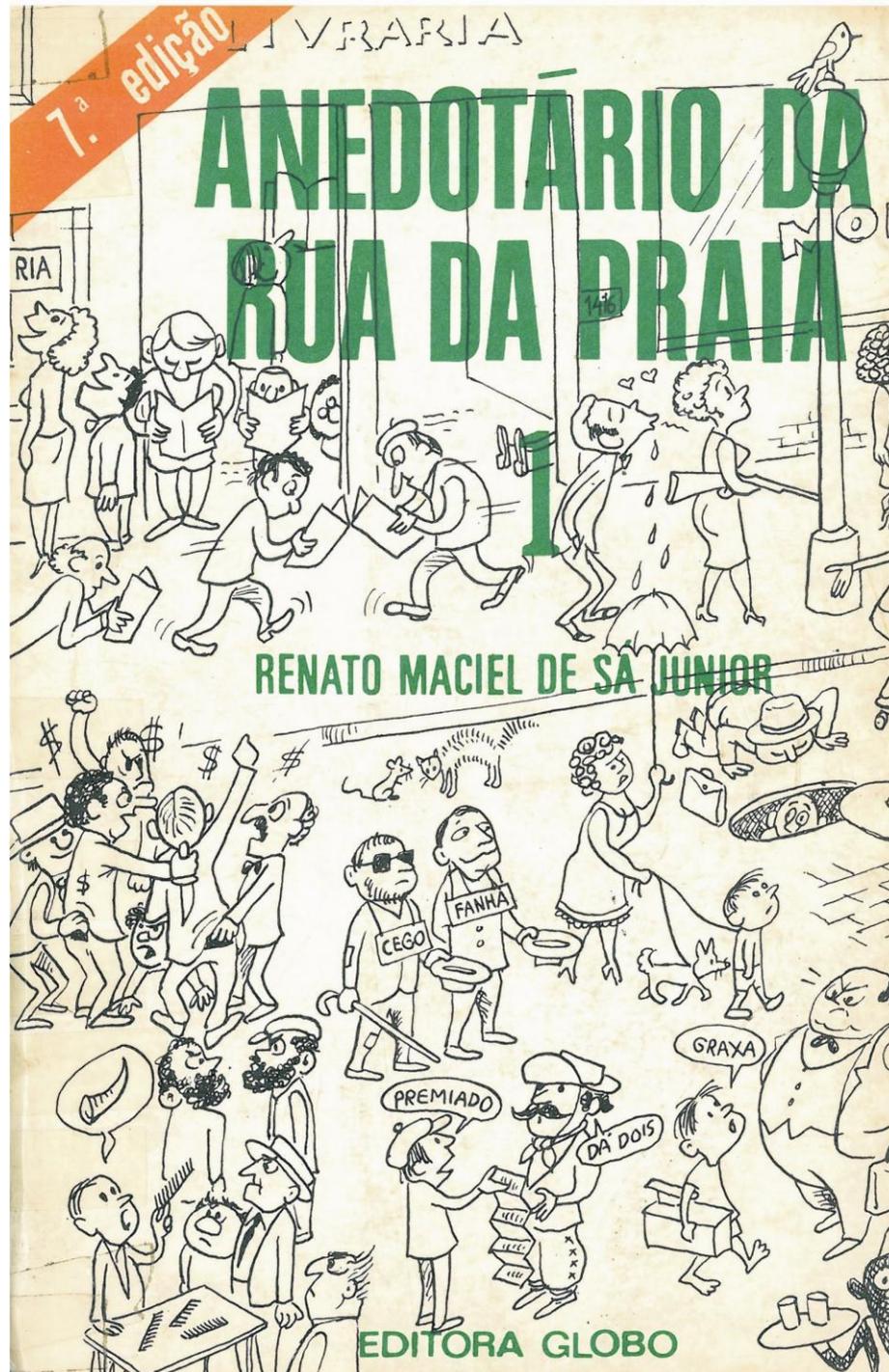
elegância. Voltou-se ao passado como uma tentativa entender seu tempo e sua hora, uma forma de resolver os conflitos de seu presente, pois passava por uma fase difícil de sua vida, em razão de sua saúde. No entanto, o contexto político do país também parecia lhe tirar o sossego, tanto que o tema sobre militares e policiais foram recorrentes em suas crônicas. Vários cronistas que têm a cidade como temática apresentam um tom nostálgico como Nilo Ruschel e Augusto Meyer em suas crônicas, citados nesse trabalho, desejando um retorno a uma vida mais simples, uma época que existiam casas sem portões e grades, janelas abertas e cadeiras nas ruas. Um tempo em que era possível uma conversa descansada na Rua da Praia.

Quando a cidade modernizou-se e surgiram mais vias públicas, com muitos veículos circulando nas ruas, com casas antigas sendo demolidas e prédios mais altos sendo construídos, o porto-alegrense ficou surpreso e foi tomado por um sentimento de nostalgia. A forma que Renato Maciel empregou para recuperar esse tempo que ficou para trás, uma época em que ele não viveu, mas que permaneceu impregnada em suas recordações de infância, foi escrever crônicas sobre os sujeitos daquele momento, que ele avistava da janela de seu apartamento, na Praça da Alfândega, aos 10 anos de idade, no edifício do Clube do Comércio.³³ Um local que tinha como moradores, pessoas que, futuramente, se tornariam importantes no meio intelectual como Erico, Mafalda e Luís Fernando Verissimo, Olga Garcia, que seria a futura mulher do escritor Carlos Reverbél e a jornalista Gilda Marinho.

O edifício do Clube do Comércio, ao mesmo tempo em que era palco de noitadas de jogos envolvendo políticos, também serviu para que o Renato Maciel menino olhasse pela janela o mundo que se descortinava lá fora. Homens e mulheres bem-vestidos, circulando pela Praça da Alfândega. Eles permaneceram guardados em sua memória. No futuro, essas pessoas seriam a matéria-prima de suas crônicas, tornando-se personagens de seus textos.

³³ Conforme reportagem do jornal *Zero Hora* (14 de jun. 2009, p. 8). Com o título *A rua de meu andar*, o texto assinado pela jornalista Patrícia Rocha com arte de Edu, cita o Clube do Comércio, na Rua da Praia, afirmando que “no edifício do clube, moravam Gilda Marinho, Erico, Mafalda e Luís Fernando Verissimo, e a jovem Olga Garcia, antes de se tornar senhora Carlos Reverbél”.

Figura 2 - Anedotário da Rua da Praia 1



Fonte: MACIEL DE SÁ JR., Renato. *Anedotário da Rua da Praia 1*.
Rio de Janeiro: Globo, 1981.

Capa: José M. P. Sampaio

Planejamento gráfico: Jesus Perelló

Figura 3 – Anedotário da Rua da Praia 2



Fonte: MACIEL DE SÁ JR., Renato. *Anedotário da Rua da Praia 2*.

Rio de Janeiro: Globo, 1982.

Capa: Santiago

Planejamento gráfico: Jesus Perelló

Figura 4 - Anedotário da Rua da Praia 3



Fonte: MACIEL DE SÁ JR., Renato. *Anedotário da Rua da Praia 3*.

Rio de Janeiro: Globo, 1983.

Capa: Sampaulo

Planejamento gráfico: Jesus Perelló

3.2 OS ANEDOTÁRIOS DA RUA DA PRAIA

No início da década de 1980, constata-se uma certa ousadia, um fazer às escondidas, pois os depoimentos concedidos pela elite porto-alegrense para emissoras de rádio e televisão ou concedidos a jornais, eram revisados e precisavam passar pelos donos, editores dos veículos de comunicação, conforme os relatos de jornalistas da época. As crônicas de Renato Maciel mostravam os bastidores do poder, quando ele trouxe à cena as mazelas das autoridades, atos que provocaram riso no meio dos militares e policiais. O humor exerceu uma função social na narrativa de Renato Maciel, proporcionando ao leitor conhecer as atitudes de autoridades locais, em época de regime militar.

A respeito de governos militares, Carla Simone Rodeghero (2007, p. 112)³⁴, no artigo *Regime militar e oposição*, afirma que muito era preciso ser feito no começo da década de 1980 para que no cenário político

o país se encaminhasse realmente à redemocratização. As greves e a movimentação no campo colocavam em xeque o modelo econômico concentrador, implementado a partir de 1964, as políticas salariais e o arrocho que vinham sendo impostos aos trabalhadores e as setores das classes médias, o processo de concentração de terra e de expulsão dos trabalhadores não adaptados ao novo tipo de agricultura apoiado pelo governo. Refletia também a crise econômica que o país enfrentava, com alto endividamento externo, queda no crescimento do produto Interno Bruto (PIB) e crescimento vertiginoso da inflação.

Segundo a autora, “a lenta abertura tem prosseguimento até a entrega do poder aos civis, na pessoa do vice-presidente eleito, José Sarney, em março de 1985.”³⁵ Destaca que entre 1979 e 1985,

houve um longo e rico período no qual as lutas sociais se intensificaram, a política partidária se complexificou e os arranjos foram sendo costurados por setores das elites visando tornar a transição à democracia o caminho mais indolor possível. Esperanças e decepções

³⁴ In GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson; GERTZ, René. *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. v. 4. Passo Fundo: Méritos, 2007.

³⁵ Segundo a autora, a citação está inserida em ARTURI, 1966, p. 142-147.

acompanharam um número cada vez maior de pessoas que, na década de 80, passaram a se envolver em política e em movimentos sociais no Rio Grande do Sul (2007, p. 112).

A década de 1980 foi difícil para a sociedade e, principalmente, para os intelectuais que retornaram do exílio. Quando voltaram, o Brasil estava mudado e eles também. Se por um lado, a Lei de Anistia foi uma espécie de prêmio de consolação, por outro lado, a realidade brasileira causava impacto, com greves e protestos. A abertura política estava sendo feita de forma devagar. Tempos difíceis podem levar um escritor a repensar o passado e ter sentimentos nostálgicos. Pensar em uma *outra* Porto Alegre que esteja em seu pensamento. No entanto, Maurice Halbwachs afirma que não é possível retornar a uma cidade por meio de nossos pensamentos. Só ficam as lembranças e munidas dessas é que o homem vive. Uma década de mudanças e transformações na paisagem de uma cidade que estava com 1.125.000 habitantes, em 1980, conforme foi descrito na introdução dessa pesquisa.

As crônicas sobre Porto Alegre, seus sujeitos e espaços como a Rua da Praia totalizam 230 textos, inseridos nos três livros. Descreve-se, em seguida, as características de cada obra. O *Anedotário da Rua da Praia 1*, cuja primeira edição data de 1981, tem 187 páginas com 86 crônicas, cujos tamanhos são os mais diversos, de curtas a extensas. As narrativas têm menos de uma página e as mais longas variam entre duas ou três páginas, com exceção ao que se refere ao playboy Oddone Greco. Este livro apresenta crônicas focadas nos sujeitos, privilegiando o *bom vivant* Greco, que tem 24 crônicas em que é o personagem principal, depois surgem os textos sobre médicos (15 crônicas), advogados (9), mulheres (4), militares (4) e políticos (4). A figura recorrente é Oddone Greco e a crônica *Greco* (ARP1, 1981, p. 11) com 14 páginas tem fotos do pai de Oddone, Januário Greco, proprietário do primeiro automóvel que transitou pela cidade.

Figura 5 - Automóvel de Januário Greco, pai de Oddone Greco



Fonte: Anedotário da Rua da Praia 1 (1981, p. 11)

Essa primeira obra foi a mais vendida na XXVII Feira de Livro de Porto Alegre no gênero não-ficção e a segunda mais comercializada em todos os gêneros. O livro alcançou oito edições. Renato Maciel também reuniu amigos em torno de suas obras como o escritor Luís Fernando Verissimo, que integrou seu conjunto *Renato e seu Sexteto*, criado na década de 1960. Eis o depoimento de Verissimo em *Anedotário da Rua da Praia 1*:

Conheci o Renato através da música. Ele era o líder e baterista do *Renato e seu Sexteto*, o único sexteto do mundo com nove figuras, no qual eu tocava, por assim dizer, saxofone. Depois que eu saí é que o conjunto ficou famoso, mas não guardo rancor. A amizade perdurou, nutrida por muitas coisas. Inclusive, ainda, a música (ARP1, 1981, p. 5).

O prefácio dessa obra também levou a assinatura de Verissimo que afirmou: "As histórias engraçadas de personagens pitorescos³⁶ do passado porto-

³⁶ No dicionário Aurélio, edição especial (2008, p. 385, Ed. Positivo), significa "próprio para ser pintado; graciosamente original". No Dicionário Luft, (2005, p. 587, Ed. Ática) significa "divertido, recreativo, original".

alegrense eram transmitidas verbalmente há anos sem que ninguém se lembrasse de fazer o que fez o Renato: simplesmente coletá-las e botá-las no papel” (ARP1, 1981, p. 5). O que Luís Fernando Verissimo entende por “pitoresco” é o que se pode chamar de divertido, pois mesmo expostos ao ridículo os personagens de Renato Maciel fazem rir. Para Propp, o que é sério e tem valor não faz o leitor rir, pois ele afirma que só rimos dos defeitos do outro e daquilo que torna o homem engraçado.

Quanto aos espaços das crônicas de Renato Maciel, toda a ação desses sujeitos se passa na rua, ao ar livre, principalmente em frente à Galeria Chaves, assim a Rua da Praia conta com 24 crônicas. Em segundo lugar, o espaço mais evidente é a confeitaria, onde os sujeitos da época encontravam-se para conversar, surgindo nesse local a figura dos garçons, inclusive, com fotos nas obras. Sobre o tempo dessas crônicas, são os anos 1940 que mais se destacam.

Nessa primeira edição, Renato Maciel agradeceu aos subsídios recebidos pelos seguintes nomes: jornalista Breno Caldas, na época proprietário da Empresa Jornalística Caldas Jr., Caio Prates da Silveira, Fernando Bertaso, Lélío Candiota de Campos, Luiz Matias Flach, Mimoso Greco Saraiva (irmã de Oddone Greco), Thiago Sarmiento Leite, Luís Fernando Verissimo, Manoel André da Rocha, Moacyr Flores, todos integrantes de uma elite intelectualizada, médicos, advogados e comunicadores. Cita-se apenas alguns dos colaboradores, já que a lista de Renato Maciel é extensa.

O Anedotário da Rua da Praia 2, edição publicada em 1982, tem 288 páginas com 78 crônicas, em tamanhos variados, alguns textos curtos, outros mais extensos. No livro, o autor recordou sujeitos sociais e espaços como a Praça da Alfândega, o Parque da Redenção, o Solar dos Câmara, contando casos que tornaram a cidade mais humana aos olhos de seus leitores. São “pequenos mundos fechados,” como diz Maurice Halbwachs (2006, p. 162), mencionando a influência “que exercem diversos lugares de uma cidade sobre os grupos”, acrescentando ainda que para esses grupos “perder os locais de encontro seria perder o apoio de uma tradição que os ampara” (2006, p. 165), ou seja, deixar de existirdeixar de existir um meio de memória. Nomes que se destacavam no cenário político como Sarmiento Leite e Osvaldo Aranha foram

registrados por Renato Maciel, mostrando que a cidade é composta de sujeitos e espaços, existindo nela dinamicidade e uma memória que precisa ser preservada.

Os temas centralizam-se, novamente, nos grupos de advogados, médicos, políticos e policiais — que faziam parte dos quadros sociais da memória de Renato Maciel — fora esses, surgem textos que abordam os radialistas e as emissoras de televisão. No entanto, o que é importante ressaltar é que Oddone Greco apareceu em cinco crônicas como protagonista principal, uma quantidade menor em comparação à primeira obra.

O texto de abertura é assinado pelo jornalista Carlos Reverbel. No prefácio da segunda obra, Reverbel enalteceu a obra de Renato Maciel, em sua primeira edição, mencionando as outras quatro edições que saíram no espaço de um ano, fato que comprova a aceitação do público quanto ao livro. Nessa obra, o cronista percorreu as décadas de 1930, 1940 e 1950, comentando, inclusive, o governo estadual de Flores da Cunha e detalhando fatos ocorridos em uma época que a cidade não tinha tantos habitantes e que as pessoas se viam mais, se visitavam mais e sabiam muito sobre a vida dos outros.

Sobre as crônicas de Renato Maciel, é possível dizer como Maurice Halbwachs (2006, p.101) ressaltou: “Palavras e pensamentos morrem, mas os escritos permanecem”. Conforme esse autor, existe uma continuidade “entre a sociedade que lê esta história, e os grupos testemunhas ou atores, outrora, dos fatos que ali são narrados”. É preciso preservar a memória de um povo: “Quando a memória de uma seqüência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo [...] então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa.” Um dos objetivos da História, em sua opinião, é “lançar uma ponte entre o passado e o presente, e restabelecer essa continuidade interrompida,” que foi realizada pelo cronista. Assim, a crônica poderá ser uma fonte da História.

Em *Nota do Autor*, o prefácio de o *Anedotário da Rua da Praia 2*, Renato Maciel (ARP2, 1982, s/p) afirmou que

neste segundo anedotário a atividade pareceu mineração ou mesmo arqueologia. Exigiu pacientes escavações, ao contrário do primeiro, onde o trabalho foi artesanal, falcando-se a céu aberto. Vieram agora à tona

preciosos episódios, acontecidos ou narrados na Rua da Praia dos começos deste século³⁷ até início da década passada [...] a despreensão histórica, sociológica e literária foi mantida e a cronologia continuou sacrificada ao humor e ritmo da apresentação [...] Todos os fatos são tidos havidos como verdadeiros e, curiosamente, os mais constatados são também os menos verossímeis.

Renato Maciel comentou que as novidades nessa segunda edição da obra foram os novos personagens como Telmo Cezimbra, Pandolfo, Luiz Telles e sua turma, e fatos ocorridos na área médica e os primeiros anos de televisão. O cronista introduziu em suas narrativas mais dois personagens, Militão e Carpano. Narrou outros incidentes envolvendo Oddone Greco, Fanha, China Gorda, Tucha, Aporely, Nestor Barbosa, Armando Câmara e Flores da Cunha. O material sobre os médicos não foi obtido com os próprios, mas junto aos pacientes, amigos e colegas.

Na segunda obra, Renato Maciel agradeceu às seguintes pessoas: Benito Berutti, Bruno Marsiaj, Carlos Reverbel, Ernani Behs, Fernando José Bertaso, Flávio Alcaraz Gomes, Flávio Loureiro Chaves, Frederico Arnaldo Ballvé, Geraldo Flach, Gilda Marinho, Guilherme Socias Villela, Jayme Copstein, Jorge Alberto Mendes Ribeiro, Josué Guimarães, Leandro Silva Telles, Luís Fernando Verissimo, Luiz Matias Flach, Marco Antônio Birnfeld, Rivadávia Corrêa Meyer, Rogério Mendelski e Rui Portanova. Há entre os nomes, advogados, médicos, jornalistas, sujeitos que forneceram elementos para que Renato Maciel produzisse suas crônicas, sendo considerados pertencentes à elite porto-alegrense, que englobava políticos, advogados, escritores e jornalistas.

No final, também mencionou pessoas, empresa e instituição que lhe cederam o material fotográfico como: Carlos Daymon Lopes, Empresa Jornalística Caldas Júnior, Flávio Alcaraz Gomes, Josué Guimarães e Museu de Porto Alegre. Por último, agradeceu às charges ilustradas por Sampaio. Todas essas pessoas faziam parte do grupo social de Renato Maciel e foi por meio delas que ele conseguiu o material necessário para publicar seus livros. Nota-se

³⁷ O autor refere-se, aqui, ao início do século XX, e a década passada é o século XIX.

que entre os nomes há diversas áreas profissionais, o que resultou um apanhado geral de profissionais mencionados nos *Anedotários*.

Já a obra *Anedotário da Rua da Praia 3*, edição de 1983, tem 226 páginas e conta com 67 crônicas, sendo que o tamanho das mesmas continua como o dos primeiros livros, algumas longas que relatam diferentes histórias, enquanto outras são curtas e rápidas. Os temas se repetem, mas há uma particularidade, aqui, Greco tem cinco crônicas dedicadas a ele, enquanto os políticos têm cinco textos e os militares, 17. Como temas dessas crônicas prevalecem os militares. A Rua da Praia continua sendo o espaço urbano, onde todos se encontravam. A Igreja aparece como o local preferido de encontros e confissões. Nessa obra, diminuem as crônicas relativas a médicos.

Na terceira edição, o cronista agradeceu às seguintes pessoas que lhe ajudaram nas informações sobre os fatos corridos no passado. São elas: Amadeu Weinmann, Ana Maria Comas, Madruga Duarte, Carlos Reverbel, Carlos Roberto Cirne Lima, Cid Pinheiro Cabral, Cláudio Bertaso Flavio Del Mese, Francisco Stockinger, Geraldo Flach, Lasier Martins, Mafalda Verissimo, Maria do Carmo Bueno, Olga Reverbel e Pedro Pablo Komlós. Agradece às fotografias cedidas por Ed Keffel, Leandro Telles e ao arquivo da *Revista do Globo*.

Munido de um extenso material, tanto com depoimentos gravados e fotografias cedidas por amigos, o cronista teve condições de elaborar sua narrativa. As crônicas de Renato Maciel deixam transparecer em todas as linhas um toque revelador e ousado, ao relatar fatos que muitos desconheciam. São as histórias de policiais, de militares, de altas autoridades, ocorridas nos bastidores. No entanto, acredita-se que pelo fato de Renato Maciel ter trabalhado na Polícia, em rádio, tendo amigos em diversas áreas, circulando com jornalistas, advogados e policiais, ele teve condições de reunir material suficiente para escrever as histórias sobre Porto Alegre, pois ainda pesquisou em jornais, museus e empresas jornalísticas.

Durante a análise dessas crônicas, percebe-se que Renato Maciel desenvolveu sua escrita sem maiores preocupações com o estilo, como ele mesmo confessou no prefácio da primeira obra. O cronista relatou sobre os

depoimentos que ouviu, afirmando que não ordenou datas, locais e pessoas. É de fácil comprovação esse fato na leitura das crônicas, pois sujeitos, espaços e tempos surgem de forma desordenada nas obras.

3.3 A REPERCUSSÃO DAS OBRAS

Os jornais e revistas do início da década de 1980 estampavam em suas capas, as modificações que ocorriam em Porto Alegre. A sociedade porto-alegrense lamentava as mudanças ocorridas na Rua da Praia. A partir desses fatos, as obras de Renato Maciel são notícias na mídia, repercutindo tanto em nível local como nacional. As manchetes na imprensa da época proporcionavam ao leitor um panorama da realidade ao seu redor. Destacam-se alguns títulos como: *Faturando o humor; Bom humor em época de crise; A rua onde o gaúcho fazia humor e história; As figuras impagáveis de um boulevard³⁸ do humor; Anedotas fazem rir e vendem; Livro continua vendendo bem, apesar da crise; Gaúchos e Humor lideram venda na feira do Livro; As piadas e a tradição oral; O sabor de ver contados em prosa os nossos valores; Nos bons tempos do Largo dos Medeiros; Viva a Rua da Praia; Rua da Praia, passado e presente; Rua da Praia; Centro de Porto Alegre: beleza ou miséria?; A rua do meu andar; O que você faria se fosse prefeito da cidade?; Crise econômica estimula a compra de livros de humor; Oddone Greco; Mais anedotas da Rua da Praia – O jovem Greco I e II; Oddone greco, um personagem da Rua da Praia.³⁹*

Os títulos de obras, como as manchetes de jornais e o texto publicitário, são importantes na medida em que se poderá saber, de antemão, qual o assunto a ser tratado. As manchetes sobre as obras de Renato Maciel têm como temas, a memória, o humor, a tradição oral, Oddone Greco, entre outros. Nessa pesquisa, analisa-se esses mesmos temas, que são a base de suas crônicas.

Nessa parte da tese, colocam-se alguns trechos de matérias publicadas, em jornais em jornais e revistas, que auxiliam a compreender as crônicas de

³⁸ *Boulevard* significa em francês “bairro”.

³⁹ Os jornais de onde foram extraídas estas manchetes são citados mais adiante.

Renato Maciel. Uma opinião bem-humorada sobre a obra de Renato Maciel foi a do jornalista Rogério Mendelski, em sua coluna *Opinião*, no jornal *Folha da Tarde* (1981), com o título *Viva a Rua da Praia!* Referindo-se às figuras lembradas por Renato Maciel em suas crônicas, ele observou que

não há como deixar de imaginar como seriam elas se ainda estivessem na Rua da Praia nos dias de hoje. Talvez não soubessem mais se localizar entre tantos bancos, tanto concreto, tanta lancheria e tanta boutique como apóstrofe. A Rua da Praia que Renato Maciel de Sá Júnior memorializou para todos nós no seu livro é um documento que precisaria estar na biblioteca dos jovens para que eles se dessem conta que os coroas da atualidade viveram uma época gloriosa de humor refinado e inteligente, onde o trote telefônico foi inventado e curtido como hoje se curte um baseado.

As três obras de Renato Maciel venderam bem, ele mesmo não esperava tal resultado, pois como advogado e exercendo várias atividades não imaginava tornar-se um escritor. Quando sua primeira obra foi lançada na Feira do Livro, as vendas foram satisfatórias. A Feira do Livro, evento renomado, em Porto Alegre, elabora todos os anos a lista de obras mais vendidas e que fazem sucesso junto ao público. Apresentam-se alguns números em relação às obras de Renato Maciel, que foram divulgados em jornais. *O Estado de São Paulo* (sucursal Porto Alegre) mencionou a feira, com a manchete *Saldo positivo no Sul*, afirmando que a feira “este ano (1981) teve uma característica própria: os dois livros mais vendidos *O Analista de Bagé* e *O Anedotário da Rua da Praia*, do gaúcho Renato Maciel, são dois livros de fácil leitura”. Isso significa, segundo Ivan Machado⁴⁰, “que em época de crise o pessoal também quer se alegrar”.

O Jornal do Brasil (1982), por sua vez, comentou que “ao lado de *O Analista de Bagé*, de Luís Fernando Verissimo, o *Anedotário da Rua da Praia*, de Renato Maciel de Sá Júnior, foi um dos *best sellers* da Feira do Livro de Porto Alegre, no final do ano passado.⁴¹ Vendeu 15 mil exemplares em menos de um mês.” As editoras de Porto Alegre têm critérios diferentes para avaliar se um livro é *best-sellers* ou não. Na reportagem de página inteira, do *Correio do Povo* (6 de

⁴⁰ A reportagem refere-se ao editor Ivan Pinheiro Machado e a obra *O analista de Bagé* é de autoria de Luís Fernando Verissimo.

⁴¹ O autor da nota refere-se ao final de 1981.

mar. 1983), editores como Roque Jacoby, na época presidente da Câmara Rio-grandense do Livro, disse que vender 10 mil exemplares em três meses caracteriza uma obra como *best-sellers*. Mas José Antônio Bertaso, naquele época diretor editorial da Globo (também editor dos *Anedotários*), afirmou que eram cinco mil exemplares em seis meses. Já Leopoldo Boeck Filho mencionou um total de 120 mil exemplares.

Citam-se outras passagens de Renato Maciel nos jornais da capital e de fora do Estado. No jornal *O Estado de São Paulo* (3 mar. 1982, p. 21) com o título *Renato Maciel anota histórias que o povo conta*, Renato Maciel ressaltou a importância de suas histórias com personagens que não podem ser esquecidos. Afirmou que

alimentou por anos um gosto pelas histórias que lhe chegavam da tradição. Disse mesmo a alguns amigos, jornalistas, escritores, que eles deveriam inserir em suas obras de ficção pelo menos uns poucos desses fatos desses personagens que povoam a memória coletiva, mas acabam se diluindo um dia, substituídos por outros ou simplesmente esquecidos, porque ninguém se lembrou de registrá-los. E, afinal, isso também é patrimônio cultural, tem um valor histórico, político, social, se presta a configurar as feições de uma época.

Outra reportagem sobre as obras de Renato Maciel saiu na *Folha de São Paulo* (1982, p. 25), tendo como o título *As figuras impagáveis de um boulevard do humor*. O texto conseguiu captar de forma perfeita a essência da narrativa humorística de Renato Maciel, observando que

para que as senhoras de Santana e de outros bairros do país não se chocassem, eventualmente, com suas histórias, o autor assinalou, no sumário, os capítulos com 'situações obscenas' com um asterisco⁴², e, com dois, de 'linguajar profano'. Renato Maciel acrescentou que " não houve, de minha parte — explica o autor — qualquer pretensão desrespeitosa em relação aos personagens reais, mas como poderia subverter o linguajar de pessoas como Oddone ou do coronel Militão (nome fictício de um militar, parente de um ex-presidente da Revolução de 64)?

⁴² Os asteriscos no sumário estão no *Anedotário da Rua da Praia 2*.

Aqui, percebe-se a naturalidade que Renato Maciel empregou o seu humor, não deixando de colocar as palavras que queria nos textos, tentando narrar com exatidão as histórias que lhe foram contadas. Para que os livros não perdessem sua característica principal, isto é, um humor leve e engraçado em um momento, e em outro mais pesado e crítico, Renato Maciel não quis mudar seu estilo, pois não sofria censura nem por parte da família Bertaso nem da Editora Globo que publicava suas obras.

Também a matéria assinada por Carlos Reverbel no *Correio do Povo* (1982, p. 5), comentou a obra de Renato Maciel:

o sucesso do livro veio mostrar que a Rua da Praia caiu do galho e depois morreu, como a camélia. Hoje em dia é coisa completamente diferente, mas deixou saudades, com todo o mundo querendo saber como era na sua *belle époque* particular. Quem quiser conhecê-la na antiga feição terá de procurá-la em livro: no do Nilo Ruschel e agora no do Renato Maciel de Sá Jr.

Dois cronistas abordaram Porto Alegre: Nilo Ruschel, já foi mencionado nessa tese (Capítulo 1), quando se aborda o trabalho de Charles Monteiro, que analisou as crônicas sobre Porto Alegre e a Rua da Praia, publicadas no jornal *Correio do Povo*, em 1971. Reverbel (ARP2, 1982, p. 19) referiu-se novamente ao cronista Nilo Ruschel, no prefácio do segundo livro de Renato Maciel, afirmando que “a memória de Porto Alegre está preservada, graças a autores como Renato Maciel”. Lamentou que

desapareceram os saudosos comícios (nem sempre bem comportados), desapareceu a Rua da Praia (falecida sem necrológio). E até a sua memória terminaria desaparecendo se Nilo Ruschel anteriormente e, nos nossos dias, Renato Maciel de Sá Júnior, não a tivessem guardado em seus livros, reanimando-a para a posteridade.

A memória da cidade foi também valorizada pela mídia, no *Jornal do Brasil*, pelo jornalista José Nêumane Pinto que escreveu a matéria *A rua onde o gaúcho fazia humor e história*. No texto, ele descreveu a Rua da Praia da seguinte forma:

Rua da boêmia, dos boatos e fatos políticos, de um comércio variado que incluía sede da própria Livraria do Globo, a Rua da Praia não existe

mais como retratada no *Anedotário*. Mas a ideia de resgatá-la para a memória de Porto Alegre (e do país, pois ali aconteceram coisas importantes ligadas sobretudo à história política do Brasil Republicano) despertou tanto interesse e recebeu tantas contribuições que o autor resolveu partir para o *Anedotário 2* (*Jornal do Brasil*, 11 dez. 1982).

Mas a Rua da Praia não desapareceu das manchetes dos jornais. A coluna assinada por Flávio Alcaraz Gomes, no jornal *Zero Hora*, de 1982, trouxe ampla reportagem, com várias histórias narradas por Renato Maciel em seus livros, com o título *Como a Rua da Praia se tornou universal*, com foto de Oddone Greco, ladeado pelos jornalistas Flávio Alcaraz Gomes e Sadi Rafael Saadi. Eis suas palavras:

‘Oddone’ rouba o livro. Sem outra preocupação senão a de registrar em letra impressa a crônica viva de uma época que infelizmente não se repete, Renato vai fazendo desfilar pelo *Anedotário* as figuras mais pitorescas que davam vida à Rua dos Andradas da primeira metade do século, desde o médico Nestor Barbosa e o barbeiro Tucha até o malandro Fanha e o famoso cozinheiro China Gorda. É Oddone, contudo, que mais brilha dentro das 188 páginas (*Zero Hora*, 4 jan. 1982)

Desde os primeiros anos da década de 1980, as notícias nos jornais mostravam as mudanças na cidade. A revista *Quem* (1983), de Porto Alegre, publicou a reportagem, assinada pelo jornalista Higino Barros. No texto, o profissional observou que a inauguração do *Shopping Center Iguatemi* foi festejada pelos comerciantes, mas que o assunto provocou comentários sobre a desvalorização comercial e humana do centro da cidade. Na matéria, Barros (1983, p. 17) disse que

ponto de encontro de quase todo o Rio Grande do Sul no passado, fonte de inspiração para o poeta Mario Quintana, a rua da Praia atual é causa de preocupação para os lojistas da área. Um grupo deles se organiza para reivindicar providências ao novo prefeito João Dib.

A rua, que foi palco de encontros no passado, virou um centro financeiro na década de 1980. “Instituições bancárias e econômicas derrubaram o casario baixo e irregular que existiu até o início dos anos 40”, relatou Barros (revista *Quem*, 1983, p. 17), acrescentando que

desapareceu o porto-alegrense gentil, que fazia da rua da Praia o seu mundo, que dava lugar para as mulheres nos bondes (também desaparecidos), que tirava ao chapéu para as senhoras grávidas, que freqüentava os cafés, salões e clubes, hoje desaparecidos.

Em outra matéria na mesma revista, com o título *O dono da Rua*,⁴³ Renato Maciel deu sua opinião, nada otimista, sobre a Rua da Praia dos anos 1980, ao jornalista Higino Barros (revista *Quem*, 1983, p. 18).

Rua da Praia antiga, mesmo, ia da Marechal Floriano até a Caldas Jr. O resto praticamente não existia. E o núcleo de tudo era o Largo dos Medeiros, o famoso Largo da M..., pois era ali que se tinha a primeira e a última notícia de tudo o que acontecia na cidade, onde estavam os políticos, o poder, o dinheiro e, naturalmente, os desocupados.

Renato Maciel contou ao jornalista que foi morador do edifício do Clube do Comércio, na Praça da Alfândega e que “desde pequeno foi observador atento da movimentação que via da janela. Depois ficou ouvinte atento e amigo dos numerosos personagens e testemunhas dos acontecimentos da antiga rua da Praia” (revista *Quem* 1983, p. 18).

O cronista lamentava que, em virtude de existir em profusão o comércio ambulante, o centro da cidade foi se descaracterizando. Afirmou que, na década de 1980, os artesãos e os camelôs ocupavam, principalmente, a Rua da Ladeira (General Câmara). Alguns prédios ainda resistiram e continuaram como estabelecimentos comerciais. Outros se transformaram em loja de departamentos como a Galeria Chaves, local de inúmeras crônicas de Renato Maciel. Eram tempos, segundo o cronista, em que tudo se concentrava na Rua da Praia. Na entrevista, Renato Maciel (revista *Quem* 1983, p. 18) explicou que

havia as confeitarias Central, a América, os cinemas — a maioria já desaparecidos — Rex, Central, Ópera, Rio (depois, Guarani), Imperial e Vera Cruz (hoje, Vitória). Conheci um pouco deste passado, conversando com pessoas que me contaram histórias dessa época.

⁴³ Todas as citações de Renato Maciel e Josué Guimarães estão inseridas na reportagem concedida à revista *Quem*, de Porto Alegre, abril de 1983, p. 17, 18.

Foram mais de 30 horas de depoimentos gravados, ouvindo mais de 200 pessoas, algumas delas com mais de 80 anos de idade. ⁴⁴

Quem tentou explicar o que aconteceu foi o escritor Josué Guimarães, pois também foi entrevistado pelo mesmo veículo. Escritor e ex-vereador do PTB nos anos 1950, afirmou que “na verdade, desapareceu toda uma época.” As observações, com um toque nostálgico, revelam a saudade de um tempo que não retorna mais. De acordo com Guimarães (revista *Quem*, 1983, p. 17-18):

Hoje, ninguém conversa, o centro é apenas uma passagem que todos querem abandonar o mais rápido possível. Fato que notei recentemente é que também os médicos e laboratórios estão abandonando a área, que tradicionalmente ocupavam.

Frequentador da velha Rua da Praia, Guimarães confessou ao jornalista que evitava passar à noite pelo centro, com medo dos assaltos. Segundo o escritor, nos anos 1980, passar pela Rua da Praia “é como estar numa cidade estranha.” Lamentando as mudanças, Guimarães lembrou que muitos namoros aconteceram em virtudes de encontros na Rua da Praia. “Recordo que muita gente ia até lá para namorar, flertar, se conhecer. Muitos casamentos nasceram de conhecimentos travados ali.”

O que realmente ocorreu é que a cidade começou a perder seus ares de provinciana, pois acabaram os poucos carros na rua, os passeios pela Rua da Praia e as conversas sossegadas em bares e cafés. No entanto, um local resistiu ao tempo e continua atraindo clientes até hoje, em pleno século XXI: a Confeitaria Princesa, fundada em 1922, na subida da Rua da Praia esquina com a rua Senhor dos Passos. Mas, segundo Guimarães (revista *Quem*, 1983, p. 18):

Com o fim das confeitarias e dos bares que havia na rua da Praia, é natural que a população fosse buscar outros pontos de encontro, em locais mais afastados do centro [...] as administrações da capital gaúcha falharam em suas tentativas de humanizar o centro da cidade, citando o exemplo da cidade de Curitiba, cujo calçadão é ponto de lazer da população.

⁴⁴ Renato Maciel comentou sobre a extensa pesquisa que fez sobre Porto Alegre, por meio de gravações e depoimentos.

Outra informação sobre esse tempo foi feita pelo jornalista Paulo Sant'Ana, também entrevistado por Higino Barros. Ele disse que “a época boa de papo sobre futebol na Rua da Praia acabou. Aquilo existia muito em função das sedes do Internacional e do Grêmio, que ficavam perto. Elas saíram dali e o papo ficou esvaziado (revista *Quem*, 1983, p. 19).

No entanto, Renato Maciel, afirmou em *Anedotário da Rua da Praia* (1981, prefácio) que a Porto Alegre dos anos 1940/50 era “austera, provinciana, cheia de preconceitos, mas pacata”. Mas na década de 1980, ele continuava com o mesmo pensamento, pois na crônica *Recados ao futuro anedotarista* em *Anedotário da Rua da Praia 3*, o cronista confirmou que

Para mostrar que o provincianismo ainda existe na cidade, não pode faltar o primeiro de abril passado em 1982 por Josué Guimarães. Através de sua coluna na *Zero Hora*, contou ele que as estátuas de leão na frente da prefeitura tinham o raro dom de esquentar repentinamente, mesmo nos dias frios, dado o fenômeno denominado *fotosíntese cósmica*. Ele mesmo já experimentara e a temperatura subira a ponto de queimar-lhe a mão...O comentário levou muita gente boa ao local para conferir... (ARP3, 1983, p. 223).

O cronista apresentou uma *outra* Porto Alegre em suas crônicas, diferente da cidade que existia no momento de sua escrita. No jornal *Folha da Tarde*, durante a comemoração dos 211 anos da cidade, na reportagem de página central *O que você faria se fosse prefeito da cidade?*, o escritor teceu alguns comentários, dizendo que se “pudesse assumir o cargo do prefeito Villela por alguns dias, iria desenvolver uma grande campanha para dar mais verde às ruas de Porto Alegre” (revista *Quem*, 1983, p. 18).

Sob o título *Rua da Praia livre*, matéria publicada no jornal *Folha da Tarde* (1983, p.18). Renato Maciel ressaltou que “o cimento compacto da capital, aos poucos, seria transformado com áreas verdes, principalmente, com a construção de mais parques nos moldes do Marinha do Brasil e da Harmonia” Na mesma reportagem, os entrevistados, pessoas da população e de várias idades, faziam solicitações como “mais áreas verdes”, “cuidado e segurança para o centro”, “emprego, moradia e terra”, e “fim dos alugamentos”.

Tudo isso comprova que a cidade alterou-se com o crescimento populacional e a modernização, mudou do início do século até os anos 1980. Os fatores que contribuíram para isso eram muitos, a cidade desenvolveu-se, as opções de lazer aumentaram, mas as pessoas estavam mais confinadas em seus lares assistindo televisão. Não apenas os fatos que já foram mencionados contribuíram para afastar as pessoas do passeio pela Rua da Praia. Renato Maciel afirmou, para a revista *Quem* (1983, p. 18) que "os clubes sociais se multiplicaram e foram para os bairros, e cada bairro adquiriu vida própria. O progresso modificou o comportamento dos habitantes da cidade". Renato Maciel concluiu que

não é querer uma volta ao passado. Mas a rua da Praia era um lugar tranquilo, sem riscos para ninguém. Não havia o consumo desenfreado de hoje. Talvez sua transformação e descaracterização, de centro humano que foi, para um lugar onde as pessoas apenas passam apressadamente, seja o preço que tivemos que pagar pelo progresso. É triste, mas verdadeiro.

O mesmo sentimento tem o escritor Josué Guimarães, pois no prefácio de o *Anedotário da Rua da Praia 3*, o escritor relembrou o seu tempo de mocidade e os locais de encontro com os amigos. Afirmou que "ler as histórias do *Anedotário de Rua da Praia* é como entrar no túnel do tempo [...] embora elaborado com pesquisas feitas entre centenas de pessoas, o livro me parece quase um memorial de tudo o que passou por meus olhos" (ARP3, 1983, p. 11).

Não só amigos comentavam sobre as obras de Renato Maciel, pois suas crônicas fizeram sucesso e acabaram repercutindo na mídia. Suas histórias foram comentadas e analisadas pela imprensa. O cronista, várias vezes, disse que não poderia imaginar que seus livros fariam tanto sucesso, acrescentando que nem mesmo a Editora Globo acreditava nisso. Reafirmou que não teve nenhuma pretensão literária ou científica, apenas queria que as histórias não se perdessem com o tempo.

Para Renato Maciel, 99% das narrativas que ouviu são verdadeiras. Quando Renato Maciel fez tal afirmação é porque ele sabia que ao colher os depoimentos, muitos deles poderiam já estar sendo contados de forma alterada. A reconstrução da memória, da forma que foi feita pelo cronista, possibilita que as

peças contam à sua maneira, o que ocorreu no passado. Nas considerações iniciais de sua primeira obra, Renato Maciel mencionou que os fatos que lhe contaram “constam como verdadeiros”, mas ele disse que é impossível saber a verdade, se realmente as histórias aconteceram como foram narradas.

Verdadeiras ou não as histórias contadas por Renato Maciel, as reportagens sobre a venda de livros de humor, renderam bastante matéria em jornais, na década de 1980. Na matéria *Best-sellers: das boas receitas ao reconhecimento do valor literário*, (*Correio do Povo*, 6 mar. 1983, p. 9), os principais editores da capital gaúcha debateram sobre o sucesso ou não de certos livros. Pretendiam descobrir qual era o verdadeiro motivo de um livro ter maior vendagem do que outro. Participou da entrevista, Maurício Rosenblatt, que trabalhou 36 anos como livreiro e, naquele momento, atuava como presidente do Conselho Estadual de Cultura. Integrando a área editorial da Editora Globo, naquela época, Rosenblatt “adquiriu a certeza de que não existe nenhuma ‘bola de cristal’ ou pesquisa prévia que indiquem quais os livros que serão bem vendidos”. Citou o caso de *E o vento levou*, de Margaret Mitchell que, na década de 1980, chegou a um milhão de exemplares vendidos, e também *O pequeno príncipe*, de Saint-Exupéry, que alcançou expressiva venda.

Na reportagem em questão, as obras de Renato Maciel, *Anedotário da Rua da Praia 1 e 2*, aparecem como recordistas de vendas no início de 1983. Segundo o texto, “os livros de grande sucesso têm um ponto em comum: dirigem-se à sensibilidade humana, a suas esperanças, aspirações, alegrias e sofrimentos” (*Correio do Povo*, 6 mar. 1983, p. 9). Tanto a primeira obra de Renato Maciel, primeiro lugar na listagem vendas da Feira do Livro, em 1981, como o livro de Luís Fernando Veríssimo, atingiam um público específico.

Em todas as matérias publicadas nos jornais, tanto locais como nacionais, percebe-se que o público leitor identificou-se com as obras mais vendidas na Feira do Livro, de 1981, e as posteriores, com as obras os *Anedotários* e *O analista de Bagé*, porque tratam de temas que interessam à sociedade gaúcha, mostrando sua gente e seus costumes, com muito humor, que foi o maior destaque na venda dos livros. Um pouco de regionalismo, muita história sobre a

cidade de Porto Alegre, abordando seus sujeitos e seus espaços, constituindo-se na memória da cidade.

Ao analisar a obra de Luís Fernando Verissimo, *O analista de Bagé*, Francisco Rüdiger (GOLIN; BOEIRA, 2007, p. 392) comenta no capítulo *Cotidiano, mídia e indústria cultural: modernidade e tradicionalismo, dos anos 1930 à atualidade*, que

característico das histórias do personagem é a exploração marqueteira, mas satírica e criativa, dos conflitos entre o urbano e o moral, o moderno e o tradicional, através da figura do gaúcho conservador às voltas com os dilemas morais de nosso tempo e as vanguardas intelectuais da modernidade.

O momento propiciava livros de humor como os de Renato Maciel e de Luís Fernando Verissimo, pois a sátira agia como uma crítica ao poder. Foi zombando de autoridades que detinham o poder é que os humoristas daquela época revelavam os desmandos aos leitores. O fato pode ser comprovado com a lista dos livros mais vendidos na Feira do Livro, de 1981, em Porto Alegre.

Sobre livros humorísticos, vale registrar o pensamento de advogados no texto *Humor jurídico*, inserido na revista do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul, no editorial (IARGS, 1983), cujo texto é o seguinte:

O humor é uma das coisas mais sérias do mundo. A anedota, a charge, a zombaria, o epigrama são quase sempre calçados sobre uma tragédia, um defeito de uma pessoa, ilícito, um fato lamentável, criticável ou ridículo. Raramente se faz humor, com base em um fato feliz ou em uma qualidade positiva de uma pessoa. O riso brota mais facilmente do erro alheio, sem que isso importe necessariamente em uma atitude desumana, mas simplesmente em decorrência de uma visão positiva de um fato negativo. É a dialética do humor! No mundo jurídico e no submundo da injuridicidade imposto ao Brasil a partir de 1964, sempre subsistiu o sarcasmo e a sátira contra os erros, desmandos e violência da ditadura e de seus prepostos.

Essas palavras lembram a teoria de Propp, pois o teor é o mesmo, são as mesmas ideias do teórico. Acredita-se que o riso de zombaria, que integra sua tipologia, satirizando pessoas e apontando os erros, funciona como uma crítica às autoridades que estão no poder, uma crítica aos valores morais que são

esquecidos e aos desmandos dos governantes que investem contra os que estão sob suas ordens. Nas crônicas de Renato Maciel, muitas vezes, apareceram fatos como os citados, principalmente, nos textos que trata sobre os coronéis provisórios.

A obra de Renato Maciel está centrada em sujeitos influentes como autoridades, em pessoas da classe média como os comerciantes e indivíduos considerados como populares que circulavam pela Rua da Praia. A elite porto-alegrense e as figuras retratadas pelo cronista foram protagonistas de histórias que levaram o público porto-alegrense a rir das façanhas narradas por Renato Maciel. Provocar o riso pode ser uma forma de denunciar as mazelas que aconteciam no passado e que poderiam estar acontecendo no presente.

Pessoas como Oddone Greco levavam a vida de forma tão supérflua e cometiam atos absurdos, que deixam o leitor surpreso até hoje. No entanto, Greco, personagem em destaque nas crônicas, como se verá mais adiante na análise dos textos, parece ser o anti-herói, que serviu para ser o avesso da história, desrespeitando, principalmente, as autoridades. As histórias narradas por Renato Maciel parecem ter a intenção de desestruturar o poder e seus membros, como uma espécie de revanchismo, em razão do contexto dos anos 1980, difícil para a sociedade local e nacional.

A crise econômica dos anos 1980 refletiu no mercado editorial, como revelou a reportagem com um grupo de editores, - mas não em relação à compra de obras humorísticas. A matéria *Crise econômica estimula a compra de livros de humor*, publicada em *Zero Hora* (1983, p. XX), uma mesa-redonda sobre o assunto, apresentou alguns dados interessantes. O editor da Cláudio Bertaso, da Editora Globo, quanto ao *Anedotário* afirmou que “é um registro da história de Porto Alegre. Essa história será relida no decorrer dos tempos e sempre será revivida pelos fatos cômicos que aconteceram”. Acrescentou que naquele momento, os livros de humor estava vendendo bem, porque “é uma necessidade que a gente sente de rir um pouco [...] é uma maneira de escapar dessa realidade que está sem enfrentando”. Na ocasião, o presidente da Câmara Rio-grandense do Livro, na época, Eduardo Luizelli, ao ser indagado como interpretava o bom

resultado das vendas de livros de humor, respondeu que “a situação está tão difícil que as pessoas têm se voltado para a área do humor”.

É importante registrar que no ano da morte de Renato Maciel, a editora L & PM, de Porto Alegre, lançou outra obra do autor, *O melhor do Anedotário da Rua da Praia* (1992), coletânea, reunindo as melhores histórias que constavam nos livros anteriores. Segundo os editores, o cronista prestou um grande serviço a sua cidade, pois

ele registrou a chamada memória metafísica. Os fatos miúdos, graciosos, ridículos, a geografia amistosa de Porto Alegre nos anos 30, 40 e 50, ou seja – os pequenos acontecimentos que não interessam à história formal, acadêmica, mas são decisivos para o entendimento do caráter e da alma da cidade

Além da linguagem humorística, Renato Maciel *transfigurou* a memória da experiências nas ruas, nas esquinas, nos cafés, nas pessoas, o viver cotidiano de Porto Alegre entre os anos 1930-1950. Resta a indagação? Qual é a diferença entre as crônicas de Renato Maciel e os relatos de outros cronistas da cidade? São perguntas que serão respondidas ao longo desse estudo. No entanto, acredita-se que cronista não vivenciou os momentos das histórias que lhe contaram. Não foi um cronista do cotidiano que escrevia, diariamente, sobre Porto Alegre. As crônicas de Renato Maciel foram construídas com base nas lembranças de outros, de amigos e conhecidos, que colaboraram para a construção dos textos, que relembrou a época de *ouro* de Porto Alegre.

Para o autor, pareciam ser importantes essas lembranças sobre a Rua da Praia, que ele considerava um espaço afetivo, mesmo com as modificações ocorridas desde os anos 1940 e 1950, até o momento de sua escrita, na década de 1980. Olhou a cidade de uma forma subjetiva, relatando histórias sobre aqueles que caminhavam pelas ruas, praças e lugares. Contou histórias, de maneira humorística, o que diferenciou de outros cronistas da cidade, utilizando-se de o riso para criticar o contexto que vivia. Proporcionou aos leitores uma reflexão sobre o presente – anos 1980 – a frente ao passado (memória dos anos 1930-50). Sobre essa época, Sergio da Costa Franco no texto *Anedotas*,

publicado no *Correio do Povo* (28 out. 1983), afirmou que a obra de Renato Maciel prestou “um bom serviço à memória coletiva”, acrescentando que

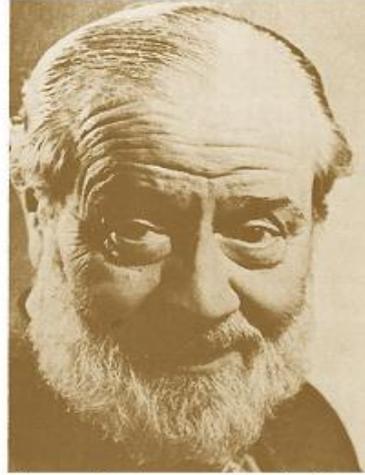
quanto ao *Anedotário da Rua da Praia*, em grande parte me devolveu aos registros da memória figuras conhecidíssimas, casos que testemunhei, coisas, mitos e ambientes da cidade, que me foram próximos e familiares. O Largo dos Medeiros, o Café 17, o América, a Confeitaria Central...

No próximo capítulo, reflete-se sobre o humor presente na escritura de Renato Maciel. Diferentemente dos relatos de outros cronistas Renato Maciel não circulou da mesma maneira pelas ruas⁴⁵ como passearam Augusto Meyer, Carlos Reverbel, Nilo Ruschel e Moacyr Scliar. Seu espaço era estrito a seu escritório e, como advogado, fechado entre quatro paredes, munido de muitas gravações com depoimentos, foi como recuperou uma *outra* cidade, narrando sobre os sujeitos que transitavam pelas ruas da cidade, como se verá, a seguir.

⁴⁵ Renato Maciel nasceu em 1941 e tinha 9 anos de idade em 1950.



Nestor
Barbosa



Fernando Appartcio Torelly



Greco

*Para compreender o riso,
impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural,
que é a sociedade; impõe-se sobretudo
determinar-lhe a função útil, que é uma função social.*

Henri Bergson

AS VÁRIAS FACES DO HUMOR

4 AS VÁRIAS FACES DO HUMOR

Canta a tua aldeia e serás universal.
Leon Tolstói

Nesse capítulo, que trata do humor nas obras de Renato Maciel, apresenta-se a classificação dos tipos de riso de Vladímir Propp e as crônicas que se destacam pelo tom humorístico. Inicialmente, mostra-se a questão do humor vista por especialista no tema. O humor tem suas razões profundas, como afirma Henk Driessen em *Humor, riso e o campo: reflexões da Antropologia*, inserido na obra *Uma história cultural do humor*, de Jan Bremmer e Herman Roodenburg (2000, p. 253- 257). Segundo Driessen “é sabido que o humor político floresce quando há repressão política e dificuldades econômicas”. É justamente esse humor de zombaria com referências a autoridades que se torna recorrente nas crônicas de Renato Maciel, envolvendo figuras de militares, policiais e políticos, transparecendo a sátira até nos títulos das crônicas, já que os nomes fictícios dados aos personagens expõem os mesmos ao ridículo.

Para Driessen, essas piadas políticas inserem-se na realidade das sociedades. A realidade da sociedade vivida por Renato Maciel, a dos anos 1980, era de um tempo de recomeço, quando se iniciava os primeiros instantes de uma futura imprensa livre, que só aconteceu depois de 1985, conforme as palavras de Beatriz Dornelles (2005, p. 107-108).⁴⁶ Segundo a jornalista,

em 1953, nova Lei de Imprensa foi promulgada e, nela os delitos do jornalismo receberam situação especial. [...] No entanto, a partir de 1964, gradativamente, é restringida a liberdade de manifestação e a liberdade da imprensa só é recuperada após o fim da ditadura militar, em 1985.

Segundo Dornelles, nos anos 1980, a imprensa começou a investir em seu crescimento, com mais liberdade. O momento era propício para criticar o sistema governamental. Ao eleger como alvo as autoridades, o cronista utilizou-se da

⁴⁶ No artigo *Os primeiros jornais de bairros comunitários de Porto Alegre*, a jornalista aborda a imprensa de Porto Alegre e os problemas relativos à censura.

escrita e tornou seus personagens porta-voz de suas críticas. Críticas essas dirigidas, principalmente, aos detentores do poder.

Renato Maciel escreveu histórias longas e curtas. Algumas divididas por fatos ocorridos com o mesmo personagem e todas com o objetivo de fazer rir, algumas que serão analisadas têm a finalidade de desconstrução do homem e ou de seu cargo. São muitas narrativas extensas, mas são fragmentadas e tornam-se textos curtos. É como se fosse uma grande história recortada de uma *outra* Porto Alegre. Sobre essa estrutura de texto, o teórico Vladímir Propp (1992, p. 195-196-197) afirma que “as obras narrativas extensas não contém nenhuma intriga cômica [...] que a composição baseada no tempo dá-se nos romances de caráter biográfico, nas narrativas sobre a vida da personagem”. Explica ainda o teórico que o tempo dos fatos não importa narrativas humorísticas, pois “elas são sempre constituídas de uma cadeia de episódios breves, exteriormente ligados entre si [...] ação não se desenvolve, mas se *desenrola* e elas podem terminar a qualquer momento”.

As aventuras cômicas, segundo Propp, variam conforme a época narrada, conforme a cultura do lugar e também do próprio autor dos episódios. Por isso, Propp afirma que “este tipo de composição dá a possibilidade de organizar os episódios cômicos, que são curtos. Os episódios podem não ter um fio condutor nem estarem ligados entre si e sua sequência pode ser alterada” (1992, p. 195). É o que acontece com os relatos de Renato Maciel que transitou entre vários tempos, lugares e pessoas em seus *Anedotários*. Assim é a sua escrita. As crônicas sobre os militares e os policiais surgem em várias partes das três obras, ora com o mesmo personagem, ora com outros, mostrando as situações ridículas em que aqueles se envolvem.

O uso de palavrões é explicado na abertura de *Anedotário da Rua da Praia 2* em *Nota do Autor*, quando Renato Maciel esclarece sobre as palavras empregadas,

prosegue-se no uso do palavrão, sob pena de supressão de trechos inteiros ou perda de conteúdo cômico e para preservar-se a autenticidade dos diálogos e de algumas passagens. A fim de orientar os protetores dos bons costumes e os cultores do melhor vernáculo (bem como a imensa maioria de mal comportados e apreciadores de

expressões chulas), decidiu-se, em gesto de elogiável altruísmo e notável autocensura, assinalar no sumário, com um asterisco, os capítulos onde há atuações obscenas e, com dois, se o linguajar utilizado é profano. Três desses sinais expressam a combinação de ambas as circunstâncias... (ARP2, 1982, p. 13).

Em razão de leituras realizadas sobre o humor, é possível perceber que a comicidade consegue desnudar o poder e desconstruir os mitos. De todas as teorias existentes sobre o assunto, a tipologia de Propp parece ser a mais adequada para analisar as crônicas humorísticas de Renato Maciel, pois a construção de seu humor se dá através da sátira, mostrando os defeitos do outro, como explica a teoria de Propp. Segundo o teórico, há confusão a respeito de nomes ligados à comicidade e ao humorismo. Falam em ironia, em cômico, em ridículo, em sátira e em riso. Assim, é preciso definir os significados dessas palavras, como o próprio Propp fez em sua obra. Adota-se a posição de teórico.

Inicialmente, ele afirma que comicidade e humorismo significam a mesma coisa, são gêneros artísticos. Há comicidade e humorismo no circo, na literatura e no teatro de variedades. Surgem com os fatos narrados ou representados por alguém. A ironia é um tipo de zombaria que revela os defeitos do outro, segundo Propp. Diz-se algo positivo, mas se quer expressar algo negativo. Os termos cômico e comicidade também são sinônimos. Ressalta Propp que “na definição de cômico figuram exclusivamente conceitos negativos: o cômico é algo baixo, insignificante, infinitamente pequeno [...] Tal atitude depreciativa manifesta-se muito claramente em filósofos idealistas como Schopenhauer, Hegel, Vischer e outros” (1992, p. 20).

Propp critica os estudiosos que separam o cômico do ridículo, pois para esses, a palavra cômico estaria numa categoria estética superior, enquanto o ridículo, na inferior. Sua posição: “Nós reunimos sob a única denominação e conceito de comicidade tanto o cômico quanto o ridículo” (1992, p. 24), mas ressalta que a palavra ridículo não é necessariamente pejorativa e sim que provoca o riso. Quanto à sátira, Propp observa que ela não pode existir fora da comicidade, porque é o fim da comicidade. Ou seja, com o humorismo ou comicidade tem-se a sátira, que é o objetivo do agente do riso. Exemplo disso, se uma pessoa revela, de forma satírica, o defeito do outro, ela desnuda o poder. A

comicidade foi o meio para atingir seu objetivo, e com a sátira, o agente do riso consegue criticar e atingir seu alvo. Assim, ela é um fim. No caso de Renato Maciel, o agente, tem como finalidade satirizar o sujeito do riso, seus personagens. Por último, o riso é o resultado de um ato do homem, podendo ser saudável ou não.

Essas explicações são necessárias para se entender como Propp classifica o riso. Dessa maneira, utiliza-se a classificação dos tipos de riso de Propp para refletir sobre as crônicas que integram os *Anedotários da Rua da Praia*. Assim, com base em sua tipologia, a reflexão estará centrada nos textos em que o cronista critica o poder, tornando ridículos seus personagens.

Depois de realizada uma atenta leitura de todas as crônicas de Renato Maciel, foi feito um levantamento dos textos, cujos personagens estavam ligados à zombaria ou a ao riso bom, segundo os tipos de riso enumerados por Propp, objetivando perceber a intenção do autor-narrador ao expor seus protagonistas.

No segundo capítulo dessa pesquisa, em *Crônicas com muito humor*, apresenta-se, com detalhes, a tipologia de Propp e seus vários tipos de riso. Segundo o teórico, “diferentes aspectos da comicidade levam a diferentes tipos de riso” (1992, p. 24). Nas crônicas de Renato Maciel, em razão dos fatos expostos pelo cronista, os personagens tanto surgem de forma cômica e provocam um riso alegre e saudável, como aparecem de um jeito ridículo, manifestando a intenção do autor em mostrar os defeitos de seus alvos.

Segundo Propp, o riso pode surgir “da manifestação repentina de defeitos ocultos, assim podemos concluir que o riso é a punição que nos dá a natureza por um defeito qualquer oculto ao homem, defeito que se revela repentinamente” (1992, p. 44). Ressalta que os vícios não são objetos de comédias e sim estão relacionados a tragédias, estabelecendo a diferença entre o riso de zombaria e o da alegria. Ambos são cômicos e integram a definição de comicidade de Propp, no entanto, o primeiro manifesta os defeitos do outro, desconstrói seu poder e expõe a pessoa ao ridículo, enquanto que o segundo é o riso simples, saudável, decorrente de um contentamento, também apresentado pelo cronista.

Outro dado importante mencionado pelo teórico, em sua obra *Comicidade e Riso*, é que “existem personagens cômicas que não parecem ter características negativas, mas não deixam por isso de ser cômicas” (1992, p. 139). Ele explica que não é uma idéia contraditória em relação à sua teoria de que o riso brota quando surgem as qualidades negativas. Acrescenta Propp que “é preciso ter em mente que na vida não existem pessoas absolutamente negativas nem pessoas absolutamente positivas” (1992, p. 39), argumentando que todo o indivíduo tem características positivas e negativas. Enfim, reafirma que os defeitos dos seres humanos são “as faltas de ordem moral por espiritual: de emoções, de consistência moral, de sentimento, de vontade ou de operações intelectuais” (1992, p. 174). Observa que a perfeição não provoca o riso, mas que os defeitos que se percebe nas outras pessoas podem provocar o riso ou tristeza.

O que interessa a este estudo é que as categorias de Propp permitem compreender as crônicas de Renato Maciel, ora transparecendo o riso de zombaria, ora o riso saudável. Quando faz troça ou zomba de alguém, o cronista se encaixa no que Propp afirma: “O riso que zomba nasce sempre do desmascaramento de defeitos da vida interior, espiritual do homem (1992, p. 175). O teórico acredita que é importante que esses defeitos sejam desmascarados. Assim, observa que

os defeitos estão escondidos e precisam ser desmascarados [...] A arte ou o talento do cômico, do humorista e do satírico estão justamente em mostrar o objeto de riso em seu aspecto externo, de modo a revelar sua insuficiência interior ou sua inconsistência (1992, p. 175).

Um dos objetivos dessa pesquisa é refletir sobre o papel do humor utilizado por Renato Maciel ao apresentar os sujeitos de *outra* Porto Alegre, a do passado, ao escrever suas crônicas nos anos 1980, anos de governos militares, que serviu para desconstruir esses sujeitos. O cronista descreveu as figuras representativas de cada segmento da sociedade porto-alegrense, mostrando-as de maneira que provocam o riso no leitor. É o riso de zombaria de Propp, que expõe o personagem ao ridículo. É a sátira mostrada por Driessen que se molda em anos de repressão política.

Como já foi explicado, Propp menciona que a comicidade é o meio utilizado pelo autor para alcançar seu objetivo, é a sátira é o fim, acrescentando que “uma sátira que não provoque o riso não cumpre sua função social” (1992, p. 187).⁴⁷ Em outros textos, a intenção de Renato Maciel foi apenas fazer rir, expondo um humor saudável de seus personagens, que aplicavam trotes na Rua da Praia nos anos 1940 e 1950. Esse riso alegre apareceu nos tipos populares e na elite porto-alegrense.

Na leitura das crônicas que englobam as três obras de Renato Maciel, observa-se que são três os sujeitos que mais se destacam nos *Anedotários*: dois são coronéis, Carpano e Militão, desprovidos de cultura, comportamento machista e usando o poder para conseguirem seus objetivos. O outro sujeito é Oddone Greco, de família tradicional e rica, com cultura, bem apessoado, mas malandro como os outros e também tentando tirar proveito da vida e das pessoas. Enfim, são três tipos que Renato Maciel usou para satirizar o mundo a sua volta, a sua realidade, só que colocando-os no passado.

4.1 O RISO DE ZOMBARIA

Inicia-se com o riso de zombaria, que tem várias divisões e está muito presente nas crônicas de Renato Maciel, isto é, o riso em relação ao aspecto exterior do indivíduo e como ele apareceu nos textos do cronista, quando Renato Maciel relatou casos humorísticos de pessoas conhecidas da sociedade de Porto Alegre, nas décadas de 1940 e 1950. Propp observa que o leitor ao rir, primeiro o faz pelo aspecto externo e físico, mas depois passa a enxergar o lado interno, ou seja, passa a perceber o que realmente o cronista quis dizer, fortalecendo a real intenção do autor.

Entre os tipos de riso de zombaria que constam na tipologia criada por Vladímir Propp, tem-se: a natureza física do homem, a comicidade das diferenças, a ridicularização das profissões, a paródia, o exagero cômico, o

⁴⁷ Na Introdução dessa tese, apresentam-se os vários significados que envolve as palavras humor e riso, para que seja compreensível.

malogro da vontade, o fazer alguém de bobo, os alogismos, a mentira e os instrumentos linguísticos da comicidade. O teórico também menciona outros tipos de riso como: o riso bom, o alegre e o imoderado, também presentes nas crônicas. Na narrativa de Renato Maciel não constam o riso maldoso, o cínico e o ritual. Os demais estão inseridos nas crônicas e se encaixam na classificação do teórico. Uma observação feita por Propp vale ser registrada: “A pessoa parte do pressuposto de não possuir os defeitos do outro [...] um dos componentes do sentimento de satisfação consiste no fato de que ‘eu não sou como você’” (1992, p. 180).

A primeira reflexão incide sobre os instrumentos linguísticos da comicidade, pois a escrita de Renato Maciel apresenta marcas que se enquadram na tipologia de Propp, sendo que esse explica que a língua é cômica, porque reflete o pensamento de quem fala. Por exemplo, Renato Maciel empregou em suas crônicas muitos diminutivos que podem, dependendo do texto e de como são empregados, ser pejorativos e depreciar o personagem. Neste capítulo, refletimos sobre esta forma de expressão. Para Propp (1992, p. 119), “ a língua constitui um arsenal muito rico de instrumentos de comicidade e de zombaria [...] Deles fazem parte os trocadilhos, os paradoxos e as tiradas de todo o tipo, a eles relacionadas, bem como algumas formas de ironia”.

Propp ressalta que a ironia traz em si um jogo de palavras, pois, muitas vezes, fala-se algo, mas se diz de outra forma, com outros termos, expressando um sentido contrário. “A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade” (1992, p.125). As crônicas relacionadas a militares, policiais políticos e a outros nomes conhecidos fazem parte dos sujeitos expostos por Renato Maciel. Ressalta-se que o cronista mostrou os defeitos do outro, de forma engraçada, relatando casos em que o protagonista da história tornou-se vulnerável ao expor suas mazelas.

Segue-se com o pensamento de Propp (1992, p. 46), que diz ser o riso uma “arma de destruição: ele destrói a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio”. As crônicas de Renato Maciel inserem-se na classificação proposta por Propp. São os textos em que há ironia

como na crônica intitulada *A por L* (ARP2, 1982, p. 43) que tem como personagem principal Apparício Torelly, e zombaria, esta aparecendo nos próprios títulos de crônicas como: *Ticão* (ARP1, 1981, p. 52), *Os Furões* (ARP1, 1981, p. 59), *Marmota* (ARP1, 1981, p. 89), entre outros.

Propp (1992, p. 125) afirma que “na ironia expressa-se com as palavras um conceito, mas se subtende (sem expressá-lo por palavras), um outro, contrário”. Todo o indivíduo, antes de tudo, é um ser humano e pode acontecer de afirmar propositalmente algo positivo, pretendendo, ao contrário, expressar-se de forma negativa. A ironia mostra os defeitos daquele que se fala, constituindo-se assim o riso de zombaria. O que Propp não concorda é que haja algum tipo de lição de moral no texto, pois ele acredita que cabe ao leitor o julgamento dos fatos narrados. Assim, Propp (1992, p. 207) observa que

a lição de moral fica bem na fábula (embora as fábulas a dispensem muitas vezes), mas não cabe em nenhum gênero humorístico [...] nada temos que julgar diante do leitor, é preciso que as coisas lhe sejam mostradas e as deduções serão tiradas por ele mesmo [...] o leitor não gosta que lhe ensinem, e ele quer compreender sozinho.

A linguagem de Renato Maciel tem um tom coloquial e revela ironia. O cronista possui um vocabulário próprio e utilizou muito diminutivos e aumentativos e, na medida em que se lê suas crônicas, percebe-se que existe uma clara intenção de satirizar o outro, colocando seus personagens em situações ridículas. Renato Maciel explorou muito bem os sujeitos que descreveu e que passeavam pela Rua da Praia, articulando com perfeição suas ideias e ao narrar sobre seus personagens, ora para mostrá-los com admiração, quando apresenta um riso bom, ora para desfazer com sarcasmo, quando zombava do outro.

Inicia-se com a crônica *A recepção de gala*, (ARP1, 1981, p. 25), quando surge o riso da zombaria, usando a ironia, conforme tipologia de Propp, com o alvo preferido: os militares. Propp afirma que “a ironia revela alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Segundo ele, a ironia constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade.” (1992, p. 125).

Nesse texto, o cronista narrou a história de um conhecido médico de Porto Alegre, professor da Faculdade de Medicina e também proprietário de um

laboratório, que tinha comportamento esquisito. Trajava-se de maneira estranha e morava em um hotel, onde costumava oferecer recepções. Apesar de Renato Maciel ter focado a história na figura do professor, percebe-se na crônica que o alvo é um militar. Eis a crônica:

Ao ensejo da Semana da Pátria convidou, para uma festa de gala, o general comandante da Região Militar. Na hora aprazada, o oficial, em uniforme de gala, e a esposa, também vestida a caráter, bateram à porta do apartamento do médico. Quando o mordomo abriu, uma vitrola começou a tocar alto os acordes iniciais do hino nacional. O militar e a mulher imediatamente pararam, surpresos e respeitosos. Da entrada puderam constatar não haver outros convidados; apenas eles próprios. Na sala principal, os donos da casa estavam postados de cada lado do pedestal onde fora fixado um mastro, enquanto lentamente hasteavam a bandeira nacional. No momento certo da música, o médico e a mulher passaram entusiasticamente a cantá-la. Quando a cerimônia toda terminou, os convidados foram anunciados de viva voz e, a seguir conduzidos ao salão pelo mesmo mordomo, que os apresentou, visto não se conhecerem. Nada foi servido, exceto uma garrafa de champanhe, para sucessivos brindes e cumprimentos ao militar, já meio desconfiado com tudo aquilo (ARP1, 1981, p. 25).

Houve uma nítida intenção no texto de expor o general — comandante da Região Militar — ao ridículo. Aqui, o humor tem conotação de zombaria, um tipo de riso conforme a tipologia de Propp, ridicularizando o comandante e sua mulher. O texto de Renato Maciel atingiu não somente o militar e sua mulher, mas também, de maneira irônica, alcança os símbolos nacionais como com o hino e a bandeira. Mesmo que Renato Maciel não tenha tido inicialmente este desejo, fica expressa para o leitor a comicidade da situação relatada. Trata-se de uma crítica sutil, em razão da campanha nacionalista do governo *Ame-o ou deixe-o*, além de o uso abusivo dos símbolos nacionais.

De acordo com a crônica, depois de um longo silêncio, os visitantes resolveram ir embora e saíram do recinto ao som do Hino Nacional. A ironia está no fato de Renato Maciel apresentar toda uma situação, aos moldes do cerimonial militar, expondo a figura de um general comandante. De uma certa forma, ele respondeu aos militares no seu tempo presente, anos 1980, mas se utilizando de histórias de uma *outra* Porto Alegre. Eram momentos delicados, um período de abertura política, mas ainda tenso em relação aos meios de comunicação, requerendo por parte dos intelectuais um certo cuidado na escrita.

No entanto, nada disso impediu que Renato Maciel fosse autêntico em suas observações e que colocasse em jogo suas posições. A comicidade da situação está nas atitudes do oficial, que não perdeu a pose, mostrando com isso que seguiu à risca o que aprendeu no Exército: a disciplina.

Outra forma de comicidade presente nos textos de Renato Maciel foi quando satirizou seus personagens ao denominá-los com nomes que provocavam o riso de zombaria. É preciso ficar atento e refletir sobre os títulos de textos em geral, porque podem antecipar o objetivo da escrita, informar e deixar pistas para o leitor fazer sua interpretação. Uma característica marcante na escrita de Renato Maciel são os títulos que ele deu às suas crônicas nos livros *Anedotários*, principalmente, as que têm os militares e os policiais como tema principal. O cronista usou e abusou tanto de aumentativos como de diminutivos em sua linguagem, como se analisará mais adiante com as devidas crônicas.

O cronista Renato Maciel aproveitou sua veia humorística para nomear corretamente os indivíduos que descreveu em algumas crônicas. Exemplo disso é o nome Militão, que deriva do termo militar, no caso, significando um grande militar, pois a palavra está em um grau aumentativo. Na crônica *Militão ataca*, abaixo, Renato Maciel, mostrou sua veia humorística e ao mesmo tempo aproveitou para desconstruir a pompa do coronel Militão Fagundes: “Ao longo de pouco mais de vinte anos, o coronel Militão Fagundes contou fatos tão inusitados, acontecidos com animais existentes em suas terras, que, juntando-os, deparamo-nos com fantástico painel (ARP2, 1982, p. 194)”.

Relatando os casos contados pelo próprio coronel, que foram passando de geração em geração, caracterizando a tradição oral, Renato Maciel apresentou muitas histórias protagonizadas pelo mesmo, que são narradas mais adiante, quando se refere aos alogismos, que são os absurdos da tipologia de Propp. A comicidade está presente nos nomes que os autores dão às suas personagens, segundo Propp (1992, p. 204), acrescentando que quando o autor cria um nome para um personagem, ele traz à tona o lado cômico da situação, fazendo com que o leitor se identifique com o personagem. Mas o teórico destaca que há nomes engraçados e outros completamente sem graça.

De acordo com Propp (1992, p. 206), “a risada surge inesperadamente, embora o inesperado possa ser preparado com arte”, ou seja, o autor pode planejar sua escrita, seus personagens e dar a cada um deles o nome que lhe convier. Isso acontece muitas vezes, pois a maioria dos escritores planeja seus textos e já sabe de antemão como apresentarão seus personagens. Exemplificando, na crônica *Ticão* (ARP1, 1981, p. 52), o nome do personagem está no superlativo e é explicado por Renato Maciel, quando narra que a Rua Nova, depois chamada de rua Andrade Neves, “era conhecida porque tinha muitas pensões de mulheres”. Entre essas, o destaque era o Clube dos Caçadores. Segundo o cronista, os que frequentavam a rua, tentavam passar despercebidos e escondiam-se. Segundo o texto,

não era o caso de Ticão, apesar de seu ilustre sobrenome, Afinal, sendo moço, solteiro, bem-apessoado e estudante de Direito, não dava satisfações a ninguém. Desfrutava de grande popularidade entre as mulheres da rua — um verdadeiro sucesso — mercê de uma determinada peculiaridade física sua muito apreciada por elas... (ARP1, 1981, p. 52).

Mais adiante, na mesma obra, em *Os Furões*, Renato Maciel recordou a história de pessoas que tinham o hábito de penetrarem em festa sem serem convidados, como a que se realizou na Rua Coronel Bordini, na época conhecida por suas residências luxuosas.

Dois conhecidos empresários, quando moços, gostavam de contar vantagem pelos acontecimentos sociais que haviam furado. [...] Numa dessas vezes, à custa de algumas proezas, se conseguiram vencer as barreiras e entrar em uma recepção na Bordini. Sabiam muito bem que aqueles primeiros minutos eram cruciais e definitivos para sua permanência, ou expulsão vexatória. [...] os bicões perceberam, preocupados, que o gabarito da festa era elevado demais para suas roupas. Intimidados, tornaram-se inseguros (ARP1, 1981, p. 59).

Renato Maciel apresentou o Marmota,⁴⁸ outro nome de personagem que leva a refletir, ao relatar um dos trotes que o conhecido médico Nestor Barbosa passava em amigos ou desconhecidos, a partir de seu consultório, que ficava

⁴⁸ O termo vem do francês *marmotte* e significa pequeno quadrúpede roedor, segundo o dicionário Aurélio, edição 1884, p. 892. Mamífero roedor semelhante ao esquilo.

localizado na Galeria Chaves, outro ponto central da Rua da Praia, onde tudo acontecia. Segundo o cronista,

o Dr. Nestor Barbosa olhava, distraído, o movimento da Rua da Praia, desde a janela de seu consultório, quando notou, parado no meio da rua, um sujeito, conhecido na cidade apenas pelo apelido de Marmota. Era um tipo violento, de maus bofes, muito forte, com o nariz enorme e esborrachado, bem vermelho. Tinha, pelo menos, uma característica bem conhecida de Nestor: ficava possesso se alguém o chamasse pelo apelido e comumente brigava por causa disso (ARP1, 1981, p. 89).

O médico resolveu passar um trote em Marmota e pediu ao gerente Dorval Porto, da Casa Colombo, sapataria que ficava em frente à Galeria Chaves, que desse um recado para o Marmota, chamando-o pelo nome. Depois Barbosa, ficou na janela de seu consultório, observando e rindo da fúria do Marmota, ao receber o recado. É possível perceber o tipo de prática existente naqueles tempos, quando havia mais momentos livres e os sujeitos praticavam brincadeiras algumas saudáveis, outras nem tanto.

Nesse caso, salienta-se que o apelido do sujeito que tem uma certa conotação pejorativa e provoca o riso, segundo Propp. Tanto que o trote que o médico aplicou em Marmota, o deixou simplesmente furioso. De acordo com Propp,

existem palavras que possuem dois ou mais significados. Alguns significados têm sentido amplo, de certo modo geral, abstrato, e outros o têm mais restrito, concreto, aplicado. [...] o âmbito da comicidade conseguida graças a meio linguísticos é bastante riso e variado. [...] não é possível deixar de falar em nomes próprios que os autores de comédias e de obras cômicas dão a suas personagens.

Propp (1992, p. 131) prossegue em sua teoria do riso, dizendo que “os nomes cômicos são um procedimento estilístico auxiliar que se aplica para reforçar o efeito cômico da situação, do caráter ou da trama”. Exemplo disso, é a crônica com o título de *Nomenclatura*. Nela, Renato Maciel narrou que o fato aconteceu na sala de espera de um conhecido banco gaúcho. Um conhecido cidadão disse à recepcionista que gostaria de falar com o diretor. Ela lhe perguntou quem deveria anunciar. A resposta veio em seguida;

- Cançado — respondeu ele.
 — Ah, sim... então o senhor espere um pouco.
 Vinte minutos depois, o visitante indagou se já havia sido anunciado.
 — Não, senhor, ainda não...Mas...como é seu nome mesmo?
 — Cançado, senhorita, Cel. Cornélio Cançado (ARP3, 1983, p. 15).

Nessa crônica, Renato Maciel citou vários nomes registrados no Rio Grande do Sul que expõem seus usuários ao ridículo e depois de relatar diversos casos de filhos chamados de forma estranha, o cronista terminou o texto com o coronel Cançado. Não só o nome está escrito de forma errada, como também expõe sua pessoa, enquadrando a história na tipologia de Propp.

Um dos instrumentos linguísticos de comicidade citado por Propp e muito utilizado pelo cronista são os diminutivos. As palavras empregadas dessa forma, segundo Propp, provocam o riso, mas o teórico alega que depende de como é exposta a situação, podendo provocar um riso bom ou não. Propp exemplifica com um clássico do humor, *Queridinha*, de Tchekhov, com tradução brasileira de Boris Schnaidermann, em *A dama do cachorrinho* e outros contos (p. 293-306). De acordo com Propp, a figura é positiva, porque se mostra amorosa e feminina, mas ressalta que, na época de sua escrita, não foi compreendida pelos críticos. Ainda sobre as palavras usadas em grau diminutivo, Propp observa que “na maioria dos casos o riso bom é acompanhado justamente por um sentido de afetuosa cordialidade”. (1992, p. 153), mas pode ter um alcance diferente, dependendo de como a palavra é escrita ou dita, como na crônica *O massagista da Bequinha*.

O tempestuoso romance durou até que o gigolô foi detido no Parque Farroupilha namorando uma empregadinha, quando usava uma farda de oficial do Exército, roubada. No dia seguinte, sua fotografia aparecia em todos os jornais, de cujas manchetes a mais amena dizia: PRESO TENENTE SEDUTOR (ARP1, 1981, p. 164).

Nessa crônica, Renato Maciel desmereceu o Exército como instituição, ao vestir um gigolô com a roupa oficial dos militares, também nomeou o indivíduo de *tenente sedutor* e ainda mencionou a mulher chamando-a de empregadinha. A começar pelo título dado pelo cronista, há sátira, pois Bequinha é o nome da personagem principal do texto, ou seja, é uma prostituta, cujo casa estava localizada na rua Cristóvão Colombo, perto da Rua Coronel Bordini.

Há outros exemplos de crônicas inseridas nos *Anedotários* que contêm muitas palavras no diminutivo como *O tocante episódio do jovem que trocou as bolas*, que inicia assim: “Terminado o mês de encantadora lua-de-mel, o *casalzinho* retornou a Porto Alegre [...] como a *mulherzinha* continuasse dormindo [...] e insinuou a *mãozinha* até segurar [...] quando o *maridinho*” (ARP2, 1982, p. 124).

Mas Renato Maciel exemplificou melhor a sua linguagem humorística na crônica *A fauna doméstica do coronel Militão*, protagonista de diversos textos. De acordo com o cronista, o coronel Militão sempre dizia que seus animais eram fantásticos e admiráveis. No texto, Renato Maciel relatou as aventuras do coronel, com um texto que empregava, em demasia, as palavras no diminutivo e no aumentativo, como no texto, abaixo. A linguagem de Renato Maciel tem essa característica e, conforme Propp, a comicidade é determinada por todo o contexto do texto.

Na fazenda, tinha uma dessas cadelinhas de seguir [...] o animalzinho jamais se sujava [...] a charrete era puxada pela Branquinha, uma égua cujo trote era cronometricamente uniforme, dava até para acertar as horas por ela [...] certo dia, o cebolão do coronel acusou atraso de um minuto [...] a égua ganharia cria nova e o peão, rapazinho desatento, ao atrelá-la de manhã não percebera (ARP2, 1982, p. 203).

Aqui, o Militão, um grande coronel, tem vários animais, inclusive a égua que, pelo seu trotar, lembra soldados marchando. Todas as alusões de Renato Maciel remetem à determinada categoria da sociedade e ele não deixou de satirizar sempre que foi possível, manifestando sua inconformidade por meio do humor. Outro trecho da crônica *Os prevaricadores – II* (ARP3, 1983, p. 108) em apenas seis linhas de texto, há cinco palavras no diminutivo. São elas: amiguinha, hotelzinho, reuniãozinha, joguinho e dancinha. Na crônica *In Memoriam Gozatorum* (ARP3, 1983, p. 164) que trata das ocorrências no meio policial, Renato Maciel também empregou muitas palavras no diminutivo como as seguintes: cartazinho, baixinho e pensãozinha.

Além de usar como tema os militares e os policiais, ficando entre o fazer humor e construir a memória de Porto Alegre, Renato Maciel explorou outros personagens que também fizeram parte da história da cidade como o famoso

Barão de Itararé, cujo nome era Fernando Apparício Brinkerhoff Torelly. Esse foi um dos personagens que Renato Maciel também usou para desconstruir o poder, pois tinha uma pose irreverente e ousada, fazendo críticas severas aos governos. Na crônica *A por L*, segundo Renato Maciel, Torelly

terminou seus *estudos preparatórios*⁴⁹ em São Leopoldo, no Ginásio N. Sra. Da Conceição, embrião da hoje Unisinos⁵⁰, veio para Porto Alegre e, juntamente com todos os demais pretendentes a cursos universitários, submeteu-se aos testes orais de fim de ano, perante a banca federal anualmente constituída para essa finalidade (ARP2, 1982, p. 43).

Na época, era habitual os futuros universitários prestarem exames orais, prática que continuou até os anos 1970, na Faculdade de Direito da UFRGS⁵¹. Conforme, Renato Maciel, na crônica *A por L*⁵² ele citou um advogado famoso na época, Oswaldo Vergara, renomado advogado gaúcho e professor de Língua Portuguesa foi quem interrogou Aporely e lhe solicitou que formasse uma frase com o verbo no mais-que-perfeito. O candidato, então, respondeu: "O burro *vergara* ao peso que levava".

Vergara não se scandalizou, terminou o exame normalmente e depois comentou com os outros examinadores: "Sim, ele realmente foi desaforado, mas revelou ter o fundamental: conhecimento. Não havia razão para massacrá-lo. O mundo se encarregará dele..." (ARP2, 1982, p. 43). Este jogo de palavras utilizado pelo personagem de Renato Maciel serve para mostrar o quanto os termos podem revelar ironia ou até mesmo incomodar uma pessoa mais desavisada. O cronista citou no texto *A por L* (ARP2, 1982, 48) que "por sofrer de diabetes, afirmava que a morte lhe seria doce. De fato, por essa razão acabou morrendo em 1971, aos setenta e seis anos".

Em outra crônica, *A morada do Barão*, Renato Maciel utilizou-se do mesmo personagem, Aporely, para apresentar um texto com palavra no diminutivo. Como Aporely viveu em Porto Alegre e morou em diversas moradias no centro da cidade, há muitas histórias sobre sua pessoa. Nessa crônica, Renato Maciel

⁴⁹ O grifo é do cronista.

⁵⁰ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

⁵¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵² De acordo com Renato Maciel, é o pseudônimo de Aporely no jornal *A Manhã*, de 1926 a 1930.

narrou que ele ficou um pouco mais de tempo em uma pensão na rua Uruguai, onde ocupava uma peça pequena sem banheiro. No texto, mostra-se o uso de palavra *quartinho*. “Dividia o quartinho em mais compartimentos, para adequá-lo às suas necessidades. Pegava giz e riscava no chão as ‘peças’, entrada, sala de visitas, sala de jantar, o quarto e o banheiro” (ARP2, 1982, p. 210).

Observa-se que Renato Maciel não teve a intenção de referir-se a Aporely de forma pejorativa e sim mostrar que seu quarto era realmente pequeno. Dessa forma, surge a expressividade da língua, ressaltada por Propp, que acredita serem importantes as falas dos personagens e a forma como o autor se comunica com o leitor. Assim o idioma fica expressivo. Segundo o teórico, na escrita é possível perceber o talento de um autor por meio da forma como ele coloca a história. “As personagens devem falar a língua que lhes é característica e se expressar de forma sugestiva”. (1992, p. 133).

Aporely é protagonista de outras crônicas, quando mostrou sua irreverência, como a relatada por Renato Maciel, na ocasião em que foi preso. Na crônica *A passeata*, Renato Maciel lembrou que:

em novembro de 1918, logo após o armistício solicitado por Alemanha e Áustria, assinou-se a humilhante rendição incondicional das tropas do Kaiser, encerrando as hostilidades da Primeira Guerra Mundial. Grandes foram as festividades em todas as capitais do país, pois o Brasil apoiara a causa aliada. Exceto, porém, em Porto Alegre, onde a situação tornara-se muito delicada para as autoridades estaduais, dada a importante presença de alemães e descendentes (ARP3, 1983, p. 12).

Disse Renato que o Governo Borges de Medeiros resolveu colocar normas de censura, para impedir as manifestações. Na época, Aporely estudava Medicina, e foi para a Rua da Praia e ficou à frente de uma passeata. Pediu aos estudantes que colocassem uma rolha na boca e subiu numa carroça, pela Ladeira indo em direção à Praça da Matriz, dirigindo-se ao Palácio do Governo. Segundo Renato Maciel, o coronel Paim, chefe de Polícia na época, mandou a passeata dissolver-se, derrubaram a carroça de Aporely e ele foi preso e levado à Central de Polícia, que ficava localizada na Rua de Bragança (hoje rua Marechal Floriano). O general perguntou aos jovens manifestantes quem era o cabeça do movimento. Aporely respondeu:

— Pois não sei. Até acho que esta foi uma passeata sem pé nem cabeça... Como o general insistiu, Aporely chegou na janela e apontou para o burrico que estava na carroça na rua.

— Olhe, general, quem vinha na nossa frente era aquele ali. Quem sabe não terá sido ele o cabeça da passeata?

Foi a primeira das incontáveis vezes em que, por suas irreverências, Aporely acabou preso (ARP3, 1983, p. 12).

Depois no texto *O gênio da sátira*, o cronista ressaltou que a experiência jornalística de Aporely o fez mudar-se para o Rio de Janeiro no começo dos anos 1920. Segundo Renato Maciel, em vários jornais; “começou pelo ‘O Globo’ e terminou em ‘A Manhã’, em que se inspirou ao fundar, em 1925, ‘A Manhã’, um órgão de ataques...de riso e quinta-ferino, que no entanto só saía às sextas. Nesse texto, o cronista relata uma das passagens polêmicas de Aporely no meio jornalístico. Depois de ser solto, Aporely anunciou sua candidatura a deputado pelo Estado de Sítio. Um dia, encontrou-se com o amigo Adroaldo Mesquita da Costa. O diálogo foi o seguinte:

— Como é, Apparício, e o Estado Novo?

— Ah, Adroaldo, desde a República que este país passa por todos os estados: de sítio, de emergência, de guerra, estado Novo...até esse, o estado a que chegamos...[...] Quando, em 1946, Adroaldo foi escolhido para substituir o Ministro da Justiça Benedicto Costa, “A Manhã”, verificando outro Costa (Fernando) no ministério, em esquecer o ministro da Fazenda Arthur de Souza Costa, alardeou em manchete:

GOVERNO DE COSTAS PARA O POVO. (ARP3, 1983, p. 67-69).

Há um jogo de palavras que, na opinião de Propp, se presta para dar ambiguidade à frase de Aporely. É um recurso linguístico explicado por Propp: “Existem palavras que possuem dois ou mais significados. Alguns significados têm sentido amplo, de certo modo geral, abstrato, e outros o têm mais restrito, concreto, aplicado” (1992, p. 121). É o que acontece quando Aporely disse a frase acima, publicada em seu jornal, parecendo que o governo não se interessa pelo povo.

Há outra frase dita por Aporely – uma sátira que Renato Maciel faz em relação aos militares — usando como porta-voz agora o Barão de Itararé na crônica *Aftda...mente*. No final da década de 1920, o cronista recordou que Aporely era conhecido por suas brincadeiras, mas fazia muitas pesquisas em

relação à febre aftosa. Em certa ocasião, foi proferir uma palestra sobre o assunto e forneceu à plateia muitos dados sobre a vacina. Em dado momento, parou de falar e dirigiu-se ao público:

— Afinal de contas, quem é que nós somos? Repito, quem é que nós somos?

A plateia atenta, suspensa pela frase. E, do sério que estava, Aporely passou repentinamente a entoar e dançar o hino:

— ‘Nós somos da pátria amada, fiéis soldados...’

E, dessa forma, saracoteando e cantando, desceu do púlpito e saiu da sala (ARP1, 1981, p. 113).

Para Propp, é importante prestar atenção nas palavras do narrador, que ao expressar-se de forma sugestiva, pode estar satirizando seu personagem. Na crônica sobre *Flores da Cunha* que leva o título de *Flores*, com diversos relatos sobre o político, quando em 1924, tornou-se general honorário do Exército e deputado federal pelo Rio Grande do Sul, conforme o texto de Renato Maciel. Um dos trechos da crônica diz o seguinte:

Emotivo, penalizava-se ao ver algum pobre na rua. Costumava mesmo distribuir gordas esmolos. Certa ocasião, uma mulher pediu-lhe dinheiro. Flores abriu a carteira e ofereceu:

— A senhora tire o que quiser.

— Mas, general... — respondeu ela, surpresa, não sabendo o que fazer.

— Se uma senhora está necessitada — justificou Flores — um cavalheiro não pergunta de quanto ela precisa. Fica apenas disponível (ARP3, 1983, p. 128).

Nessa crônica, em relação às palavras proferidas pelo general Flores da Cunha, há ambiguidade, podendo a crônica ser entendida de outra forma, como se o general estivesse disponível às senhoras. O cronista conseguiu atingir seu objetivo e apresentou uma autoridade de forma descontraída, tirando-lhe a pompa do cargo, então, ocorre uma desconstrução de poder. Em relação aos políticos, Renato Maciel exibiu a outra face do indivíduo, aquela que o leitor não está acostumado a perceber.

Em todos os seus textos, o homem público, seja político, um advogado renomado, um médico conhecido, ou um diretor de uma faculdade, Renato Maciel apresentou-os como simples mortais. Essa forma de discurso tem uma finalidade, atingir um maior número de leitores, pois fatos políticos todos conhecem por meio

de jornais e emissoras de televisão ou rádio, mas fatos corriqueiros, estes são esquecidos e o público leitor de Renato Maciel, aquele que costumava frequentar nos anos 1980, também queria saber das andanças dos nomes conhecidos de décadas passadas. Renato Maciel tinha um discurso que, ao mesmo tempo, é engraçado pela colocação das palavras, mas de outra parte é marcado por uma certa rigidez ao expor ao ridículo seus personagens.

Na crônica, abaixo, outro militar gaúcho é exposto, mas desta vez ele revela incompetência e ignorância, o que é facilmente percebido no texto de *Os fofos coxins do Império*:

No final da segunda grande guerra, certo regimento de cavalaria no Estado, era comandado por um velho coronel em véspera de reforma, que um dia chamou o tenente e disse:

- Resolvi promover o Soldado Pereira a cabo. Tome as providências necessárias.

O rapaz pediu licença e ponderou, respeitoso:

- Desculpe, coronel, mas devo lembrar-lhe que há uma circular, assinada pelo próprio ministro, proibindo esse tipo de promoção, a nível de unidades como a nossa (ARP1, 1981, p. 118).

O comandante não deu importância à recomendação e pediu ao tenente que cumprisse sua ordem. Meses depois, chegou um radiograma do gabinete do Ministro, que solicitou esclarecimentos sobre o fato. O coronel mandou que o tenente respondesse o seguinte:

Resposta seu rádio número tanto, de tal data, informo que este regimento dispõe, atualmente, de quatrocentos e oitenta montarias, das quais quarenta indisponíveis. Quanto à forragem dos animais, nosso estoque de milho... (ARP1, 1981, p. 118).

Mas o jovem tenente não entendeu nada. Com impaciência, o coronel falou para o tenente:

— Escute aqui, tenente, eu podia ou não promover o Soldado Pereira?

— Não podia.

— Eu tenho ou não que responder o rádio do ministro? Tem sim, senhor.

— Então continue escrevendo, meu filho, porque, até o pessoal lá de cima, chegar a uma conclusão sobre a resposta que estamos dando, eu já estarei na reserva ou morto (ARP1, 1981, p. 118).

Nessa crônica, percebe-se a crítica feita por Renato Maciel contra o excesso de burocracia e como ela traz dificuldades, emperrando a máquina do estado e beneficiando quem está no poder, impedindo as mudanças. Em outro trecho da mesma crônica, o Renato Maciel recordou que um jovem sargento foi transferido para o mesmo regimento e com o já citado coronel. Deram-lhe a tarefa de elaborar o boletim diário, relatando as ocorrências da unidade. O mesmo comandante leu e não gostou. O jovem ficou arrasado e perguntou ao seu superior o motivo de o comandante não ter gostado de seu texto. O calejado militar olhou a minuta e diagnosticou:

- Esqueceste de falar nos fofos coxins do império.
 - Os quê? – perguntou o rapaz.
 - ...fofos coxins do império. Se não tiver isso, ele não aprova.
 - Mas, por quê? Quis saber o novato.
 - Não sei, nem me interessa. Só sei que o coronel gosta. Põe isso em qualquer parte do texto, que ele aprova.
- O moço, então, releu o que redigira, deteve-se em uma frase referente ao novo horário do toque de recolher, retirou-lhe o ponto final, colocou ali uma vírgula, sapecou nos fofos coxins do império e retornou ao comandante. Este leu o documento e, num sorriso de consentimento, disse:
- Ah, agora sim! (ARP1, 1981, p. 119).

Na opinião de Propp (1992, p. 175), “o riso que zomba nasce sempre do desmascaramento de defeitos da vida interior, espiritual do homem [...] os defeitos estão escondidos e precisam ser desmascarados. A arte ou o talento do cômico, do humorista e do satírico estão justamente em mostrar o objeto de riso em seu aspecto externo, de modo a revelar sua insuficiência interior ou sua inconsistência”.

Renato Maciel apresentou o coronel como uma pessoa sem maiores pudores e sem nenhuma preocupação em fazer de forma correta o seu trabalho, ainda dando maus exemplos para seus subordinados, o que não é uma prática comum no Exército brasileiro. Por conhecer os meandros da burocracia, o militar a usa em seu benefício. O cronista reservou-se ao direito de fazer uma pequena amostragem de uma parcela incompetente, como pode existir em qualquer profissão ou atividade. Salienta-se que Renato Maciel quis mostrar que existem militares que não honram sua farda. Com isso, o cronista colocou um militar em

uma posição inferior, revelando de forma satírica a sua ignorância e mostrando o que realmente importava para o indivíduo, ou seja, palavras pomposas em forma de frases soltas no texto, demonstrando um militar que poderia, talvez, estar com saudades dos tempos do Império, quando aqui reinava um rei, que detinha o poder máximo.

Há outras histórias lembradas por Renato Maciel sobre os militares, em que se observa a intenção do autor em desconstruir o poder desses sujeitos, mostrando como Propp afirma sua “inconsistência”. Na época da escrita de Renato Maciel, os anos 1980 mostravam outra realidade, não tão severa como antigamente, parecia que a vida voltava ao normal, depois de um pesadelo. No entanto, os coronéis ainda metiam medo, como o coronel da crônica de Renato Maciel que gostava de ser temido. O humor, nesse caso, tem o tom de uma grave crítica e pode até ser engraçado. No entanto, o cronista por detrás dessas brincadeiras, revelou os defeitos do outro, também criticando as atrocidades que podem ter sido cometidas. Em outros tempos, tudo era normal. Nos anos 1980, as denúncias incentivavam a procura dos crimes. O cronista destacou a ignorância desses indivíduos.

Na crônica *Os coronéis provisórios em Anedotário da Rua da Praia 2* com oito páginas, Renato Maciel traçou um painel dos coronéis gaúchos e detentores do governo naqueles tempos, apresentando um perfil dos coronéis de forma que os expõem ao ridículo, como se apresenta em alguns fragmentos de crônicas: Ao iniciar o texto, o cronista explicou como surgiu a denominação de coronel:

Inicialmente, o posto honorífico de coronel, originário da Guarda Nacional do Império, atribuía-se aos comandantes dos corpos provisórios formados nas revoluções da República Velha. Acabou designando genericamente os latifundiários que controlavam as pequenas cidades do interior e sua população rural. [...] os coronéis gaúchos dividiam-se por razões mais filosóficas que práticas, em ximangos e maragatos (ARP2, 1982, p. 10).

Nos próximos trechos de crônicas, mostra-se que Renato Maciel desnudou esses coronéis, desmascarando-os perante o público leitor. A teoria de Propp é simples, porque o teórico cita três aspectos para existir a comicidade. Segundo Propp (1992, p. 173),

a primeira condição para a comicidade e para o riso que ela suscita consistirá no fato de quem ri tem algumas concepções do que seria justo, moral, correto ou, antes, um certo instinto completamente inconsciente daquilo que, do ponto de vista das exigências morais ou mesmo simplesmente de uma natureza sadia, é considerado justo e conveniente.

Segundo Renato Maciel, os coronéis eram de todos os tipos, mas tinham em comum dois fatores: poder e riqueza. Culturalmente, apresentam sérios problemas e se tornavam conhecidos por suas façanhas quando vinham a Porto Alegre e passeavam pela Rua da Praia e na Praça da Alfândega. Um dos sujeitos que está muito presente nas crônicas de Renato Maciel é o coronel Carpano. Em *As andanças de Carpano*, ele representou o homem gaúcho, que vivia mais no interior do estado, confinado em suas terras, sem muita cultura e dando valor aos bens materiais. Como o autor-narrador explicou no texto:

Maragato de quatro costados, organizou na Revolução de 23, quando o pai já morrera, uma unidade de provisórios e foi pelear pelas coxilhas em favor de Assis Brasil, contra Borges de Medeiros. Voltou de lá com o coronel incorporado ao nome e a fama de valente (ARP2, 1982, p. 106).

Como é possível observar, o poder e a riqueza nas mãos dessas pessoas tornam as mesmas arrogantes. Renato Maciel exibiu a prática dessas autoridades, sem preparo, e que acabam comprando títulos pomposos para aparentar perante os outros.

Para Propp, “os erros de língua podem ser cômicos, se eles desnudam um defeito de pensamento [...] outros erros são cômicos quando expõem a grosseria e a falta de cultura de quem fala” (1992, p. 129). Nas histórias narradas por Renato Maciel sobre os coronéis, surge essa falta de cultura mencionada por Propp. Exemplificando, há outro texto que envolve o coronel e sua ignorância cultural, a crônica *Carpano Pereira*.

O coronel assumiu a prefeitura com a ideia fixa de que havia gente ganhando mais do que ele no município. Chamou os secretários e determinou completo *alevramento*. Na semana seguinte, trouxeram-lhe o resultado. Carpano folheou, examinou e apontou:

— *Taqui, ó*, disse? Este aqui ganha mais que todo o mundo.

— Quem é? – respondeu o assessor.

— *Aqui, ó: este tales de Total, a quem, diga-se de passagem, nem conheço* (ARP3, 1983, p. 61).

Mais uma vez, o cronista revelou a falta de preparo de homens como o coronel Carpano. Ele não entendia nada de finanças, nem de balancetes, não poderia assim estar administrando o município. É o que Renato Maciel tentou provar narrando todas as histórias que lhe contaram sobre esses coronéis do interior do Estado.

Em *O sobrinho do coronel* (ARP3, 1983, p. 92), Renato Maciel expressou a deficiência cultural do coronel, afirmando que “os vãos literários de Carpano haviam-se resumido, até a meia-idade, ao catecismo da infância e a curtos trechos de jornais, em leitura atenta e marcada”, acrescentando que ele comprou dois livros na antiga Livraria do Globo: *Tratado de Patologia* e *A bagaceira*. Na próxima crônica *Outras aventuras de Carpano*, o cronista narrou os desmandos do coronel e a forma como fazia valer o seu poder:

O coronel, até então interventor em sua cidade, não teve maior dificuldade em adaptar-se às regras políticas da redemocratização posterior à queda da Ditadura Vargas. Para ele continuava tudo na mesma, um pouco mais sofisticado, talvez. Como novidade, precisou enfrentar — mas acabou vencendo, lógico — jovem e idealista candidato a prefeito, a quem considerava ‘maldoso como petiço de guri’. Durante essa campanha política mandou pichar as ruas com os dizeres. ‘VOTE NO CORONEL CARPANO.’ Par de dias mais tarde um cupincha procurou-o agitadoíssimo contando que os adversários haviam colocado um ‘não’ na sua propaganda. Ficara ‘NÃO VOTE NO CORONEL CARPANO.’

— E agora, coronel, o que é que a gente faz? Apagamos o ‘não’?

Carpano meditou um pouco e deu as instruções. Na manhã seguinte, lia-se na cidade toda:

— NÃO VOTE NO CORONEL CARPANO,
PRA VER COMO É QUE FICA! (ARP2, 1982, p. 264).

Aqui, observa-se que os personagens revelam o abuso de poder e investem no autoritarismo. O humor mostra a face negra dos detentores da elite dirigente. Um tipo que não é positivo, mas que acaba tornando-se cômico pelas qualidades negativas, dignas de pena. Segundo Propp (1992, p. 181), há em todos nós um sentimento de superioridade, no sentido que ficamos felizes em não sermos como muitas pessoas que não têm caráter moral, por isso ele ressalta

que “vendo que o mal é desnudado e ao mesmo tempo rebaixado e punido, sentimos por isso mesmo satisfação e prazer”.

Ao comentar sobre o autoritarismo dos coronéis dessa época, Renato Maciel revelou o comportamento dos homens que não conseguiam conviver bem no perímetro urbano, com dificuldades em se adaptarem às cidades grandes. Tanto que a maioria dos coronéis quando vinha a Porto Alegre, estranhava os hábitos, mas agiam com simplicidade. Na crônica *Carpano*, o cronista rememorou que

O coronel não levava desaforo para casa, enfrentando os inimigos em qualquer circunstância [...] Carpano era razoavelmente alto e gordo [...] Vestia-se bem: bombachas de casimira, lenço vermelho de maragato preso no pescoço por um anel de osso trabalhado[...] Destituído de qualquer erudição, sua filosofia de vida revelava-se pelas frases feitas e nos ditos populares que citava a toda a hora: Se quiseres conhecer o vilão, põe-lhe o poder na mão” (ARP2, 1982, p. 126- 127).

Nota-se que na última frase do coronel, ele próprio alerta que para um homem se tornar um vilão, bastará ter poder nas mãos. Essa é uma afirmação que condiz com os tempos dos coronéis investidos no poder, mas em qualquer época surgirão pessoas quem não sabem lidar com o fato de estarem em uma posição superior. Em outro texto, *O Intendente*, Renato Maciel mencionou novamente Carpano e relatou os seus desmandos na política local. Segundo o cronista,

com a morte do pai, Carpano, ainda jovem, assumiu o comando da política municipal. Corria e República Velha, com seus desmandos eleitorais. De certos casos, em época de eleições, o coronel tratava pessoalmente. Chamava o visado e entregava-lhe o envelope fechado:
— Aqui está teu voto. Agora, vai lá e põe na urna.
— Mas, coronel, o que é que diz nele? — aventurou-se um corajoso.
— Escuta aqui, vivente, o voto por acaso não é secreto, coisa mais misteriosa que bolso de padre? Me diz, *entonces*, por que tu queres saber o que está escrito aí dentro? (ARP2, 1982, p. 179).

O cronista denunciou na crônica os desmandos eleitorais na época da República Velha, colocando como personagem o coronel Carpano, cujo nome é fictício como revelou Renato Maciel, para não melindrar seus personagens. A insinuação de fraudes eleitorais ou manipulação de votos podem ocorrer em

qualquer época, tanto na Ditadura Vargas, como nos anos 1980 e até mesmo nos dias atuais, fica-se sabendo, em tempos de eleições, de denúncias desses fatos.

De acordo com Propp, há normas de conduta social que podem ser diferentes, dependendo da época ou dos costumes dos povos. No entanto, ele ressalta que mesmo pequenas ou grandes coletividades

possuem algum código não escrito que abarca tanto os ideais morais como os exteriores e aos quais todos seguem espontaneamente. A transgressão desse código não escrito é ao mesmo tempo a transgressão de certos ideais coletivos ou normas de vida, ou seja, é percebida como defeito, e a descoberta dele, como também nos outros casos, suscita o riso (PROPP, 1992, p. 60).

Ao ridicularizar esses coronéis, Renato Maciel utilizou o humor que provoca o riso de zombaria, e este cumpre com sua função social: de criticar, desmoralizar e fazer a sociedade refletir sobre os acontecimentos. Denunciar através da sátira foi uma das formas encontradas nos anos 1980 para revelar os desmandos e o abuso de poder.

Outros coronéis também foram satirizados por Renato Maciel, como a figura do coronel Gerúndio que, segundo o cronista, “tinha a maneira de falar difícil, talvez para honrar o nome. Semianalfabeto, porém, deu-se mal diversas vezes, ao confiar demais na memória auditiva”. Novamente, citando a crônica *Os coronéis provisórios*,⁵³ que tem oito páginas, narrou a fala do coronel e fazendeiro:

Fazendeiro abastado que era, ofereceu churrasco monstro para comemorar a formatura do filho em Direito. No meio da festa levantou-se e:

— Peço a palavra.

Todos silenciaram, esperando besteira. O coronel foi breve:

— Meu filho! Agora que és *adúltero* e formado em *dereito*, segue a *meretriz* que quiseres! (ARP2, 1982, p.34).

Aqui, nessa crônica, Renato Maciel, na última frase, apontou a ignorância do coronel, em todos os sentidos, expondo-o ao ridículo, porque além de não

⁵³ A crônica *Coronéis Provisórios* está dividida em várias partes. Dessa forma, ela está inserida em diversos tipos de riso, segundo as categorias de Propp.

saber usar as palavras, disse ao filho que como ele já era adulto, formado em Direito, poderia procurar uma prostituta. Aliás, nessa tese, na parte referente às mulheres, Renato Maciel revelou o quanto elas eram procuradas pelos estancieiros, quando esses chegavam a Porto Alegre.

Segundo Propp, “após ter olhado para o mundo de seu lado exterior e físico, quem ri passa depois a olhar normalmente para o lado interior das coisas, isto é, para o aspecto não cômico, ele, por assim dizer, desloca o olhar” (1992, p. 183). O que teórico quis explicar é que a leitura de um texto engraçado, primeiramente ri-se da piada, da anedota, acha-se engraçado, mas depois haverá uma reflexão sobre o que está escrito. Assim o olhar se desloca e pode se desvendar o que ficou subentendido, o que está nas entrelinhas do texto. Houve a intenção de desmoralizar, há um sentido de crítica social da classe média letrada sobre os governantes, ignorantes e brutos, mas também um sentido machista.

Renato Maciel denunciou a ruptura de valores morais que não são respeitados, como a corrupção, o desvio da norma legal. Ao satirizar, o cronista criticou o delegado, o policial, o militar, não poupou quem estava no poder. Registra-se, aqui, que Renato Maciel foi policial e integrou o Conselho Superior da Polícia, órgão que analisava os fatos graves cometidos pela Polícia. Em programa de televisão,⁵⁴ o cronista falou sobre suas atividades, dizendo que o Conselho “era um termômetro de todas as experiências da Polícia, são analisados os fatos graves”. Disse que sabia que a “a Polícia nunca foi um órgão simpático”, acrescentando que “se o Conselho funcionasse a contento, nós teremos uma Polícia mais esclarecida sobre seus limites”. Então, é possível perceber que Renato Maciel tinha consciência de que a Polícia poderia extravasar seus limites. Assim, ele usou os coronéis como porta-voz para dar seu recado, mostrando os desmandos de antigamente e os que poderiam estar sendo cometidos no tempo de sua escrita.

Usando como exemplo os coronéis de antigamente, Renato Maciel apresentou vários tipos, metidos a valentes e grosseiros. São pessoas que,

⁵⁴ Renato Maciel concedeu entrevista ao programa de Clóvis Duarte, na TV Guaíba, em 29/06/90.

segundo Propp, acabam por provocar o riso, porque possuem defeitos de ordem moral. Diz Propp que (1992, p. 174) são “faltas de ordem moral ou espiritual, de sentimento, de vontade ou de operações intelectuais. O cronista citou peculiaridades e frases famosas atribuídas a eles. O coronel Esperidião comandava sua tropa com um *pues entonces bamo* lá, indiada! [...] *Nóis semo cobarde*, indiada? [...] Os que querem *irem indo* podem *irem indo, no más*. Os *restante*⁵⁵ estão deliberados.” Já o coronel Nabuco “raramente saía dos limites de sua fazenda e não tinha qualquer traquejo em assuntos sociais. Atrapalhava-se até quando visitava a vila, dentro de suas terras.” O cronista enumerou outros coronéis conhecidos por sua truculência como o coronel Vazulmiro Dutra, “a quem os inimigos, os maragatos acusavam de degolador. A fama, porém, não o incomodava. Aqueles eram outros tempos, o coronel gostava de ser temido e zombeteiramente incentiva tal reputação.”

Observa-se que a frase “aqueles eram outros tempos”, mencionando que o coronel até gostava de ter essa reputação, parece ser um indicativo dos anos da escrita de Renato Maciel, quando poderiam existir práticas semelhantes a essas, com pessoas desaparecidas ou que desapareceram nos porões da ditadura, uma época que se preservava a simulação. Tudo era feito de forma camuflada, em silêncio. Sobre esse assunto, é importante registrar o a obra de Enrique Padrós, *A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964- 985): História e Memória*.⁵⁶

Renato Maciel pesquisou as histórias de homens como esses coronéis, porque o cronista também pertencia ao meio, e essas pessoas cometiam ações que se prestam ao riso e proporcionam o risível, como dizem os teóricos em função de seu físico, de sua pouca expressão verbal ou por outros motivos de chacota e de ridículo. Percebe-se esse sentimento na leitura das crônicas de Renato Maciel, porque os coronéis apresentam os mesmos traços de malandros

⁵⁵ Renato Maciel preservou a grafia da forma como lhe foram contadas as histórias.

⁵⁶ O autor é professor de História Contemporânea da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A coletânea tem prefácio de Luís Fernando Veríssimo, com quatro volumes e organizada por Vânia Barbosa, Vanessa Albertinence Lopez, Amanda Fernandes e Enrique Padrós. Relata “os anos de chumbo no Estado. Desenvolvida em parceria entre a Escola do Legislativo e o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de História da UFRGS, a edição propõe um resgate histórico sobre o período entre a Campanha da Legalidade e o Golpe de 64”.

que não trabalham e vivem de expedientes, enfim, os que gozam a vida, também têm as mesmas características, os policiais são gordos e adoram dar ordens estúpidas, os políticos brincam com os desmandos de seu governo enquanto jogam cartas no Clube do Comércio.

Já os policiais do Rio Grande do Sul também foram alvos de críticas feitas por Renato Maciel e se incluem na categoria de Propp aborda a ridicularização das profissões. Segundo Propp, no passado, eles eram representados como homens gordos, e acrescenta que “a obesidade representava a insignificância de quem se considerava acima de todos os outros” (1992, p.46). Crônicas com esses profissionais como protagonistas, desde o mais baixo posto até o mais alto, estão nas obras de Renato Maciel. Na primeira obra *Anedotário da Rua da Praia 1*, na crônica *Alfredinho*, transcreve-se um texto que se aplica à proposta de Propp.

O experiente e barrigudo Inspetor Alfredinho foi uma das figuras folclóricas da Polícia. Levava sempre no bolso um atestado médico, onde se afirmava que sofria de faculdades mentais. A quem, o questionasse a respeito daquilo, respondia, malandramente:
 — Qualquer coisa que não der certo, já tá aqui a defesa, ó.
 Quando lhe perguntavam se sabia ler e escrever, dizia que não, embora fosse alfabetizado:
 — Aí está a origem de todos os rabos, doutor (ARP1, 1981, p. 50).

A história narrada por Renato Maciel primeiro trouxe a figura do inspetor “experiente e barrigudo”, depois lembrou que em todas as esferas há pessoas lucrando e sendo malandras, mostrando a ineficiência dos serviços públicos. Como Renato Maciel também integrou os quadros da Polícia, ele mais do que ninguém é conhecedor das artimanhas e dos fatos que ocorriam nesses ambientes. Histórias verdadeiras ou não, elas, no entanto, apresentam homens que tiram vantagem das situações e não prestam um bom serviço à sociedade. O cronista se valeu da condição de ter convivido nesses meios profissionais e ter integrado uma elite dirigente para embasar suas críticas aos policiais, aos militares e aos políticos do Estado. Não criticou de forma agressiva, e sim o fez da maneira que mais dominava, usando o humor.

O cronista Renato Maciel abordou ainda a falta de sutileza e o despreparo de policiais para ocupar seus cargos, o que provoca riso no leitor ao lerem as crônicas. Segundo Propp, “o riso surge no momento em que a ignorância oculta se manifesta repentinamente nas palavras ou nas ações do tolo, isto é, torna-se evidente para todos, encontrando sua expressão”.(1992, p. 108). Exemplo disso, é a crônica sobre Flores da Cunha. Renato Maciel relatou um caso ocorrido na primeira metade de década de 1930, na crônica *Humores de Hipócrates* (ARP2, 1982, p. 40), contando que durante a interventoria do general Flores da Cunha, dirigia o Hospital Psiquiátrico São Pedro um delegado de polícia que, no primeiro 7 de Setembro de sua gestão, convidou gente de fora e mandou reunir no pátio do manicômio todos os médicos, funcionários e pacientes. Depois de hasteada a bandeira, ele pigarreou, puxou o papel do bolso e principiou a leitura:

Exmo. Sr. Dr. Representante do Interventor federal no estado´...
 Seguiram-se as saudações usuais às demais autoridades, aos convidados, aos funcionários. E arrematou:
 ...Exmos. Srs. Oligofrênicos, esquizofrênicos e demais Dementes! Neste dia em que a pátria engalanada comemora...(ARP2 , 1982, p. 42).

O cronista mostrou-se irônico ao relatar essa história, porque representou a Pátria como um manicômio e juntou autoridades e loucos na celebração da data nacional. Assim, transparece a ironia citada por Propp, por isso ele afirma que: “A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está a sua comicidade” (1992, p. 125).

Renato Maciel narrou outros casos da Polícia, quando satirizou as inexperiências dos delegados. Na crônica *Alguns casos de polícia* (ARP3, 1983, p.7) há o riso de zombaria de Propp, quando o cronista citou trechos do ‘auto de corpo de delito procedido na pessoa de Deolinda Vieira da Silva’ em 26 de junho de 1930, subscrito pelo subdelegado de polícia de São Francisco de Assis, Brasileiro Witt Marques⁵⁷.

...e assim passaram a examiná-la e encontraram no parietal do lado direito um ferimento do tamanho de um *ovo de ingolista*, atingindo o

⁵⁷ Renato Maciel afirmou que a linguagem foi modernizada.

coco da cabeça, este é o maior, e mais dois ferimentos como um *ouvo* de sabiá ... e várias escoriações *lambares*, a maior com quatro *sentimetro* e as demais com *diverças circunferencias*.

Ficou evidente nas críticas dirigidas por Renato Maciel aos policiais, que existe uma formação cultural ineficiente em relação à classe, existindo alguns profissionais com pouca ou nenhuma escolaridade, eles foram ridicularizados por serem ignorantes, isto na visão de um intelectual das camadas médias. Há outros casos narrados nas crônicas de Renato Maciel referindo-se a delegados de polícia. Com o título *A multa*, há uma passagem que mostra como se desenvolviam as relações entre os poderes. Renato Maciel recordou que

como acontecia com muita gente boa da época, Tucha não gostava muito de submeter-se à legislação trabalhista. Era useiro e vezeiro em abrir o Royal Salon nos feriados, obrigando todos os seus funcionários a comparecer normalmente [...] No dia seguinte a um desses feriados, Tucha recebeu telefonema:

— Boa tarde, aqui é da Delegacia Regional do Trabalho. Nós estamos ligando para o senhor porque soubemos que o seu salão abriu ontem. O senhor sabia que isso é proibido por lei?

Farejando gozação, o barbeiro deu trela:

— É, eu sabia, mas acontece que não posso deixar de trabalhar, tenho minhas despesas.

— E mesmo sabendo, abriu? Não faça mais isso, senão vai acabar sendo multado.

— Acontece, meu amigo, que no meu salão quem manda sou eu.

— Bem, nesse caso, lamentamos muito mas o senhor vai ser multado, disse a voz (ARP2, 1982, p. 229).

Tucha disse uma série de palavrões para o profissional da Delegacia do trabalho, acreditando se tratar de um trote. Tempos depois foi autuado. Percebe-se que Renato Maciel aproveitou o espaço que tem nas mãos, ou seja, o instrumento que é a escrita, para denunciar desmandos que poderiam estar ocorrendo em sua época e até nos dias atuais.

Renato Maciel utiliza-se de outros recursos linguísticos que podem provocar o riso como a linguagem técnica, pertencente a grupos profissionais, não é compreendida por outros segmentos. Por isso, Propp afirma que “do ponto de vista de quem não pertence a ela, soa como um conjunto de palavras incompreensíveis e desprovidas de sentido e, às vezes, (nas comédias), elas são realmente desprovidas de sentido” (1992, p. 128). Essa é a linguagem, por

exemplo, de profissionais como o juiz, o advogado, o médico e o engenheiro. Na crônica *Armando Câmara*, o cronista Renato Maciel relembrou os discursos feitos por Câmara no Senado Federal e nas aulas que proferia na Faculdade de Direito, com uma linguagem, muitas vezes, não compreendida pelos alunos, em virtude de sua ironia ou das palavras desconhecidas pela maioria. Eis um fragmento do texto:

Profundamente católico, discorria certa vez sobre um ser ordenador — Deus — quando um aluno, ateu declarado, desafiou-o:
 — Desculpe, professor, mas eu não consigo visualizar esse ser ordenador a que o senhor se refere.
 — Pois eu vou lhe responder — disse Câmara. — E o farei ao som de uma valsa metafísica e com todo o respeito de um salão paroquial! (ARP2, 1982, p. 188).

Segundo Propp (1992, p. 129), existe uma “comicidade involuntária da terminologia científica”, porque as pessoas não entendem o significado das palavras por não pertencerem ao meio profissional ou por terem deficiências culturais. Assim Propp afirma que estes indivíduos apenas ficam ouvindo e não se manifestam, o que para ele tornam as palavras ridículas.

Renato Maciel recordou muitos casos envolvendo advogados e juízes, por ter pertencido ao meio jurídico. Por ter acesso aos autos dos processos, o cronista relatou sentenças divertidas pelo conteúdo e pela simplicidade do texto, pois é de se esperar que um juiz use um linguajar técnico próprio da ciência jurídica. No entanto, Renato Maciel mostra o profissional desprovido de seu poder de decidir sobre a vida de vítima. Eis a sentença de um juiz que descontrói a figura dos juízes, procuradores e promotores.

Para ilustrar, ele afirmou que há “trechos retirados da ata de recente audiência acontecida no foro da capital” (ARP3, 1983 p. 183), o que significa que esta sentença deve ter sido proferida na década de 1980, comprovando que o passado e o presente se aproximavam muito. Isso aconteceu quando o cronista colhia material para suas crônicas. O título dessa é *Sob Vara*:

A seguir, pelo Dr. Juiz de Direito foi dito que não se sentia em condições psicológicas e tranquilidade suficiente para continuar a presente audiência, após ouvir o drama relatado pela vítima [...] Depois de um ano de ingentes esforços para tentar colocar a Justiça no lugar que merece,

trabalhando como escravo numa Vara Criminal [...] Com o que este Juiz convence-se de sua incapacidade e da inutilidade de todos os esforços empregados. Tudo isto o leva a confessar sua falência. Não tenho condições de ouvir mais outra vítima, pois também me preocupo com minha sanidade mental. Transfiro a audiência para o dia [...], às 13:30 horas, esperando que até lá seja outro o Juiz que esteja funcionando nesta Vara. Nada mais (ARP3, 1983, p. 183).

Juízes são pessoas humanas e, como disse Propp, qualquer indivíduo é passível de escrever e falar o que realmente pensa, deixando de lado a linguagem técnica que lhe é habitual. De acordo com o teórico, o leitor é quem deve chegar as suas conclusões e, nesse caso, muitas vezes, acontece o inesperado, porque ninguém espera uma sentença escrita dessa maneira. Assim, aqui, reside a comicidade, conforme Propp, não há lição de moral, não há crítica ao juiz. O que acontece é que Renato Maciel conseguiu mostrar o juiz como um simples mortal. Há em outras crônicas, o mesmo pensamento do cronista. Ele coloca a autoridade em situações do cotidiano, desconstruindo sua autoridade e isenção para julgar.

Cita-se mais uma sentença proferida por um magistrado:

Sessão do Plano do tribunal de Justiça do Estado. Depois que o advogado do apelante cumulou de tolices seu arrazoado verbal, votou o Desembargador Mário Boa Nova Rosa:

- Senhor Presidente, se me fosse elícito silenciar, eu deixaria de votar. Mas como sou obrigado a fazê-lo, digo apenas que é lamentável que, assim como a inteligência humana tem limites, não tenha a burrice. Nego provimento (ARP3, 1983, p. 183).

Além dos juízes, campo fértil nas crônicas de Renato Maciel procurou mostrar que não há tanta pompa assim no meio intelectual. Propp cita outras profissões que podem provocar risos em razão da técnica ao exercerem suas atividades. São os cozinheiros, os barbeiros, os alfaiates, os médicos, os professores e alguns figuras populares na literatura humorística, em razão do físico ou da habilidade em seu trabalho.

Na crônica *Les Folles* (ARP3, 1983, p. 75), com diversos temas — Renato Maciel não ordena os temas — tem-se a impressão de que o cronista jogou as histórias, sem preocupação de separar os temas. Isso também acontece com as

datas das crônicas, que variam entre 1930 a 1950. Essas ocorrências temporais são vistas no capítulo *A memória de Porto Alegre*, quando se verifica em que tempo estão situadas as crônicas.

Pela classificação de Propp, há outro tipo de riso de zombaria inserido na crônica *Quintana*, que é o malogro da vontade. Propp diz que

em alguns casos a pessoa é como se não fosse culpada de seus reveses. [...] De fato o revés⁵⁸ é provocado justamente por uma falha de previsão e de espírito de observação, pela incapacidade de orientar-se na situação, o que leva ao riso independente das intenções [...] o malogro é provocado por causas que se encontram fora da pessoa (1992, p. 95).

Menciona, como exemplo, a distração das pessoas que gera muitas anedotas, pois os indivíduos estão concentrados em algo ou preocupados, que não reparam o que acontece em sua volta. Segundo Propp, os homens de ciência como os professores são os que mais se distraem, porque estão concentrados em seus pensamentos. Nessa crônica, Renato Maciel relatou as distrações do poeta que eram conhecidas por todos. Ele narrou que Quintana ficava sempre apoiado em certa casa que existia na frente do jornal *Correio do Povo*, na rua Caldas Júnior. Eis a crônica *Quintana*:

Apoiando o ombro na soleira, acendia distraidamente o cigarro e depois de boas baforadas retomava o andar. Certa manhã, bem cedo, numeroso grupo de operários começou a demolição dessa casa. Ao meio-dia já tinham derrubado toda a fachada. Daí a pouco chegou Quintana. Cigarro na boca e sem olhar, deixou o corpo instintivamente à procura do apoio habitual. Não levou o tombo, mas tentando recuperar o equilíbrio foi parar lá dentro do prédio. Saiu a sacudindo o pé, indignado. Ninguém o avisara da repentina extinção de sua *servidão de encosto...* (ARP2, 1982, p. 261).

Outra forma de riso de zombaria que aparece com frequência nas obras literárias, segundo Propp, o alogismo, é quando uma pessoa conta algo absurdo ou pratica uma ação fora do normal. Ele afirma que

nas obras literárias, assim como na vida, o alogismo pode ter dupla natureza; os homens dizem coisas absurdas ou realizam ações

⁵⁸ É o contrário, o avesso, oposto ao normal.

insensatas [...] ambos os casos podem ser reduzidos a um só. No primeiro, estamos diante de uma concentração errada de ideias que se expressam em palavras e estas palavras fazem rir. No segundo, uma conclusão errada que não se expressa por palavras, mas se manifesta em ações que são motivo de riso (1992, p. 107).

Exemplo disso, a crônica *Os grandes atochadores* Renato Maciel lembrou que “no Rio Grande do Sul, ‘atochar’ popular, significa mentir. Já na campanha diz-se também ‘queimar campo’”. Segundo o cronista, a Rua da Praia foi sempre o local preferido, frequentado pelos grandes mentirosos, principalmente o Largo dos Medeiros. Citou que no “Hipódromo do Moinhos de Vento, o Prado, passaram, não apenas cavalos de corrida, mas algumas das mais gostosas atochadas passadas na cidade” (ARP2, 1982, p. 158). Na crônica, abaixo, Renato Maciel definiu como pessoa mentirosa, tipos iguais aos seus personagens Greco, Fanha e Militão.

O verdadeiro mentiroso é bem diferente, a começar pelo fato de ser o primeiro a convencer-se da veracidade das próprias afirmativas. Tem senso de oportunidade, imaginação criativa e doses maciças de encenada credibilidade. No fundo é gozador e os ouvintes as vítimas (ARP2, 1982, p.158).

A conceituação de Propp sobre o alogismo é bem ampla, pois ele ressalta que “o alogismo pode estar também escondido e ser completamente imperceptível à primeira vista. Apenas alguns o notam e o desmascaram com alguma tirada que revela de repente a estultice⁵⁹ e suscita o riso” (1992, p. 110). Acrescenta que a comicidade está no fato de a tolice provocar o riso. Há uma crônica em que o protagonista é novamente Militão. Renato Maciel contou que o coronel visitou um milionário no Rio de Janeiro. Depois de terem jantado, passaram para conversarem na biblioteca do anfitrião. Durante a conversa, o milionário falou sobre sua famosa coleção de moedas. O coronel Militão afirmou que tinha moedas de vários países, antigas e diferentes. Ao ser indagado pelo anfitrião quais seriam estas moedas, respondeu: “O senhor certamente já leu a Bíblia, é claro [...] pois saiba que tenho, por exemplo, um dos trinta dinheiros pagos a Judas para trair Cristo!” (ARP2, 1982, p. 168). Então, comprova-se o

⁵⁹ Significa tolice, estupidez.

alogismo, porque se trata de um disparate, mas este é intencional por parte do personagem de Renato Maciel.

Ao abordar os disparates cometidos pelo coronel Militão Fagundes, surgem os alogismos. Na crônica *Militão ataca*, Renato Maciel narrou que “os estribos de prata dos arreios usados no cavalo do coronel várias vezes protegeram-no das cobras mais peçonhentas e fulminantes de que se tem notícia”. Depois, o autor-narrador recordou que

outro estribo inchou tanto com uma picada de víbora que ‘perdeu a serventia’. O coronel aproveitou então toda aquela prata e mandou fazer doze colheres de sopa. Com o tempo a prata desinchou, reduzindo-se ao tamanho das de chá. A quem fosse em sua casa, Militão Fagundes oferecia a prova da veracidade da história, mostrando as doze *colherinhas...* (ARP2, 1982, p.194).

Para Propp (1992, p. 108), “o riso surge no momento em que a ignorância oculta se manifesta repentinamente nas palavras ou nas ações do tolo, isto é, torna-se evidente para todos, encontrando sua expressão em formas perceptíveis sensorialmente”.

4.2 OUTROS TIPOS DE RISO: DO BOM AO IMODERADO

Segundo Propp, o riso da zombaria “é possível apenas quando os defeitos de quem se ri não adquirem o aspecto de vícios e não provocam repulsão”. (1992, p. 152). Mas o que Propp ressalta é que, muitas vezes, os defeitos são tão sem importância, que provocam apenas um sorriso. Esse é o riso bom, ao contrário do de zombaria. Assim, pequenos defeitos não podem ser condenados. Diz que “um pequeno defeito não provoca condenação, mas pode, ao contrário, reforçar um sentimento de afeto e simpatia.” Para Propp, há diferenças entre o riso bom e o de zombaria, pois o primeiro tem um sentido de sarcasmo e de maldade, o segundo não. Cita como exemplos uma charge que é parecida com a caricatura, que não tem maldade em si, afirmando que, na maioria das vezes, o riso bom é acompanhado justamente por um toque de afetuosa cordialidade. São os trotes dados pelos personagens das crônicas de Renato Maciel, aqueles que são engraçados e sem intenção de prejudicar o outro.

Exemplificando, há crônicas como *Nestor Barbosa*, com quatro páginas, abordando diversos temas, histórias ligadas ao médico radiologista, figura carismática, que possuía o hábito de passar trotes nos amigos. Renato Maciel apresentou-o ao leitor: “Médico radiologista de renome, bondoso, culto, estimadíssimo pelos amigos e familiares, o Dr. Nestor Barbosa, além de tudo, possuía característica bem marcante: era um grande brincalhão.” (ARP1, 1981, p. 2). Em *O médico gozador*, Renato Maciel lembrou que “quase todos os contemporâneos do estimado Dr. Nestor Barbosa, falecido em 1967, lembram dele como cidadão sério e competente.” Contou Renato Maciel que os

paroquianos da tradicional Capela da Assunção — os veranistas dos anos cinquenta — acrescentariam a gratidão geral a quem, durante muito tempo e por diletantismo, administrou sozinho aquela igreja, servindo de compenetrado sacristão e tocando sino, abrindo portas todas as manhãs, cuidando jardins, enxotando cães vadios ou buscando de carro padres e freiras. Essas pessoas ficariam bastante surpresas se soubessem do lado engraçado do conceituado médico, na verdade incorrigível brincalhão, capaz de aplicar memoráveis trotes nos conhecidos (ARP2, 1982, p. 110).

Segundo o cronista, seu Instituto de Radiologia era localizado no primeiro andar da Galeria Chaves, com janelas dando para a Rua da Praia. Daquele lugar, de binóculos, o médico passava seus trotes aos comerciantes localizados em frente ao consultório.

Binóculos em uma mão e telefone na outra, Nestor chegou à janela do consultório, entreabriu-a levemente e dali telefonou para a Confeitaria Woltmann, do outro lado da Rua da Praia, defronte à entrada da Galeria Chaves (ARP2, 1982, p. 115).

De acordo com Renato Maciel, quando o funcionário atendia, Barbosa fazia encomendas de doces, querendo os que estavam na vitrine. Mencionava que eram ora os da esquerda, ora os da direita. O funcionário ficava nervoso, cortava a ligação telefônica e corria para a rua, olhando para todos os lados, enquanto o médico, da janela, se divertia. Pode-se, então, considerar a galeria como um microuniverso, que concentrava profissionais que lá exerciam suas atividades profissionais, mas também se divertiam.

Para Propp, “em sentido lato podemos entender por humor a capacidade de perceber e criar o cômico”, e como consequência ocorrerá o riso, que é classificado por Propp em dois tipos, como foi dito: o de zombaria e outros tipos de riso, como o bom e o imoderado. Esses tipos de riso aparecem nos livros de Renato Maciel, que reuniu muitos depoimentos sobre a Porto Alegre do passado, acabando por compor sua obra de acordo com a tipologia de Propp.

Essa capacidade de perceber o que é cômico é valorizada por Propp, sendo que ele manifesta sua admiração pelas pessoas que vivem de forma alegre. Cita a obra de Jean Paul, teórico da comicidade que, depois de publicar *Propedêutica à estética*, “escreveu um breve artigo intitulado *O valor do humorismo*, em que diz que o humorismo ajuda a viver [...] após ter lido e guardado um livro humorístico, não odiarás o mundo e nem a ti mesmo” (PROPP, 1992, p. 158). Em seguida, destaca-se uma crônica que tem um tom diferente, em razão de seu protagonista nem sempre ser cuidadoso com suas palavras, ao passar trotes na Porto Alegre de ontem. Na crônica *Nestor Barbosa*, Renato Maciel contou que

outra feita, Nestor inventou um nome bem complicado de remédio e passou mais de mês telefonando anonimamente para todas as farmácias da cidade, pedindo o tal medicamento. Quando os farmacêuticos informavam que não tinham, Nestor destratava-os e ofendia. Fez isso várias vezes (ARP1, 1981, p. 3).

A crônica, acima, tem como personagem principal, novamente, o médico, conhecido por seus trotes, alguns indevidos. Em relação à categoria *o fazer alguém de bobo*, Propp ensina que a alegria maldosa é um tipo de humor não atraente, “mas é próprio da natureza humana, que nem sempre tende ao bem” (1992, p. 105). É o caso do trote aplicado, acima, pelo profissional em questão. Renato Maciel narrou, ainda, uma das maiores vítimas de trotes, naquela época, foi o barbeiro Tucha, proprietário do *Royal Salon* no andar superior da Confeitaria Central, defronte ao Largo dos Medeiros. Na crônica *Tucha e os trotes*, o cronista relatou que Tucha

tentava ele revidar as brincadeiras, perdendo-se nos palavrões, enquanto os fregueses ficavam esperando o término de suas furiosas e infundáveis arengas telefônicas. [...] A partir de determinada época, para não escandalizar os clientes ou os menos íntimos, o barbeiro mandou

instalar pequena cabine à prova de som, para responder as gozações sem constrangimentos. [...] Seus maiores algozes, porém, foram o radiologista Nestor Barbosa e o folclórico Oddone Greco. Tinham estes a habilidade de fazer troças exatamente nos momentos de maior distração ou desproteção psicológica do barbeiro, fazendo-o cair em situações primárias. [...] Sempre que Oddone ouvia no rádio ou lia no jornal a comunicação da perda de algum animal de estimação, ligava para o dono e informava a localização:

— ... É isso mesmo, quem encontrou um igualzinho à descrição foi o seu Tucha, do *Royal Salon*. Ele gostou tanto do bichinho que o levou para casa. Vá lá ou telefone, tenho certeza que ele devolve (ARP2, 1982, p. 182).

Quando o barbeiro era procurado por alguém que tinha perdido seu animal, ele logo esclarecia, muito indignado, dizendo:

— Olhe, minha senhora, quem fez isso só pode ser um daqueles dois cretinos, o Oddone Greco ou o Nestor Barbosa. Tudo o que se perde na cidade e é anunciado com indicação de número de telefone, eles chamam e dizem que fui eu (ARP1, 1982, p. 183).

Na crônica *O teste*, Renato Maciel indicou os hábitos cotidiano dos sujeitos dos anos 1950, quando a vida era mais calma. Outro trote aplicado no barbeiro Tucha foi dado pelo médico Barbosa. A rede telefônica de Porto Alegre, na época, andava dando problemas, linhas cruzadas e telefones mudos. Então,

Nestor Barbosa chamou para o salão do Tucha e quando este atendeu:
 — Boa tarde, aqui é do setor técnico da telefônica. Nós queríamos saber se o seu telefone anda com algum problema ultimamente.
 — Anda sim – respondeu o barbeiro – tem, muita interferência e a discagem está mal...
 — Então, por gentileza: mantenha o fone no ouvido e disque zero zero. Feito? Ótimo... espere só um pouquinho...isso. Agora vejamos...o fio do seu aparelho por acaso não está todo embolado e torcido?— Está sim — respondeu o barbeiro
 — Pois então me faça o favor: tire o fone do ouvido e destorça o fio, pode... (ARP2, 1982, p. 196).

A conversa continuou até o barbeiro dar-se conta de que era um trote. Essa é uma brincadeira que provoca no leitor um riso saudável, não existindo desaprovação. Para Propp, é possível existir um riso bom, que pode ser justificável, argumentando que as pessoas podem ser sérias, mas saberem rir, nem por isso podem ser consideradas irresponsáveis.

Outro exemplo de riso saudável é o que tem na crônica *O estacionamento*, mostrando na abertura uma fotografia da Avenida Borges de Medeiros, no final da década de 1940, tendo em segundo plano, a esquina com a Rua da Praia. É mais uma história da prática de trotes que amigos passavam entre si, demonstrando o quanto de tempo eles tinham disponível para prepararem essas brincadeiras. Constata-se na leitura das muitas crônicas de Renato Maciel, que não era apenas Odone Greco que aplicava suas brincadeiras nos amigos.

Figura 6 - Av. Borges de Medeiros entre a Rua dos Andradas e Rua Duque de Caxias



Fonte: Autor desconhecido. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman

Renato Maciel narrou que “o ginecologista Telmo Aragão Cezimbra vendeu uma cupê Plymouth a seu companheiro de roda de cafezinho, a que, chamaremos de Lima. Sem que o comprador soubesse, o médico reteve um jogo de chaves do veículo”. Conforme Renato Maciel,

naquele ano de 1947, a população da cidade eram bem mais reduzida e, como todos os automóveis vinham do estrangeiro, tornavam-se caros e pouco numerosos. Podia-se estacionar em qualquer ponto do centro, inclusive na Rua da Praia, geralmente junto à entrada dos prédios onde se pretendesse ir. Como Lima tinha escritório na Galeria Chaves, sem

vista para a Rua da Praia, Cezimbra, cujo escritório era perto, na Rua da Bragança (hoje Marechal Floriano), iniciou uma brincadeira que se prolongaria pelos seguintes dois anos. Sabedor dos horários de chegada e de saída do amigo, deixou correr algumas semanas e passou a alterar o lugar do estacionamento do auto recentemente vendido, deixando a poucos metros à frente ou atrás...(ARP2, 1982, 248).

Resumindo, o médico observava o comportamento do amigo, que no começo achava que estava distraído, depois começou a marcar o lugar com um giz no chão. Segundo Renato Maciel,

o segredo de Cezimbra residia no severo controle sobre os movimentos da vítima, mais tarde, o médico contou ao amigo sobre a brincadeira, pois este já estava achando que estava louco, entregou-lhe o jogo de chaves (ARP2, 1982, p. 248).

Renato Maciel se queixa nas crônicas que a cidade já poderia ser considerada agitada, mesmo nos 1040 e 1950. Observa-se pelo relato do cronista e pelas fotografias da época, o quanto a cidade modificou-se de 1950 a 1980, quando a Rua da Praia tornou-se um aglomerado de bancos e financeiras. Assim, naqueles tempos, era possível este tipo de brincadeira, movimentando carros e trocando de ruas para seu dono não perceber. Um trote que não deixava o proprietário do dono estressado, o que não aconteceria nos dias atuais. Mas Propp destaca outro tipo de riso, que é o imoderado. Afirma que o

riso tem gradações que vão desde o sorriso fraco até o estouro fragoroso de uma risada desenfreada. [...] Nas estéticas burguesas este gênero de riso é classificado entre os mais 'baixos'. É o riso das praças, dos bufões, é o riso das festas e das diversões (PROPP, 1992, p. 166).

Entre as festas populares, cita-se o carnaval, quando acontece o riso desenfreado, analisado por Propp, que afirma ser o escritor francês François Rabelais, o representante mais importante em relação ao riso sem limites. Propp ressalta que não se trata de um tipo de riso de zombaria e sim de “um riso alto saudável, pleno de satisfação” (1992, p. 17) e reafirma que essa alegria é própria de festas como o carnaval. Estudioso sobre o carnaval na Idade Média e no

Renascimento, Mikhail Bakhtin⁶⁰ (1993, p. 4) afirma que “os festejos do carnaval, com todos os atos e ritos cômicos que a ele se ligam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval”. Diz que “o carnaval possui um caráter universal, é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no intensamente” (1993, p. 6). Observa que “durante o carnaval é a própria vida que representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real. [...] é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua *vida festiva*. (1993, p. 7).

O carnaval é registrado por Renato Maciel na crônica *Quanto riso, quanta alegria*, quando o cronista fez uma retrospectiva da festa, em Porto Alegre, abordando a festa popular de rua e as tribos carnavalescas, ora elogiando ora criticando. É preciso registrar que, na década de 1980, Renato Maciel, por ser músico, integrava o júri que premiava as escolas de samba. Esse dado está registrado nessa pesquisa, nas entrevistas concedidas pelo cronista às emissoras de televisão, quando entrevistado na época das festividades. Renato Maciel, em sua retrospectiva, afirmou que

o mais interessante do carnaval não é bem tratar-se da única atividade cultural apreciada pelos brasileiros de todas as classes sociais. O maravilhoso nessa eletrizante manifestação é o desempenho dos inimitáveis dançarinos e instrumentistas (ARP2, 1982, p. 278).

Renato Maciel relatou casos engraçados sobre o carnaval de Porto Alegre. Narrou que “no final dos anos cinquenta, o desfile das escolas acontecia na Av. Borges de Medeiros, altura da Rua da Praia. O tema era as corridas no Coliseu”. Segundo o cronista, os organizadores pesquisaram e construíram uma réplica perfeita em gesso, do tamanho natural, do carro romano e dos cavalos. O cronista recordou que, na tarde do desfile, descobriram que “a alegoria não passou pela porta da garagem. A única solução encontrada foi serrar o pescoço dos animais. Só que depois não conseguiram mais colá-los” (p. 280).

⁶⁰ Mikhail Bakhtin (1895-1975) nasceu na Rússia e formou-se em História e Filologia, é considerado um dos mais importantes teóricos da literatura contemporânea.

O carnaval era um sucesso na década de 1950, segundo Rüdiger (2007, p. 384), ao lembrar o sucesso do evento nas ruas de Porto Alegre. Conta que o empresário português Heitor Pires lançou o refrigerante Pepsi-Cola, em Porto Alegre, que emprestou a marca à festa de rua. Era o carnaval com o mesmo nome. “Entre nós, o carnaval transitara da festa urbana de classe média que era, no começo do século passado,⁶¹ para o evento de *marketing* popular que se tornou em meados do período”.

O cronista lembrou que as tribos que têm “sua origem em 1945, quando fundou-se a dos Caetés. Durante oito anos, essa sociedade foi campeã absoluta nos desfiles de rua. [...] Por volta da década de sessenta, entretanto, iniciaram acentuado declínio, trocando o samba e a marcha-rancho por ritmos primários e inexpressivos” (ARP2, 1982, p. 280). Sobre a década de 1980, teceu algumas críticas em relação às tribos, afirmando que “em melancólica decadência, as anacrônicas tribos oferecem hoje espetáculos constrangedores, ridículos mesmo” (p. 281). No entanto, a respeito dessa festa popular disse que “seu atual estágio revela estrutura, maturidade e personalidade” (p. 278).

Diferente dos eventos oficiais realizados na Idade Média, Bakhtin acredita que “o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações” (1993, p. 8). O mais importante, em relação às obras de Renato Maciel é a visão de Bakhtin. Ele afirma que o riso mostra uma consciência de força e não deve passar medo.

Em *Humores Hipócrates*, Renato Maciel mencionou o tema do carnaval para narrar um caso ocorrido em um hospital psiquiátrico, mesclando riso e carnaval, pois o riso de carnaval não precisa sempre ser imoderado, pode ser bom ou irônico, conforme a tipologia de Propp.

Manhã de segunda-feira de carnaval. Enquanto os remanescentes de barulhento bloco passavam pela avenida defronte, o médico atravessava os jardins do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Ao cruzar com um paciente, este comentou:

⁶¹ Século XX.

— Como os externos andam excitados ultimamente, o senhor não acha, doutor? (ARP2, 1982,p. 41).

Aqui, percebe-se humor e carnaval juntos, pois Renato Maciel narrou sobre essa festa popular para fazer o seu leitor rir um pouco. No trecho dessa crônica, há um “humor atenuado e inofensivo” (1992, p. 152- 153) de acordo com Propp, que também acrescenta a possibilidade de o riso bom poder se manifestar de diferentes formas. “Na maioria dos casos o riso bom é acompanhado justamente por um sentido de afetuosa cordialidade” (p. 153), como é possível notar no diálogo cordial entre o paciente do hospital e o médico.

Nesse fragmento da crônica, pode-se dizer que é um riso imoderado em se tratando de pacientes de um hospital psiquiátrico, com uma pontada de ironia, pois os externos são a população que se solta em tempos de Carnaval, como se pudesse se libertar de todas as suas tensões. É uma festa, pelo menos no Brasil que, paralelo ao futebol, serve para extravasar o riso bom ou imoderado, conforme a classificação de Propp. A ironia, também classificada pelo teórico, está implícita na reação dos internos do hospital psiquiátrico, que se mostram excitados como “os externos”.

Todas essas histórias foram narradas a Renato Maciel por pessoas que vivenciaram estes atos ou que também ouviram contar, principalmente porque o cronista também era músico e vivia no meio artístico, assim recebendo bastante material sobre temas variados pela tradição oral, cujas histórias vão sendo passadas de pai para filho. A memória coletiva se perpetuou e, muitas vezes, não se sabe se realmente aconteceu da forma narrada. O próprio cronista afirmou em *Breves colocações no Anedotário da Rua da Praia 1* que “os episódios constam como verdadeiros, sendo impossível afirmar que tenham seus detalhes e circunstâncias ocorridas exatamente como são descritos pela tradição oral” (ARP1, 1981, p. 7).

4.3 GRECO: O RISO COMO DESCONSTRUÇÃO DO PODER

Há personagens que se destacam em relação ao riso de zombaria, aquele em que o cronista Renato Maciel usou com base para narrar histórias sobre os sujeitos que viveram na Porto Alegre do passado. Tem-se uma espécie de comicidade, ora sutil ora não, que desconstrói a figura do outro ou diminui a importância de sua posição na sociedade. São eles os coronéis Carpano e Militão, já citados e analisados nesse estudo, a figura carismática de Oddone Greco e o Barão de Itararé. Percebe-se que de um lado, os coronéis são apresentados com deficiências culturais e até mesmo ignorantes no cotidiano, tentam usar o dinheiro e o poder para conseguirem benefícios. De outro lado, o personagem Greco que, apesar de ser de família tradicional, vivia sem dinheiro e o conseguia fazendo pequenos trabalhos. O Barão de Itararé quebrava todas as regras e afrontava as autoridades. Greco, que na obra de Renato Maciel apresenta-se como um sujeito destituído de qualquer bom senso, será o foco de análise, a partir desse momento.

O *bon vivant* Greco, que surge como uma espécie de desconstrução do poder, age de maneira irreverente, atingindo todos, não importando quem. Famoso, teve sua época gloriosa em Porto Alegre, chegando ao ponto de, ao falecer, ninguém ter acreditado em sua morte, noticiada nas emissoras de rádio. Perguntas eram feitas a seus familiares, para saber se era mesmo verdade que tinha morrido. Do ponto de vista da teoria de Propp, Greco não é uma pessoa saudável, já que lhe faltava a percepção de que poderia estar infringindo as regras vigentes na sociedade em que vivia. Era como se vivesse sozinho atos, muitas vezes ilegais que tinha vontade, abonados por amigos e parentes. Segundo Propp (1992, p. 176),

numa pessoa normal e saudável não existe apenas o instinto do que é justo moralmente, mas existe também uma certa percepção de regras exteriores, naturais e, de uma maneira geral, a sensação de que há alguma harmonia nas leis da natureza e do acaso (do ponto de vista dessas leis). A infração dessas regras é sentida como um defeito que suscita o riso.

Figura lendária que circulou pelas ruas de Porto Alegre, nos anos 1940 e 1950, é o personagem que mais se sobressai nas três obras de Renato Maciel com seus trotes, aplicados a amigos e desconhecidos. Todos os relatos que estão nessa pesquisa mostram como Porto Alegre se prestava para esse tipo de brincadeira, algumas engraçadas, outras nem tanto. Greco era um misto de alegria com irresponsabilidade, alegrando a pacata cidade “provinciana”, como afirmou Renato Maciel.

Nascido em família tradicional de Porto Alegre, de origem italiana, não gostava de estudar nem de trabalhar, vivia de pequenos expedientes e era sustentado pela família. As aventuras do personagem proporcionam um passeio pelo centro de Porto Alegre, revelando os hábitos dos que viviam nessa época e as práticas sociais de um grupo privilegiado. Exerceu diversas funções, sem se deter em nenhuma atividade, atuando em várias atividades para ganhar algum dinheiro. Seus trabalhos estavam ligados aos meios de comunicação ou envolviam pessoas conhecidas, já que procedia de uma família abastada. Tanto assim que seu pai, pertencente ao meio cinematográfico era um bom anunciante de um dos principais jornais da época, *O Diário de Notícias*. O pai não costumava lhe dar dinheiro. A crônica *O baterista* explica que

o comendador Januário Greco não soltava dinheiro para o filho, pois este nada queria com estudo ou trabalho. Numa tarde, ambos discutiam dentro do quarto do rapaz, até que este, dramaticamente, ameaçou suicidar-se. O pai buscou o revólver e, jogando-o em cima da cama, gozou:

— Pois toma aqui. Ó. Te suicida, vagabundo.

Oddone saiu, colocou a arma no *prego* e caiu na gandaia (ARP3, 1983, p.9).

Greco foi proprietário de oficina mecânica e trabalhou na Polícia, “destacado para atender o posto de controle na saída de Viamão, na estrada que a ligava com Porto Alegre”, como revelou a crônica *Questão de cálculo*. (ARP1, 1981, p. 137). Para Propp, “o otimismo existencial não é a única qualidade positiva que pode ser tratada de modo cômico. Uma outra é a engenhosidade e a esperteza” (1992, p. 142), isto em relação às brincadeiras articuladas de Greco, sendo esperto e calculando de que forma poderia atingir seus alvos, alguns desses seus próprios amigos. Na verdade, Greco se encaixa em várias

categorias de riso de Propp como, por exemplo, quando imitava gestos de outras pessoas. Também se enquadra na paródia, que é outro tipo de riso de zombaria de Propp. Mas o forte de Greco são os trotes passados em sujeitos que moravam em uma pacata cidade, se compararmos aos anos 1980, vividos e sofridos por Renato Maciel.

Na primeira obra de Renato Maciel, publicada em 1981, há a crônica intitulada *Greco* que narra vários episódios. Trata-se de um longo texto, dividido em várias partes. É preciso registrar que muitas narrativas sobre o Greco são breves. Propp afirma que as anedotas breves, “a brevidade da narrativa não é, contudo, uma norma absoluta. Ela o é apenas para os contos, as anedotas e as peça humorísticas porque ele é o personagem principal” (1992, p. 194). Segundo Propp, “a desconexão e o caráter casual dos episódios e de sua sequência não excluem a unidade interna da obra como tal, que pode realizar-se de maneiras bastante diversas” (1992, p. 194).

O cronista apresentou Greco e sua família ao leitor, com 14 páginas:

De todos os personagens folclóricos da Rua da Praia, um dos mais espirituosos, certamente, foi Oddone Nicolino Greco. Verdadeiro repentista, simpático e comunicativo, conquistou grande círculo de amigos. Era bastante solicitado, pois todos consideravam-no bom caráter, pronto para a esperteza mas incapaz de uma maldade. As peças que aplicava decorriam de sua personalidade inquieta, imaginação exuberante e irresistível votação para o cômico (ARP1, 1981, p. 11)

O cronista ressaltou que Greco aprontava os seus trotes com muita seriedade, como se o assunto fosse de maior importância e suas brincadeiras se reforçavam em razão de vestir-se de maneira sóbria e elegante. Renato Maciel recordou que a família, “abastada e conhecida”, veio da Itália e que na época, mais ou menos na década de 1930, era dona de vários prédios e do Cinema Apollo, além de ter participação em outros cinemas, como o Imperial e o Carlos Gomes. O texto é ilustrado com uma fotografia do casarão da Avenida Independência, onde todos moravam. É interessante observar a fotografia com legenda explicativa, mostrando o pai de Greco, Januário Greco, passeando em seu automóvel. A legenda é a seguinte:

15 de abril. Primeiro automóvel surgido em Porto Alegre. Januário, Greco, seu dono, está sentado no banco de trás, entre dois de seus irmãos. O solene cidadão ao volante era o único na cidade que sabia dirigir: um presidiário: um presidiário 'hóspede' da Casa de Correção (ARP1, 1981, p. 11).

Todos esses dados demonstram que a cidade era calma, pacata, e que os hábitos nas décadas iniciais do século XX mostravam uma *outra* Porto Alegre, tão diferente em suas práticas sociais a dos anos 1980, quando circulavam muitos veículos nas ruas, causando congestionamento. A crônica narrou as *artes* de Oddone, desde criança até a idade adulta, na década de 1940, e suas brincadeiras envolvendo nomes conhecidos de Porto Alegre como o jornalista Breno Caldas, proprietário da Empresa Jornalística Caldas Júnior. Uma outra vez aplicou um trote em um jornalista conhecido, marcando diversos encontros fingindo uma voz feminina e ia falar com o sujeito, que ficava em frente à Galeria Chaves esperando uma mulher. Chegou a fixar um encontro no bairro Cavallhada. No final, ainda inventou para a toda a Rua da Praia o estranho comportamento do jornalista, que nada descobriu. Assim, também a mentira se encontra na tipologia de Propp, e Greco foi o personagem que mais se destacou usando essas artimanhas.

Acostumado a passar trotes em pessoas e sempre querendo fazer alguém de bobo, uma característica pessoal, Greco disse a Joaquim da Cunha, dono do brique Al Belchior, na crônica *O ás do volante* que “queria comprar alguns *frinfrins* para colocar em seu carro. Havia competição marcada.” O comerciante afirmou não saber do que se tratava. Greco disse que eram peças que aumentavam a potência do motor. Tempos depois, muitas pessoas surgiram na loja, querendo comprar os *frinfrins* do *Al Belchior*. Um dia, apareceu um sujeito oferecendo as peças e Joaquim comprou todas. Anos depois, ao vender a loja, o estoque estava ali. Jamais soube que tudo não passara de gozação sustentada por Greco no dia da visita com amigos a um ferro-velho. Vendo uma caixa cheia de ferrinhos cuja serventia ninguém sabia, resolveu chamá-los de *frinfrins*. ARP2, 1982, p. 209).

Greco é o homem do povo que contesta, é o herói ao avesso, que se salva de suas travessuras e enfrenta todos sem medo. A visão de mundo de Renato Maciel consagrou-se nas aventuras de Greco que, nos anos 1950, *brincou* com o

poder governamental. Transgrediu regras morais vigentes. Assim trazê-lo de volta aos anos 1980, reviver essa figura carismática e problemática para os alvos de seus trotes, foi uma espécie de sátira aos anos sisudos de 1980, além de ter proporcionado um pouco de alegria aos leitores. Propp (1992, p. 59) afirma que

nada que seja sublime pode ser ridículo, ridícula é a transgressão disso. O homem possui certo instinto do devido, do que ele considera norma. Essas normas referem-se tanto ao aspecto exterior do homem quanto à norma de vida moral e intelectual.

Em outra crônica *O jovem Greco*, Renato Maciel iniciou assim: “Oddone Greco, o folclórico personagem da Rua da Praia, fazia cedo as suas, sempre muito sério e solene, num trajar elegante e distinto. Cedo a cidade conheceu suas brincadeiras” (ARP2, 1982, p. 63). Em outro trecho em que abordou as peripécias de Greco, tem um que se destacou:

Pela frente da mansão dos Greco passava, lentamente, bem carregado, enorme carroção puxada por quatro cavalos, utilizado na época pela tradicional empresa de mudanças Camiza. Oddone, na janela, empertigou-se todo, colocou a mão esquerda no peito, espalmou a outra na direção do cocheiro e saudou-o, voz elevada e solene:
— Ó orgulho de mãe!... se ela pudesse te ver hoje no comando desse *quadrimotor!* (ARP2, 1982, p. 63).

A frase final da crônica é significativa e surgiu da mesma forma em outro texto: *O repentista*, quando Greco tem a mesma fala, só dirigindo-se na próxima crônica a um sargento do Exército. Antes, ele falou com um cocheiro, um homem do povo. Percebe-se o mesmo intuito de sátira. Renato Maciel usou o recurso da ironia, que faz parte dos instrumentos linguísticos mencionados por Propp. Contou que o costume nos anos 1940 e 1950 era fazer a barba no Salão Conti, que ficava ao lado do Clube do Comércio, na Rua da Praia. Em um dos trechos, o cronista narrou que

Greco, Mario Antunes da Cunha e outros amigos, à tardinha, conversando defronte à barbearia conversando, quando o primeiro, sempre circunspeto, apontou para um militar sexagenário, de cabelos brancos, que vinha a pé do Quartel-General, pela mesma calçada. Ostentava apenas uma estrela no uniforme, conquistada como sargento comissionado em tenente — símbolo do grau máximo que sua dedicada carreira poderia almejar. Não contendo a emoção, comentou Oddone, a voz embargada:

—Já imaginaram que orgulho pra mãe ele deve ser? Ter um filho tenente! (ARP1, 1981, p. 133).

Aqui, transparece o riso de zombaria estabelecido por Propp, cujo alvo foi um militar, que, segundo Greco, chegou ao ponto máximo em sua carreira. Percebe-se o tom sugerido pelas palavras do cronista. O riso reveste-se de ridículo, porque se presume que um militar em idade avançada deveria portar mais estrelas em seu uniforme, o que não é caso do militar personagem da crônica. E tem mais: Renato Maciel terminou a história com uma frase irônica, afirmando que o orgulho de uma mãe era ter um filho tenente.

Ao mesmo tempo em que o militar é alvo de zombaria, é certo que a carreira militar teve mais prestígio nas décadas iniciais do século XX, quando a maioria dos jovens brasileiros ingressava no Exército brasileiro, por ser uma carreira bem remunerada e pela grandeza de servir à Pátria. No entanto, com o passar dos anos, com o regime militar e os tempos da Ditadura, iniciou-se um período de decadência profissional e desprestígio total, em virtude das atrocidades cometidas em defesa de um sistema político.

Assim, o cronista dos anos 1980, época em que militares e policiais estão no auge e detém o poder, Renato Maciel usou um protagonista como Greco para afrontar a elite dirigente, mostrando como fachada os anos de *ouro* de Porto Alegre, mas apresentando as mesmas artimanhas corruptas do presente e o poder dos dirigentes manipulando as pessoas. É através de Greco que Renato Maciel representou a Porto Alegre de seu tempo, não poupando militares, policiais, políticos e a Igreja.

Para demonstrar a esperteza de Greco, o cronista relatou novas brincadeiras. Em *O jovem Greco — II*, disse que “os motorneiros, cobradores e fiscais dos bondes, quando diminuía o movimento, gostavam de dar ligeiras paradas num boteco perto da esquina da Rua da Praia com Bento Martins”. Renato Maciel, com este depoimento, revelou a forma como as pessoas se locomoviam em décadas passadas, demonstrando ainda a facilidade que qualquer pessoa tinha de se apossar de um veículo e passear pela cidade. “Oddone, à tardinha de um sábado, em hora morta, aproveitou um bonde vazio,

assumiu os controles e fugiu até o fim da linha de Navegantes. Lá chegando, desceu e voltou de táxi para casa” (ARP2, 1982, p. 130).

Para Propp (1992, p. 142), como já foi dito, “o otimismo existencial não é a única qualidade positiva que pode ser tratada de modo cômico. Uma outra é a engenhosidade e a esperteza”, isto em relação às brincadeiras muito bem articuladas de Greco, sendo esperto e maquinando para atingir seus próprios amigos. Mas também se divertia, quando a família viajava, conforme texto de Renato Maciel, *Provações familiares*:

Durante os meses de junho e julho de cada ano, toda a família Greco viajava ao Rio. Só Oddone ficava no casarão.⁶² Aproveitava para dar festas homéricas, para as quais convidada, às vezes, quem passasse na rua, no momento. Numa delas, não gostando das roupas que as mulheres usavam, franqueou-lhes os armários da mãe e das irmãs. [...] Numa das ocasiões em que família estava fora, o dinheiro deixado a Oddone acabou. Recorreu ao fiado, até que não conseguiu mais crédito. Lascou, então, o seguinte telegrama aos velhos:
Mandem dinheiro senão marcha pianola⁶³ (ARP1, 1981, 145).

Em outro trecho, o cronista referiu-se à viagem a Torres, onde Oddone veraneava com a família. Ele jogou na roleta e perdeu todo o dinheiro da mesada, quando os pais chegaram de viagem viram que o filho tinha vendido a cama do casal. Oddone também frequentava Tramandaí, não apenas Torres, onde costumava pensar trotes, sendo que alguns quase ocasionaram graves problemas (ARP1-1981, p. 106). Agora, quando seus pais viajavam, ele arrumava muita confusão. Nessa mesma crônica, Renato Maciel narrou o que Oddone fez quando seus pais viajaram para a Europa.

Quando a família viajou para a Europa, Oddone, depois de gastar todo o dinheiro, tentou promover um leilão dos objetos do palacete, anunciando o fato a vizinhos e conhecidos. Na hora marcada, porém, apareceu muito pouca gente. O resto ficou em casa, não por desinteresse, mas por desconfiança (ARP1, 1981, p. 148).

Em uma época em que a cidade de Porto Alegre tinha menos habitantes, ruas e lugares para lazer, Greco para chamar a atenção ou para conseguir

⁶² Mansão que ficava localizada na Avenida Independência.

⁶³ Pianola elétrica da mansão que tinha grandes tubos acústicos.

dinheiro, usava de vários expedientes. No entanto, como ele era conhecido por todos em razão de sua malandragem e por fazer parte de uma família tradicional, ninguém ousava lhe dar crédito, a não ser seus amigos mais íntimos, que até lhe emprestavam dinheiro.

De acordo com Propp (1992, p. 62), “podem ser cômicas não apenas as pessoas de uma comunidade diferente, grande ou pequena, mas também as daquela mesma a qual pertencem, se distinguem dos outros claramente em algo. Todo povo e toda a época tem costumes próprios e normas próprias. É preciso dizer que no tempo de Oddone Greco, as brincadeiras e os trotes que pregavam entre si, tinham o seu valor naquele momento, não sendo admissíveis nos dias atuais, em virtude de as pessoas precisarem trabalhar para sobreviver.

A época recordada pelo cronista é de um tempo em que os indivíduos conseguiam exercer suas atividades e ainda brincar uns com os outros, principalmente os que integravam a elite favorecida da qual Greco fazia parte. Assim, eram viáveis as histórias contadas por Renato Maciel. Foi por meio desse personagem lendário é que Renato Maciel representou a sociedade na qual estava inserido, no momento de sua escrita. Conforme Propp (1992, p. 196):

A comicidade dessas obras não está baseada nos episódios cômicos, mas também no tipo de protagonista principal que representa o homem do povo nunca se deixa abater, sempre grandemente cético diante as convenções sociais em que vive como agudo observado: é através dos olhos dele que o autor representa o mundo.

A impressão que fica a partir da leitura das crônicas é que a figura de Greco atua como porta-voz do próprio cronista em todas as três obras. Primeiro, porque Greco é o personagem com maior número de crônicas, nas quais foram narradas suas façanhas. Isto porque era uma pessoa que transgredia as regras de convivência e não tinha receios de afrontar policiais e militares como ficou evidente nos textos de Renato Maciel. Em segundo, porque o cronista usou a personagem para satirizar delegados, policiais, sargentos, generais, políticos e padres, atingindo instituições que sustentaram a Ditadura Militar, ou seja, setores da Polícia, Exército e Igreja. O cronista colocou seu pensamento nos textos, sem precisar ser engraçado, expondo seus sujeitos de tal forma, que não precisava

nomear os defeitos do outro. O leitor consegue compreender onde está a corrupção, o lograr, o desmoralizar.

Exemplo disso é a crônica *Provações familiares*, quando Renato Maciel narrou as brincadeiras que Greco fazia com os padres, principalmente os do colégio Rosário, pois morava perto.

O Bispo D. Carlos do Bonfim Couto Bacellar e seu secretário estiveram hospedados cerca de duas semanas no casarão dos Greco. Januário⁶⁴ alugou um carro e colocou-o à disposição dos hóspedes. Não contente com isso, pediu a Oddone que mostrasse a cidade aos clérigos. No fim de uma tarde, o bispo voltou dando boas risadas e que contou que Greco levava-os a conhecer a famosa boate '1001 Noites. — Imagine onde esse moço me leva! (ARP1, 1981, p. 147).

Em outro texto, *O cardeal* Renato Maciel utilizou-se mais uma vez de Greco como porta-voz de suas críticas à Igreja, expondo de todas as maneiras a figura desses sujeitos.

As peripécias de Greco despertaram a atenção dos jesuítas que moravam em uma pensão nas proximidades da Independência. Souberam do estranho padre que andava perguntando à molecada da rua qual a melhor forma de ir ao Beco do Oitavo, zona de baixo meretrício, e desconfiaram que era o mesmo que fora visto correndo, altas horas, atrás de empregadinhas na Praça da Matriz, fingindo depois esconder-se no Solar dos Câmara” (ARP1, 1981, 121).

Em outra crônica, *Oddone Greco, S.J.*, Renato Maciel contou que Greco fantasiou-se de jesuíta e agitava a Porto Alegre provinciana de seu tempo. Referindo-se ao personagem, o cronista ressaltou que ele ia à noite para as calçadas do Colégio Rosário dos maristas e aproveitando as sombras passava a mão nas *empregadinhas*. Para elas, era o 'padre-sem-vergonha'. Nos mesmos trajés, provocava grandes confusões nos bondes. (ARP3,1983, p. 81). Já em *EL Greco*, Renato Maciel lembrou que Greco era conhecido por suas brincadeiras, desde a mocidade,

Greco não se transformou num exibicionista. Mais velho, embora com o mesmo e incansável espírito de gozação, tornou-se discreto. Bolava trotes para exclusivo consumo interno; meses depois, com sobriedade e

⁶⁴ Januário Greco é o pai de Oddone Greco.

poucas palavras, contava-os aos amigos, provocando-lhes barrigadas de riso. Tudo sem perder a elegância ou esboçar sorriso (ARP3,1983, p. 144).

Todas as crônicas que têm Greco como personagem principal, participando da história e provocando riso no leitor, fizeram com que Renato Maciel atingisse seu objetivo, o de ter desnudado membros da sociedade. Greco era o transgressor principal, mas outras figuras se destacaram como os coronéis Militão e Carpano, pela ignorância e prepotência, o Barão de Itararé que desafiava as autoridades, o personagem popular Fanha, que achacava dinheiro de todos, o médico Nestor Barbosa que passava trotes até nos pacientes, o médico Sarmiento Leite pela sua irreverência, e o professor Armando Câmara pela sua ousadia. Todos, a seu modo, foram utilizados por Renato Maciel para formar um painel de uma sociedade que protestava.

Utilizando o recurso do humor, o cronista fez a máscara cair, por meio desses sujeitos, e mostrou a outra face das pessoas. Por este motivo, a sátira é um instrumento poderoso, porque consegue com humor ferino fazer com que o outro perceba os defeitos do indivíduo exposto. De acordo com Propp, a literatura humorística e a satírica são populares, porque representam “os defeitos que ainda sobrevivem em nossa vida e em nossos costumes; a arte ajuda a superá-los” (1992, p. 184). Em relação a Renato Maciel, o tipo de humor que se sobressai em suas crônicas é o da zombaria, porque a classificação de Propp evidencia vários tipos de riso que se aplicam aos textos. O motivo fica notório, porque zombar e satirizar de autoridades nos anos 1980 foi a válvula de escape, principalmente de escritores, e comunicadores, profissionais da imprensa.

A sátira tem que ser cômica e engraçada, mostrar os defeitos do indivíduo e desmascará-lo. É como disse Propp que a sátira tem como finalidade provocar a reação no ouvinte ou leitor. Ao começar a escrever suas crônicas, acredita-se que não foi apenas um sentimento nostálgico de volta ao passado, talvez não tenha sido apenas uma distração, escrever porque estava doente. Acredita-se que a repressão dos anos 1980 o fez lembrar a repressão do passado, mostrando períodos semelhantes na vida dos brasileiros. No passado, também existiu censura e abusos por parte de detentores do poder. Também é preciso registrar

que o cronista apontou para as arbitrariedades dos estancieiros da época e para as mazelas dos tipos populares, existentes em qualquer tempo. Escrever sobre os anos 1940 e 1950 com um olhar crítico, satirizando os homens do poder, fez com que o humor satírico de Renato Maciel, não apenas tenha provocado o riso, mas também fez que sua escrita cumprisse com o verdadeiro papel: o de fazer o leitor dos anos 1980 refletisse sobre o contexto da época. Mas como alerta Propp, a sátira não cura nem corrige os que são atingidos por ela.

Rua dos Andradas- década de 1940/ 50



Fonte: Autor desconhecido. Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman.

*A Rua da Praia era como se fosse um
salão de clube, de portas abertas
para uma festa semanal, e onde,
em obediência a um rito profano,
que não devia nada aos mandamentos
da sinagoga, todos iam sabadear um pouco.*

Augusto Meyer

A CIDADE DE PORTO ALEGRE

5 A CIDADE DE PORTO ALEGRE

A forma de ficarem vivas as lembranças do passado é escrever sobre esse tempo e essa foi a pretensão de Renato Maciel. No prefácio de seu primeiro livro, *Anedotário da Rua da Praia 1*, datado de 1981, ele afirmou que seu objetivo foi contar histórias, para que as lembranças sobre Porto Alegre não se perdesse com o tempo.

Sem preocupação estilística, científica ou cronológica esta coletânea tenta reunir, despretensiosa e não exaustivamente, alguns desses fatos, incluindo aqueles outros que, embora não ocorridos dentro dos limites físicos da Rua da Paria, só se tornaram conhecidos graças à narrativa de seus frequentadores, que conviveram, presenciaram ou até protagonizaram os divertidos incidentes (ARP1, prefácio *Breves colocações*).

Ao escrever as crônicas, em uma época de abertura política no país, mas ainda sob o regime militar, o cronista reviveu o passado e trouxe à tona, fatos curiosos que envolveram os sujeitos que circulavam naquele tempo nos anos 1940/1950. Essa vontade de escrever sobre a Porto Alegre que ficou para trás, tem uma explicação, conforme Maurice Halbwachs:

Na necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam alguma lembrança (HALBWACHS, 2006, p. 101).

Que cidade é esta lembrada por Renato Maciel e vivida por seus antepassados? Para Maurice Halbwachs (2006, p. 100), os habitantes de um lugar sempre estão observando o que se passa ao seu redor.

[...] Os moradores de uma aldeia não param de observar, e a memória de seu grupo registra fielmente tudo o se pode observar em fatos e gestos de cada um, porque eles reagem e influenciam toda esta pequena sociedade e contribuem para modificá-la”

Na verdade, toda a cidade se transforma no curso da História, como afirma Maurice Halbwachs, porque são realizadas novas obras e ruas surgem a cada instante, sendo derrubados prédios antigos em nome da modernização. De

acordo Halbwachs (2006, p. 162, 163), “as cidades se transformam no curso da história [...] As obras públicas e a abertura de novas ruas ocasionam muitas demolições e construções [...] o centro da cidade se desloca”.

Aos poucos, Porto Alegre modificou-se e na década de 1980, a cidade deixou de ter pequenos estabelecimentos comerciais e passou a ter um *shopping*. O ponto de encontro das pessoas não era mais na Rua da Praia, pois os bairros começaram a ter vida própria. Assim, o centro de Porto Alegre não era igual ao das décadas de 1940 e 1950. O cronista e a sua geração lamentam esse fato, pois a Rua da Praia era um ponto de encontro. Nas entrevistas concedidas aos jornais⁶⁵ de sua época e às emissoras de televisão, Renato Maciel reclamou das transformações sofridas na cidade desde os anos 1950.

O cronista percebeu que o centro da cidade, na década de 1980, mudou, em razão de terem surgido bancos, financeiras e lanchonetes. Os espaços públicos não são os mesmo do passado, aquele sobre o qual ele escreveu. O visual da cidade mudou e as formas de lazer se alteraram. Suas crônicas são as memórias de um grupo seletivo de amigos jornalistas, professores e profissionais liberais (advogados, médicos), e seu objetivo foi resgatar a cidade que ficou para trás, diferente de seu momento.

Por exemplo, em 1940, Porto Alegre tem 272 mil habitantes. Em 1950, possuía 394 mil habitantes, segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano.⁶⁶ Em 1980, a população era de 1.125.000. A cidade que Renato Maciel representou em suas páginas, a do passado, era mais pacata e mais calma, com menos habitantes. Mas a cidade, a partir de sua escrita, nos anos 1980, tinha uma população que desejava liberdade.

Então, das décadas iniciais do século XX até o momento da escrita de Renato Maciel, a cidade mudou de ares. Nas crônicas de Renato Maciel, constatava-se uma nostalgia sobre uma *outra* Porto Alegre, mas, tanto a cidade do passado como a do presente tinham seus problemas. O povo clamava nas

⁶⁵ As entrevistas estão inseridas no capítulo 2 quando é abordada a repercussão das três obras na imprensa local e nacional.

⁶⁶ PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1983, 20 p.

ruas por uma vida melhor, em ambas as décadas, a de 1950 e a de 1980. Greves existiam no passado e também no presente do cronista. As reivindicações eram as mesmas: melhores salários e empregos, ou seja, garantias para sobreviverem com dignidade.

Que cidade era esta procurada e almejada pelo cronista Renato Maciel? Primeiro, foi chamada de Porto de Viamão, depois Porto do Dorneles e, por fim, Porto dos Casais. Que rua era esta conhecida popularmente como Rua da Praia, quando já foi Rua da Graça e depois, oficialmente, tornou-se Rua dos Andradas? Na reportagem de *O Globo* com o título *Num livro com anedotário alegre, a alma encantadora da Rua da Praia*, o texto assinado por Edilberto Coutinho menciona o nome da rua. Segundo Coutinho, “A rua — onde acontecem as histórias contadas por Sá Júnior — se chama, na realidade dos Andradas, homenagem aos irmãos José Bonifácio, Martim Francisco e Antônio Carlos [...] Mas ficou conhecida como Rua da Praia porque o Rio Guaíba, antigamente, chegava até lá. Era uma rua beira-rio. Daí a denominação popular, que sempre predominou sobre a oficial” (*O Globo*, 28 nov. 1982).

Figura 7- Vista noturna do centro do centro de Porto Alegre – 1950- Fonte: Prati



Como disse o escritor francês Marcel Proust, não basta procurar novas paisagens, é preciso enxergar com outros olhos para poder entender os verdadeiros motivos de um cronista que escreve sobre uma cidade, mostrando-a de um jeito diferente, conforme as lembranças de outras vozes. Muitas vezes, as imagens do passado chegam às nossas mentes no presente, por meio desses depoimentos. Halbwach (2006, p. 94) afirma que

grupos de que faço parte em diversas épocas não são os mesmos. Ora, é de seu ponto de vista que penso no passado... É preciso que minhas lembranças se renovem e se completem, à medida que me sinto mais envolvido nesses grupos, e participo estreitamente de sua memória.

Figura 8 - Placa com o nome oficial de Porto Alegre



Fonte: Anedotário da Rua da Praia 3 (1983)

Renato Maciel fez parte um grupo de intelectuais composto por professores, jornalistas e escritores, convivendo em um meio diversificado. Ao escrever sobre Porto Alegre, ele procurou por pessoas de seu grupo para ouvir antigas histórias. É importante saber o que acontecia em Porto Alegre no momento em que o cronista escrevia. Por que retornou em 1980 aos anos 1950 /1940? No aglomerado humano que há em todas as cidades, é possível perceber o quanto de frágil tem o ser humano, porque ele realmente dá importância ao que

está ao seu redor. Quer olhar para as pessoas, para os lugares, para as ruas e para os prédios. As crônicas de Renato Maciel repararam nesses sujeitos e lugares que representam o passado de uma *outra* Porto Alegre. A respeito dessas pessoas, salienta Halbwachs (2006, p. 163) que

quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ela.

Renato Maciel refletiu sobre esse grupo humano de que trata Halbwachs. Assim, pretende-se pensar sobre a memória da cidade de Porto Alegre, seus sujeitos e espaços nas crônicas de Renato Maciel. Matéria que, há muito tempo, preocupa historiadores, sociólogos e antropólogos. Parte-se de 1980, retorna-se ao passado e escreve-se em 2011 sobre a mesma cidade. São os diferentes tempos da memória. São os momentos diversos de várias *outras* cidades. Agora é o tempo de uma nova escrita. A época da leitura de nossa escritura está porvir. Renato Maciel, como autor-narrador, traz para seus textos a memória de um grupo, o que se percebe nos depoimentos que o auxiliarem a relatar o passado de Porto Alegre.

Então, pode-se falar em História, porque está em estudo um tempo que passou e o debate é sobre a memória coletiva. De acordo com Halbwachs (2006, p. 105), “a memória de uma sociedade se estende até onde pode — quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos de que ela se compõe”. O que pode acontecer, na opinião de Halbwachs, é que muitos grupos tendem a desaparecer e assim perdem-se os registros daquele outro tempo. Essa foi a preocupação maior de Renato Maciel ao querer entrevistar as pessoas que viveram em Porto Alegre e que testemunharam como era a vida antigamente em uma cidade com menos habitantes. Ao contatar com sujeitos que testemunharam uma *outra* Porto Alegre, Renato Maciel procurou por indivíduos que integravam o seu grupo social na época da escrita das crônicas.

De acordo com Halbwachs (2006, p. 106), a memória coletiva traz como suporte, “um grupo limitado no tempo e no espaço. Não reunimos em um único painel a totalidade de eventos passados, a não ser tirando-o da memória dos

grupos que guardavam sua lembrança”. No entanto, o grupo pode se tornar resistente às mudanças ocorridas com a cidade na qual habita. Exemplo disso, é o próprio Renato Maciel que criticou as transformações sofridas em Porto Alegre, conforme ficou constatado pelas entrevistas que concedeu aos jornais da época.

Ao comentar sobre a memória desses sujeitos, Halbwachs (2006, p. 163) observa que “os grupos resistem e, neles, você irá deparar com a resistência [...] É inevitável que as transformações de uma cidade e a simples demolição de uma casa incomodem, perturbem e desconcertem alguns indivíduos em seus hábitos”. No caso de Renato Maciel, ele se absteve de lembranças de outros, mas ele tinha conhecimento que a Rua da Praia não era mais como antigamente. Em reportagem concedida a jornais, Renato Maciel teceu comentários sobre a tristeza que sente com as mudanças sofridas na Rua da Praia, modificada com a chegada de empresas.

O que é verdade é que todas estas pessoas formaram uma comunidade no passado e de alguma forma o cronista Renato Maciel se identificou com as mesmas, seja por afinidade de profissão ou de relações pessoais. Aos 10 anos, Renato Maciel morou no edifício do Clube do Comércio, na Praça da Alfândega, presenciando os passeios de homens e mulheres bem vestidos, além de muitos *causos*. Analisar essas outras vozes que auxiliaram Renato Maciel a reconstruir a Porto Alegre do passado é um dos objetivos dessa pesquisa.

Figura 9 - Rua Uruguai – 1935



Fonte: www.prati.com.br

Quadro 2 - Espaços inseridos nas três obras de Renato Maciel de Sá Jr.

ESPAÇOS	Anedotário da Rua da Praia 1	Anedotário da Rua da Praia 2	Anedotário da Rua da Praia 3
Rua da Praia	11-27-33-37-44-47-60-74-79-91-107-115-164-167	130-136-182-247	1-11-54-55-56-71-79-89-97-144-145-177-197
Av. Independência	11-13-14	66	-----
Galeria Chaves	2-21-41-68-111	247	9-54-56
Bairro M. de Vento	22	114-247	140
Praça da Alfândega	19-132-180	73-83-137-146-169-223-261	44-145-197
Praça XV	62-80	49	9-224
Praça Redenção	122	-----	-----
Colégio Rosário	53-120	65-130	81-
Clube do Comércio	19-75-94-21	49	20-21- 56-80-197
Country Club	-----	31	140
Cabana Turquinho	107	-----	-----
Antiquário	147-148-179	63-207	-----
Confeitarias, bares	13-21-25-34-37-68-103-107-144-183	56-115-141-182, 223	3-39-56-89-96
Armazém Apolo	13	-----	-----
Farmácia Leal	14 -88-165	-----	-----
Cafés	75-124-181	73	24-145
Lojas	4 - 89	73	56-140-144
Cinemas	16-19	-----	48
Solar dos Câmara	121	-----	-----
Emissoras de TV	-----	155-238-269	83-103
Varig	-----	133	-----
Igrejas	15-16-54-145	110-162	43-46-56-57-86-102-200-201
Hotéis	21-82	107-261	55-89-129-151
Hospital S. Pedro	9	41	-----
Teatro		59-67	2
Festas	15-110	278	38
Torres	21-146-154	-----	-----

Fontes: MACIEL DE SÁ JR., Renato. *Anedotário da Rua da Praia 1*. Rio de Janeiro: Globo, 1981.

_____. *Anedotário da Rua da Praia 2*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

_____. *Anedotário da Rua da Praia 3*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

5.1 OS ESPAÇOS DA MEMÓRIA

Para encontrar uma cidade antiga no presente, retorna-se em pensamento. É o que diz Halbwachs (2006, p. 152) que “para reencontrar as vias e monumentos antigos, conservados ou desaparecidos, nós nos guiamos pelo plano geral da cidade antiga, nos transportamos para ela em pensamento”. É justamente o que Renato Maciel faz em suas crônicas, pois ele refaz o caminho de volta e mostra uma *outra* Porto Alegre, por meio de vozes que lembravam a cidade de ontem. Assim a cidade de Porto Alegre — seus espaços e sujeitos — foi o ponto de partida para Renato Maciel começar a elaborar suas crônicas. O lugar é importante para o grupo. Segundo Halbwachs (2006, p. 170), “não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha alguma relação com o lugar — ou seja, com uma parte do espaço”.

Para alcançar esse universo descrito pelo autor-narrador, é necessário analisar sujeitos, espaços e tempos. Pretende-se focar os sujeitos que mais se destacam nas crônicas de Renato Maciel, porque eles são a base do texto do autor-narrador, mais do que os espaços, pois ele relatou as histórias que lhe contaram. Os personagens de suas crônicas transitavam muito em espaço aberto. Os espaços fechados são em minoria. Na verdade, quase tudo se passa em frente a Galeria Chaves ou na Rua da Praia, o lugar de memória do grupo composto por advogados, médicos, políticos, comerciantes e populares.

Os espaços apresentados por Renato Maciel são inúmeros e nesses os sujeitos da Porto Alegre do passado transitavam, lembrados pelos depoimentos dados ao cronista. São eles: Rua da Praia, Praça da Alfândega, Clube do Comércio, Praça XV, Galeria Chaves, Confeitaria Central, Hotel Majestic, Grande Hotel, Cabana do Turquinho, Avenida Independência, Rua Garibaldi, Parque da Redenção, Colégio Rosário, Igreja do Rosário, Farmácia Leal, Armazém Apolo, Café 17, Café América, Café Nacional, Teatro São Pedro, Café *Suíssa*, bairro Moinhos de Vento, *Royal Salon*, antiquário Belchior, Casa Victor, Casa Colombo, Livraria do Globo, Televisão Piratini, Rádio Farroupilha, Rádio Difusora, Varig, entre tantos outros, que serão mencionados nessa pesquisa. É possível perceber

que as pessoas citadas por Renato Maciel circulavam em um meio intelectualizado.

Entre os espaços mais citados nas crônicas de Renato Maciel encontram-se a Rua da Praia, com maior número de ocorrências, e a Praça da Alfândega, nas crônicas analisadas, o que comprova que os pontos de encontros dos sujeitos na época eram em locais abertos, ainda não havendo como existe hoje a tendência para grupos reunirem-se em locais fechados, o que aconteceu após a era dos *shoppings centers*. A Galeria Chaves, o Clube do Comércio, as confeitarias, os cafés e a igreja estão entre os locais fechados citados pelo cronista.

Halbwachs utiliza-se de uma expressão muito apropriada para definir os homens que ficam presos ou isolados a grupos e lugares: *mundo fechado*. Para entender esse procedimento, que se pode aplicar ao universo que circundava a Galeria Chaves, localizada na Rua da Praia, basta atentar para a afirmação de Halbwachs (2006, p. 162):

Para apreender corretamente este tipo de influência que os diversos pontos de uma cidade exercem sobre os grupos que a ela se adaptam lentamente, numa grande cidade moderna ou a regiões relativamente isoladas, de onde os moradores só se afastam para ir ao trabalho e que formam uma espécie de pequenos mundos fechados.

Mas como ele explica depois e sabemos que as cidades acabam por sofrerem transformações ao longo da História, encontrando resistência por parte de grupos, que se apoiam nas imagens que têm dos espaços. São costumes arraigados.

Ao escrever suas crônicas, Renato Maciel encontrou-se com grupos que se identificaram com suas ideias, costumes e hábitos, todos lembrando o passado de forma afetiva e fornecendo ao cronista um material importante para a confecção das crônicas: memórias. Muitos demonstraram resistência às mudanças em Porto Alegre, nos anos que precederam a década de 1980. Afirma Halbwachs (2006, p. 163) que um grupo social se torna sensível a tudo que está em sua volta e isso acontece quando essas pessoas vivem muito tempo em um

lugar. São indivíduos que elegem um local para a convivência diária com os amigos.

As crônicas de Renato Maciel se situam ao redor da Rua da Praia, que empresta seu nome às três obras do cronista. Lembrar esse local tão conhecido é pensar sobre o conceito de rua, em *O espetáculo da rua*, de Sandra Pesavento (1996, p. 38): “A rua reflete a transformação do espaço urbano e a reordenação da vida”. Assim, é possível compreender um pouco o que aconteceu nesse espaço. Pesavento (1996, p. 64) afirma que

a rua é um local de passagem, sem dúvida, mas também de encontro e de troca. É um espaço de prazer e uma vitrine imensa e viva, que se contrapõe aos objetos móveis das vitrines das lojas [...] a rua é do povo, onde se misturam operários, professores, caixeiros de lojas, bancários, negociantes, e... porque não dizer, vagabundos, desocupados e larápios.

A Rua da Praia tinha vida própria e estava cercada de homens e mulheres que por ali passavam e trocavam ideias ou simplesmente conversavam sobre as novidades. Uma rua que nem sempre foi cercada de bancos, grandes lojas e com muito movimento. No passado, ela era pacata, como disse Renato Maciel na crônica *A aposta*, do *Anedotário da Rua da Praia*. “Nos domingos à tarde, a Rua da Praia assistia, pachorrenta, o lento desfile, em poucos automóveis abertos, das famílias mais abastadas, sob a vigilância austera de seus sisudos patriarcas” (ARP1, 1981, p. 79).

Figura 10 - Praça XV de Novembro- década de 1930



Fonte: www.prati.com.br

No presente, em 1980, os pontos de encontros já aumentavam por toda a cidade que se expandia. Na Porto Alegre descrita por Renato Maciel, a concentração de pessoas era na Rua da Praia, onde seus frequentadores esqueciam do tempo em longas conversas. Na crônica *Os grandes atochadores*, o cronista relatou que “a Rua da Praia foi sempre o estuário natural para onde convergiram as melhores mentiras aplicadas no estado” (ARP2, 1982, p. 157), mas acrescentou que outro local predileto da elite era o Largo dos Medeiros, por onde passaram muitos mentirosos. Os sujeitos dessa *outra* cidade tinham hábitos como caminhar pela Rua da Praia depois do almoço, tomar café nas confeitarias das ruas próximas e passear pela Praça da Alfândega. Na crônica *O Largo*, Renato Maciel apresentou a rotina desses sujeitos.

Ao longo de décadas, aquele trecho mais espaçoso da Rua da Praia, entre o pé da ladeira e a ponta da Praça da Alfândega, foi conhecido por Largo da Merda, tanta a gente mal de vida circulando dentro de seus limites [...]. Ali acabavam divulgados, em primeira mão, os acontecimentos mais importantes do Estado, tornando-se habitual a presença de intelectuais, políticos, produtores, criadores, comerciantes e profissionais liberais [...]. Integrada de forma indissolúvel a todos, esse

ambiente pitoresco estava a Confeitaria Central dos irmãos Medeiros, Pantaleão e Eugênio” (ARP2,1982, p. 137).

Renato Maciel exibiu de que forma conviviam os sujeitos que frequentavam a Rua da Praia e seus arredores, reunindo em volta de bares e cafés nomes conhecidos daquela época. O nome Largo tem explicação no *Anedotário da Rua da Praia 2*. Renato Maciel contou que, na década de 1950, o escritor Josué Guimarães, na época vereador, apresentou à Câmara de Vereadores uma proposta para que a área que abrangia a rua General Câmara, conhecida como a Rua da Ladeira, até a outra ponta da Praça da Alfândega, fosse denominada de Largo dos Medeiros. Segundo Renato Maciel (ARP2, 1982, p. 138), “essa homenagem aos proprietários aproveitou também a semelhança auditiva entre a nova designação e a anterior, chula demais, que assim resultou relegada”. De acordo com o cronista, “quem recolhesse os fragmentos das infindáveis e inconsequentes conversas do Largo, comporia divertido e expressivo painel, revelador do espírito de seus frequentadores”.

Além de congregar amigos e conhecidos, o Largo também tinha um prefeito, segundo Renato Maciel. Era Trajano Beheregaray,

um dos mais populares e antigos frequentadores da Rua da Praia. Personagem hoje folclórico há muitos anos ostenta, atribuído pela comunidade de conhecidos, o respeitável e vitalício título de ‘Prefeito do Largo’, pois, quem quisesse encontrá-lo, até bem pouco tempo, bastava esperá-lo no largo dos Medeiros ou nas imediações das esquina da Ladeira com Rua da Praia (ARP1, p. 141).

Figura 11- Largo dos Medeiros- 1949/50



Fonte: Leo Guerreiro e Pedro Flores. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman

O interagir com as pessoas é o que possibilita um maior convívio, estabelecendo vínculos permanentes. Renato Maciel relatou diversos episódios ocorridos entre a Rua da Ladeira e o final da Praça da Alfândega, o Largo, quando ali se reuniam nomes conhecidos. No início das tardes de sábado era costume que as pessoas aguardassem a saída da sessão de cinema. Em *O Largo*, o cronista abordou os costumes de lazer daquela época:

Formava-se compacta aglomeração na saída da primeira sessão de sábado do Cinema Central, vizinho à Confeitaria do mesmo nome. A turma de rapazes acompanhava o movimento, quando um deles reconheceu corpulenta meretriz entre os transeuntes que tentavam furar a barreira de gente. Tão logo a mulher passou à sua frente, o jovem aplicou-lhe certo e anônimo beliscão na traseira, ao mesmo tempo em que censurava o companheiro do lado:

— Não faça isso com a moça, Beto!

O outro, sem entender nada, apanhou ali mesmo, em meio a grande escândalo (ARP2, 1982, p. 147).

Essa reunião de pessoas na saída de um cinema era um ato que acontecia no passado e também no presente de Renato Maciel, o que prova que ambos as épocas tinham, nesse ponto, uma identidade quanto ao lazer. Segundo Dalila Müller (2010, p. 36)

a sociabilidade, [...] está relacionada ao comportamento coletivo em espaços formais ou informais definidos. Nestes espaços, o homem estabelece vínculos, relações, busca os aspectos agradáveis das relações humanas, a fruição da presença do outro, a reciprocidade, ou seja, a sociabilidade é a qualidade do ser sociável, é o comportamento do indivíduo quando está interagindo com os demais em um espaço e tempo definidos e a satisfação provocada por isto. O mais importante é estar com o outro, gozar a vida em grupo.

Por sua vez, Naida Lena Menezes D'Avila, (2002, p. 76) observa que entre as atividades de lazer das camadas médias⁶⁷ porto-alegrenses eram importante as quermesses e o *footing*, acrescentando que “a sociabilidade nas ruas era intensa”. A autora menciona que

na Porto Alegre da década de 1950, houve diversos lugares públicos que foram realmente espaços de transição entre o público e o privado. Mas há uma interessante dualidade nesses espaços, pois ao mesmo tempo que representam um antigo padrão cultural, é nas praças, cafés e ruas que o moderno entra em cartaz e que as novidades são vistas e comentadas.

A vida social abrangia passeios pela Rua da Praia, reuniões com chás no Clube do Comércio, sentar no banco da Praça da Alfândega e uma passada na Confeitaria Central ou na Rocco. Enfim, o reduto ficava restrito à praça para conversar ou esperar a saída de um cinema. A vida era mais calma, sem dúvida, o que deixa supor que o autor ao mostrar o comportamento desse grupo social, dá mostras de querer fazer o leitor refletir.

⁶⁷ A autora define como camadas médias o grupo social formado pelos profissionais liberais, funcionários públicos, militares, professores, comerciantes e donas-de-casa.

Figura 12 - Confeitaria Rocco



Fonte: www.prati.com.br

D'Avila (2002, p. 77) afirma que, no centro de Porto Alegre, estavam “os principais locais sociabilizantes. Embora muitos bairros possuíssem uma vida própria, com lojas e praças, a cidade se movimentava em torno de seu centro. A área central congregava as atividades comerciais e culturais da época”. Para demonstrar que todos os acontecimentos giravam em torno da Rua da Praia e da Praça da Alfândega, há uma crônica em que Renato Maciel recordou os hábitos do poeta Mario Quintana, figura conhecida na época, quando se iniciava na vida literária. Renato Maciel lembrou em *Quintana* que

Diariamente, depois do almoço, costumava sair do Hotel Majestic, onde residia, para caminhar pela Rua da Praia na direção da Praça da Alfândega. Parava sempre que chegava à porta de certa casa defronte ao *Correio do Povo* (ARP2, 1982, p. 261).

O autor-narrador apresentou episódios sobre o poeta gaúcho, relatando que “a roda de amigos de Quintana frequentava a Taberna do Max, no subsolo do Edifício Vera Cruz, ao lado do cinema Vitória,” (ARP12, p. 260), quando as conversas, segundo o autor, giravam em torno da política. Grupo de intelectuais da época debatia sobre socialismo, comunismo, democracia e capitalismo. Renato Maciel recordou que enquanto todos discutiam Mario Quintana permanecia calado. Tinha ares de homem aborrecido e “cochilava (p.260) discretamente no meio daquela tormenta de opiniões explosivas e radicais”.

Agitadíssimo, um dos presentes quis saber as inclinações do poeta e sem notar que este dormitava acordou-o com incisivo cotovelo nas costelas, interpelando-o:

— Ô Mario, tu és esquerdista ou de direita?

Quintana levou alguns segundos para recompor-se. Depois respondeu:

— Pois sabes de uma coisa? Eu sou monarquista e escravocrata! (ARP2, 1982, p. 261).

Uma característica do texto de Renato Maciel é que poucas vezes ele emitiu uma opinião sobre os assuntos que relata. O cronista não discutiu política em suas crônicas, apenas relatou os fatos ocorridos e colhidos por meio de depoimentos gravados, com amigos e conhecidos, bem mais velhos do que ele, mas integrando seu meio social.

Toda a época tem locais de encontros para jovens, cujo objetivo é manter um contato para conversar ou beber. Nos anos 1950, Porto Alegre tinha uma população menos populosa — de 394 mil habitantes — e com poucos lugares de diversão, assim as reuniões aconteciam na Confeitaria Central, um importante ponto de encontro. Por lá, passavam os nomes conhecidos daqueles tempos, desde os que compunham a elite da época até os que integravam a camada popular. Na crônica *O Largo* (ARP2, 1982, p. 136) tem-se o cotidiano desses sujeitos que fazem rir:

Na confeitaria acontecia de tudo, desde o sujeito cambaleante que chegou à primeira hora da manhã e ordenou cuba-libre com pão e manteiga, até as pantomimas⁶⁸ apaixonadas de China Gorda, cantando *O meu mundo caiu*, de Maísa, e lançando, do alto de seu físico de

⁶⁸ Mímica, ou seja, narrar com o corpo, uso de gestos teatrais.

lutador de *catch*⁶⁹, convidativos olhares de fêmea sensual a certo advogado que, brincando e sem deixar por menos, correspondia com igual intensidade, para escândalo das senhoras e senhoritas⁷⁰ presentes e diversão aos gozadores (ARP2, 1982, p. 142).

Outro local de memória da elite de Porto Alegre eram os bares e cafés, onde acoteciam reuniões de jovens advogados, médicos, professores que, nas mesas trocavam ideias, contavam as novidades do dia e imaginavam a maneira de passar trotes nos conhecidos. Um desses locais era o Bar Hubertus, frequentado pela turma de Oddone Grecco, analisado nessa pesquisa mais adiante, no capítulo sobre o Humor, por este motivo não se detém em Grecco. Assim, a crônica *O ás do volante* é mencionada, porque Renato Maciel narrou as aventuras de Grecco⁷¹ — o *playboy* da época — quando este frequentava o bar Hubertus para contar suas vantagens. Outro bar citado pelo cronista foi o Bar Farolito, cujo proprietário Walter Neves, era conhecido China Gorda⁷².

O Bar Farolito ficava na Rua da Praia, quase esquina com João Manoel, à direita de quem ia para os lados do Quartel- General. A proprietária chamava-se Tânia. A frequência era variada: artistas, músicos — inclusive o baiano João Gilberto⁷³, posteriormente papa da bossa nova, intelectuais, meninas avançadinhas, boêmios, filhos de famílias abastadas e, como não podia deixar de ser, a turma do hoje denominado *gay people* (ARP1, 1981, p. 107).

O que Renato Maciel quis dizer com *meninas avançadinhas* na crônica está relacionado aos padrões de comportamento dessas mulheres na época, décadas de 1940/50, quando se tornavam ousadas, em virtude de seus comportamentos ou por frequentarem lugares restritos a homens. Mais tarde, será possível, no capítulo referente às mulheres, que tem um lugar de memória nas histórias narradas, observar que o cronista faz uma separação entre as

⁶⁹ Espécie de luta livre.

⁷⁰ O destaque foi feito pelo autor, pois em todas as suas crônicas, ele diferenciou as mulheres, como está explicado no item relativo aos sujeitos da memória, separando-as em grupos distintos: as de família e as que se destinavam à diversão.

⁷¹ As crônicas sobre Oddone Grecco estão no capítulo *Memória* e também no *Humor*, pois além de circular em lugares conhecidos, o jovem era muito conhecido por passar trotes nos amigos. Assim, Grecco insere-se em algumas das categorias de Propp, relacionadas ao riso.

⁷² China Gorda tem várias passagens nas obras de Renato Maciel e estão no capítulo referente aos sujeitos da memória.

⁷³ Recentemente, apresentou-se em *show*, em Porto Alegre, aos 80 anos de idade.

chamadas mulheres de elite, que são as consideradas de família, e as mulheres das camadas populares. Quanto aos homossexuais, Renato referiu-se a eles como *cerfs et biches*⁷⁴ e narrou diversas passagens desses homens na vida urbana de Porto Alegre. O cronista justificou-se, de certa forma, afirmando que

a repressiva e quase vitoriana Porto Alegre de então — fim dos anos quarenta — não permitia aos representantes do terceiro sexo uma existência muito *gay*; aliás, a maioria das pessoas. O que não impediu, contudo, a inesquecível festa de casamento, realizada no último andar de um prédio da Rua da Praia, entre Ruas João Manoel e Bento Martins (ARP1, 1981, p. 107).

Renato Maciel relatou ainda que a recepção foi discreta e a *noiva* estava de vestido branco, com véu e grinalda. Depois de ter casado com o namoradinho, foi realizado um baile. Conforme a crônica, “os pares, à meia-luz, dançavam de rosto colado. Muitos convidados, mas nenhuma mulher presente” (ARP1, 1981, p. 107). Para uma sociedade moralista, como afirmou Renato Maciel, os noivos eram avançados em suas atitudes, já que essas cerimônias estão acontecendo somente, hoje, em pleno século XXI, sendo encaradas com naturalidade. Para a época, o fato deve ter dado muita conversa.

Naqueles tempos, como já foi dito, a vida social concentrava-se na Rua Praia e seus arredores, e os pontos de encontros eram as confeitarias e os bares em volta do Clube do Comércio, que na época promovia chás-dançantes, reunindo a sociedade local. Renato Maciel lembrou o Clube do Comércio como um lugar de memória da vida boêmia da cidade, local de encontro da elite porto-alegrense, que jogava xadrez e pôquer, durante a madrugada. Essa prática de sociabilidade atraía desde o cidadão comum ao político que estava em período de lazer.

Os grupos sociais se apegam aos lugares e as lembranças de homens que deram seus depoimentos a Renato Maciel foi o que possibilitou a reconstrução do contexto de uma *outra* Porto Alegre em suas crônicas, revigorando a memória. Segundo Halbwachs, “o grupo se fecha no contexto que construiu [...] é o

⁷⁴ BURTIN- VINHOLES, *Dicionário Francês-Português*. Porto Alegre: Globo, 1961. *Cerfs* em francês significa veado e *biches* é corça, ou em sentido figurado, meninas, cortesã.

indivíduo enquanto membro do grupo” (2006, p. 159), acrescentando que o lugar fica sendo a marca dessas pessoas. É o caso do Clube do Comércio, que reunia os nomes conhecidos da época. Mais adiante, algumas crônicas serão analisadas, abordando essa prática social dos anos 1950/1940.

Na crônica *O Clube do Comércio*, Renato Maciel apontou mais uma atividade de lazer praticada pelos sujeitos da Porto Alegre do passado. O cronista afirmou que:

Não houve, na primeira metade do século,⁷⁵ sociedade mais identificada com a vida da cidade que o requintado Clube do Comércio, na Praça da Alfândega. Seu corpo de sócios e suas atividades representaram sempre o que de melhor o Rio Grande oferecia. Poucos lugares tiveram a tradição do seu primeiro andar, onde ficavam as salas de jogo carteadado e bilhar, inesgotáveis mananciais do folclore da Rua da Praia (ARP3, 1983, p. 197).

Entre os frequentadores do Clube circulavam políticos, desembargadores, a figura conhecida de Oddone Greco e o general Flores da Cunha que, segundo o cronista, embora residindo no Rio de Janeiro, “viajava sempre a Porto Alegre, para contatos políticos. Não raro, juntava-se a alguma das rodas de pife do clube”. O cronista relatou diversas passagens sobre o general em suas crônicas. Entre elas, a crônica *Flores da Cunha no governo*, cujo texto é o seguinte:

Logo após a revolução de 1930, Flores da Cunha preparava-se para assumir a interventoria no Rio Grande. Getúlio aconselhou-o:

— Faça sempre o contrário do que seus adversários esperam que faça...

Iniciava o período de interventoria. Estava no Clube do Comércio jogando cartas e da roda participava um moço que vencia todas as paradas. Terminado o jogo, Flores perguntou ao vizinho quem era aquele menino, afinal o único a ganhar durante toda a noite.

— Mas general, esse rapaz é o Doutor Júlio Correia, o senhor acaba por nomeá-lo para alto cargo no tesouro do Estado,

Flores meditou e depois comentou:

— Então deve ser mais um dos desmandos de meu governo (ARP2, 1982, p. 49).

⁷⁵ O cronista refere-se ao século XX.

O Clube do Comércio, então, surge como um lugar de memória especial desse grupo de elite intelectual, que frequentava o espaço para se reunir, conversar, beber e jogar cartas. Os estancieiros que vinham do interior do Estado chegavam em Porto Alegre e logo se dirigiam ao Clube. Os bailes de debutantes eram bem concorridos e as moças de classe mais privilegiada se apresentavam à sociedade pelas mãos do pai, ao dançarem a primeira valsa, aos 15 anos. Os bailes de debutantes ainda persistem nos clubes, inclusive no Clube do Comércio, no entanto, hoje, eles são movidos à música eletrônica e tem um ar de modernidade.

Figura 13- Baile de debutantes do Clube do Comércio



Fonte: Anedotário da Rua da Praia 3 (1983, p. 199)

A Galeria Chaves pode ser considerada também um importante lugar de memória, pois ali se concentrava o espaço profissional dos intelectuais citados por Renato Maciel. O cronista lembrou que ali se localizavam os escritórios de advogados e consultórios médicos. Um dos sujeitos mais citados pelo cronista é o médico Nestor Barbosa, conhecido por sua mania de passar trotes nos amigos. Ao relatar que o médico costumava encontrar-se com seus colegas no final da tarde, em seu consultório na galeria, Renato Maciel também destacou a prática de sociabilidade, presente de maneira marcante naqueles anos, em que as pessoas conviviam de maneira mais próxima. A crônica está dividida em seis curtas histórias, com um texto fácil de ser assimilado pelo leitor, em virtude de as

histórias terem um tom coloquial. As histórias abordam os trotes que o médico passava por telefone, principalmente para donos de armazém, farmácias e casas de comércio, solicitando todos os dias mercadorias que não existiam e enfurecendo as pessoas.

Todas as crônicas de Renato Maciel mostram o lado gaiato do sujeito, a parte brincalhona de levar a vida sem maiores problemas. A vida pacata, como afirmou o cronista, daquela época, permitia que um médico tivesse tempo para realizar tais façanhas. A Galeria Chaves foi um espaço importante de Porto Alegre nessa época, situando-se na Rua da Praia ao lado da Livraria do Globo, local que reunia os escritores que um dia teriam projeção nacional, como Erico Verissimo e Mario Quintana, entre tantos outros.

Essa prática de sociabilidade registrada por Renato Maciel é conceituada por Dalila Muller em sua tese de Doutorado, que reflete sobre o conceito, referindo-se à cidade de Pelotas, no século XIX.⁷⁶ A autora observa que se utiliza de um conceito de sociabilidade flexível muito amplo e flexível, ressaltando que (2010, p. 30) “a historiografia da sociabilidade no Brasil se produziu a partir dos anos 90 do século XX, sendo a sociabilidade um tema recente”. Também afirma que “há um pequeno número de trabalho científico sobre o assunto” e que “[...] Simmel⁷⁷ é o autor que tem sido utilizado nos trabalhos sobre a sociabilidade”. Segundo Müller (2010, p. 40),

a sociabilidade é, então mais que uma categoria de interação, pois oferece um ponto para se examinar a dinâmica da experiência vivida e seus modos sociais de organização. Estudar os espaços de sociabilidade possibilita um entendimento maior da sociedade, pois esses espaços estão presentes na vida cotidiana dos indivíduos.

⁷⁶Tese de Doutorado em História, de Dalila Muller, intitulada *Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza: Espaços de sociabilidade em Pelotas em Pelotas*, defendida na UNISINOS, São Leopoldo, em 2010.

⁷⁷ Sociabilidade — um exemplo de Sociologia pura ou formal, de Georg Simmel.

Figura 14 - Livraria do Globo

Fonte: www.prati.com.br

Figura 15- Vista área de Porto Alegre- década de 1950

Fonte: www.prati.com.br

A década de 1940/50 parecia ser mais calma, em virtude de a cidade ter menos habitantes⁷⁸ e menos opções de lazer em relação aos anos 1980, que apresentam uma Porto Alegre mais desenvolvida e com mais locais de diversão. Como a década de 1980 entra sob o regime militar, a sociedade ainda enfrenta dificuldades e tenta o caminho da recuperação econômica.⁷⁹ É preciso registrar que os tempos narrados por Renato Maciel também não foram fáceis, porque houve uma Segunda Guerra Mundial e a censura no Estado Novo de Getúlio Vargas.

Outro aspecto cultural de Porto Alegre apresentado por Renato Maciel que remete aos anos 1940/50 é o teatro e está na crônica *A companhia de revista*. O cronista narrou sobre um grupo de estudantes de Direito que resolveu encenar, no interior do Estado, a comédia francesa *A mulher do Juca*, um sucesso do teatrólogo Procópio Ferreira. O objetivo era arrecadar fundos para a Casa do Estudante Pobre. Com a ajuda de Ari Barroso surgiu, então, a Companhia de Revistas que antecedeu ao Teatro de Estudante de Porto Alegre, lugares de memória de um grupo de estudantes que participavam da vida cultural da cidade.

De acordo com Renato Maciel,

talentoso grupo de estudantes, com idade variando dos dezoito aos vinte e três anos, montou a peça *Revista...ou coisa parecida*, depois de exaustivos ensaios no primeiro andar da famosa Confeitaria Rocco, na Rua Riachuelo. À falta de moças, alguns foram escalados como *coristas* (ARP2, 1982, p. 56)

O cronista relatou que o sucesso do grupo foi impressionante, percorreram o interior do Estado com a peça de teatro, mas obedeciam aos “doze mandamentos, os quais entre outras coisas sabiamente impediam ‘o abuso do álcool durante o dia e em festas oficiais’ [‘somente em cabarés essa proibição será atenuada’]” (ARP2, 1982, p. 57). Entre os nomes que integravam a caravana de atores constavam Ney Messias, Ivanio Pacheco, Othelo Laurent, Aldo

⁷⁸ Na introdução, constam os dados referentes à população

⁷⁹ Sobre esse assunto, há depoimentos de Carla Simone Rodeghero no capítulo 2. A autora aborda o regime militar e a oposição, comenta ainda sobre as greves dos trabalhadores e a crise econômica, confirmando que a abertura política foi feita de forma lenta.

Sirangelo, Paulo Simões Pires, Harry Lubisco, como mestre-de-cerimônia Nilo Ruschel e Rubem Cachapuz de Medeiros

Renato Maciel observou que “dessa rapaziada resultaram anos mais tarde brilhantes advogados, empresários, políticos, magistrados, policiais e professores de Direito” (ARP2, 1982, p. 57), sendo que um deles chegou a desembargador, tendo presidido o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul e um outro foi chefe de Polícia do Estado. O que é possível constatar, é que o cronista Renato Maciel narrou as experiências e as memórias de uma *outra* Porto Alegre, auxiliado por outras vozes, algumas até ainda vivas prestaram depoimentos. Seus pares eram seus colegas de Direito, da Polícia e dos meios de comunicação e, justamente, por meio de conhecidos — essas outras vozes — que conseguiu formar um painel sobre a cidade do passado.

Sobre essa época, o cronista disse na crônica *A companhia de revistas* que

a alta sociedade daquela Porto Alegre com população pouco acima de duzentos mil habitantes fez-se presente ao espetáculo e todos os lugares foram previamente vendidos. A Rádio Gaúcha, em transmissão externa, deu completa cobertura ao show e a orquestra de Maurício⁸⁰ contou vinte figurantes. Atraídos pela irradiação, muitos curiosos acorreram ao São Pedro, onde afinal as portas foram-lhes abertas (ARP2, 1982, p. 59)

Em tempos de uma cidade que não tinha muitas alternativas de lazer, esse grupo de estudantes universitários alegrou as noites no interior do Estado. A única apresentação realizada em Porto Alegre, no Teatro São Pedro, foi assistida pelo interventor federal no Estado, general Flores da Cunha que aplaudiu muito, tanto que mandou chamar os líderes, a quem disse:

— Nunca pensei rir tanto como nesta noite. Se o segundo ato for igual ao primeiro, vocês podem preparar as malas e ir para o Rio de Janeiro. Esse espetáculo de vocês é para carioca. Eu ponho vocês no Teatro Municipal do Rio...(ARP2, 1982, p. 59).

⁸⁰ Trata-se de Maurício Kahn, pianista e maestro, que dirigia a Companhia de Revistas.

No entanto, a apresentação acabou não saindo, mas não foi por culpa do interventor e sim por causas internas do grupo teatral. Mais tarde, o general colocou à disposição dos rapazes um vagão da Viação Férrea para que se locomovessem com mais facilidade em suas andanças. O teatro era encenado nas emissoras de rádio nas décadas de 1940 e 1950 e obteve muita repercussão entre os ouvintes.

Entre os principais espaços citados pelo cronista, percebe-se que o destaque fica com a Rua da Praia, principalmente em frente à Galeria Chaves, onde se concentrava a maioria dos escritórios e consultórios dos profissionais. Outro lugar importante foi a Praça da Alfândega, local preferido de políticos, coronéis e estancieiros. Na praça, estavam os bares, a Confeitaria Central, o Café América, o cinema, enfim era o reduto de jovens e de idosos. Para os jogos de pôquer, o Clube do Comércio, que reunia a elite porto-alegrense, ainda era o lugar que concentrava a vida social. No mesmo local, as jovens faziam a sua entrada oficial na sociedade gaúcha, no baile de debutantes.

Quadro 3 - Sujeitos inseridos nas três obras de Renato Maciel de Sá Jr.

CATEGORIAS TOTAL: 230 crônicas	Anedotário da Rua da Praia 1 1981 (86 crônicas)	Anedotário da Rua da Praia 2 1982 (77 crônicas)	Anedotário da Rua da Praia 3 1983 (67 crônicas)
SUJEITOS	Ocorrências (nº da página)	Ocorrências (nº da página)	Ocorrências (nº da página)
tipos populares	108- 141	141- 142- 153- 174	1-16-47-110-171
mulheres	52- 104-164-175	79- 111 -124-210-233	6-55-57-86-151-169-178
estudantes	129	34- 49 -54 -168	3- 185
advogados	30- 40- 43-86-94-99-104-136-163	43- 67- 99- 151- 185- 197-232-250	27-51-180-181-183
Escritores/ poetas	74-84	110-221	
médicos	2-9-25-34-72-83-89-93-111-140-144-151-157-162-167	40- 85- 88- 151- 157- 182- 185-192 196 – 217- 231- 234- 247- 276	1-16-49-51-133-164
policiais	40-50-95-132-137-153-169-174	42- 126- 179- 243	5-13-47-75-151-167-168
cabeleireiros	37-62	182 - 229	
militares	25-118-133-146	10-31- 49-106-126- 157-194-203-263-283-287	1-22-24-40-41-44-70-113-124-136-147-156 158-164-172-192-204
políticos	47-78-141-159	49-240	22- 24-198- 209- 210
cantores	-----	72	20-22
barbeiros	98-133	-----	24
homossexuais	109- 133	-----	175-177
garçons	183	116	-----
radialistas	1-68-157- 185	22-25-69 -94-219	83-85-130-155-195
jornalistas	23	94-219-238-258	213-216
Oddone Greco	11- 25 -32 -35-41-49-53-60-68-80-88-94-98-102-106-114-117-120-130-137-145-171-176-183	63-85-130-207-265	9- 43-79-144-160-198-224
Fanha	27-67-91-175	273	21-171
Barão de Itararé	78-113-175	43- 210-286	12-67-68

Fontes: MACIEL DE SÁ JR., Renato. *Anedotário da Rua da Praia* 1, 2 e 3.

5.2 OS SUJEITOS DA MEMÓRIA

Ao abordar a memória coletiva, Halbwachs (2006, p. 107) afirma que ela não se restringe à família, aos amigos, aos colegas de escola ou de profissão e sim também a “sociedades política, religiosa ou artística a quem nos ligamos em algum momento porque há grupos menores que se transformam e se renovam, fazendo com que as sociedades se ampliem”. É possível que uma pessoa integre-se a um grupo de uma determinada época. Por isso, ele ressalta que este grupo pode ajudar as pessoas a se recordarem do passado. “ Por isso, Halbwachs afirma que “para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das ideias e maneiras de pensar” (2006, p. 31).

Na verdade, Renato Maciel transfigurou em suas crônicas os depoimentos de testemunhas do passado e ajudou a entender o quanto essas recordações foram e são importantes, porque as lembranças têm importância em relação ao grupo do qual ele fazia parte, na década de 1980. Os sujeitos lembrados nas crônicas são apenas lembranças, mas o cronista recordava a elite porto-alegrense, composta por advogados, médicos, professores e jornalistas, isto é, a mesma elite frequentada no presente pelo autor. Porque a memória coletiva traz de volta o passado. Diversas vezes, Halbwachs enfatiza que se recorre aos outros para se obter mais dados sobre acontecimentos. Foi justamente o que fez Renato Maciel, ao procurar testemunhas do passado, para que elas narrassem sobre uma *outra* cidade, uma Porto Alegre que ficou para trás e que ele queria recuperar para manter a memória da cidade,

Segundo Halbwachs (2006, p. 29), as lembranças do passado “se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É como se estivéssemos diante de muitas testemunhas”. Assim, ele afirma que se formam no presente novos grupos. Com Renato Maciel aconteceu o mesmo, porque ele integrou em seu presente, anos 1980, um grupo que tem os mesmos interesses dele, circulando em um meio profissional que exerceu as mesmas profissões daqueles homens do

passado, que viveram naquela *outra* Porto Alegre. A explicação chega com Halbwachs (2006, p. 136) ao afirmar que

quando se formam novos grupos, permanentes ou efêmeros, entre pessoas de uma mesma profissão, de uma mesma cidade ou de uma mesma aldeia, entre amigos que visam criar uma obra social, realizar uma atividade literária ou simplesmente por ocasião de uma reunião, uma viagem em comum, é sempre por separação de um ou muitos grupos mais amplos e mais antigos. É natural encontrarmos muitos vestígios das comunidades de origem nessas novas formações.

Os amigos advogados, médicos e jornalistas de Renato Maciel auxiliaram na recuperação do passado vivido por outros sujeitos. As crônicas mostram o cotidiano de uma elite profissional que circulou ao redor da Rua da Praia. Rua que não era mais a mesma em relação ao momento da escrita das crônicas, nos anos 1980.

Na década de 1980, Porto Alegre começava seu período de modernização, o que acarreta um lado um comércio ativo, e de outro, uma onda de assaltos, assaltos e um comércio ativo. A Administração Guilherme Socias Villela tinha a intenção de modernizar o centro da cidade na década de 1980, conforme noticiavam as reportagens dos jornais da época, mencionadas nessa tese, constando no anexo. Para as lembranças não se perderem, o que foi o pretendido pelo cronista em pauta, é importante registrar as palavras de Halbwachs (2006, p. 39):

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembranças que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum.

Os pontos de contatos, citados por Halbwachs, no caso de Renato Maciel, foram as referências profissionais e pessoais, decorrentes do meio jurídico, policial e o da comunicação, por onde o cronista circulava. A partir do sucesso de sua primeira obra, Renato Maciel participou de um programa de rádio em emissora de Porto Alegre, contando as histórias que ouviu sobre a cidade. As

lembranças reconstruídas sobre uma “base comum” como afirma Halbwachs, era o desejo de ambas as gerações de viver em harmonia no perímetro urbano.

No prefácio do primeiro livro *Anedotário da Rua da Praia I*, o cronista ressaltou que não tinha pretensões históricas, sociológicas e literárias, sendo que o objetivo principal foi o de relembrar os fatos divertidos, ocorridos na Rua da Praia e imediações, contados pelos frequentadores de uma outra época, para que esses não fossem esquecidos. Sabe-se que a escrita de quem registra o passado tem o objetivo de não deixar escapá-lo, tem como meta fazer com que a memória de uma época fique para as gerações futuras. Foi o que o Renato Maciel deixou como legado. Esse foi o seu propósito: fixar o passado, não deixar que as lembranças escapassem, não permitir que se perdesse o que foi belo, para que as futuras gerações pudessem vangloriar-se da história de sua cidade. Porque é disso que vive o homem.

Os textos de Renato Maciel têm como foco principal os sujeitos que circulavam pela Rua da Praia, do início do século XX, concentrando-se principalmente nos anos 1940 e 1950. Os protagonistas transitavam em lugares abertos como a Praia da Alfândega e defronte à Galeria Chaves, mas é interessante observar que os lugares fechados foram pouco mencionados. As crônicas foram escritas em uma época conturbada da vida política do estado e do país, década de 1980, momentos difíceis também na vida do cronista, que se encontra doente, vitimado pelo câncer.

As crônicas decorrem de vários depoimentos⁸¹ e foram transcritos ao estilo do autor. A linguagem do cronista é direta, relatando as histórias com diálogos curtos e deixando para o final a revelação. O tom é humorístico e ele descrevia, com detalhes, as características de seus personagens. Elaborava, outras vezes, longas narrativas, divididas em pequenas histórias, quando eram sobre a mesma pessoa ou lugar. As vozes do passado em suas crônicas não deixaram a memória de Porto Alegre perder-se.

⁸¹ O autor agradeceu no prefácio das obras aos nomes que contaram as histórias e às instituições onde pesquisou. Esse dado está no capítulo 2, quando é tratada a repercussão da obra de Renato Maciel.

Pretende-se priorizar os atores sociais que demonstraram a vivência daquela época, caracterizando os costumes dessa *outra* Porto Alegre mostrada nos textos de Renato Maciel. Entre tantos tipos apresentados pelo cronista, há as mulheres, os garçons, nomes como o *playboy* Oddone Greco (protagonista de muitas crônicas), o conhecido Fanha, que se chama Euzébio Dorado Sarassol, e o famoso Barão de Itararé, título de Apparício Torelly.

5.2.1 Os populares

Nos *Anedotário da Rua da Praia 1, 2 e 3*, Renato Maciel tem oito crônicas no total, que abordam de forma mais concreta os tipos populares, pertencentes à camada popular urbana, como cozinheiros, barbeiros, garçom e os que viviam de expediente para conseguir dinheiro dos conhecidos.

Quem eram esses homens populares mencionados por Renato Maciel em suas crônicas? Segundo o dicionário Aurélio (ano, p. 1115), a palavra *popular*, se origina do latim *populare* e quer dizer que a pessoa é popular, “do povo” e também pode ser “agradável ao povo, que tem as simpatias do povo” e *popularidade*, que vem procedente do latim *popularitate* significa qualidade de popular, ou seja, tem estima geral, conforme o dicionário Aurélio. Em razão dessa definição, acredita-se que os sujeitos são mencionados, a seguir, podem ser considerados populares. São eles: Oscar Condessa, Fanha, China Gorda, Maribondo, Bataclan, o garçon Antoninho e Tucha.

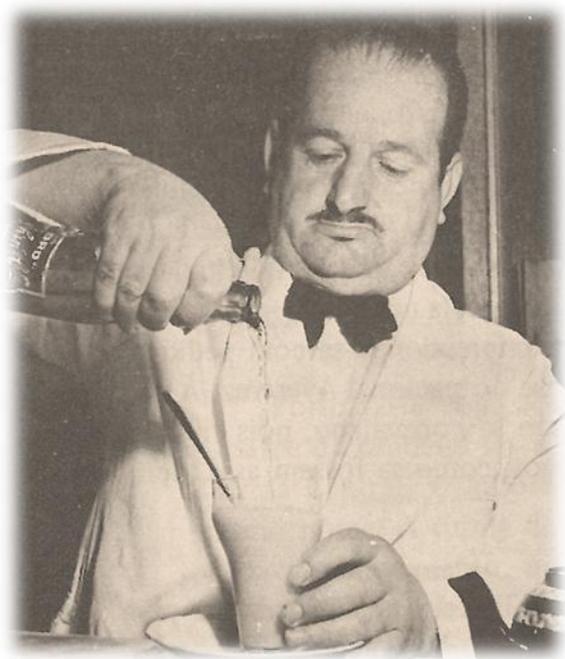
As crônicas narram suas façanhas na Porto Alegre do passado e percebe-se durante a leitura dos textos que, nos anos da escrita de Renato Maciel, anos 1980, parecia não haver mais lugar para esses homens populares. Inicia-se com a crônica que apresentou o poeta Oscar Condessa no texto *A melancolia da condessa*:

O poeta Oscar Barbosa Condessa – Oscar *Condor dos Andes* Condessa, como fazia questão de frisar – foi figura popular e benquista na Rua da Praia. Quando sóbrio, não dava palavra. Mas, se bebia, transformava-se em orador inspiradíssimo. Surgia de repente na calçada da Confeitaria Central ou do Café América e, sem entrar, punha-se a recitar ou

discursar. Tornava-se mais expressivo e animado quanto maior o número de conhecidos. Era um sucesso completo. (ARP1, 1981, p. 74).

Caracteriza-se o poeta Condessa como figura popular, pois ele era estimado e circulava nos lugares conhecidos daquela época, como a Confeitaria Central e o Café América. O que unia esses tipos populares, citados por Renato Maciel, é que eles possuíam de alguma forma a mesma característica, isto é, alguns eram simpáticos, outros nem tanto, mas não incomodavam ninguém e suas brincadeiras divertiam os que circulavam pela Rua da Praia nos anos 1950. No entanto, Fanha não era estimado, porque pregava brincadeiras sem graça nos outros, como se vê mais adiante.

Figura 16 - Garçom Antoninho, da Confeitaria Central



Fonte:ARP2, 1982, p. 145

Figura 17- Bataclan, figura conhecida na Rua da Praia



Fonte:ARP2 (1982, p.141)

Outro personagem popular citado pelo cronista era o China Gorda, mas se chamava Walter Neves. Dono de restaurante, China não gostava de ser conhecido pelo apelido, porque acreditava que poderia não ser respeitado pelos seus garçons. Em *China Gorda*, Renato Maciel descreveu o sujeito: “Folclórico e engraçadíssimo cozinheiro que, embora feio, pobre, mulato e bicha, conquistou o respeito e a estima de quantos o conheceram” (ARP2, 1982, p. 29). No texto *Cerfs et Biches*, Renato Maciel traçou o perfil desse homem popular:

De todos, porém nenhum foi mais popular e estimado que ‘Gorda’. Simpático e espirituoso, parecia um Buda, a papada escondendo-lhe o pescoço. Excelente cozinheiro, preparava apreciadíssimas galinhas ao molho pardo, prato forte dos pequenos restaurantes que sucessivamente abriu; o último – e mais famoso – no bairro Menino Deus (ARP1, 1981, p. 108).

O Bar Farolito, pertencente ao China Gorda, foi outro reduto da boêmia porto-alegrense, segundo Renato Maciel. Começou sua vida profissional como

cozinheiro do Hotel Lagache. “China Gorda foi bicha inteligente e espirituosa, estimada por todos, com livre trânsito, inclusive, nas chamadas *rodas finas*.[...] cozinheiro de fama merecida, dirigiu diversos bares e restaurantes”. (ARP3, 1983, p. 110).

O que Renato Maciel chamava de *rodas finas* era o grupo de elite da época, os advogados, políticos e médicos que tinham o hábito de se reunirem em bares e cafés, interagindo e conversando amenidades. Quando havia preferência por um bar ou confeitaria, o grupo social costumava frequentar o lugar. Além de “jogar conversa fora”, alguns membros da elite porto-alegrense tinham também o hábito de passar trotes nos conhecidos, tanto que se tornou, na década de 1950, um ato normal, praticado por Nestor Barbosa e Oddone Grecco.

Um dos alvos foi o barbeiro Tucha, que rebatia as brincadeiras dizendo muitos palavrões no telefone, diante dos fregueses. Na crônica *Tucha e os trotes*, Renato Maciel recordou que a “maior vítima de trotes a aparecer na Rua da Praia [...] irritadíssimo e bem-apegoado Tucha, barbeiro e cabeleireiro de fama, estabelecido com seu *Royal Salon*, no andar superior da Confeitaria Central, defronte ao Largo dos Medeiros” (ARP2, 1982, p, 182).

Outro personagem popular nas crônicas de Renato Maciel tinha o apelido de Bataclan. Na crônica *O Largo*, Renato Maciel comentou a respeito dessa figura simpática, que transitava sempre pela Rua da Praia. Segundo o cronista:

Homem-propaganda e figura estimada na Rua da Praia, o folclórico Bataclan reapareceu no Largo depois de bom período viajando. Alguém interrompe o caminhar digno desse preto atlético e vegetariano:
 — Mas estás sempre a mesma coisa, não envelheces nunca!
 O sorriso enigmático de Bataclan, já então beirando os sessenta, mostrou a impecável dentadura branca:
 — Mas o doutor não sabe? Pois têm duas coisas que nunca vão acontecer comigo: envelhecer e morrer (ARP2, 1982, p. 140)

Sujeitos como Bataclan fazem parte da memória afetiva da Rua da Praia, pois são pessoas que circulavam diariamente pela rua e eram estimadas pela população. Outro personagem mencionado por Renato Maciel e muito conhecido da elite porto-alegrense foi Antoninho, garçom da Confeitaria Central, que conhecia de forma perfeita os gostos e os hábitos de seus fregueses. “Antoninho

foi o mais pitoresco dos garçons. Interferia nos pedidos e só servia o que julgasse adequado para o momento ou freguês” (ARP2, 1982, p. 144). Renato Maciel recordou que, determinada vez, um cliente, jornalista do *Diário de Notícias*, pediu que ele guardasse um embrulho, que pegaria mais tarde. Depois o profissional passou na Confeitaria Central e Antoninho entregou o pacote.

Notando que este estava molhado e desmanchado, o moço perguntou o que acontecera:

— Tava na geladeira, ora — respondeu Antoninho.

Desconsolado o rapaz olhou o conteúdo todo amarfanhado:

— Era o colarinho pra festa desta noite! (ARP2, 1982, 145).

No entanto, pessoas como Fanha, como já se mencionou, cometiam deslizes. Na crônica *O grande velhaco*, em *Anedotário da Rua da Praia 2*, o personagem descrito pelo autor-narrador pode ser considerado popular, conhecido por todos que circulavam pelo centro de Porto Alegre, mas não era estimado pelos frequentadores da rua da Praia. De acordo com Renato Maciel,

Euzébio Dorado Sarassol, o Fanha, nunca teve ocupação fixa. Malandro clássico, usava os mais artificiosos expedientes para obter dinheiro, mas depois não pagava. Apesar de ser uma pessoa prestativa, não conseguia sobreviver e mesmo ser estimado pelos frequentadores da Rua da Praia. Não raro, sem ter onde dormir, era forçado a peregrinar pelos quartos de pensão dos amigos mais bondosos [...] Suas atividades eram basicamente quatro: jogar sinuca, achacar dos conhecidos ou envolvê-los em obscuros empreendimentos invariavelmente malsucedidos (ARP2, 1982, p. 174)

Assim, Renato Maciel buscou na memória de seus conhecidos personagens como Fanha, que fizeram a história de Porto Alegre (ARP2, 1982, p.175 - 178), mas pelo avesso. Fanha e Oddone Grecco⁸² têm algo em comum, pois são malandros, apenas o primeiro não tem dinheiro nem carisma, o que sobra para o segundo, pois Greco era benquisto. Viviam de pequenos expedientes para conseguirem dinheiro, pois ambos não trabalhavam. Como em toda a sociedade, seja de qualquer época, sempre existirão pessoas assim. O que o cronista fez de forma correta foi retratar pessoas do cotidiano da Rua da

⁸² Greco foi o personagem mais citado por Renato Maciel nas crônicas das três obras. Por esse motivo, ele foi alvo de análise de várias crônicas.

Praia nos anos 1950, que podem ser encontradas nos tempos atuais, indivíduos que integrarão qualquer sociedade, a qualquer tempo.

Prevaleceu nas crônicas de Renato Maciel outra prática de lazer, o jogo, pois vários de seus personagens, desde os políticos até o malandro, estavam envolvidos em jogatinas. O ponto de encontro era o Clube do Comércio, que já foi comentado na pesquisa, estando na categoria de espaços. Na crônica analisada, o cronista descreveu Fanha:

Durante bom período serviu de pau para toda a obra no cabaré da Liliane, estabelecimento que sem ser um portento, razoavelmente aliviou significativa parcela da boêmia porto-alegrense. Nunca foi brilhante jogador, mesmo assim defendia-se bem nos bilhares Colombo e Coroa, na esquina da Ladeira com Rua da Praia (ARP2, 1982, p. 174).

Além de apresentar um passatempo da sociedade local, Renato Maciel também indicou os locais preferidos para a prática do jogo, que estavam em evidência naquela época. Ruas estas que são citadas em Espaços, e também ambientes fechados onde circulavam os sujeitos mencionados pelo cronista nos anos 1940 e 1950.

5.2.2 As mulheres

Há 16 crônicas nas três obras de Renato Maciel abordando a zona de meretrício e apenas uma crônica referiu-se às apresentadoras de televisão, além de textos em que são citadas as mulheres da família de Greco. Essas citações são esporádicas sobre a mãe e irmã de Greco. Nas três obras, Renato Maciel relembrou as prostitutas, que trabalhavam em bordel, na zona de meretrício, mas apareceram também as jovens apresentadoras de televisão na década de 1960. O texto de Juremir Machado da Silva (1991, p. 64) apresenta o cotidiano daqueles tempos. “Na Rua da Praia, acotovelava-se na tarde fria uma massa de homens e mulheres elegantes, com roupas cinzas, ternos impecáveis, casacos de pele, toda à européia”.

Figura 18- O passeio na Rua da Praia



Fonte: Autor desconhecido. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman

As mulheres são citadas de três maneiras: as que Renato Maciel denominava *de família*, as profissionais que atuavam em emissoras de rádio e televisão ou as que eram professoras e as que trabalhavam em cabarés. Essa distinção é percebida, nitidamente, quando o cronista referiu-se a elas em suas crônicas. Segundo os textos, algumas mulheres serviam para os momentos de lazer e divertimento, outras eram destinadas ao papel de esposa e mãe. As que trabalhavam fora e em casa eram admiradas por sua ousadia.

No *Anedotário da Rua da Praia 2* (1982), o cronista mencionou que o assunto sobre as mulheres surgia nas conversas dos frequentadores da Praça da Alfândega, que rotulavam as pessoas por suas características físicas ou pelo caráter. No tempo disponível para os encontros, os frequentadores do Largo dos

Medeiros comentavam sobre política e abordavam os casos de traição cometidos pelos homens que chegavam da fronteira. Esses passavam as noites nos cabarés da época. Exemplo disso, é a crônica *Ticão*, quando Renato Maciel recordou o Clube dos Caçadores — lugar de memória de Porto Alegre — local de encontro de mulheres que circulavam na noite. Segundo o cronista,

A Rua Nova, hoje Andrade Neves, tinha péssima fama nos anos trinta; cheia de pensões de mulheres dos mais variados níveis, destacava-se, no meio delas, o famoso ‘Clube dos Caçadores’, passarela maior da vida noturna da cidade (ARP1, 1981, p. 52).

O autor descreveu a rua onde se concentravam as prostitutas, procuradas pelos fazendeiros da época, quando esses vinham à cidade para finalizar seus negócios. O Clube dos Caçadores fechou em 1930. Sobre o mesmo assunto, Juremir Machado da Silva (1991, p. 25- 58) relembra que

nas décadas de 40 e 50, a boêmia de Porto Alegre viveu em torno de cabarés como o Marabá e o Maipu. O castelinho do Alto da Bronze foi um ponto importante, que abrigava artistas e funcionava como clube da música [...] nas noites das décadas de 40 e 50, Porto Alegre viveu grandes momentos na penumbra de seus cabarés. Homens bem vestidos entregavam-se aos braços de argentinas e francesas sensuais ao som de tangos das típicas portenhas.

Depois disso, segundo Renato Maciel, a avenida Borges de Medeiros foi aberta e “passou a chamar-se Rua Gen. Andrade Neves e aos poucos foi perdendo a característica de zona de meretrício. [...] Um dos lugares mais convulsionados da rua era o Hotel Sul América, onde a polícia de vez em quando dava *batidas* (ARP3, 1983, p. 151). As mulheres da *zona* foram definidas pelo cronista Renato Maciel na crônica *O Largo*:

de mulher, então, só haveria três tipos: as putas, que davam pra todo o mundo, as filhas da puta, que davam apenas pros outros, e as chatas, que só davam pra gente [...] e também comentavam que as quatro horas da madrugada era “a hora do geral encerramento dos *rendez-vous* (ARP2, 1982, p. 139)

Em outro texto, *O massagista da Bequinha*, Renato Maciel voltou a focalizar as mulheres proprietárias de cabarés e os militares. O autor narrou que

na Rua Cristovão Colombo, perto da rua coronel Bordini, ficava o bordel da Bequinha,

uma velha baixota, muito feia, bronqueira, vinda da Itália Ignorante, desconfiada — [...] achava que toda a gozação devia ser respondida à altura. Com isso, tornou-se o prato predileto dos trotistas da praça (ARP1, 1981, p. 164).

Um dia, Bequinha apaixonou-se por um ex-locutor de rádio, mais novo e ela tinha, segundo o cronista, uma foto do rapaz, de corpo inteiro em seu quarto. Segundo o relato de Renato Maciel:

O tempestuoso romance durou até que o gigolô foi detido no Parque Farroupilha namorando uma empregadinha, quando usava uma farda de oficial do Exército, roubada. No dia seguinte, sua fotografia aparecia em todos os jornais, de cujas manchetes a mais amena dizia: PRESO TENENTE SEDUTOR (ARP1, 1981, p. 164)

Em relação a outras mulheres, ele as chamava de *família* ou denominava de *professoras*. É o que acontece na crônica *Greco*, quando surge o termo *de família*, usado para designar as mulheres que integravam o grupo social que Renato Maciel elegeu como a elite de suas crônicas. Exemplo disso, são as mulheres da família Greco, entre elas, a irmã Mimosa Greco. “Como sua mãe, Angelina, prometera um presente especial ao filho que atingisse trinta quilos de peso, o pequeno Oddone colocou algumas pedras nos bolsos, antes de subir na balança da farmácia...(ARP1, 1981, p. 12). Mais adiante, o cronista, novamente apresentou novas histórias sobre a família de Greco, fatos lembrados por amigos e conhecidos de Renato Maciel:

Nos aniversários das irmãs, menino ainda, ligava a magnífica pianola elétrica alemã que havia em casa e instava os convidados a fazerem os rolos musicais funcionar automaticamente. No entanto, tal só era possível mediante a introdução de moedas em uma fenda que havia no instrumento. Depois embolsava o dinheiro... (ARP1, 1981, p. 12).

A prática, naqueles tempos, era ter aulas em casa e assim as professoras, iam às residências de famílias abastadas, um hábito que vinha de séculos passados.

Dona Ana, ou *Donana*, como a chamavam era uma senhora de origem alemã, que dava aulas particulares. Tinha duas características: era muito rigorosa e nunca tomava banho. Entre seus alunos estavam os filhos dos Greco. Oddone que não gostava de estudar, tinha pavor dela (ARP1, 1981, p. 12).

Como a professora aplicava muito castigo no rapaz, fazendo com que ele copiasse várias vezes um trecho literário, ele a ameaçou de morte, brincando com ela. Mas Donana assustou-se e nunca mais apareceu. Outro tipo que surgiu na crônica *Largo*, do *Anedotário da Rua da Praia 2*, de Renato Maciel, foi a cozinheira Verônica que, segundo o cronista, trabalhou na cozinha da Confeitaria Central, outro ponto de encontro na década de 1950.

Era horrorosa, o definitivo breve contra a luxúria. O prefeito José Loureiro da Silva certa vez observou a respeito dela:

- Tanta feiúra só em mulher de cego.

Proféticas palavras. Verônica acabou casando com um marido cego, apaixonado por seu timbre de voz (ARP2, 1982, p. 141).

Na crônica *Dona Negrona*, Renato Maciel abordou o temperamento de uma servente que trabalhava em uma conhecida agência de publicidade.

Negrona nunca passou de servente, mas de temperamento forte, desbocada e maternal, impôs o `Dona´ e transformou-se em verdadeira instituição de conhecida agência de publicidade. Como mais antiga funcionária, acompanhou o humilde começo de carreira de quantos lá trabalham, inclusive o diretor. Com o tempo tornou-se confiada e um tanto irascível, passando a reinar despótica em setor importantíssimo — mas decisivo mesmo — e qualquer empresa brasileira: o do cafezinho. (ARP2, 1982, p. 104)

Os diretores chegaram a pensar em demiti-la, mas não tinham coragem, isto porque ela decidiu por conta própria a reduzir o consumo de café na empresa, a dois por dia, um pela manhã outro, à tarde. As mulheres tiveram destaque nas crônicas de Renato Maciel, mas se percebe que as consideradas de *vida fácil* foram as mais mencionadas, em virtude das histórias contadas pelos coronéis e pelos fazendeiros da época. O cronista mencionou, com ênfase, as jornalistas e radialistas que trabalhavam nos meios de comunicação, o que será visto mais adiante. Como o cronista circulava nessa área, ele ouviu muitos casos a respeito.

5.2.3 Os imigrantes

Da mesma forma, com relação aos militares e policiais, Renato Maciel manifestou sua opinião sobre o imigrante, descrevendo-o com detalhes. Nas crônicas de Renato Maciel surgiram os imigrantes portugueses e seus estabelecimentos comerciais, compondo a Porto Alegre lembrada pelo autor. O cronista se utilizou da memória coletiva para contar as histórias dos portugueses em seus *Anedotários*. O autor apresentou-os como trabalhadores e esforçados, que chegaram ao solo gaúcho, com a intenção de terem uma vida melhor. Alguns episódios narrados pelo cronista são engraçados, outros nem tanto, porque poderiam ocasionar graves consequências como se relatará, a seguir. Os textos não deixam transparecer a intenção de os algozes estarem zombando, por isso acredita-se que esses trotes eram uma espécie de divertimento, uma forma de passar o tempo livre.

Os portugueses foram alvos de trotes do médico Barbosa, que tinha seu consultório na Galeria Chaves. Na crônica *Nestor Barbosa*, o autor-narrador contou que “o médico ligava sempre no meio da tarde, para o velho Costa Dias, português amável, mas exaltado, dono de um bem sortido e movimentado armazém na esquina da Rua Bragança (hoje Marechal Floriano) com Jerônimo Coelho” (ARP1, 1981, p. 2). Quando o comerciante atendia, Barbosa mudava de voz e perguntava sobre o estoque, demonstrando que gostaria de fazer grandes compras. Ligava todos os dias solicitando por alguma mercadoria, até enervar o comerciante.

Outra história nos mesmos moldes tem como protagonista mais um português, que sofria trotes do médico Barbosa. Renato Maciel narrou que na Rua da Ponte (atual Riachuelo) ficava “a bodega Mondego”, que fornecia alimentos para várias famílias, inclusive a de Barbosa. O médico ligava diversas vezes para o estabelecimento, solicitando uma mercadoria que não tinha ali. “Não contente, Nestor ainda pedia aos amigos que ligassem constantemente à vítima”, o que perturbava o português, que se irritava ao telefone (ARP1, 1981, p. 3).

Já no *Anedotário da Rua da Praia 2*, Renato Maciel também recordou as aventuras desses imigrantes. Relembrou a história de um português que foi

trabalhar na Confeitaria Central, assim que chegou ao Brasil. Era época dos festejos de São João. Oddone Greco comprou fogos de artifício e foi para o Largo atirar os de estrelinhas. Ao perceber que o português estava animado com a festa, ofereceu ao mesmo alguns para atirar. “O outro até agradeceu e seguiu a sugestão. Greco, porém, passou-lhe fortíssimo cabeça-de-negro de três estágios” (ARP2, 1982, p. 147). Estourou na mão do português, que, assustado, largou tudo e os outros estágios explodiram entre as mesas dos fregueses.

Renato Maciel rememorou ainda uma história sobre outro português na crônica *O jovem Greco*, que envolve Greco e o proprietário do antiquário *Al Belchior*, Joaquim da Cunha, localizado em frente ao jornal *Correio do Povo*, na Rua Caldas Júnior. Greco resolveu procurar Joaquim e lhe oferecer uma hélice de avião. No entanto, antes disso, telefonou várias vezes para Joaquim passando-se por um dono de um hotel que queria comprar uma hélice. Depois, Oddone, carregando a hélice ao ombro, passou *por acaso* na frente da loja e acabou vendendo o objeto (ARP2, 1982, p. 64). Não era apenas uma prática de Oddone Greco, a de passar trotes, mas também do médico Barbosa. Os portugueses, pelo seu sotaque e por terem costumes diferentes em relação aos que circulavam pela Rua da Praia, atraíam brincadeiras em seus estabelecimentos comerciais, sendo protagonistas de vários trotes, o que caracteriza a ridicularização causando o riso de zombaria proposto por Propp.

O dom de Greco ao realizar essas brincadeiras e viver de expedientes para conseguir dinheiro, apesar de pertencer a uma família tradicional, será explorado no próximo capítulo, quando se trata de vários tipos de riso, pois o foco das crônicas de Renato Maciel são os sujeitos dessa *outra* Porto Alegre, dos anos 1940/50, utilizando-se do humor.

5.2.4 Os políticos

Além de narrar histórias sobre os subdelegados e policiais do Rio Grande do Sul, seu meio profissional, Renato Maciel também lembrou os políticos como na crônica *Flores da Cunha*:

Jamais o tipo clássico do gaúcho superior esteve tão bem representado na chefia do executivo do Rio Grande do Sul como no período de 1930 a 1937, quando José Antônio Flores da Cunha foi sucessivamente interventor federal e governador (ARP2, 1982, p. 28).

O autor apresentou várias qualidades do mesmo e revelou fatos engraçados sobre Flores da Cunha, ressaltando o fascínio que ele exercia sobre os outros. A crônica compõe-se de oito histórias sobre o político, mostrando suas divergências com Getúlio Vargas, que pretendia implantar o Estado Novo.

Renato Maciel desconstruiu a imagem do homem público, apresentando Flores da Cunha como um homem simples, movido a paixões, ora tratando bem as pessoas, ora ríspido com os subalternos. O texto apontou os costumes do político, caminhando da sede do governo até a Rua da Praia, fato que já não acontecia na década de 1980 nem ocorre nos dias atuais. Isso comprova que aqueles tempos eram mais calmos e era possível um governante usar desse expediente, o que hoje com o aumento populacional pode tornar-se perigoso, já que agora as autoridades estão cercadas de seguranças por todo o lado.

Na crônica *Flores da Cunha*, o cronista recordou que “a fascinante personalidade do Gen. Flores da Cunha denotava, além, das qualidades historicamente conhecidas, valentia pessoa e gosto por mulheres bonitas, corridas de cavalo e jogo carteadado” (ARP1, 1981, p. 47). As divergências entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha foram mencionadas pelo cronista no texto *Flores da Cunha no governo*, texto que possui várias histórias sobre o general. De acordo com o cronista, “os atritos entre o general e Getúlio atingiram o ponto de ruptura. Vargas queria implantar o Estado Novo e uma das barreiras era vencer a oposição de Flores (ARP2, 1982, p. 54). Esse assunto já foi abordado quando se comenta sobre os anos 1950, em Porto Alegre.

5.2.5 Os intelectuais

Segundo Maurice Halbwachs, sujeitos como os advogados, que pertencem aos grupos jurídicos, costumam se agrupar em determinados locais, concentrando suas atividades em determinada área. É o caso da Galeria Chaves,

na Rua da Praia, que agrupava médicos e advogados, dentistas e outras profissões. Como um miniuniverso, a galeria reunia a elite da época. Neste contexto, o cronista lembrou todos os casos ocorridos nessa região, ao ar livre, mostrando que os encontros dessa forma eram possíveis naqueles tempos. Não havia lugar para espaços fechados, mas para os jogos de azar existiam o Clube do Comércio e o Clube dos Caçadores, onde funcionava também um cassino.

Nesta categoria, apresentam-se médicos, advogados, juizes, enfim, os membros de uma elite intelectual mencionada nas crônicas de Renato Maciel. Há muitas crônicas a respeito de professores universitários como Armando Câmara⁸³ que, no texto do cronista, ora representam a memória do povo gaúcho, outras vezes, poderiam estar classificados na categoria de humor, em virtude de o texto apresentar nuances de um riso saudável e bom, conforme a classificação de Propp.

Na crônica *O último morador do Solar dos Câmara*, Renato Maciel recordou que

Armando Câmara era neto do famoso General Câmara, de quem herdou grande coragem pessoal e, dentre os bens materiais, o Solar dos Câmara, a antiga propriedade do Visconde de São Leopoldo, posteriormente transformado em patrimônio histórico da cidade. No dia do suicídio de Getúlio Vargas, 24 de agosto de 1954, alguns jornais, emissoras de rádio e bancos foram atacados ou destruídos, por serem considerados responsáveis pela morte do presidente. Câmara estava em casa, na Rua Duque de Caxias, quando passou pela frente uma multidão

⁸³ O advogado Armando Câmara também tem crônica analisada no capítulo do Humor, quando se reflete sobre sua linguagem técnica, própria da classe jurídica, que integra a tipologia de Propp. Armando Pereira Correia da Câmara nasceu, em Porto Alegre, em 10 de novembro de 1898, falecendo também em Porto Alegre, em 19 de março de 1975) foi um professor, filósofo cristão e político-brasileiro. Nasceu em uma família da nobreza brasileira. Passou parte da adolescência em Bagé, no interior do Rio Grande do Sul. Sua família residia, quando estava em Porto Alegre, no Solar dos Câmara, hoje um importante centro cultural da capital gaúcha. Ele foi o último morador do Solar, que foi adquirido em 1981 pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Em 1931, ministrou aulas nas faculdades de Direito e Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da qual foi reitor entre 1945 e 1949. Em 1947, Participou da fundação da Faculdade Católica de Direito, tendo sido o primeiro reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Em 1968, ele assumiu a direção do curso de doutorado da Faculdade de Direito da UFRGS. Elegeu-se senador pela frente democrática, coligação formada pelo Partido Social Democrático (PSD), pela União Democrática Nacional (UDN) e pelo Partido Libertador (PL), derrotando João Goulart, candidato do PTB. Assumiu o mandato em fevereiro de 1955, mas como João Goulart foi eleito vice-presidente da República em outubro de 1955, tornando-se automaticamente presidente do Senado, ele renunciou ao mandato em abril de 1956.

de mais de quinhentos baderneiros, pretendendo atacar as instalações de *O Dia*, vizinho próximo do Solar. De revólver em punho, postou-se ele na entrada daquele jornal católico e sozinho enfrentou e deteve o populacho (ARP2, 1982, p. 197).

Renato Maciel contou que Armando Câmara, em 1956, renunciou ao cargo no Senado, localizado na época no Rio de Janeiro, porque não aceitava que a Casa fosse presidida por João Goulart, vice-presidente eleito. Segundo o cronista, na crônica *Armando Câmara*, o professor estava ressentido por “ter o Ministro da Guerra, Teixeira Lott, derrubado o presidente Café Filho e entregue o governo a Nereu Ramos” (ARP2, 1982, p. 185). Acrescentou Renato Maciel que o Parlamento pode ter perdido um político, no entanto a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ganhou um professor, responsável pela disciplina Filosofia do Direito. Suas aulas eram conhecidas em razão de situações engraçadas.

Na crônica *Armando Câmara*, o cronista relatou um depoimento de Câmara aos universitários, professores e políticos, na ocasião de sua renúncia como parlamentar:

— Certa vez, chegando a uma das janelas do Senado para respirar ar puro, deparei-me com um panorama sarraceno: os tanques do General Lott, que haviam saído para rasgar a Constituição, obedeciam às regras de trânsito, parando comportadamente nos sinais vermelhos! Isso é para provar o que eu sempre disse nas minhas aulas: na verdade, o povo brasileiro está convicto, apenas, do Código de Posturas Municipais! (ARP2, 1982, p. 185).

São inúmeras e divertidas as histórias a respeito do mestre porque, segundo Renato Maciel, “Câmara criava situações engraçadíssimas, fingindo delas não se aperceber. Ao mesmo tempo, exteriorizava-as de forma grave vê séria, numa voz trovejante, tudo colorindo com originalidade e erudição” (ARP2, 1982, p. 185). Exemplo disse, é a crônica *Armando Câmara*, quando Renato Maciel recordou que, naquela época, as eleições eram realizadas em 15 de outubro e um aluno de Câmara foi eleito deputado. No final do ano, segundo o cronista, o rapaz ficou para as provas orais em todas as disciplinas, caso que acontecia apenas com os piores estudantes. O aluno tentou subornar Armando

Câmara, pedindo que o passasse, pois era seu último ano na Faculdade de Direito.

Figura 19 - Solar dos Câmara



Fonte: Autor desconhecido. Acervo do Museu Joaquim José Ferizardo/ Fototeca Sioma Breitman

Alegou também sua condição de candidato a deputado que percorreria o estado em exaustiva campanha, na defesa dos interesses do povo e coisa e tal. Câmara, porém, não aceitou os argumentos. No final da manhã, entrando na sala dos professores, participou sonoramente:

— Reprovei um parlamentar! (ARP2, 1982, p. 190).

Figura considerada exigente e com bons argumentos durante suas aulas, o professor costumava pegar desprevenidos os alunos e até seus assistentes ao fazer seus comentários. Observa-se como isso aconteceu na crônica *Definições*: Armando Câmara lecionou Filosofia do Direito ao último ano da faculdade. Nos exames orais de fim de ano, fazia de tudo para aprovar o aluno.

A um que nada sabia, deu a última oportunidade:

— Caro colega, o senhor que está no fim do curso, tem tudo para me dar uma boa definição. No seu sentir, o que é o Direito?

— Bem — respondeu o aluno, vacilante — o Direito, para mim, é um ... um círculo no qual ... dentro do qual o indivíduo atua.

— Colega, por favor, isso não é definição de Direito. Isso é conceito de urinol (ARP1, 1981, p. 86).

O cronista apresentou o outro lado do sujeito, pois Armando Câmara nas crônicas de Renato Maciel aparece como um homem de caráter, exigente com as pessoas e fazendo um estilo de homem que não tem medo de nada. Pessoas como Armando Câmara retrataram outra cidade que ficou no passado, uma *outra* Porto Alegre registrada pelo cronista Renato Maciel, mostrando uma época em que as instituições e os professores eram valorizados e respeitados pelos alunos.

Em outra crônica *André da Rocha*, o cronista lembrou episódios divertidos relacionados ao desembargador André da Rocha⁸⁴, na época em que ele foi diretor da Faculdade de Direito, quando o prédio não tinha grades divisórias.

Certa manhã, um asno, à procura de melhor pasto, foi entrando calmamente pelos jardins da faculdade. André da Rocha conversava com um grupo, junto à entrada. Ao ver o animal, chamou o servente:
— Bedel! Bedel! Tire logo esse burro daqui, senão, dentro de cinco anos, sai bacharel (ARP1, 1981- p. 40).

O cronista teceu elogios ao advogado, como se observa na mesma crônica:

Sua extraordinária cultura e notória inteligência tornaram-no homem público imprescindível às boas administrações. Tanto assim que ocupou, em duas oportunidades, o delicado cargo de Chefe de Polícia do Estado, onde se notabilizou pela sensatez e correção (ARP1, 1981- p. 40).

Renato Maciel rememorou vários profissionais que se destacaram naquela época em Porto Alegre. Além de Armando Câmara, André da Rocha, o cronista

⁸⁴ Manuel André da Rocha nasceu, em Natal, no dia 20 de março de 1860 e faleceu, em Porto Alegre, no dia 25 de agosto de 1942. Foi professor universitário e magistrado brasileiro, tendo sido juiz e, posteriormente, desembargador. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, André da Rocha chegou ao Rio Grande do Sul, em 1890, como juiz da comarca de Lagoa Vermelha. Foi professor catedrático e um dos fundadores da Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre (atual Faculdade de Direito da UFRGS), tendo sido diretor da instituição e, também, da Escola de Comércio (hoje Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS). Em 1934, ele foi nomeado primeiro reitor da Universidade de Porto Alegre, instituição estadual, que deu origem à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Exerceu também os cargos de chefia de Polícia do Estado, procurador-geral do Estado e presidente do Superior Tribunal do Estado do Rio Grande do Sul.

mencionou o médico Sarmiento Leite. Ao escrever sobre o profissional, o cronista acabou com o mito que a figura do profissional da Medicina exerce sobre os outros. Endeusar o indivíduo que cuida da saúde dos outros não aconteceu na crônica, porque o autor apresentou-o como um simples mortal.

Figura 20 - O médico Eduardo Sarmiento Leite



Fonte: ARP1 (1981, p. 57)

Em outra crônica que tem como título *Sarmiento Leite*⁸⁵, em *Anedotário da Rua da Praia 1*, percebe-se a ironia citada por Propp. Renato relatou vários episódios sobre o médico Eduardo Sarmiento Leite⁸⁶, que dirigiu a Faculdade de Medicina de 1915 a 1935, considerado um homem com respostas espirituosas sobre os assuntos do cotidiano. Exemplo disso, são os trechos de crônicas publicadas por Renato Maciel, envolvendo o cirurgião, que não se preocupava com a aparência, gerando muitos comentários. O cronista apresentou o médico dessa forma:

⁸⁵ Trechos dessa crônica foram analisados no capítulo *Humor*, inseridos na categoria Instrumentos Linguísticos da Comichidade, pois Propp encara a ironia como um desses.

⁸⁶ O médico Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca nasceu em Porto Alegre, em 7 de abril de 1868 e faleceu em 24 de abril de 1935, na mesma cidade. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ele foi professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, hoje, pertencente à Universidade Federal do Rio. Exerceu o cargo de vice-diretor por dois períodos: de 1907 a 1909 e depois de 1910 a 1911. Também foi diretor da instituição em 1915, tendo permanecido no cargo até 21 de janeiro de 1935.

Sua despreocupação com roupa e aparência tornou-se folclórica. Estava na faculdade, uma tarde, desencaixotando e arrumando alguns livros das estantes, quando um sujeito todo empertigado entrou, pasta na mão, denotando pressa:

— Sou da Universidade de São Paulo. Está o prof. Sarmento Leite?

— O Prof. Sarmento Leite está – respondeu o velho médico calmamente, de cima da escada.

O outro nem agradeceu. Virou as costas e subiu as escadas. Instantes depois voltou e interpelou-o, arrogante:

— Você não disse que o prof. Sarmento Leite estava?

— Está, sim senhor, está aqui – falou, descendo os degraus da escada.

– Em que é que eu posso servir?

O outro, espantado, deixou cair a pasta:

— Mestre! (ARP1, 1981, p.57).⁸⁷

O cronista revelou, assim, a arrogância do convidado e mostrou o médico com toda a sua simplicidade. Esse texto faz lembrar uma crônica de Machado de Assis, *O espelho*, quando o maior dos cronistas brasileiro, tratou da alma humana, mostrando o quanto o homem se prende a detalhes da aparência, deixando de enxergar a essência. É o conflito entre a essência e a aparência, o *eu* interior e o exterior. O personagem de Renato Maciel deixou-se levar pela aparência do profissional. No mesmo texto, Renato Maciel narrou que o médico foi convidado para um jantar no Palácio do Governo. Os organizadores do evento, com receio de que ele comparecesse de qualquer maneira, levaram o convite em mãos e fizeram várias recomendações. Na crônica, Renato afirmou que “na hora da festa, mandou aos organizadores uma bandeja, com um pacote em cima: Se faziam questão da roupa e não do homem, aqui vai ela” (ARP1, 1981, p.58). Mais uma vez, fica, aqui, comprovada a teoria de Machado de Assis, a inversão de valores com a aparência tendo a primazia. O que se pode observar é que Renato Maciel deu destaque aos professores universitários e também ficou registrou seu respeito pela Academia de Direito (Ciências Jurídicas e Sociais).

Passa-se agora à reflexão sobre os comunicadores de um modo geral, sujeitos que foram privilegiados nas crônicas de Renato Maciel, pois ele relatou casos que envolveram homens e mulheres de rádio e televisão da época.

⁸⁷ Transcreve-se essa crônica, usando as abreviaturas feitas por Renato Maciel.

5.2.6 Os comunicadores

Renato Maciel destacou os comunicadores, prestigiando não só os veículos de comunicação existentes nas décadas de 1940 e 1950, como também os profissionais que atuavam naquela época. Por sua vez, o cronista integrou esse meio profissional, na década de 1980, pois após o lançamento de seu primeiro livro *O Anedotário da Rua da Praia 1*, ele trabalhou na Rádio Gaúcha, em um programa em que narrava histórias sobre a Porto Alegre do passado.

Fazendo uma breve retrospectiva dos anos em que o rádio tornou-se importante na vida das pessoas, coloca-se o depoimento de Dóris Haussen (1997, p. 14). Segundo a autora, nos anos 1930, “quando Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930, a radiodifusão estava ainda em sua fase incipiente [...] A autorização oficial para a veiculação de publicidade (que muitos consideram ter sido a motivadora da profissionalização no rádio) só viria em 1931.” No entanto, afirma a autora,

nos primeiros anos da década de 30, a programação radiofônica começa a experimentar a diversificação dos gêneros. Em 1931, por exemplo, iniciaram-se os programas humorísticos [...] O rádio começava a organizar-se em direção à linha de programação que seria constante até ao final dos anos 50.

Renato Maciel (ARP1,1981, p. 1) reforçou o pensamento de Haussen, narrando que “corriam os tempos heroicos das rádio-novelas, audiência absoluta antes do advento da televisão. Os capítulos iam para o ar ao vivo. Ainda não eram usadas gravações”. Os estúdios da Farroupilha estavam localizados na rua Duque de Caxias com o viaduto Borges de Medeiros. Na época, o galã era interpretado por Walter Ferreira e o sonoplasta desempenhava uma função importante, pois cabia a ele cuidar dos sons e ruídos, mexendo nas faixas do disco. Aconteceu que, no final de uma história de amor, quando o galã pegou o revólver para atirar no vilão, “ao invés do esperado tiro, porém, na transmissão ouviu-se o desconcertante mugido de uma vaca. Walter consertou rápido: — E não adianta te esconderes atrás da vaca, miserável” (ARP1,1981, p. 1).

O cronista relembrou vários episódios passados no final dos anos 1940 sobre as emissoras de rádio, comentando como eram populares os programas, assistidos aos vivo, na Rádio Farroupilha. Aconteciam histórias engraçadas no ar, envolvendo os que trabalhavam no local, como exemplo, mostra-se a crônica que tem como título *Os recados do Pandolfo*, porteiro da rádio, palco de locuções de peças teatrais. Nesse texto, o autor recordou acontecimentos dos anos 1940. “Fim dos anos quarenta. A versatilidade de Ilza Silveira permitia-lhe interpretar vozes femininas — desde menininhas até mulheres mais velhas — no *Grande Teatro Farroupilha*, líder da audiência.” (ARP2, 1982, p. 70). Renato Maciel lembrou que uma vez pediram para a atriz representar uma mulher com mais de setenta e cinco anos. Ao ouvir o programa, o diretor do radioteatro, Walter Ferreira, telefonou para o porteiro Pandolfo e deu o seguinte recado:

— Pandolfo, aqui quem fala é o Walter Ferreira. Presta bem atenção. Quando terminar o primeiro ato da peça, entra no estúdio e diz pra Ilza que essa mãe que ela está fazendo parece estar morrendo. É pra ela andar mais ligeiro no papel. Entendeste?

_ Entendi, sim *signore*. - E desligou, exatamente quando quando Walter ia pedir-lhe para repetir o recado.

Pandolfo irrompeu estúdio adentro, com o programa no ar. – tiveram que desligar às pressas os microfones – disse a Ilza, no seu português macarrônico:

- Dona Ilza, seu *Wálti* ligou agora pra avisar que sua mãe *tá morendo*. É pra *signora* andar ligeiro e nem papel levar! (ARP2, 1982, p. 70).

Geralmente, as histórias que acontecem nos bastidores das emissoras de rádio são engraçadas, porque envolvem os locutores e os técnicos que comandam a sonoplastia. Na crônica *Pequena seleção de ouro*, Renato Maciel narrou outros episódios ocorridos nas emissoras de rádio.

Ernani Behs, por volta de 1950, era simultaneamente discotecário, produtor de quatro programas diários, locutor, diretor e principalmente o galã máximo do radioteatro da Farroupilha. As fãs não davam tréguas. À notícia de seu casamento, recebeu ele dezenas de cartas e telefonemas ameaçadores, na base do “não digas o sim, senão morrerás no altar” ou “se casares te darei um trio”. A cerimônia lotou a catedral metropolitana, dizia-se mais policiais que convidados (ARP2, 1982, p. 94).

Sobre esse momento da vida cultural rio-grandense, Rüdiger (2007, p. 360-362) comenta em *Cotidiano, mídia e indústria cultural: modernidade e*

tradicionalismo, dos anos 1930 à atualidade sobre as emissoras de rádio de Porto Alegre, afirmando que elas “não competiam com as do exterior, mas se pautavam pelas do Centro do país”. Em sua retrospectiva sobre os meios de comunicação e como eles se estruturaram no Rio Grande do Sul, Rüdiger observa que, os Diários e Emissoras Associados, grupo dirigido por Assis Chateaubriand, rivalizava com outra empresa, a Caldas Júnior, tendo à frente o jornalista Breno Caldas, sendo que o carro-chefe da empresa era o jornal *Correio do Povo*, fundado em 1895. O autor ressaltou que, em 1930, Chateaubriand tentou comprar o jornal *Correio do Povo* e não conseguiu e assim adquiriu o *Diário de Notícias*. Mais tarde, comprou as emissoras de rádio Farroupilha, em 1943, e Difusora, em 1944, que produziam novelas radiofônicas.

Nos anos 1950, Caldas Júnior e Associados dominavam o mercado e, segundo Rüdiger, parecia haver um certo equilíbrio entre os dois grupos. “A Farroupilha apostava muito nos programas de auditórios, passando a transmitir em horários diurnos, junto às tradicionais novelas, *shows* humorísticos e transmissões esportivas, num período de auge” (2007, p. 365-366), como no exemplo citado da crônica *Rádio ao vivo*.

O apresentador daquele programa gauchesco pegou a carta do ouvinte, titubeou um pouco e lascou o nome do remetente:

— seu Floriano Lopes!

A assistente por cima do ombro corrigiu:

— Não, não é esse o nome. É Florianópolis! (ARP2, p. 221).

A respeito dessas novelas, Renato Maciel recordou os bastidores das emissoras de rádio e de televisão, relatando os tempos do início do funcionamento das emissoras, de uma certa maneira, o cronista prestou uma homenagem aos profissionais da imprensa daquela época e, indiretamente, provocou os leitores dos anos 1980 a refletirem sobre a *outra* Porto Alegre que ele reviveu por meio de crônicas. Renato Maciel comentou sobre a Rádio Farroupilha, em 1953. O cronista narrou o

último e emocionante capítulo da novela *Nós nos uniremos no céu*, pela Rádio Farroupilha, em 1953. A mocinha Zaira Acanan estava morrendo, enquanto o galã Ernani Behs chorava desesperado. Uma tragédia, a música bem alta ao estilo. Antes do suspiro final, Zaira dramaticamente disse a fala que encerraria a novela:

— Até breve, meu amor! Nós nos *urinemos* no céu! (ARP2, 1982, p. 221).

Os casos contados por Renato Maciel, nos anos 1940/50, mostravam uma era do rádio em que os recursos radiofônicos eram poucos e improvisados, mas os programas tinham muita audiência, em virtude de ainda não ter sido inaugurada a televisão no Brasil. Exemplificando, apresenta-se a crônica *Rádio ao vivo*, quando o cronista comentou sobre o *Grande Jornal Falado Farroupilha*. “O texto diz que o locutor leu o seguinte: — Atracou no porto um navio carregado de papagaios...Perdão, ouvintes, é navio com carregamento do Paraguai” (ARP2, 1982, p. 219).

Essa época foi bem explicada por Renato Maciel ao narrar episódios curtos que lhe foram contados por outras vozes, algumas como as pessoas a quem ele agradeceu nos prefácios de suas obras, que protagonizaram esses momentos que ele não vivenciou. Outro exemplo é a crônica, *O herói da novela*, que narrou os tempos de rádio-novelas nos estúdios da Rádio Farroupilha, tendo como galã Walter Ferreira.

O rádio, como veículo de comunicação, era importante, pois congregava as pessoas ao redor dos aparelhos, já que as opções de lazer eram menores. As novelas com seus galãs reuniam as pessoas em seus lares e os programas eram assistidos com prazer. Dilermando Reis, o Mandico, já naquela época jovem e destacado radialista, era extremamente versátil. Interpretava todos os personagens de *O manuscrito datilografado*, bem-sucedido programa semanal da Rádio Farroupilha (ARP2, 1982, p. 79).

O cronista recordou ainda fatos ocorridos na Rádio Difusora, pertencente ao grupo Diários e Emissoras Associados, sendo que os casos referem-se ao porteiro Leonardo Pandolfo, que provocava muitas confusões. Segundo Renato Maciel

ele era um imigrante italiano, jamais perdeu o acento carregadíssimo. Era baixo e barrigudo, e se não fosse também careca lembraria melhor Getúlio Vargas. Não primava pela inteligência ou cultura – nem poderia ser diferente – e suas eventuais dificuldades acentuavam-se com o pouco domínio da língua e pelo desconhecimento da maneira de ser dos gaúchos (ARP2, 1982, p. 26).

Nessa época, o rádio agregava as pessoas ao seu redor e tinha muita importância como lazer. Mas Dóris Fagundes Haussen afirma que (1997, p. 24), “o papel do rádio, no entanto, necessita ser analisado sob o ponto de vista do contexto da época. Os anos 1930 a 1940 foram de grandes transformações em toda a sociedade brasileira, com o aumento da população, o crescimento dos centros urbanos e o desenvolvimento da indústria e dos serviços”. No entanto, segundo a autora, a censura imperava nos meios de comunicação. Ela ressalta que “Getúlio Vargas e seu governo, desde o início elaboraram um esquema relativo ao uso político do rádio e uma das principais armas foi a censura.” Haussen observa que os jornais e outras publicações tinham censores nas redações.

O cronista abordou os tempos de rádio, comentando sobre os locutores na época dos anos 1950. A censura também existia nos anos 1980. Assim, em suas crônicas, ele apresentou dois momentos difíceis dos meios de comunicação. Haussen narra que “a censura, por sua vez, era exercida por dois meios – pela Divisão de Radiodifusão e pela presença do censor no veículo, em casos especiais. Nos jornais, a presença do censor era permanente”.

Renato Maciel (ARP2, 1982, p. 220) relatou histórias sobre as atrizes de rádio e televisão. Morena de Macedo era a principal atriz do radioteatro da Rádio Gaúcha. Tinha dificuldade para ler e para interpretar as falas e por isso usava fones nos ouvidos. Assim repetia o que ouvia, mas os ouvintes não percebiam, pois no ar só surgia sua voz. As emissoras de rádio investiam nos programas que possuíam muita audiência. Naquela época, conforme Renato Maciel (ARP2, 1982, p. 220), participava do elenco de *A guerra dos deuses*, Virgínia Berutti Vargas, “hoje esposa do pouco circunspecto e excelente cantor José Evaristo Villalobos Júnior”.⁸⁸

Os tempos eram outros, sem a tecnologia presente nos lares da população, os livros e os aparelhos de rádio eram as companhias preferidas. As novelas transmitidas nas emissoras tinham o seu público e eram encenadas por grandes nomes do meio de comunicação. O trabalho era artesanal, mas eficiente. Mas

⁸⁸ Conforme o cronista, humorista conhecido pelo pseudônimo Carlos Nobre.

não só de ouvir uma emissora de rádio⁸⁹ ou assistir a televisão viviam os porto-alegrenses. Existiam jornais e revistas. Entre as revistas que circularam em Porto Alegre, a mais conhecida foi a *Revista do Globo*. Conforme Rüdiger,

a *Revista do Globo* foi criada, em 1929, por sugestão do então presidente Getúlio Vargas [...] A publicação logrou cair no gosto das elites locais”, no entanto, não obteve êxito ao tentar competir com as revistas nacionais e para de circular na década de 1960. Não conseguiu, segundo o autor, competir com as revistas nacionais, como *O Cruzeiro* e *Manchete*. (RÜDIGER, 2007, p. 360).

Como os veículos dependiam e ainda dependem até hoje de publicidade, é preciso refletir sobre essa atividade que envolve muito dinheiro. Sobre a publicidade nos anos 1940/50 e sobre os veículos de comunicação que sobrevivem às custas de patrocinadores, Rüdiger (2007, p. 382- 383) comenta que

durante o Estado Novo, verificou-se uma expansão extraordinária da propaganda governamental. O Departamento Nacional de Propaganda foi substituído pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Em 1943, criou-se a filial estadual, cuja direção foi entregue ao escritor Manoelito de Ornellas.

De acordo com o autor, na verdade houve uma intervenção em todas “as formas de comunicação”. Acrescenta que após a guerra e com o final do Estado Novo, surgiram “as chamadas agências modernas, oferecedoras de serviço completo de publicidade”. Assim, as empresas publicitárias começaram a se organizar e a ganhar anunciantes, deixando o amadorismo de lado.

Acrescenta Rüdiger (2007, p. 384) que, durante os anos 1950, estavam entre os maiores anunciantes empresas como a Neugebauer, Masson, Alfred que promoveram grandes campanhas. “No final dos anos 50, o negócio da publicidade havia explodido, mas foram poucas as empresas que sobreviveram, tendo a maioria quebrado em 1964. Comerciais na televisão eram ao vivo, com anunciadoras, mas também como eslaides ou filmes (16mm)”.

⁸⁹ Sobre o assunto ver CALABRE, Lia. *A era do rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002. O texto da professora Lia Calabre constrói a história do rádio no Brasil, destacando sua origem e integração na vida cotidiana, além de seu papel como veículo de propaganda.

No entanto, na época da escrita de Renato Maciel, o meio publicitário passava por uma fase ruim. De acordo com Rüdiger (2007, p. 386) “abalada pela crise dos anos 80, a publicidade gaúcha entrou na década seguinte ainda como o terceiro mercado em investimentos do Brasil”, apesar de os anunciantes gaúchos continuarem a preferir as agências nacionais, deixando de prestigiar os publicitários locais.

Quanto ao meio de comunicação televisivo, Rüdiger observa que

desde 50, havia televisão no Brasil. O Rio Grande do Sul foi o quinto estado a conhecê-la. Chateaubriand era animado por um espírito empresarial aventureiro e uma série de fantasmas culturais tropicalistas. A Televisão Piratini foi inaugurada em 1959 dentro dessa dinâmica, em que intervinham também os recursos e o idealismo de alguns empreendedores locais (RÜDIGER, 2007, p. 367).

Em Porto Alegre, Renato Maciel (ARP2, p. 269) comentou na crônica *Comerciais ao vivo* os bastidores da televisão, mas se referiu aos anos 1960, narrando os casos ocorridos com as apresentadoras Marly Chassot e Margarida Spessatto. As gravações dos comerciais eram ao vivo, muitas vezes, acontecia algo com o produto, provocando riso nos telespectadores e sofrimento a quem estava apresentando a propaganda.

Figura 21- Apresentadoras Marly Chassot e Margarida Spessatto



Fonte: ARP2 (1982, p. 270)

Anunciavam na época de aparelhos de televisão, geladeiras, fogões Wallig, empresa gaúcha que deixou de existir, fábricas e sofás, mas sempre acontecia algo que provocava o riso, como o trinco da geladeira não abrir a porta, ou o sofá se quebrar quando a apresentadora sentava. Importa ressaltar a falta de tecnologia quando, hoje, se conhece o poder da publicidade e o quanto é gasto de dinheiro para produzir um anúncio.

Mesmo primária, se for comparada aos dias atuais, ou mesmo aos anos 1980, foi marcante a presença da televisão nos lares gaúchos. Com a inauguração da Televisão Piratini, em 1959, a sociedade porto-alegrense não se reunia mais apenas à frente de aparelhos de rádio, porque a televisão dividiu o espaço e a grande novidade eram os programas ao vivo e os jornalísticos.

Quadro 4 - Tempos que integram as crônicas nas três obras de Renato Maciel de Sá Jr.

TEMPOS	Anedotário da Rua da Praia 1	Anedotário da Rua da Praia 2	Anedotário da Rua da Praia 3
Anos 1910	126	43-250	12-54
Anos 1920	78-93-113-140	286	1-24-55-67-124-164-181
Anos 1930	2-11-37-52-76-120	31-37-39-42-49-52-56-72-85-92-157-210	14-16-25-27-32-43-89-151-160-187
Anos 1940	32-64-106-107-118-141-143	70-77-81-99-126-148-164-165-169-241-247-273-274	20-38-57-61-71-113-126-145-147-155-177-201
Anos 1950	34-115	25-26-28-36-69-88-94-110-138-152-155-176-185-192-197-207-214-219-221-234-276-281	5-22-38-46-50-85-130-165-171-178-188-195
Anos 1960	-----	106-107-128-232	47-74-83-103-170-185-190
Anos 1970	-----	-----	85-115-159-190
Anos 1980	-----	-----	213, 221

Fontes: MACIEL DE SÁ JR., Renato. *Anedotário da Rua da Praia 1*. Rio de Janeiro: Globo, 1981.

_____. *Anedotário da Rua da Praia 2*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

_____. *Anedotário da Rua da Praia 3*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

5.3 O TEMPO DA MEMÓRIA

As crônicas de Renato Maciel passam por várias épocas, algumas datadas o cronista precisa, outras não. Há textos que remetem aos anos 1920, outros abordam a década de 1940, mas a maioria das crônicas está situada na década de 1950. O autor privilegiou essas décadas em virtude das mudanças que ocorriam no início dos anos 1980, quando ele escrevia as crônicas. Ao elaborar a memória coletiva nas crônicas, Renato Maciel exibiu o passado de Porto Alegre, sua gente e seus costumes. Há algumas crônicas relativas a 1960 e o cronista chegou ao final de sua obra, no *Anedotário da Rua da Praia 3*, fazendo uma incursão, em 1980, com o texto *A turma das sextas*. Afinal, era o seu tempo. A turma tinha nomes conhecidos o artista plástico Xico Stockinger, como Goida⁹⁰, jornalista especializado em cinema, Flávio Del Mese, que contava as aventuras de suas viagens, o escritor Luís Fernando Verissimo, sempre silencioso, entre tantos nomes conhecidos.

Renato Maciel recordou na crônica que o grupo almoçava “às sextas-feiras no Pagoda da Protásio Alves, “os pratos especiais sendo supervisionados pelo seu Tong ou Dona Helena” (ARP3, 1983, p. 213). Na mesma crônica, Renato Maciel relembrou que depois de muitos debates, “decidiu-se certa época convidar as mulheres, duas vezes por mês. Luís Fernando (Verissimo), alentado masculinista da praça, vetou: quem, sabe uma vez só? Assim, as mulheres começaram a participar dos encontros. Entre elas, Lúcia Verissimo e Maria Cristina Maciel de Sá.

Esses encontros de Renato Maciel com seu grupo, nos anos 1980, revelam uma forma de sociabilidade diferente daquela que ele descreveu em suas crônicas, quando os sujeitos, nas décadas de 1940/50 reuniam-se em bares e confeitarias, ou encontravam-se na saída do cinema, cuja sessão acabava às 23h. Era uma época que o centro de Porto Alegre tinha movimento até tarde da noite, não oferecendo maiores perigos aos que ali circulavam.

⁹⁰ Na época, Hiron Goidanich, conhecido como Goida, colunista de cinema

É possível perceber na escrita do cronista todo um jogo de memória, um vaivém de épocas, já que o autor recolheu depoimentos de amigos e conhecidos, que relataram as histórias contadas por ele. No prefácio de sua primeira obra, Renato Maciel disse que não obedeceu a uma ordem cronológica. O cronista deixou transparecer, em certas crônicas, um sentimento nostálgico. Como afirma Maurice Halbwachs (1990, p. 79),

[...] cada homem está mergulhado ao mesmo tempo ou sucessivamente em vários grupos. Cada grupo, aliás, se divide esse restringe, no tempo e no espaço. É no interior destas sociedades que se desenvolvem tantas memórias coletivas originais que mantêm por algum tempo a lembrança de acontecimentos que não têm importância senão para elas.

Quanto à questão da memória e o tempo, Halbwachs (2006, p. 132-133) expõe seu pensamento diferenciando a memória histórica da coletiva, afirmando que a História se interessa

pela ordem de sucessão cronológica dos fatos no tempo”, marcando as mudanças que ocasionam a passagem do tempo. [...] a história é necessariamente um resumo e é por isso que ela encerra e concentra em alguns momentos evoluções que se estendem períodos inteiros — é neste sentido que ela extrai as mudanças de duração”.

Para o teórico, a memória coletiva difere, pois

retrocede no passado até certo limite, mais ou menos longínquo conforme pertença a esse ou aquele grupo [...] Parece que a memória coletiva tem de esperar que os grupos antigos desapareçam [...] para que se preocupe em fixar a imagem e a ordem de sucessão de fatos. [...] Certamente é necessário procurar a ajuda de testemunhos antigos, cujos vestígios subsistem em textos oficiais, jornais da época, memórias escritas por contemporâneos.

Foi, justamente, o que Renato Maciel fez: procurou amigos, depois conheceu amigos dos amigos e, por fim os desconhecidos para lhe darem as informações necessárias.

Na época em que Renato Maciel começou a escrever as crônicas (1981), o país vivia momentos agitados na área política e financeira. O povo brasileiro assistia a episódios como a abertura política, a Anistia e o movimento pelas *Diretas Já!* marcado pela mobilização para a aprovação da emenda do deputado

Dante de Oliveira (PMDB). A emenda foi rejeitada, porque não alcançou o número mínimo de votos exigidos para ser aprovada.

Em relação à década de 1980, Áurea Petersen e Elizabeth Pedroso⁹¹ analisam os movimentos sociais urbanos, ressaltando que o período do autoritarismo militar, que se iniciou em 1964, “criou sérios entraves ao avanço dos movimentos sociais urbanos no estado”, ressaltando que um crescimento importante somente aconteceu no fim dos anos 1970 e durante os anos 1980, “quando se saía da ditadura militar através de um processo de transição política. No período, a questão dos direitos passou a fazer parte das discussões e lutas que começaram a se esboçar” (2007, p. 194).

Petersen e Pedroso (2007, p. 211) trazem informações sobre esse tempo, mencionando as inúmeras greves que ocorreram em todo o país:

As greves do período 1979-85 revelam uma mudança na composição da massa de trabalhadores do movimento sindical do país e do estado (Rio Grande do Sul): de tradicional representante das camadas com menor poder aquisitivo, passou a ser integrado, gradativamente, pelos setores médios proletarizados, então assalariados, localizados no setor público, entre os quais, médicos (notadamente os residentes), professores da rede pública, bancários (tanto do setor público quanto privado) e funcionalismo público estadual e federal (incluindo os das empresas estatais).

As autoras explicam que as reivindicações mais frequentes dessas greves eram por melhores salários, reajustes acima do que a lei permitia, elevação do piso salarial e os grevistas exigiam ainda equiparação salarial com outras funções de trabalho. Elas citam a existência do Movimento de Justiça e Direitos que se reuniu com outros movimentos sociais – entre 1978 e 1988 – com o objetivo de lutar pela

revogação da Lei de Segurança Nacional, a Anistia, o fim da censura aos meios de comunicação de massa, a volta às eleições diretas em todos os níveis (as Diretas Já!), a convocação de uma assembleia nacional constituinte, a Lei de Greve, a Reforma Agrária, dentre outras.

⁹¹ As informações prestadas pelas autoras estão no texto *Movimentos sociais urbanos na obra República - a revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985)*.

Elas mostram que o ano de 1985 pode ser considerado um “marco divisou na sociedade brasileira (2007, p. 212)”, afirmando que isso aconteceu

Não só pelo fim do regime militar e a eleição presidencial indireta, mas também porque inauguraria o nosso mais longo período de regime democrático. Tancredo Neves (PMDB), derrotou o candidato oficial, mas faleceu antes de ser empossado, levando o vice-presidente eleito a assumir. Sarney cumpriria, no seu primeiro ano de mandato, as principais promessas de Tancredo: devolver ao país a ordem democrática.

Mesmo com as dificuldades existentes em tempos de governo militar, a cidade crescia com um todo, conforme informações de Ronaldo Herrlein Jr. e Gentil Corazza⁹². Ao analisarem o desenvolvimento da Região Sul, nos períodos de 1930 a 1985, destacam que era uma sociedade na qual predominava a atividade rural, transformando-se depois em um meio urbano-industrial. Segundo os autores, “aconteceram nesse período de quarenta anos o desenvolvimento rural da lavoura de alimentos das colônias, o surgimento e a expansão da lavoura capitalista do arroz, da indústria e de diversas outras atividades de transporte e serviços” (2007, p.137). Mas acrescentam que os comerciantes, mesmo prosperando e diversificando suas atividades naquela época, ainda tinham um capital limitado e não conseguiam implantar grandes empresas.

Mais adiante, Herrlein Jr. e Corazza avaliam a economia gaúcha entre os anos de 1960 e 1985, que “não houve perda de posição nacional e que foi possível recuperar parcialmente a defasagem ocorrida no período até os anos 50, através de taxas de crescimento regional superiores à média nacional nos anos 70”.(2007, p. 160).⁹³ Afirmando que a economia da região Sul evoluiu em razão de ter aberto suas portas ao mercado externo, ampliando uma integração fora das fronteiras, tanto em termos de Brasil como no exterior. No período que refletem sobre a nossa economia, os autores mencionam que apesar de os estabelecimentos comerciais fossem “de pequeno porte” [...] o crescimento mais expressivo (77%) ocorreu a partir dos anos 60”. No entanto acrescentam que foi a

⁹² As informações estão no texto *Indústria e Comércio no desenvolvimento econômico no período de 1930 a 1985*.

⁹³ Essas informações estão no texto *A crise regional e a transformação da economia do Rio Grande do Sul (1959 a 1985)*.

partir de 1970, “após o milagre econômico, que os supermercados ganharam mais espaço” (2007, p. 163).

Segundo eles,

em 1985, a estrutura do produto da indústria de transformação gaúcha havia se modificado, apresentando-se fortemente concentrada (85%), porém agora em quatro grandes ramos, dois dinâmicos (metal-mecânico e química) e dois tradicionais (alimentação etc., vestuário e calçados).

Concluem dizendo que a partir dos anos 50 “na fase nacional da industrialização pesada (1955-80), teve lugar um processo de integração do mercado nacional, que modificou as posições dos agentes econômicos regionais” (2007, p. 167). Ressaltam que, após os anos 1960, os ramos tradicionais se modernizaram e ganharam destaque no cenário nacional.

É importante a reflexão sobre o contexto que envolvia o país na época que Renato Maciel buscou recuperar a memória do cotidiano de um grupo intelectual de uma *outra* cidade, localizada no passado. É imprescindível para entender as crônicas de Renato Maciel: o tempo de contar (1980 em diante), o tempo que é contado (anos 1930/40 /50). Deve-se atentar, então, para a temporalidade, conforme Paul Ricoeur (1995, p. 280), porque a memória da cidade passa pelos tempos *de contar* e pelo tempo *que é contado*, sem esquecer o *tempo do leitor*, ou seja, a recepção da obra.⁹⁴ Há, então, uma ligação entre os mundos do texto e o do leitor. Em relação a esse tempo nas narrativas ficcional e histórica, Ricoeur afirma que “revelaram-se rigorosamente paralelos e constituem as duas vertentes de uma única e mesma investigação, aplicada à arte de compor”.

Segundo Ricoeur, “a maior parte de nossa informação sobre os acontecimentos do mundo deve-se, com efeito, ao conhecimento pelo ouvir dizer, como acontece nas crônicas de Maciel. Por isso, ele diz que “o ato de contar” faz parte desta ação. Para ele, a narrativa ficcional possui mais informações sobre o tempo do que a narrativa histórica, mas explica que isso acontece porque tem mais recursos e tem “jogos com o tempo”. Renato Maciel joga com o tempo, pois

⁹⁴ A repercussão das obras de Renato Maciel na mídia local e nacional está inserida no capítulo 2.

ao final de sua terceira obra, *Anedotário da Rua da Praia 3*, Renato Maciel situou-se nos anos 1980, conforme a sua última crônica, *Recados ao futuro anedotarista* (ARP3, 1983, p. 221), afirmando que é preciso pesquisar em jornais, pois “há casos engraçados muito caracterizadores da época”. Depois, “deter-se nos governadores “ e destacou

certos equívocos de Amaral de Souza⁹⁵, em solenidades, por exemplo: ao saudar a deputada estadual Dercy Furtado, chamou-a de Dercy *Gonçalves*, famosa comediantista; referiu-se ao presidente da República como João *Figueireda* (em compensação, este tratou-o de Amaral *Peixoto*).

Segundo Renato Maciel, “as gafes de rádio e TV continuam sendo um bom filão e às vezes revelam os problemas do período. A palavra político - econômica mais usada no início da década de oitenta — *pacote* — fez um locutor de notícias ler *pacote* de Varsóvia, ao invés de pacto”. O cronista também comentou sobre a abertura democrática, acrescentando que nessa época “ os políticos voltaram a enriquecer o folclore” (ARP3, 1983, p. 221). Em vista desse contexto, as crônicas de Renato Maciel colocam em destaque a memória coletiva marcada por momentos difíceis passados pela sociedade porto-alegrense. No entanto, Renato Maciel soube tirar proveito da situação e apresentou situações engraçadas que provocaram o riso de zombaria, conforme Propp, mas também apresentou o riso saudável, por meio de trotes divertidos, que poderiam ter acontecido somente em uma pequena cidade, se comparada a dos anos 1980.

⁹⁵ Amaral de Souza foi governador do Rio Grande do Sul, em 1983.



*Não há nenhum erro maior do que o
de acreditar que a última palavra dita é sempre
a mais correta, que algo escrito mais
recentemente constitui um aprimoramento do que foi
escrito antes, que toda a mudança é um progresso.*

Shopenhauer

Conclusão

6 CONCLUSÃO

Ao término dessa pesquisa, pretende-se mostrar as conclusões desse trabalho, retornando-se às indagações iniciais que estavam centradas nos seguintes itens: em primeiro lugar, a questão era refletir sobre o motivo de Renato Maciel, na década de 1980, revisitar a Porto Alegre do passado. Acredita-se que um dos motivos foi o fato de a cidade estar em pleno processo de desenvolvimento acelerado, o que deixava descontente a sociedade na época. Assim, tentando entender o seu próprio tempo, Renato Maciel, em momento também de crise interna, em virtude de sua doença, começou a escrever sobre o passado, lembrando de uma *outra* Porto Alegre, que pode ter sido mais calma e pacata, como ele mesmo disse, mas teve seus instantes, se for lembrado o Estado Novo, de Getúlio Vargas. Na verdade, Renato Maciel tinha motivações internas, ou seja, a finitude da vida, e as externas poderia-se pensar no fim da ditadura militar, então, ele registrou um fim e um recomeço.

De forma inconsciente, o cronista traçou duas cidades em momentos políticos conturbados. As décadas de 1950 e 1980 representaram momentos difíceis para a sociedade brasileira. Assim, não era apenas o desenvolvimento de Porto Alegre que incomodava o cronista, mas também os detentores do poder que abusavam de seus mandos. Por isso, ele usou os policiais, os políticos e os militares como personagens e como porta-voz de sua crítica ao sistema vigente. Coexistiram duas crises: a interna, de vida do escritor, a externa, a histórica, que estava nas ruas.

Em segundo lugar, houve a preocupação em conhecer os meios empregados pelo autor para construir a memória coletiva. Ao ler os depoimentos prestados por Renato Maciel às emissoras de televisão e aos jornais, toma-se conhecimento de que forma o cronista colheu o material que resultou na publicação das crônicas. Os textos de Renato Maciel, como outros relatos sobre Porto Alegre, produziram a memória coletiva, sendo que o cronista recebeu auxílio de jornalistas, radialistas, amigos e conhecidos que, da mesma forma, como o cronista tinham o interesse em registrar a história da cidade. Assim, houve uma reconstrução da memória da cidade no contexto de 1980, quando

Renato Maciel ouviu essas vozes, que podem ser consideradas seus pares, já que esses buscavam como fontes, os fatos ocorridos no passado com seus semelhantes.

Em relação à primeira obra, Renato Maciel entrevistou as pessoas que seus conhecidos indicavam, gravou todos os depoimentos e depois transcrevia as entrevistas. A partir da segunda edição e em relação à terceira obra, ele já recebia telefonemas, com acesso às pessoas que queriam lhe contar mais histórias. Sua escrita deu espaço tanto à elite porto-alegrense como aos trabalhadores das camadas populares que circulavam na Rua da Praia nos anos 1940/50. No entanto, os moradores da periferia não foram contemplados nas crônicas, porque sua intenção era narrar sobre os frequentadores da Rua da Praia, um lugar de memória.

Em diversas entrevistas concedidas aos meios de comunicação, que estão no capítulo 2 dessa tese, o cronista explicou como se originaram as crônicas, como selecionou o material e as dificuldades que encontrou para a redação final. Nas entrevistas dadas às emissoras de televisão, Renato Maciel declarou que ficou impressionado com a quantidade de informações que tinha em mãos.

Em terceiro lugar, pretendeu-se averiguar como Renato Maciel percebeu as transformações ocorridas no espaço urbano na década de 1980? Ao se iniciar a leitura dos jornais que abordavam as obras de Renato Maciel, as vendas que foram um êxito, surpreendendo a Editora Globo, na época pertencente à família Bertaso, notou-se que o cronista lamentava a desvalorização do centro da cidade. Nas reportagens transcritas nos jornais de Porto Alegre, Renato Maciel apontou para as transformações sofridas pela Rua da Praia, afirmando que já não era como antigamente, tendo se tornando repleta de comércio e bancos.

A quarta questão dessa pesquisa tinha o objetivo de averiguar a recepção de suas crônicas na década de 1980 e saber quem foram seus leitores. A crítica foi favorável às obras de Renato Maciel, dado registrado nas vendas dos livros. Os jornalistas especializados, inclusive da área de economia, afirmaram que, em época de crise econômica, os livros de humor vendem bem, porque a sociedade precisa de algum tipo de alívio. Constatam-se essas informações pelas

entrevistas concedidas pelo cronista, pois há várias citações em revistas, jornais locais e nacionais como *Zero Hora*, *Correio do Povo*, *Jornal do Brasil* e *O Estado de São Paulo*, que integram o acervo pessoal do autor. Algumas reportagens estão no anexo dessa tese. Seus leitores, como o próprio Renato Maciel afirmou em entrevista, eram pessoas com mais de 40 e 50 anos, todos com saudade de outros tempos da Rua da Praia, principalmente, os da elite porto-alegrense, amigos de Renato Maciel, já que ele circulava em diferentes grupos profissionais.

A quinta indagação refere-se ao papel do humor de Renato Maciel no período crítico da história nacional, anos 1980, contexto de censura entre o fim dos governos militares e o início da abertura política. As crônicas, como fontes, documentos literários, no caso, as três obras dos *Anedotários da Rua da Praia*, recuperaram a memória da cidade e ao mesmo tempo o humor na linguagem do cronista foi uma crítica aos 1980, contexto social da escrita de Renato Maciel, uma época de governo militar, ainda sob o impacto da censura nos meios de comunicação, um momento de manifestações greves em todo o país, com os trabalhadores exigindo melhores salários e condições de vida. Tempo em que se esboçava um lento caminho à abertura política.

Enfim, as crônicas publicadas estão ligadas a uma temporalidade, no caso uma *outra* Porto Alegre, resgatando a memória da cidade com muito humor, que veio a calhar na década de 1980, já que a repressão e a crise econômica favoreciam as tiradas humorísticas da imprensa em geral, tendo como objetivo ridicularizar e denunciar o comportamento das autoridades. Ao deixar esses depoimentos para as futuras gerações, o cronista conseguiu seu intento, recuperando a memória da cidade, utilizando-se da História, sendo que o humor serviu de paliativo para mostrar o avesso da vida, com isso provocando o riso. Foi o que Renato Maciel construiu nos *Anedotários*, mesmo alegando que não era essa sua intenção. Assim, seu humor ao provocar o riso de zombaria, cumpriu com sua função social, fazendo com que a sociedade pensasse sobre seu tempo.

Depois de respondidas as indagações iniciais da tese, coloca-se a reflexão feita em cada capítulo. Na *Introdução* (considerada Capítulo 1), apresentou-se o tema da pesquisa, os objetivos e as questões norteadoras. Mostrou-se ainda o *corpus*, as fontes utilizadas, a metodologia de trabalho e o referencial teórico.

Também foi exposto o contexto dos anos 1980, época da escrita das crônicas de Renato Maciel, autor das três obras *Os Anedotários da Rua da Praia*.

No Capítulo 2, *Crônicas com muito humor*, apresenta-se o pensamento de historiadores e de outros estudiosos que discutem a nova História Cultural, que interage com a Literatura. São expostas as ideias de Lynn Hunt, Peter Burke, Roger Chartier, Sandra Pesavento, Walter Mignolo, Luiz Costa Lima, Maria Teresa de Freitas e Marilene Weinhardt, que expressam as diferenças entre os discursos apresentados pelas narrativas históricas e literárias. Os autores concordam que as formas de discurso são diferentes, pois na História há *uma verdade* e na Literatura *uma quase verdade*. A História lida com os fatos, com documentos, objetivamente, tendo fontes científicas para dar veracidade aos fatos. A crônica (lugar de memória) trata do cotidiano de maneira subjetiva, de fatos corriqueiros. O objetivo do cronista é fazer seu leitor refletir sobre os acontecimentos mencionados. O historiador e o cronista lidam com a memória de forma diferente, quando tratam da cidade, porque o primeiro mexecom dados científicos, enquanto o segundo enxerga a cidade com outra visão, que foi o caso de Renato Maciel.

A História tornou-se presente nas crônicas de Renato Maciel, através da memória coletiva, quando o cronista apontou as diferentes formas de sociabilidade de sujeitos de uma Porto Alegre do passado e os lugares por onde circulavam seus personagens. Também ficou registrado e percebe-se nos textos as várias temporalidades nas crônicas. Mas isso foi bem explicado, em razão de o próprio cronista ter mencionado que foi montando suas crônicas na medida em que recebia os depoimentos. Primeiro, analisa-se no decorrer da tese o tempo da escrita de Renato Maciel na década de 1980. Depois, há o tempo da memória de outras vozes e, em terceiro, o tempo de leitura das obras, ou seja, a repercussão das mesmas. A Literatura está inerente nas crônicas de Renato Maciel, com um autor-narrador presente e participante, algumas vezes e, em outras, um narrador observador de um tempo que não foi o seu.

Também no segundo capítulo, destaca-se a importância que tem a crônica como um *lugar de memória*, segundo a definição de Pierre Nora, relatando o cotidiano de sujeitos, espaços e tempos. As crônicas de Renato Maciel podem

ser consideradas um testemunho do tempo, pois ele mencionou fatos passados que poderão servir como fontes de pesquisa. O diferencial do autor foram textos que satirizaram as autoridades e os detentores do poder, mostrando seu despreparo para as funções exercidas e as fraudes que cometiam no poder. Ao usar personagens do passado, Renato Maciel reflete sobre seu presente, os anos 1980, por meio das crônicas. Assim, seus textos servem à História. Mencionam-se ainda os cronistas e os primeiros viajantes que descreveram as terras brasileiras e regionais para os países estrangeiros. Há opiniões divergentes sobre o conceito dessas crônicas. Quanto ao assunto, o crítico Afrânio Coutinho afirmou que estes documentos são literários. Já Alfredo Bosi discordou e ressaltou que são apenas textos históricos.

Os pensamentos de Antonio Candido, de Guilhermino César, Afrânio Coutinho, Dileta Martins, e Jorge de Sá, Ivan Ângelo e Cândida Gancho revelam a importância da crônica como um relato do cotidiano. No caso de Renato Maciel, seus relatos foram curtos, com final inesperado, tratando do cotidiano dos sujeitos do passado. Assim ele elaborou crônicas divertidas, mas com um teor sábio. Aborda-se, nesse capítulo, o folhetim, a era de Machado de Assis como cronista, o recurso da ironia e de o humor nas crônicas machadianas, usados no século XIX, que são consideradas como uma *escrita de si*, conforme Ângela de Castro Gomes, até alcançar a crônica moderna.

Os tempos mudam e chega-se à crônica de João do Rio (1881-1921), que modificou o conceito sobre o gênero. Depois de 1930, os jornais brasileiros estamparam nomes como o de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Cecília Meireles, entre outros. Mais adiante, percebe-se que Porto Alegre tem uma tradição de cronistas. Nesse capítulo, comentam-se as crônicas de Aquiles Porto Alegre, Archymedes Fortini, Augusto Meyer, Nilo Ruschel, Moacyr Scliar, Luís Fernando Verissimo. Registram-se também os estudos de historiadores como Charles Monteiro e Sandra Jatahy Pesavento que analisaram a cidade de Porto Alegre.

No mesmo capítulo 2 apresenta-se um histórico sobre o humor, desde os tempos de Aristóteles, passando por Cícero até chegar a pesquisas de Mestrado e Doutorado atuais, que versam sobre o assunto. Acredita-se que os

pensamentos de antropólogos como Jan Bremmer, Herman Roodenburg e Henk Driessen e de filósofos como Vladímir Propp — foram úteis nessa pesquisa — juntamente com Henri Bergson, que apresentam teorias sobre o riso e falam de sua importância. Coloca-se ainda a opinião de Elias Saliba que trata o tema em *Raízes do Riso*. Reflete-se sobre o humor e o deboche nos anos 1980, quando os humoristas brasileiros criticavam as autoridades, que eram o assunto favorito da imprensa.

O capítulo 3, *A escrita de Renato Maciel: Porto Alegre revisitada*, comenta-se sobre o cronista Renato Maciel, sua vivência profissional e depois são descritas suas obras, mostrando ainda as diversas funções profissionais que exerceu, como advogado, radialista, músico. Ele integrou a elite intelectual dos anos 1980 e compartilhou de amizades que incluíam seus colegas advogados, jornalistas, na imprensa escrita e na emissora de rádio que trabalhou, com um programa sobre Porto Alegre. Explica-se como foi reconstruída a memória de Renato Maciel, e como o autor elaborou seus registros, conforme declarações que concedeu à imprensa. Mencionam-se as pessoas que o ajudaram a construir a memória de Porto Alegre, já que o autor não vivenciou o que foi narrado em suas crônicas. Depois, foram descritos a composição de cada *Anedotário*, quantas crônicas têm em cada obra e a recorrência de temas e sujeitos, conforme tabelas, em anexo.

Mostra-se ainda como a crítica de um modo geral recebeu as obras de Renato Maciel, pois há várias citações em revistas, jornais locais e nacionais como *Zero Hora*, *Correio do Povo*, *Jornal do Brasil* e *O Estado de São Paulo*, comprovadas pelo acervo pessoal do autor. Na época, as manchetes nos jornais abordavam a inauguração do *shopping* Iguatemi, que provocou a desvalorização do centro comercial, da Rua da Praia, conforme jornais, em anexo, nessa tese. Mencionam-se, nessa parte, os depoimentos feitos pelos intelectuais que vivenciaram Porto Alegre nos anos 1940 e 1950, amigos do autor como Luís Fernando Verissimo, Carlos Reverbel e Josué Guimarães, entre outros. Todos esses comentários desfavoráveis sobre a cidade, inclusive os de Renato Maciel, mostram o contexto de Porto Alegre no momento da escrita.

Nesse capítulo, tem-se a repercussão das três obras de Renato Maciel que foi favorável, o que permite concluir que a cidade precisava que sua história fosse contada, com o objetivo que fatos acontecidos no passado com outros sujeitos, que fizeram parte da história de Porto Alegre, não fossem esquecidos. A crítica valorizou na narrativa de Renato Maciel o humor, reafirmando que em época de crise econômica o humor vende bem e os autores das reportagens justificam seu ponto de vista. O conteúdo das reportagens valoriza a Rua da Praia do passado, dando ênfase a comentários de autoridades, existindo um sentimento nostálgico. Jornais de Porto Alegre mostraram amplas matérias sobre as figuras populares da Porto Alegre do passado, há artigos sobre o barão de Itararé. Os títulos variam: *Bom humor em tempos de crise*, *A crise estimula venda de livros de humor*, *Rua da Praia*, entre outros.⁹⁶

No capítulo 4, *As várias faces do humor*, foram analisadas as crônicas pela tipologia de Propp, sendo que a seleção foi feita com base na recorrência de sujeitos, conforme o Quadro 1, inserido na tese. Registra-se o diferencial do autor, o humor por se tratar de crônica humorística, usual nos 1980, já que esse recurso era uma válvula de escape para amenizar os tempos sombrios. Sobre o humor político, a Antropologia apresenta uma tese interessante, afirmando que ele surge mais quando há repressão política, o que pode ser constatado com a incidência de histórias sobre militares e policiais, personagens recorrentes nas crônicas de Renato Maciel, que provocam o riso, conforme a tipologia criada por Propp. Ainda no capítulo 4, reflete-se sobre a linguagem utilizada por Renato Maciel para contar as histórias sobre os sujeitos da *outra* Rua da Praia, pois muitos foram expostos de uma forma irreverente, desconstruindo o possível poder que obtinham por meio de seus cargos, e revelando-os como simples mortais. Essa foi a função de seu humor, o de criticar os desmandos dos que estavam no poder.

Já no capítulo 5, *A cidade de Porto Alegre*, analisam-se as crônicas que falam de uma *outra* Porto Alegre, a que ficou no passado, lembrada nos textos sobre a Rua da Praia através de seus sujeitos, desde os populares até os considerados da elite porto-alegrense, circulando por bares, cafés e confeitarias.

⁹⁶ Os títulos dos jornais com essas manchetes foram citados no decorrer da tese.

As crônicas de Renato Maciel privilegiaram os profissionais liberais como advogados, médicos, professores, os detentores do poder como os governantes, militares, policiais, a área de comunicação por meio de locutores, radialistas e apresentadoras de televisão. Os funcionários de bares, os cabeleireiros, as prostitutas e as personalidades populares que trabalhavam na Rua da Praia também foram rememorados nas três obras do cronista.

Registra-se a importância desses espaços da memória, locais considerados como lugares de memória para Maurice Halbwachs, citados pelo cronista, como ruas e praças como a da Alfândega, o Clube do Comércio, a Galeria Chaves, local de encontro na Rua da Praia. Comprova-se que o espaço preferido pela sociedade local era o aberto, pois a concentração formava-se mais na Praça da Alfândega ou em frente à Galeria Chaves, conforme o Quadro 2, incluído na pesquisa. Constata-se, por meio das próprias palavras do cronista, que ele considerava a Porto Alegre dos anos 1940/50 como provinciana.

Conclui-se que as formas de sociabilidade apresentavam-se em torno de lugares públicos como os cafés, os bares, as confeitarias como a Central, e os encontros na Praça da Alfândega. A elite porto-alegrense reunia-se em lugares privados como o Clube do Comércio, onde os frequentadores jogavam durante toda a noite, e os cabarés. Os temas das conversas eram informais e com muitas brincadeiras, pois a prática dos trotes era comum, entre os profissionais liberais citados pelo cronista.

Por último, foram comentados os diversos tempos das histórias relembradas por Renato Maciel, pois as datas variam bastante, em um *vai e vem* da memória. Percebe-se que as décadas de 1940/50 são as mais recorrentes e os encontros aconteciam tanto à luz do dia como à noite. Porto Alegre tinha muita movimentação na saída dos cinemas, localizados na Praça da Alfândega. Era uma prática comum as sessões terminarem tarde e serem concorridas, com a população concentrando-se em frente aos estabelecimentos. A memória noturna de Renato Maciel fixou-se nas noites dos cabarés com as descrições sobre as mulheres desses locais. Dois tempos foram lembrados pelo cronistas como difíceis para a cidade como a Segunda Guerra Mundial e a enchente de 1941.

Renato Maciel olhou Porto Alegre através de seus sujeitos, apresentou também diversos espaços por onde circulavam esses atores, mas o que importava para o cronista era o homem. Esse foi o componente mais forte dos textos. O cronista não apresentou números nem estatísticas, as ruas não foram descritas, os monumentos históricos não foram destacados. O que importava para o cronista era a gente humana, o barbeiro, o professor, o médico, a prostituta. Para ele, era importante quem morava naquela cidade do passado. Interessava para Renato Maciel, a sociedade que o cercava nos anos 1980. Talvez tenha sido esse o real motivo dele ter criticado os que detinham o poder nas mãos, porque esses abusavam de seus cargos.

Mostrar nas crônicas, as mazelas dos poderosos com humor está vinculado à realidade social que cercava o escritor. O que importa é que o humor bem feito, bem articulado, e colocando com porta-voz os personagens, é uma forma de fazer os leitores refletirem e pensarem sobre o momento atual. O riso, como consequência, pode revelar segredos, sendo um instrumento de crítica a determinados comportamentos do homem. O humor, na década de 1980, foi mordaz, satírico, era a chance do jornalista ou escritor revelar à sociedade os desmandos das autoridades, e os que estavam investidos no cargo de chargistas exercerem bem sua função.

Sabe-se que há vários significados possíveis na leitura de uma crônica. Depende do olhar do leitor, do *eu* narrador e da interpretação do pesquisador. Renato Maciel foi coerente em sua escrita, soube usar a linguagem humorística com perfeição, da mesma forma a ironia, o riso do avesso, e escreveu pela contramão a história de homens e mulheres que habitaram a Porto Alegre de outras épocas. O cronista não pecou ao utilizar os palavrões em algumas crônicas, foi fiel ao seu estilo e também a seu leitor, esclarecendo a sua pretensão nos prefácios das obras. Renato Maciel teve habilidade de usar a palavra certa no texto, transcrevendo com maestria os detalhes das histórias que lhe contaram. Ele se reportava a homens desconhecidos para ele, mas não desconhecidos para o grupo que convivia nos anos 1980. Alguns ainda vivos, ajudaram o cronista a construir a história de Porto Alegre para que leitores do futuro tenham a oportunidade de saber um pouco mais sobre sua cidade.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo: Scipione, 1995.

ABREU, Luciano Aronne de. *Getúlio Vargas: a construção de um mito: 1928/30*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

André da Rocha. Wikipedia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Andre_da_rocha> Acesso em: 07 ago. 2011.

APPEL, Carlos Jorge et al. *Porto Alegre ontem e hoje*. Porto Alegre: Movimento, 1971.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução Jaime Bruna. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

Armando Pereira Correia da Câmara. Wikipedia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Armando_Pereira_Correia_da_Câmara> Acesso em: 07 ago. 2011.

ASSIS, Machado de. *Crônicas*. v. 1. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1957.

_____. *Crônicas*. v. 4. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1957.

ATHAYDE, Tristão de. *Tristão de Athayde: teoria, crítica e história literária*. Seleção de Gilberto Mendonça Teles e Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARROS, Higino. Rua da Praia, passado e presente. *Quem*, Porto Alegre, n. 02, p. 17-18, abr. 1983.

_____. Higino. O dono da rua. *Quem*, Porto Alegre, 1983, p. 18.

BARTHES, Roland. *O discurso da história*. IN: *Rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BASTOS, Gláucia Soares. A crônica mundana. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1992.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Tradução Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

BITTENCOUT, Gilda Neves da Silva. *O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velho*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Sander Bernardo. *A continuidade na descontinuidade: o governo do prefeito José Loureiro da Silva em Porto Alegre durante o Estado Novo (1937-1943)*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação (Mestrado em História), 2002, p.127 p.

BRANDALISE, Ivette. *Posso falar com você?* Porto Alegre: Garatuja, 1979.

BRAYNER, Sonia. *Machado de Assis: um cronista de quatro décadas*. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1992.

BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman. *Uma história cultural do humor*. Tradução Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BRESCIANI, Maria Stella (org.). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2001.

BURKE, Peter. *A escrita da história. Novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução Vera Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1992.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

CARVALHO, Joaquim Barradas de. *Da história-crônica à história-ciência*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. São Paulo: Quarteto, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

_____. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CICCACIO, Ana Maria. Mais casos da Rua da Praia, de Porto Alegre. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 dez. 1982.

CIÊNCIAS & LETRAS. n.1. ago. 1979. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, 1979.

COLUSSI, Eliane Lucia. *Estado Novo e municipalismo gaúcho*. Passo Fundo: Ediupf, 1996.

COUTINHO, Ediberto. Num livro com Anedotário alegre, a alma encantadora da Rua da Praia. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 28/11/1982.

CRUZ, Claudio. *Literatura e cidade moderna: Porto Alegre 1935*. Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994.

CUNHA, Fausto. *A leitura aberta: estudos de crítica literária*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

DIMAS, Antônio. *Arinos, mestre de Bilac*. IN: MOREIRA, Maria Eunice. *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

DOMÍNGUEZ, Mignon. *História, ficción y metaficción en la novela latinoamericana contemporánea*. Buenos Aires: Corrigidor, 1996.

DORNELLES, Beatriz. Os primeiros jornais de bairro comunitários de Porto Alegre. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 27, ago. 2005, p. 105.

DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da Antropologia. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman. *Uma história cultural do humor*. Tradução Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2008.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura Gaúcha: história, formação e atualidade*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

_____. *Getúlio Vargas e outros ensaios*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

FREITAS, Maria Teresa. *Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.

GABEIRA, Fernando. *Diário da crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson; GERTZ, René. *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. v. 4. Passo Fundo: Méritos, 2007.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Propaganda política, a construção do tempo e do mito de Vargas: o calendário de 1940. IN: BASTOS, Elide Rugai et al. (org.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil – França*. São Paulo: Cortez, 2003.

GOMES, Flávio Alcaraz. Como a Rua da Praia se tornou universal. *Zero Hora*, Porto Alegre, 4 jan. 1982.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade. Literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GONÇALVES, Robson Pereira. *Subjetividade e escrita*. ilustrações: João Luiz Roth. Bauru, SP: EDUSC; Santa Maria, RS: UFSM, 2000.

GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto. *Nós, os gaúchos*. 3. ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1995.

GRANDI, Celito de. *Loureiro da Silva: o charrua*. Porto Alegre: Literalis, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

HOLHFELDT, Antônio. *Antologia da literatura rio-grandense contemporânea*, v. 2. Porto Alegre: L&PM, 1979.

IARGS. *Humor jurídico*. Revista do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 85, jan. 1983.

ISER, Wolfgang. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Tradução Maria Ângela Aguiar. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, mar. 1999.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Tradução Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KRAWCZYK, Flávio. *Da necessidade do moderno: o futuro da Porto Alegre do século passado*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.

LIMA, Elaine Azambuja de. *O lugar do leitor na crônica contemporânea brasileira*. 2001. 278 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras.

LIMA, Luiz Costa. A narrativa na escrita da história e da ficção. In: *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil contemporâneo*. 6. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

LOZANO, Jorge. *El discurso histórico*. Madrid. Alianza Editorial, 1987.

LUFT, Cleso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo, Ática, 2005.

MACEDO. Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: origem e crescimento*. 2 ed. Porto Alegre, EU/ Porto Alegre, 1999.

MACHADO, Ivan. Saldo positivo no Sul. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 nov. 1981.

MACIEL DE SÁ JR., Renato. *Anedotário da Rua da Praia 1*. Rio de Janeiro: Globo, 1981.

_____. *Anedotário da Rua da Praia 2*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

_____. *Anedotário da Rua da Praia 3*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

_____. *O melhor do anedotário da Rua da Praia*. Porto Alegre: L&PM, 1992.

_____. *Um livro de histórias*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

MARIANO, Nilson César et. al. O que você faria se fosse prefeito da cidade? *Folha da Tarde*, Porto Alegre, p. 18, 29 mar. 1983.

MARQUES JÚNIOR, Ivan Neves. *O riso segundo Cícero e Quintiliano: tradução e comentários de De oratore, livro II, 216-291 (De ridiculis) e da Institutio Oratoria*,

livro VI, 3 (De risu), São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2008.

MARTINS, Cyro. *Escritores gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 1981.

MARTINS, Dileta Silveira. *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto de Letras e Arte, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (Tese de Doutorado), 1984, 286 p.

MASINA, Léa; APPEL, Myrna Bier. *A geração de 30 no Rio Grande do Sul: literatura e artes plásticas*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

MEDEIROS, José Fogaça de. *Uma geração amordaçada*. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1978.

MENDELSKI, Rogério. Viva a Rua da Praia! *Opinião*, Porto Alegre, 7 nov. 1981.

MENTON, Seymour. Rasgos de la nueva novela histórica. In: *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MEYER, Augusto. *No tempo da flor*. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1966.

_____. *Segredos da infância*. 3. ed. Porto Alegre: IEL/Ed. da Universidade, UFRGS, 1996.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. In: CHIAPPINI, Ligia, AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: USP, 1993.

MIRANDA, Luiz de. *Porto Alegre - roteiro da paixão*. Porto Alegre: TCHÊ!! Comunicações, 1985.

MONTEIRO, Charles. Duas leituras sobre as transformações da cultura urbana de Porto Alegre nos anos 1970: entre memória e ficção. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, v. XXX, n. 2, p. 89-104, dez. 2004.

_____. História, literatura e memória do espaço urbano na ficção de Moacyr Scliar. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, v. XXXIV, n. 1, p. 181-199, jun. 1998.

_____. *Memória e esquecimento nas artes de lembrar a cidade de Porto Alegre nas crônicas de Nilo Ruschel*. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org>>. Acesso em: 22 out. 2006.

_____. *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

_____. Porto Alegre no Século XX: crescimento urbano e mudanças sociais. In: Beatriz Dornelles. (Org.). *Porto Alegre em Destaque - História e Cultura*. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, v. 1, p. 51-74.

MORAES LEITE, Ligia Chiappini. *O foco narrativo*. 5. ed. Ática: São Paulo, 1991.

MORETTO, Fúlvia et. al. *A era Vargas*. Porto Alegre: Ediplat /CIPEL, 2004.

MÜLLER, Dalila. *Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza: Espaços de sociabilidade em Pelotas (1840- 1870)*. São Leopoldo. 2010. Tese (Doutorado em História) Unisinos.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução Yara Kloury. *Revista do PPGH e do Departamento de História*, São Paulo, PUCSP, n.10, dez. 1993, p. 7-28.

ORNELLAS, Clara. *Lima Barreto, cronista do protesto eterno*. Revista da Universidade de São Paulo, n. 69. São Paulo, maio 2006.

ORTIZ, Airton; MENDES, Lúcia. Entrevistamos o anedotarista da Rua da Praia. *Tchê*. Porto Alegre, nov. 1981, n. 10, p. 8

PAIVA, Edvaldo Pereira. *Expediente urbano de Porto Alegre*. Porto Alegre: Of. Graf. da Imprensa Oficial, 1943.

PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. Cidade: sobre a importância de novos meios de falar e pensar as cidades. In: BRESCIANI, Maria Stella (org.). *Palavras da cidade* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1989.

PRYSTHON, Ângela (org.). *Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, SANTOS, Nádia Weber, ROSSINI, Miriam de Souza. (org). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre, Asterico, 2008.

_____. *O espetáculo da rua*. 2 ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1966.

_____. *Porto Alegre: caricata: a imagem conta a história*. Coord. de Sandra Jatahy Pesavento. Porto Alegre: EU/Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

_____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1999.

PINTO, José Nêumame. *A rua onde o gaúcho fazia humor*. 11 dez. 1982,

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1983, 20 p.

POZZOBON, Jorge. Aristóteles na Rua da Praia. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Porto Alegre: caricata: a imagem conta a história*. Coord. de Sandra Jatahy Pesavento. Porto Alegre, EU/Secretaria Municipal de Cultuar, 1993.

PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. Tradução Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

REVERBEL, Carlos. *Barco de papel*. Porto Alegre: Globo, 1979.

_____. *Rua da Praia*. Jornal Letras & Livros, Porto Alegre, 15 jun. 1982, p. 5

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1995.

RIEDEL, Dirce Cortês (Org.). *Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

ROCHA, Patrícia. A rua do meu andar. *Zero Hora*, Porto Alegre, 14 jun. 2009.

ROLNIK, Raquel. *O que é a cidade?* São Paulo: Brasiliense, 1988.

RUAS, Tabajara; TIMM, Liana; VASQUES, Edgar. *Histórias/Histórias de Porto Alegre*. Porto Alegre: Bureau de impressos, 1995.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo, Ática, 1999.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. IN: NOVAIS, Fernando (coord.). *História da vida privada no Brasil*. 3. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

_____. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SAMUEL, Roger. *Novo manual de teoria literária*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCLIAR, Moacyr. *Mistérios de Porto Alegre*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convenio Andres Bello, 2001.

SILVA, Juremir Machado da. *A noite dos cabarés: histórias do cotidiano de uma cidade grande*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: USP; Com- Arte; Porto Alegre: Universidade/ UFRGS, 1999.

Universiade. Wikipedia. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Universiade> > Acesso em: 24 jul. 2011.

WEBER, Max. Conceitos e categorias da cidade In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

WEBER, Regina. *Os rapazes da RS-030: jovens metropolitanos nos anos 80*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

WEINHARDT, Marilene. Ficção e História: retomada de antigo diálogo. *Revista Letras*, Curitiba, n. 58, p. 105-120, jul./dez. 2002.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha*. Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

_____. *Roteiro de uma literatura singular*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

_____. O cômico e o riso. (org). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 32, nº 3, p. 5-6, set. 1997.

ANEXO A - REPORTAGENS E FOTOS

Domingo, 2 de agosto de 1992/47

PAULO SANT'ANA



Renato Maciel de Sá Júnior

Um grande praça

Permitam que em nome de Porto Alegre e dos seus amigos, esta coluna chore a morte de Renato Maciel de Sá Júnior, sepultado ontem. Impossível deixar de derramar lágrimas por tal tipo inesquecível. As cidades são feitas de pedra e de traçados, mas são sustentadas pela espessura espiritual de pessoas como Renato, verdadeiros arquitetos de ternura.

Músico, bacharel, escritor, juiz eleitoral, mas acima de tudo um grande praça. Conviveu com o câncer durante 12 longos anos, mas sua vida parecia ser neste período ainda mais produtiva. Respondeu à doença não com o desânimo dos condenados, mas com o sorriso dos venturosos. Sentava-se à máquina não para contar a melancolia de que deveria se possuir, mas para legar-nos os *Anedotários da Rua da Praia*, a rua que a cidade e ele amavam, com as humanidades dela e a sensibilidade dele.

Era um contador de casos, tenho aqui na minha frente o seu *Um livro de histórias*, mas antes de tudo foi um agregador, um jeito simples que fazia amigos por onde fosse, uma alegria de viver transbordante, uma vocação para criar e recriar, para lembrar, um atleta da solidariedade, um lado só de atração pelas pessoas e curiosidade pelo seu meio, um homem orgulhoso do seu convívio e insaciável pelas manifestações da cidade.



A última lembrança que tenho dele

foi no bobô de camarão da Lúcia Verissimo. Identificava e definia todas as serestas que cantávamos, o brilho do olhar e da expressão denotando que as saboreava lá naquele recanto sereno da sua alma musical, agitando a roda de papo com as recordações da sua memória prodigiosa. Sempre que seu nome surgia lembrado por alguém, fazia-se a reverência ao belo sujeito em que ele se constituía. Todos o amavam, todos foram levar a ele ontem no Cemitério São Miguel e Almas o agradecimento pelo calor humano que dele sempre receberam, uma saudade imperecível já se precipitando ao redor do esquife.



Renato e seu Sexteto era o conjunto musical que alegrava os bailes da cidade e do Estado desde 1960, quando fundou-o. Tinha ele, o Maneca, o Sabino Loguércio, o Gilberto Brodt, o Jaime Eduardo Machado, o Benatti, o Luis Fernando Verissimo como integrantes. Depois cresceram para 10 ou 11, mas ficou ainda o nome, *Renato e seu Sexteto*. Foi sempre assim a dádiva do Renatinho, não importavam os nomes, importava o número de seus amigos.

Procurei ontem após o enterro o Luis Fernando Verissimo para colocar aqui nesta coluna algumas palavras sobre seu grande companheiro. Ele estava tão abalado que só me pôde me pronunciar uma frase: "Foi sempre um grande e presente amigo."

SANT'ANNA, Paulo. Um grande praça. *Zero hora*, Porto Alegre, 28 ago.1992. Na foto, Renato Maciel está com sua mulher na época, Maria Cristina Silva Maciel de Sá.



REVERBEL, Carlos. Rua da Praia. *Jornal Letras & Livros*, Porto Alegre, jun. 1982.

CARLOS REVERBEL

Não sou de dar conselhos, ministro apenas pequenos alvites, de vez em quando. Costumo alvitar, por exemplo, que os passos devem evitar a Rua da Praia, a não ser que queiram estabelecer-se como camelôs, na referida orleão. Aliás, dizem os jornais, com frequência, que a Rua da Praia transformou-se num verdadeiro mercado persa. Não concordo. Embora não tenha a menor ideia do que vem a ser um mercado persa, imagino - e muito mais animado, colorido e pitoresco que o existente na Rua da Praia. É pouco provável, mas se existir alguma parâncencia entre mercado persa e o mercado de Casablanca, que vive a "buena dicha" de frequentar algumas vezes, antes de assistir o filme do mesmo nome (*Play it again, Sam!*), o ambiente deve ser ótimo. Pode-se afirmar, mesmo sem conhecimento de causa: o pior mercado persa do mundo é o da Rua da Praia.

Cidadões conspícuos costumam afirmar que conselhos não adiantam, se adiantassem ninguém dava, vendia, e sentenciava: só funciona a pedagogia do exemplo. Sou do mesmo alvite, embora sem consciência alguma. Pretendo torner-me conspícuo le moralista por volta dos 90 anos. Perdido - mas, entretanto, ilustrar alguns exemplos ao respeitável público. Por exemplo: não vou à Rua da Praia exatamente há 221 dias. Em assim procedendo, procuro angariar seguidores, pelo exemplo.

Por falar nisso, outro dia uma senhora esteve na minha casa, carregando com certa graça e algum donaire a bandeira do Divino. Disse - me que andava angariando donativos. Atendi - a com gestos de solicitude e palavras acolhedoras, a brinde - lhe a modesta algebrá, não por causa da zomba do Espírito Santo, mas pela oportunidade que me proporcionava de observar, ao vivo e sem precisar sair de casa, as medanças que se têm operado nesta velha prática religiosa, digo, financeira. Antigamente o peddório era feito em pequenos grupos, sem fogareiros. Não havia presença feminina, mas a de cinco ou seis velhotes, vestidos opes de cor roxa, cada um com sua bandeira. Distribuíam - se nas estuadas, o fo-

Rua da Praia

do, parecido com o Gilberto Gil entrando em funcionamento e o grupo se desmembrava, passando os irmãos da opa a visitar individualmente as casas da vizinhança. Quando havia doente, de preferência já moribundo, usava - se levar a bandeira ao quarto do enfermo, para ser por ele osculada, no seu leito de dor. Ainda dava a recuperação. E, na pior das hipóteses, ajudava a abrir a porta do céu.

Não me lembro de ter visto a bandeira do Divino na Rua da Praia. Parece que não a levavam até lá porque, antigamente, a Rua da Praia era frívola e peralta no seu mundanismo promiscuo. Deambulada com "jeunes filhas en fleur", era frequentada, entre outras cortêsias de finco trato, pelas famosas irmãs lra (sempre acompanhadas pela mãe). Não havia mãe mais extremosa do que a mãe das irmãs lra. Ela só perdia de vista as filhas durante a noite, quando estas se apresentavam no Clube dos Caçadores, instituição cuja memória devia ser tombada, em lugar da igreja do Bom Fim e da chamada do Gasômetro.

Cerriam pela cidade muitas lendas sobre as irmãs lra. Diz - se que elas possuíam grande fortuna em jóias. Devia ser verdade, pois nas suas aparições na Rua da Praia sempre se mostravam recamadas de pérolas, cobertas de diamantes e fascinosos de esmeraldas e rubis, o que causava indignação e revolta nas senhoras de família, todas pudibundas e virtuosíssimas. Aliás, naquela época as jóias podiam transferir furores: pela

diferente, mas deixou saudades, com todo mundo querendo saber como era na sua "belle époque" particular. Quem quiser conhecê - la na antiga feição terá de procurá - la em livro: no do Nilo Ruschel e agora no do Renato Macliel de Sá Junior.

Havia coisas maravilhosas na antiga Rua da Praia. Lembra - me, por exemplo, de uma roda de graméatas que funcionou durante 35 anos no Largo dos Medeiros, das 8 da manhã até um pedaço da noite, em determinados dias indo até a hora em que saíava sangüinea e fresca madrugada, seguindo o soneto das Pombas. Ao longo de todo esse tempo, alguns membros do grupo morreram, outros, mais espertos, se mudaram de Porto Alegre, mas todos foram substituídos, de acordo com a regra 3, por elemento do banco de reservas. Não havia nenhum regulamento, mas as conversas giravam unicamente em torno de um assunto - o Grímio.

Alguns integrantes do grupo não falavam, só escutavam. O mais falante era um senhor chamado Gamaliel. Como tinha passado meses e até anos sem ir à Rua da Praia, não sei se essa roda ainda existe. Gostaria de conferir, mesmo com risco de assalto.

Tamãho interesse por um clube de futebol me faz lembrar o notável homem de empresa que foi José Bertaso. Na época em que fui seu empregado, ouvi - o dizer uma vez que, se as pessoas se interessassem pelo trabalho como se interessavam por futebol, todo mundo no Brasil terminaria rico. Talvez tenha sido por pensar assim que ele começou na Livraria do Globo como vareador e terminou dono da empresa, dando - lhe dimensões e importância nacional. Fundou uma dinastia empresarial. Já agora na terceira geração. Aliás, o velho Bertaso botava os filhos a trabalhar na Livraria desde pequenos, em pé de igualdade com os empregados. E assim eles iam se familiarizando com a casa e aprendendo o negócio, desde as postas inferiores até os de chefe. Aprenderam dentro da empresa a tozá - la para frente. O velho chefe de cá sempre dizia: o trabalho é a melhor escola. Dizia e praticava o que dizia. Dal'carto.

LETRAS & LIVROS

Centro de Porto Alegre: beleza ou miséria?

Por Imara Stallbaum (textos) e Antônio Carlos Mafalda (fotos)

Bom ou ruim? Oportuno ou inadequado para uma cidade cujos bairros exigem imediatas providências? Necessário para salvar uma zona central que já não pulsa mais como no passado, quando a Rua da Praia era considerada o coração do Rio Grande do Sul, ou eficaz na luta desesperada de trazer um pouco de espírito do passado aos nossos dias? Alvejado por uma avalanche de argumentos contrários e seus planos, o prefeito João Dib há dois meses, vem tentando com paciência. A pretensão de remodelar uma das áreas tradicionais áreas centrais de Porto Alegre, a Praça XV e adjacências, pensa em retirar dali, aproveitando a entrada em funcionamento do Trensurb, os ônibus, os camelôs, os ambulantes e o grande fluxo de passageiros e pedestres. A ideia é dar, em 1980, um clima diferente ao redor do Mercado Público e do Chafé da Praça XV quando um eficiente policiamento, uma boa iluminação e a existência de verde industrial, sonha Dib, famílias inteiras a sentarem-se nos bancos da Praça para assistirem à apresentação de grupos amadores de música instalados numa concha acústica.

Porto Alegre será uma cidade menos insípida daqui a dois anos, quando o asfalto e a greze circunscribta a um trecho de 600 metros de extensão na Avenida Loureiro da Silva, poderá estar serpenteando outras ruas e delimitando a cidade

grupos entrar e se contagiar pelo papo furado que será sendo discutido lá dentro? Marques não concorda que através de uma Comissão Especial a Câmara porto-alegrense esteja atualmente envolvida em escutar e gravar dezenas de depoimentos que geralmente se chocam com as intenções anunciadas pelo prefeito. "O País está numa crise dessas e está se falando em estacionamento subterrâneo. Se o Trensurb vai trazer um fluxo maior de passageiros, deixem este público se acomodar normalmente. Não me venham com soluções concretistas. O Centro já é um sufoco. Se a ideia é realmente abrir espaços teriam então que derrubar a própria Prefeitura", brada o jornalista.

BELEZA ENFITE

Enquanto os painéis de Dib não saem as ruas para dizer que as mudanças propostas não implicarão em gastos absurdos, que a Prefeitura pensa em estacionamento subterrâneo desde que não gaste um só centavo dos cofres municipais; e que a ideia não é separar a população dos camelôs e ambulantes e sim concentrá-los na rua Voluntários da Pátria, por onde passarão os usuários dos ônibus instalados na Praça Rui Barbosa ou algum ponto da Avenida Júlio de Castilhos, as críticas à ideia se sucedem.

Identificado com o Instituto dos Arquitetos do Brasil, seção gaúcha o arquiteto Demétrio Ribeiro resalta que

mente, e sim em todos juntos. Quanto ao comércio de camelôs e dos ambulantes, tem uma ideia clara.

— O camelô é necessário para o passageiro do ônibus e vice-versa. O comércio de ambulantes existe porque tem quem o procure.

"O que está aí está aí, não se mexa nisso", costuma Demétrio Ribeiro, mesmo que as mudanças objetivem reconstruir o clima do passado caracterizado por um maior relacionamento das pessoas. Hoje o que está em jogo já não é mais o relacionamento dos porto-alegrenses, prega ele e sim a utilização de espaços conquistados. Se em determinada época a burguesia urbana de Porto Alegre se encontrava na Rua da Praia aos domingos, esse comportamento cedeu lugar ao processo social de diferenciação da sociedade através de classes. Hoje, o relacionamento ocorre em outros níveis. "As classes estão se segregando. A juventude da burguesia se encontra, vive, não mais na Rua da Praia, mas nos clubes. A juventude trabalhadora, nas paróquias, nos ballões. Não é embelizando que se reconstrua este clima. A Praça XV hoje tem outra realidade e ela não pode ser destruída para valorizar os prédios".

Escritor

Apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, há 10 anos e ter vivido muito

Centro de Porto Alegre: beleza ou miséria? *Zero Hora*, Porto Alegre, 28 ago. 1983.

Como a Rua da Praia se tornou universal

Para começar um novo ano, ameno e festivo, devo dizer que a última Rua da Praia mereceu o seu nome — lembro bem — foi em maio de 1981. Durante sete dias que abalaram a cidade, o Guaíba transbordou, inundando Porto Alegre numa zona litorânea, cujas margens se estendem do bairro dos Navegantes até o bairro Novo. Barcas atracavam de um lado ao Guaíba, lanchas veleiras saíam por cima da Praça da Alfândega, em meio da qual ancorava a esquadra de Odone. Chovia muito e fazia frio. Em uma daquelas noites que o meu Odone Greco, então aluno do Colégio São João, telefonou para um amigo:

— Doutor, estou desesperado. O meu trabalho de estimação vai morrer. Está tudo duro e esverdeado. Por favor, venha depressa...

— Não, veterinário, apesar do tarde não resolve atender ao apelo:

— Não se desespere, não há de ser nada, já estou indo. Qual é mesmo o problema?

— É bem no centro da Praça da Alfândega. Não tem como errar. O cavalo está agitado no qual está montada a escultura do General Osório...

Essa amostra — apenas a amostra — de um dos milhares de trotes que Odone Greco pregou aos portorriquenses incansáveis e que o bacharel Renato Maciel de Sá Júnior conta em seu livro "Anedotário da Rua da Praia".

INCRÍVEL ODONE — Odone Greco "monta" o livro. Sem outra preocupação senão a de registrar em uma imprensa a crônica viva de uma época que infelizmente não se repete, Odone vai fazendo desfilar pelo "Anedotário" as figuras mais pitorescas que davam vida à Rua dos Andaraes na primeira metade do século, desde o médico Nestor Barbosa e o advogado Tucha, até o malandro Joãozinho e o famoso cortineiro China. E Odone, contudo, quem mais conta dentro das 188 páginas do livro.



Odone Greco, o famoso personagem da Rua da Praia, entre os repórteres Flávio Alcaraz Gomes e Sadi Rafael Saadi

Simpático", depois corridas de carrinho de lomba, logo "Quem acha os Ovos do Coelho da Páscoa?" — e assim por diante. Tínhamos 20% de comissão de publicidade dos patrocinadores e o que faturávamos em cada empreendimento rendia mais do que um ano de salário. O nosso forte, porém, eram as competições automobilísticas. Foi assim que em maio de 1983, berramos em grandes manchetes "Roncam os Motores!" e alinhamos 20 e tantos concorrentes do Circuito da Redenção. Ali estavam, entre eles, os grandes irmãos Andreatta, o famoso piloto Diogo Ellwanger e a nova revelação das pistas: Odone Greco.

Espectacular nas entrevistas que nos concedera anteriormente, ele marcou a sua presença mais do que os próprios campeões graças a uma relação de "peças importadas" com as quais tinha equipado o seu invenível "Renault". Esse foi talvez o único documento picaresco que Odone deixou.

Marcou tanto que, passados 30 anos, ainda morro de rir ao ler a sua relação:

teceu num honesto velório dos tempos antigos, daqueles que se realizavam em domicílio. O esquife estava na sala de jantar, ligada por um corredor infinito à entrada. Odone postou-se na porta com um lenço nos olhos, fingindo ser parente do morto. A cada um que chegava, depois de receber contrito os parabéns, recomendava choroso:

— O falecido está lá nos fundos. Vou devagar. Cuidado o degrau.

Até hoje figuras circunspectas tentam um corredor escuro e sem fim, temendo tropeçar no inexistente degrau do Greco...

O "Anedotário da Rua da Praia" vendeu duas edições em Porto Alegre e três mil exemplares no Rio, São Paulo e Brasília. Em março sai o "Anedotário II". Segredo do sucesso? Bem, Tolstói escreveu certa vez quem canta a sua aldeia se torna universal. Foi o que Renato Maciel fez projetando a nossa pequena-grande Rua da Praia pelos corredores de um sucesso nacional. Rápido, rasteiro, bem humorado — e sem cutiar o de

Como a Rua da Praia se tornou universal. Zero Hora, Porto Alegre, 4 jan. 1982.

feira do livro FT 3.11.83

'Anedotário' rende mais boas risadas



Renato Macliel de Sá Júnior está lançando nesta Feira o **Anedotário da Rua da Praia 3**, com o qual encerra a série. "Três é um bom número para encerrar", diz o autor. "Embora tivesse material para mais dois, selecionei os melhores e paro por aqui. O quarto já seria por motivos comerciais, e o público e a Editora Globo são sérios e não merecem isso".

A preocupação de Renato Macliel de Sá Júnior foi manter o mesmo nível dos outros volumes. "O Anedotário 1 estava pronto", diz Renato. Mas para fazer os outros dois foram necessários 50 horas de entrevistas dirigidas a 500 entrevistados aproximadamente.

Até agora os **Anedotários 1 e 2** venderam 35 mil volumes. O primeiro está na sétima edição e o segundo na quarta, devendo sair a quinta ainda durante a Feira do Livro. "Dos 3.000 da primeira tiragem eu calculava vender uns quatrocentos", diz Renato. "ao mesmo tempo, eu pensava: como vou encerrar os irmãos Bertaso?" (Editores da Globo).

"Foi uma surpresa a aceitação. Até hoje não consigo explicar e fico emocionado", afirma o autor.

chamado a dar palestras em escolas e outros locais. Em função desses contatos, Renato considera o jovem gaúcho "cultural e intelectualmente integrado ao movimento literário do Estado, assim como no musical e outras formas de cultura, isso demonstra maturidade, é genial e comovente".

HISTÓRIAS

No **Anedotário da Rua da Praia 3** o leitor terá oportunidade de ler novas histórias de Odóni Greco, de Aporeli, sobre o rádio e tevê, China Gordá. Também sobre situações como o "Almore Tennis Clube", que surgiu na Empresa Jornalística Caldas Júnior; "Os Autos do Peru", uma brincadeira montada em 1934 que dá o perfil da época, sobre esporte e o Saint Clair.

Segundo Renato Macliel de Sá Júnior, "as histórias mostram todo o século, e como pano de fundo temos dados históricos, que não deixa de ser uma maneira alegre e divertida das pessoas se familiarizarem com seu passado".

Os livros estão à venda na Feira e custam Cr\$ 3.120 (o 2º volume); Cr\$ 2.800 (o 3º volume).

CONTINUAÇÃO

A grande incentivadora do escritor Renato Macliel de Sá Júnior é sua esposa, Maria Cristina. Foi ela quem deu a ideia para que continuasse sua obra. "Ela acha que eu deveria continuar com entrevistas nos fins de semana pelo interior, para produzir outro livro", diz Renato.

Porém, se houver continuidade, será nesta mesma linha, garante o autor. "Gosto de anedotas, por isso. Minha incursão na ficção, timidamente, se deu com o coronel Carpano, cujo núcleo é o coronel Bicaco. As histórias do coronel Carpano são verdadeiras, mas com coroneis provisórios centralizados no personagem. Ele me diverte muito, cada capítulo que escrevi sobre ele me renderam boas gargalhadas na madrugada".

"Luis Fernando Veríssimo é o filtro do que escrevo", conta Renato Macliel de Sá Júnior. "e foi ele quem me incentivou a editar o primeiro volume. Foi ele, também, que na 27ª Feira do Livro me disse que o livro seria best-seller".

Anedotário rende mais boas risadas. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 3 nov. 1983.



Escritor tem saudade do tempo que serenata não era contravenção

Apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, há 42 anos, e ter vindo morar em Livramento aos três anos de idade, Renato Maciel de Sá Júnior desde 1981 vem provando que Porto Alegre como todas as cidades, teve um passado que particularmente ele em particular gostaria de resuscitar. Não fosse isto o seu desejo, não teria lançado na Petra do Livro de 1981 — lembrando que ao conhecerem o passado de uma cidade seus habitantes passam a se espelhar mais — o livro "Anedotário da Rua da Praia I". Hoje, quando a obra está a caminho de sua sétima edição e a sucederam o Anedotário II e o III prepara-se para ser lançado na próxima Feira do Livro. Renato, como o tratam seus amigos, após totalmente os planos do prefeito João Dill.

A literatura abriu uma nova perspectiva ao Renato que trocava o cargo de Delegado de Polícia desambado durante três anos, pelo Direito. Ao chegar a entrevistar mais de 100 pessoas para o Anedotário I, sentiu-se estreitamente ligado à

cidade. Como diretor da Sul Brasileira de seguros, frequentava diariamente o Centro. Como líder e baterista do Renato e Seu Sexteto, animou as noites da cidade durante décadas, e como jurado sistemático da Bateria no desfile de carnaval de rua da Perimetral, deixou-se contagiar a cada ano pela veraz porto-alegrense de um carnaval.

Talvez por isso não tem medo de dizer, referindo-se à grita dos que não querem a transferência dos ambulantes e camelôs da Praça XV para outro ponto qualquer do Centro, que "O Centro não é de alguns grupos, mas de todos". Queixa-se de que todos os dias, a caminho do trabalho — seu escritório e a Seguradora estão localizados num edifício da Rua da Praia — é obrigado a constatar vários obstáculos e o mesmo acontece quando está na Praça XV e imediações.

MAIS SEGURANÇA

Clama por mais segurança e mais espaços, mais verde, e justifica seus desejos: "Todos os anos passam pela Petra do Livro centenas de milhares

de pessoas. E por que não são vendidos centenas de milhares de livros? E porque as pessoas vão à Feira para se encontrarem, dia e noite. Nessa época elas não têm medo de serem assaltadas. Há policiamento adequado.

Tem consciência de que reproduzir hoje o clima detectado com extrema habilidade pelo "O Anedotário" seria praticamente impossível. Para começar, a Rua da Praia e o centro de Porto Alegre a partir do final da década de 50 começaram a perder seus atrativos. A cidade "foi perdendo o seu verde e ficando dura e profissional enquanto os bairros começaram a adquirir vida própria. Hoje também é mais difícil alguém se entusiasmar para vir ao Centro pela própria dificuldade de caminhar. Há camelôs e ambulantes no meio das ruas, sustentando."

Também a ninguém será mais possível encontrar os tipos característicos do passado, o Tucha, o Facha, o Aporety, o Odôno Nicolino Greco. Eles estão definitivamente transformados em sombras e seus

prováveis sucessores, lamenta o advogado, se existem, estão presos como o jovem cuja história fará parte do "Anedotário III", a ser lançado em novembro próximo: "Deu no jornal o caso de um rapaz que foi preso na Avenida Erico Veríssimo por estar assustando as pessoas com uma máscara de monstro".

Se Porto Alegre transformada numa Nervosa colônia, não suporta mais rir do conto de vício e do trambolhão, reticena Sá Júnior, e transformou uma simples serenata em contravenção penal, pelo menos pode ser mais aberta à população.

"Se a pudesse ver novamente o Centro da Capital com uma confeitaria nos moldes da Central, no Largo dos Medeiros, ou uma espécie de bar reproduzindo o ambiente que se vê na Champé Elysée em Paris, na Via Veneto, em Roma, na Praça da Cobalutação, em Atenas, onde as pessoas sentam-se às mesas para tomar um simples café, que pagam caro, e ficam horas ali, vendo e sendo vistas"... sonha o escritor.

Fara ele, mais que se defender a permanência de ambulantes e camelôs na área atual, as pessoas têm que lutar pela possibilidade de se conhecerem e se locarem. "A gente tem fome disso", lamenta o escritor para quem contrapondo-se às conversas em voz alta nos bondes do passado existe apenas o silêncio e cansaço nos ônibus do presente.

Porto Alegre mudou tanto, segundo ele, que se o Largo dos Medeiros foi no passado o coração da Rua da Praia, e esta era o coração do Centro, que era o coração do Rio Grande do Sul, não passa hoje de apenas "um ponto para descansar daqueles que estão passando". A cidade retratada em seus dois livros até agora, é certo, não existe mais. "Era na verdade uma cidadezinha do interior refinada". Mas não se pode esquecer, garante Sá Júnior, que pelo menos os planos do prefeito podem estar tentando reproduzir sem falsos sonhos, pelo menos a cada fim de semana o ambiente vivido durante as Feiras dos Livros, de Porto Alegre.

Escritor tem saudade do tempo que serenata não era contravenção. Zero Hora, Porto Alegre, 28 ago. 1983.



Cláudio Bertaso, Fernando Bertaso, Renato Maciel de Sá Jr. e José Otávio Bertaso.



Josué Guimarães, Fraga, Luís Fernando Verissimo e Cláudio Bertaso (1982)